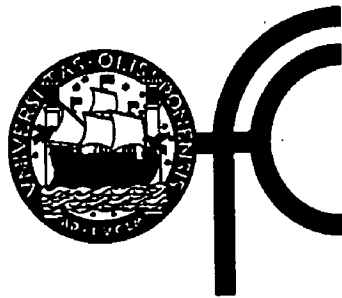


UNIVERSIDADE DE LISBOA
Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa
Departamento de Educação



O GRAFFITI
CULTURAS JUVENIS URBANAS EM REPRESENTAÇÃO NA
ESCOLA E NO MEIO

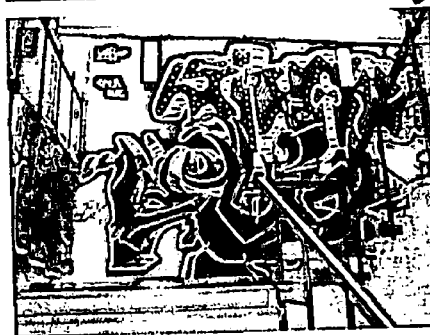
Anabela Fernandes Gonçalves

MESTRADO EM EDUCAÇÃO ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO EM
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL

2006

UNIVERSIDADE DE LISBOA
Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa
Departamento de Educação

O GRAFFITI
CULTURAS JUVENIS URBANAS EM REPRESENTAÇÃO NA ESCOLA E
NO MEIO



MESTRADO EM EDUCAÇÃO ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO EM
FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL

Orientação: Professora Doutora Florbela Luiz de Sousa

Orientanda: Anabela Fernandes Gonçalves

OFERTA

2006

ii

CIEFCUL

Nº _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos que comigo cooperaram e participaram de alguma forma na concepção deste estudo, nomeadamente:

- à Professora Doutora Florbela Luiz de Sousa, orientadora desta Dissertação, pela disponibilidade e apoio manifestados ao longo deste estudo;
- ao professor Luís Martins e ao Professor António Torres da ESA, pela colaboração e apoio que me deram, bem como a sua participação nas entrevistas;
- aos graffiteurs e alunos entrevistados;
- à Câmara Municipal do Seixal, Departamento de Juventude pela colaboração e disponibilidade na realização das entrevistas;

Agradeço a todos os que manifestaram interesse pelo meu trabalho e me forneceram palavras de estímulo e de coragem, nomeadamente:

- à Professora Ana Nestório;
- à Professora e colega de Mestrado Sílvia Venturinha;
- ao Professor Doutor Mário Azevedo;
- ao Professor Doutor Joaquim Pintassilgo

Agradeço ainda, às sugestões dadas para melhoramento do meu trabalho, fornecendo-me palavras de incentivo e de coragem, nomeadamente:

- à Professora Doutora Maria Odete Valente;
- à Professora Doutora Lucília Valente;

o meu muito obrigado.

RESUMO

O estudo em curso tem como pretensão compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas na escola visionada e no meio envolvente, através da arte de graffitar.

Esta investigação é um estudo de caso de carácter qualitativo e de teor interpretativo, centrado numa escola multicultural do Município do Seixal. Foram desenvolvidas entrevistas semi-estruturadas, abertas, longas e realizadas individualmente a alunos graffiters da escola em estudo e a dois responsáveis pela comunidade escolar (Presidente e antigo Presidente do Conselho Executivo). Foram realizadas, ainda, entrevistas a dois elementos do Departamento de Juventude do Município e a um graffiter profissional do Concelho.

Assim, com o objectivo de compreender as culturas juvenis urbanas que se expressam pelo graffiti e subsequentemente, a identidade dos jovens graffiters, salienta-se, a definição de espaços de intervenção por parte dos grupos-alvo, bem como a avaliação do grau de integração dos graffitis na escola e no meio.

Os resultados apurados revelaram que as culturas juvenis urbanas sofrem influências de bairros periféricos das grandes cidades e grupos de amigos. Estes jovens vêem-se como pessoas comuns, pacíficas, com características próprias, cultivando um espírito inovador, criativo, no qual a liberdade de expressão é importante, mas, no entanto, afirmando os seus próprios códigos de honra e hierarquias nas suas representações.

A instituição escolar e o Município consideram que a permissão de graffitar em espaços pré-definidos, ganha estatuto na preservação e no embelezamento dos mesmos. Ambas as instituições fazem uma avaliação positiva das estratégias encontradas, o interagir e o integrar nos seus espaços esta arte de rua, face aos resultados positivos que têm obtido. Esta aceitação (aparente por parte das instituições, segundo a óptica de alguns graffiters) desvirtua o carácter rebelde e provocador que caracteriza o graffiti.

Palavras Chave: Graffiti; Escola Multicultural; Identidade; Culturas Juvenis Urbanas.

RÉSUMÉ

L'étude en cours a comme intention comprendre de quelle façon les cultures urbaines de la jeunesse ont été intégrées à l'école de référence et dans son milieu par l'art du graffiti.

Cette investigation est une étude de cas de caractère qualitatif et interprétatif centré dans une école multiculturelle de la Mairie de Seixal. On a fait des interviews individuelles semi structurées, ouvertes et longues aux élèves graffiteurs de l'école étudiée et à deux des responsables par la communauté scolaire (Directeur et ancien Directeur du conseil exécutif de l'école). On a fait aussi des interviews à deux personnes de la Mairie et à un à graffiteur professionnel de la région.

Ainsi, avec l'objectif de comprendre les cultures urbaines de jeunesse qui s'expriment par le graffiti et, par conséquent, l'identité des jeunes graffiteurs met une évidence la définition des espaces d'intervention par les groupes en étude, aussi bien que l'évaluation du niveau d'intégration des graffitis à l'école et dans l'environnement.

Les résultats obtenus ont révélé que les cultures urbaines de la jeunesse subissent des influences des quartiers périphériques des grandes villes et des groupes d'amis. Ils se voient comme des personnes communes, pacifiques avec leurs propres caractéristiques cultivant un esprit innovateur, créatif, dans lequel la liberté d'expression est importante, mais tout en affirmant leurs propres codes d'honneur et la représentation de leurs hiérarchies.

L'institution scolaire et la Mairie considèrent que la permission de graffiter dans des espaces prédéfinis renforce le statut de la préservation et de leur embellissement.

Les deux institutions font une évaluation positive des stratégies utilisées: l'interaction et l'intégration dans leurs espaces de cette art de rue face aux résultats obtenus. Cette acceptation apparente de la part des institutions selon le regard de certains graffiteurs, déprécie le côté rebelle et provocateur qui caractérise le graffiti.

Mots - Clés: Graffiti, École Multiculturelle, Identité, Cultures Urbaines de la jeunesse.

ÍNDICE

Resumo.....	iv
Résumé.....	v
Índice de fotografias.....	viii
Índice de apêndices.....	xi

CAPITULO I – Introdução

Introdução.....	p.13
1.1.- Motivações do estudo.....	p.16
1.2.- Contexto do Estudo.....	p.18
1.3.- Problema e Questões de Estudo.....	p.21
1.4.- Delimitação do problema de Investigação.....	p.23
1.5.- Estrutura do Estudo	p.23

CAPITULO II – Revisão da Literatura

2.1.- A cultura do Graffiti:.....	p.25
2.2.- O graffiti - arte ou vandalismo.....	p.32
2.3.- As sociedades modernas num tempo de globalização.....	p.36
2.4. – A multiculturalidade numa época de globalização.....	p.40
2.5.- A adolescência e os grupos juvenis urbanos.....	p.45
2.5.1- Culturas Juvenis Urbanas: a importância do grupo.....	p.49
2.5.1.1.- A construção das identidades nos estilos juvenis...p.52	
2.5.1.2.- As tribos urbanas.....	p.55
2.6.- As culturas juvenis na escola	p.57

CAPITULO III – Metodologia

Introdução.....	p.62
3.1.- Operacionalização da investigação.....	p.63
3.1.1.- Características da investigação qualitativa.....	p.63
3.2. Afiliação teórica do estudo.6.....	p.65
3.2.1. Estudo caso.....	p.66
3.3.- Caracterização do contexto do estudo.....	p.68
3.3.1.- O meio envolvente.....	p.68
3.3.1.1.- Território e administração.....	p.69
3.3.1.2.- Contexto educativo e cultural:.....	p.70
3.3.2.- A escola.....	p.71
3.3.2.1.- Estrutura organizativa.....	p.72
3.3.2.2.- Estruturas de orientação educativa eficaz.....	p.72
3.3.2.3.- Caracterização da população escolar.....	p.74
3.3.2.4.- Recursos Humanos e Físicos / Tecnológicos.....	p.74
3.3.2.5.- Actividades curriculares.....	p.75
3.4.- Contactos e selecção dos alunos visionados no estudo.....	p.76
3.5.- Contacto e selecção do antigo aluno, graffiter profissional..	p.77
3.5.1.- O instrumento criado para os alunos e para o graffiter....	p.77
3.6.- Contactos com o Presidente e antigo Presidente do C. Executivo da escola.....	p.79
3.6.1.- O instrumento criado para o Presidente e antigo Presidente do C. Executivo da escola.....	p.80
3.7.- Contactos com a autarquia.....	p.83
3.7.1.- O instrumento criado para a autarquia.....	p.83
3.8.- Procedimentos Metodológicos.....	p.85

CAPITULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Introdução.....	p.86
4.1.- Análise de dados da entrevista do Presidente do C. Executivo da Escola em estudo.....	p.86
4.2.- Análise de dados da entrevista do antigo Presidente do C. Executivo da escola em estudo.....	p.94
4.3.- Análise de dados da entrevista do aluno - graffiter "Pedro".....	p.99
4.4.- Análise de dados da entrevista do aluno - graffiter "Manuel".....	p.108
4.5.- Análise de dados da entrevista do aluno - graffiter "Leonardo".....	p.115
4.6.- Análise de dados da entrevista do graffiter "Santiago".....	p.126
4.7.- Análise dos dados da entrevista realizada ao Departamento da Juventude da autarquia.....	p.137
4.8. - Resultados relativos às questões de investigação.....	p.148

CAPITULO V – Conclusão.....p.155

Referências Bibliográficas.....p.162

Índice de Fotografias:

Fotografia 1: - Painel realizado no interior do pavilhão C da escola, 6/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.89
--	------

Fotografia 2: - Graffitis marginais no espaço exterior da escola, 6-12-2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.92
Fotografia 3: - Pormenor do muro do cemitério, 6-12-2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.92
Fotografia 4: - Graffitis marginais no espaço exterior da escola, 6-12-2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.95
Fotografia 5: - Paineis realizados no interior do pavilhão D da escola, 6/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.96
Fotografia 6: - Pormenor do graffiti realizado no pavilhão D, 6/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.97
Fotografia 7: Aluno Graffiter (Pedro), graffiti marginal no Bairro da Qt. da Princesa, 25/01/2005. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.100
Fotografia 8: - Aluno Graffiter (Pedro), graffiti marginal do Bairro da Qt. da Princesa, 25/01/2005. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.101
Fotografia 9: - Aluno Graffiter (Pedro), graffiti encomendado pelo Município, 25/01/2005. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.105

Fotografia 10: - Aluno Graffiter (Pedro), graffiti encomendado pelo Município, 25/01/2005. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.105
Fotografia 11: - Paineis realizados por alunos graffiter e encontra-se no interior da escola, 6/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.106
Fotografia 12: - Aluno Graffiter (Manuel), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.113
Fotografia 13: - Aluno Graffiter (Manuel), graffiti marginal no espaço do Município 13/12/2004, Stª Marta do Pinhal, Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.115
Fotografia 14: - Aluno - Graffiter (Leonardo), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.117
Fotografia 15: - Aluno Graffiter (Leonardo), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.118
Fotografia 16: - Aluno - Graffiter (Leonardo), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.119
Fotografia 17: - Graffiter (Santiago), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.128

Fotografia 18: - Graffiter (Santiago), graffiti artístico no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.136
Fotografia 19: - Graffiter (Santiago), graffiti artístico no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.137
Fotografia 20: - Graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.....	p.141

Índice de Apêndices

Apêndice A – Entrevista semi - estruturada aos alunos graffiteiros + graffiter.....	p.169
Apêndice B - Entrevista semi - estruturada ao Presidente do C. Executivo.....	p.172
Apêndice C - Entrevista semi - estruturada ao Antigo - Presidente do C. Executivo.....	p.175
Apêndice D - Entrevista semi - estruturada à C.M. do Seixal.....	p.178
Apêndice E – Transcrição da entrevista semi - estruturada aos alunos graffiteiros + graffiter.....	p.181
Apêndice F - Transcrição da entrevista semi - estruturada aos alunos graffiteiros + graffiter.....	p.187
Apêndice G - Transcrição da entrevista semi - estruturada aos alunos graffiteiros + graffiter.....	p.195

Apêndice H - Transcrição da entrevista semi - estruturada aos alunos graffiteiros + graffiter.....	p.200
Apêndice I - Transcrição da entrevista semi - estruturada ao Antigo - Presidente do C. Executivo.....	p.208
Apêndice J - Transcrição da entrevista semi - estruturada ao Presidente do C. Executivo.....	p.212
Apêndice L - Transcrição da entrevista semi - estruturada à C.M. do Seixal.....	p.217
Apêndice M - Análise de conteúdo / Entrevista do "Pedro".....	p.228
Apêndice N - Análise de conteúdo / Entrevista do "Leonardo".....	p.233
Apêndice O - Análise de conteúdo / Entrevista do "Manuel".....	p.239
Apêndice P - Análise de conteúdo / Entrevista do "Santiago" (trabalhador do concelho).....	p.243
Apêndice Q - Análise de conteúdo / Entrevista do (Presidente do C. Executivo).....	p.250
Apêndice R - Análise de conteúdo / Entrevista do (Antigo Presidente do C. Executivo).....	p.254
Apêndice S - Análise de conteúdo / Entrevista do Departamento da Juventude (Autarquia).....	p.256

CAPITULO I

Introdução

Jovens nos finais dos anos 60 e princípios dos anos 70 começaram a rabiscar as paredes das casas de banho e no interior das carruagens do metro de Nova Iorque, representando os seus nomes ou os nomes dos "gangs" nos quais se inseriam, não fazendo ideia nesta época, que iriam dar origem e lugar a uma nova expressão artística – o graffiti. Original do mundo *Hip Hop*, o graffiti apresenta, hoje em dia, diferentes manifestações: o graffiti dos "gangs", com o objectivo de demarcar territórios; o graffiti que expressa opiniões e mensagens políticas, sexuais, humorísticas nas paredes e o graffiti que surgiu nos últimos 30 anos, designado por "graffiti artístico". Assim, o graffiti encontra-se presente em diversos espaços urbanos, apresenta manifestações diversificadas, contém propostas figurativas e com temáticas diferentes, implementa-se como representante e difusor de um determinado sector social que se organiza na sua apresentação e, ao mesmo tempo, os seus autores implementam uma visualidade específica e competitiva com outras formas visuais, como por exemplo: outdoors, pichação, panfletos, sinalética, etc. "...Portadores de significação... dada pela visualidade..." (Zuin, 2004, p.2), conjugam em si recursos da linguagem do desenho, do verbal escrito e da pintura. Estas articulações, concretizam-se e incorporam nesta construção, uma linguagem de identidade de grupo e /ou tribo, de cidade e /ou comunidade e transformam-se em produções de quotidiano e em elementos identificáveis dos seus enunciadores, explorando experiências de mundo e de realidade que se vivenciam nas ruas, aos olhos de todos os que nelas circulam. Machado Pais (1996) afirma que os graffiteurs desempenham funções importantes para os seus autores, nomeadamente, de libertação de impulsos que

são reprimidos fora dos campos por eles eleitos como "marca de posse" de um determinado espaço físico. (p.184).

Este fenómeno mundial assim como o seu discurso, inevitavelmente presentes na instituição escola, instigam à sua constatação e centralidade a nível de problemas existentes nos quotidianos das comunidades educativas. Assim, Martinez (2000, citado por Cruz, 2001), refere que "alguns autores consideram que hoje vivemos em contextos urbanos formados por configurações culturais de carácter 'híbrido, onde a cultura escolar se apresenta como um produto singular, que ignora nos seus conteúdos e textos escolares a pluralidade da sua realidade." (p.79-80). As culturas juvenis das nossas escolas, hoje em dia, desenvolvem aspectos, tais como o namoro, o teatro, a indumentária e outros, que constituem expressões que diferenciam os jovens e expressam a sua vontade de mudança e são uma marca de identificação e de pertença, constituindo um sistema de valores sociais, a que aderem jovens de diferentes meios e diferentes condições sociais. O facto é que o graffiti é uma realidade nas nossas escolas, quer dentro ou fora destas, é conquista de espaço, onde insere e inscreve a crise de identidades sociais, localizando-se para Arce (1999, citado por Cruz, 2001) na "...transgressão do confronto simbólico com a propriedade e a normatividade social"(p. 1). Assim, estas representações são aceites por estes grupos de jovens e representam o desafio, e o confronto com a sua própria visão da escola.

Estes grupos juvenis anunciam, geralmente, um determinado estilo: graffiteurs, raps, punks e outros, aos quais se fazem corresponder características muito próprias, tais como: a música, o vestuário, os acessórios e outros, que os unificam enquanto grupo e também diferenciam entre si. Neste sentido, Dayrell (2002) refere que "o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil." (p.2). Para Barbero (2002, citado

por Queiroz, 2002) "os jovens e as suas expressões culturais são sintomas de mudanças profundas na sociedade, nos modos de socialização e de transmissão geracional". (p.9).

Neste sentido, a compreensão destas imagens e / ou mensagens abrem caminhos para um melhor conhecimento das culturas juvenis presentes no nosso quotidiano. Os seus conteúdos podem transmitir directrizes para uma melhor compreensão de que futuro estamos a construir, em que a interrogação é uma constante do homem, face a tudo o que o envolve e é o que lhe permite evoluir. Conhecer uma imagem não é uma tarefa fácil, mas constitui um novo saber, fornece novos elementos à linguagem e ao próprio conhecimento e segundo Pais (1996) "...os grafitos não deixam de ser expressivos, em significações, para o conhecimento das sociabilidades que se desenvolvem..." (p.184).

Face a este contexto, como é que as culturas juvenis constroem a sua consciência pessoal e social, e se relacionam com este fenómeno? O que transmite a mensagem do graffiti para o meio e para a escola? Como é que a escola e o meio sente a representação do graffiti nos seus espaços?

Tendo como pano de fundo a área da formação pessoal e social, os paradigmas da sociedade globalizante que vivemos hoje, a escola multicultural como lugar de diferentes etnias e culturas, em que o sistema educativo é um instrumento importante para a tomada de consciência crítica e da mudanças de atitude e comportamentos das pessoas que dela fazem parte, dão corpo às culturas juvenis urbanas, conjunto de valores sociais atribuídos à juventude, incluindo a identidade como consciência do existir como individuo e na relação com os outros formando um grupo social e a sua imagem. As mensagens do graffiti representadas em paredes, ou em equipamento urbano, serão apresentadas, neste estudo, paralelamente como estrutura para a análise das entrevistas semi-estruturadas sobre os graffiter, a escola e o meio envolvidas a um

grupo de três alunos do 11º ano do Agrupamento Artes, a um aluno do Curso Profissional 9+1 Área de "Empregado Comercial" – residente no bairro da Quinta da Princesa, a um ex-aluno / trabalhador e graffiter do Concelho do Seixal. Para além destes, serão entrevistados quer o Presidente e ex - Presidente do C. Executivo da escola em foco, quer um representante da C. M. do Seixal. Esta estrutura apoiará o cariz qualitativo da investigação, fundamentada na realização de entrevistas semi-estruturadas, registos de observação, registos fotográficos e sua análise e ainda, a análise de documentos.

1.1.- Motivações do estudo

As motivações que deram origem à escolha do tema foram progressivamente concebidas sobre a consciencialização de diversos factores:

(1) As interacções vividas pela investigadora com os alunos ao longo dos anos, no exercício da sua função docente na área de Artes, têm vindo a permitir e acompanhar de perto as necessidades, as preocupações, as manifestações, os sonhos e os medos dos adolescentes. Estas relações humanas alertaram para uma tomada de consciência dos sistemas de valores sociais nos jovens, bem como para a compreensão do que tanto hoje se fala – as culturas juvenis urbanas.

(2) A influência de diferentes etnias e culturas presentes nesta escola manifestadas pelos diferentes grupos sociais, muitos dos quais incluem características comuns, levou ao questionamento do significado de uma escola multicultural,

direccionada para a incorporação das diversidades culturais no quotidiano dos jovens.

- (3) A escola tem desenvolvido alguns projectos de graffiti, a sua representação tem sido específica e localizada, no que respeita ao espaço escolar. Estas telas têm despoletado entre os membros da comunidade escolar sentimentos controversos, devido ao carácter ilegal e marginal desta arte de rua. Por outro lado, o espaço que envolve a escola está repleto de numerosos graffitis e "tags", manifestações de vivências de crises de identidades sociais presentes nos nossos jovens.
- (4) Os contributos teóricos adquiridos durante o período de formação do Mestrado em Ciências da Educação vieram, de certa forma, articular-se e dar sentido a todas estas vivências, assim como possibilitaram a consideração mais ou menos aprofundada, de questões relacionadas com o respeito pela diferença, pela expressão partilhada de diversas sensibilidades, dúvidas e aspirações, no sentido de encontrar caminhos conducentes para a criação de uma escola democrática.

Desta forma, ao longo da pesquisa e do suporte teórico que irá permitir a clarificação dos conceitos enunciados neste estudo, bem como de elementos para a formação de instrumentos de recolha de informação, pretende-se que os conhecimentos adquiridos possam vir a construir objecto de reflexão para o desenvolvimento de novas propostas de acção pedagógica, possibilitadoras da formação de cidadãos críticos e intervenientes na sociedade.

1.2.- Contexto do estudo

O quotidiano da investigadora é realizado em escolas do subúrbio da grande cidade, em que os alunos não apresentam processos de socialização idênticos aos meios mais pequenos. As famílias destes adolescentes são predominantemente migrantes, oriunda de outros locais do país e das ex-colónias e que se deslocaram, fundamentalmente, com o objectivo de encontrarem melhores condições económicas. Policarpo (2000, p. 4) salienta a importância do meio social de origem que se faz sentir ao longo de várias gerações. A população escolar caracteriza-se por uma grande heterogeneidade, incluindo alguns fenómenos de marginalidade e de exclusão social. Neste sentido, Costa (2000, citado por Guimarães, 2001) refere que a exclusão social "seria resultado do acesso que sujeitos e grupos são autorizados a ter com os sistemas sociais básicos - as comunidades, instituições, territórios aos quais pertencem e recursos económicos. Dessa participação social, tais sujeitos estariam construindo algumas referências simbólicas que adicionariam a dimensão subjectiva ao conceito de exclusão social". (p.3). Nesta escola destacam-se jovens perfeitamente integrados, mas também coexistem jovens organizados e pertencentes a grupos (gangs) que chegam a apresentar alguns comportamentos de risco. Para além disso, reconhecem a sua pertença a formações diferentes dos demais, consciencializando outras vivências, sobre as quais este estudo incide. segundo Castillo (2001, citado por Lorente, Fuentes, Lupión e Moreno, 2001) "A comunidade escolar deve aceitar o pluralismo cultural - étnico ... procurando que os seus problemas sejam resolvidos solidariamente, pelo que resultam importantes recursos pessoais e médios." (p.217). Muitos destes jovens vivem

entregues a si próprios, alguns em condições precárias, em que a sua vida não é mais do que uma mera sobrevivência face a um quotidiano controverso. Pais (1993, citado por Magro, 2002) afirma que o quotidiano “é uma espécie de atelier existencial, onde os adolescentes provam suas potencialidades” (pp. 3-4). O desenvolvimento das cidades tem sido considerado como uma “fragmentação e a territorialização”, parte integrante do carácter contraditório da globalização, unindo-as internacionalmente mas dividindo-as localmente. O desequilíbrio social fixado, sobretudo, no espaço urbano, radicaliza as condições económicas e culturais, torna incombinável o acesso territorial entre segmentos sociais diferentes, e instiga medos e incertezas sociais, muitas vezes revelados em comportamentos de protecção e repulsa da sociabilidade urbana Quiroga (2001 citado por Queiroz, 2002).

Assim, neste mundo moderno vêm aumentando as dificuldades do adolescente em definir a sua posição que advêm da “falta de um estatuto claro e do prolongamento da adolescência”, das modificações da própria sociedade, do desaparecimento dos valores tradicionais, da renúncia da família e da presença da guerra e da violência. O evoluir das sociedades traz consigo a vontade do jovem ficar a cargo de si próprio e daí que a sociedade tenha de se ver “obrigada a contar com a sua existência, enquanto grupo ou subcultura e a conceder-lhe de boa ou má vontade, uma crescente autonomia”. Reymond- Rivier (1975, citado por Magueta, 2004, pp.23-24).

Esta curiosidade em querer apreender e conhecer mais a fundo todos estes fenómenos sociais, prende-se com o facto da investigadora estar atenta ao mundo visual que a rodeia. O concelho do Seixal, local de investigação, situa-se na margem sul do estuário do rio Tejo. Integra-se na península de Setúbal e na Área Metropolitana de Lisboa, onde os blocos dos espaços residenciais por vezes se alternam com os espaços industriais. A localização próxima de Lisboa deu origem a um crescimento rápido, desordenamento urbanístico e

índices de dependência elevados. A escola em estudo insere-se na cidade de Amora, muito próximo do núcleo histórico, entre a faixa ribeirinha e a auto-estrada e caracteriza-se por ser uma zona urbana de alta densidade, normalmente, em habitação permanente. Esta apesar de ser uma zona de forte centralidade no âmbito do concelho e por se encontrar muito próxima de Lisboa, apresenta aspectos de subúrbio de grande cidade, vivendo ciclicamente períodos de prosperidade e de austeridade. A sua população é predominantemente migrante (deslocações pendulares), desenraizada e vulnerável aos diferentes tipos de pressões. Caracteriza-se por uma forte multiculturalidade, característica deste concelho onde se cruzam diferentes referências culturais. Lecombe (1976 citado por Rocha e Serén, 2000) reconhece que “nos arredores das cidades, as resistências à integração cultural são mais sensíveis e que ainda há laços que unem os cidadãos recentes ao universo que abandonaram ou que os atrai.” (p. 116). Estas características concedem a este concelho um aspecto próprio, permitindo-lhe em Portugal, ser o lugar de alguns movimentos juvenis pois tal como para Featrsthone (1995, citado por Ferreira, 2004) há uma “...estetização da vida quotidiana...” (p.1), em que os jovens das periferias galgam os limites dos espaços urbanos para validar uma estética juvenil globalizada, o que lhes permite a fusão de diferentes estilos, actuando como um espectáculo urbano. Assim, um dos exemplos mais marcantes de todo o concelho é a presença do movimento Hip Hop nas suas diferentes manifestações, definido por Dayrrel (1999, citado por Ferreira, 2004) como “...espaço privilegiado de expressão da juventude urbana, em seus anseios e contradições.” (p.1). Esta presença constante e até diária no quotidiano da investigadora deu lugar à escolha do tema, a partir de uma consciencialização progressiva de factores enunciados anteriormente, levando-a a questionar se a representação do graffiti é integrado pela instituição escolar e que estratégias são desenvolvidas pelas

entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas.

A presente investigação parte de um conjunto de dúvidas e de questões prementes para toda a comunidade educativa, em que se pretende compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

1.3.- Problema e Questões de Estudo

Face à complexidade desta investigação, tornou-se difícil numa fase inicial, escolher uma única finalidade do estudo, já que o tema interage com diferentes aspectos: graffiti, escola multicultural, culturas juvenis urbanas e identidades dos jovens. Estes fornecem uma infinidade de questões pertinentes que se multiplicam e abrem, desta forma, novos caminhos, muitos dos quais divergentes. As questões de investigação seleccionadas para encontrar possíveis respostas ao estudo são:

- - Como é que a instituição escolar está a incluir esta arte de rua?
- - As estratégias encontradas pela instituição escolar vão de encontro às características desta arte de rua?
- - Atendendo às suas características, que efeitos perversos poderão advir das estratégias de integração utilizadas pela escola?
- - Como é que a escola reage ao graffiti?

- - Que interacções de colaboração se desenvolvem entre a escola e o Município do Seixal, para a integração social destes jovens?
- - Serão estas iniciativas quer da escola quer do município o início de um processo de legalização desta arte de rua?

Assim, este estudo tem como pretensão compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas na escola em foco, através da arte de graffitar.

A relação entre as culturas juvenis urbanas e os graffitis não é mais do que uma manifestação de saber cultural, além de expressarem o desejo de comunicação, em se regista uma presença, uma afirmação de identidade, mas o seu significado não é mais que a marca de posse de um determinado espaço físico (Pais, 1996). Este espaço não é mais que o lugar de diferentes práticas sociais, o que o torna importante para a análise da formação de identidades (França, 2004). Assim, a escola é espaço de sistema de interacções sociais e de saberes culturais, no qual os jovens vivenciam processos específicos de socialização, de estruturação de imagens deles próprios, da instituição escolar e da forma como podem intervir nela Carneiro (1997 cit. por Coutinho, 2001). Desta forma, os actores alvo desta investigação revelaram e manifestaram opiniões divergentes sobre a problemática em questão. O ser humano aberto ao mundo em que vive contém em si uma historicidade, é detentor de desejos no que se refere à relação com os outros. É um ser social com origens familiares, ocupa um lugar social, inserindo-se nas diferentes relações sociais. Ele interpreta o mundo, dá-lhe sentido, bem como a posição que ocupa nele, é activo, interventivo, e produz um conjunto de relações sociais nas quais se engloba. Os jovens nas últimas décadas têm tido um papel fundamental, eles são um elo importante na cadeia de reprodução cultural e social. (Pais, 1996).

1.4.- Delimitação do problema de Investigação

O presente estudo visa, essencialmente, compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas numa escola do concelho do Seixal através da arte de graffitar. Não é objectivo abordar o graffiti no seu contexto artístico, nem o que o caracteriza actualmente, ou seja, a relação que existe com as marcas ou com aspectos comerciais. Não serão analisadas as múltiplas vertentes e movimentos, que hoje em dia caracterizam as culturas juvenis, no que se refere ao rap; punks e outras.

Assim, pretende-se que este estudo forneça mais elementos para o desenvolvimento social e pessoal dos jovens, permitindo a melhor compreensão das culturas juvenis urbanas, pois estes tornam-se na matriz da revolução cultural das nossas cidades actuais. Por outro lado, estas novas gerações são portadoras de culturas diversificadas, fragmentadas, abertas e flexíveis, onde a experiência escolar se converte numa fronteira onde se encontram e enfrentam estes universos culturais, tornando-se necessário descodificar, interpretar e compreender os seus universos para fornecer a estes um melhor acompanhamento e integração social.

1.5.- Estrutura do estudo

O presente estudo foi organizado em cinco partes, as quais correspondem a capítulos. O primeiro capítulo corresponde à parte introdutória, onde se descrevem as motivações que deram corpo a este estudo, definição do problema e das questões da investigação e a estrutura do estudo. O segundo capítulo indica as referências

teóricas que nortearam a investigação. Assim, procura-se definir através de diferentes pontos, fundamentando com citações de diferentes autores, a cultura do graffiti definido como arte e vandalismo, as sociedades actuais e era da globalização, a multiculturalidade numa época global, as culturas juvenis urbanas, a adolescência, os grupos na juventude, as identidades juvenis, as tribos urbanas e as culturas juvenis na escola. Pretende-se não restringir a revisão somente à realidade observada, mas também de lhe atribuir o enquadramento respectivo. O terceiro capítulo é destinado, quer a questões metodológicas gerais, quer à metodologia específica relativa ao estudo: é realizada uma introdução onde se expõe o modelo metodológico seleccionado; seguidamente, refere-se a forma como foi realizada a operacionalização da presente investigação, através da contextualização do meio envolvente e da escola em estudo. Faz-se também referência à selecção e contactos efectuados junto dos sujeitos intervenientes nesta investigação, bem como à construção das entrevistas semi-estruturadas. De salientar ainda que, neste capítulo se apresenta a análise de conteúdo elaborada aos grupos alvo da investigação. No capítulo quatro é referido o tratamento de dados, a partir da análise de conteúdo das entrevistas, assim como, a especificação dos procedimentos que transmitem um teor interpretativo à investigação. Termina com uma conclusão geral, na qual se faz um balanço dos principais resultados e onde são apontadas possíveis propostas para futuras investigações.

CAPITULO II - Revisão da Literatura:

2.1.- A cultura do Graffiti

A palavra graffiti é designada na antiga Grécia por "*graphein*" e deriva do Italiano que é plural de grafito. Assim, grafito significa em latim e italiano "*escritas feitas em carvão*" e já na Antiga Roma as escritas eram realizadas em carvão e aplicadas nos edifícios conquistados, nos muros de suas construções, denominando este acto de "*grafito*" (desenho ou rabisco numa superfície). Este variava desde a demonstrações de protesto até à propagação de leis ou acontecimentos públicos e segundo França (2004) "... era uma forma de comunicação valida." (p.2). Actualmente, e com a evolução das formas de escrita parietal, o termo contemporâneo significa a inscrição de mensagens clandestinas, concretizadas essencialmente, em parede ou em equipamento urbano, representando-se monogramas de uma única cor ou então, composições mais elaboradas de diferentes matizes e para Magueta (2004) graffiti é "...todo o risco ou rabisco, traço (ordenados ou não), linhas e formas, feitos em qualquer suporte que, dê características de inscrição urbana ... é um meio de reivindicação de direitos, de se expressar o que se pensa, de expressão artística, demonstrar o que os outros meios de

comunicação não mostram, de denunciar questões sociais, de propaganda de vários tipos ou de alguém registar por um local.” (p.38) . Para Dennant (1997, citado por Magueta, 2004) graffiti é uma forma de transmitir desejos através de uma comunicação primitiva, ou seja, através do desenho. Neste sentido, França (2004) denomina graffiti como a “...forma dos integrantes de um determinado grupo se comunicarem com a sociedade em que vivem, tornando-se hoje, até mesmo um meio de captação profissional, através da criatividade e de muita preocupação estética, sempre elaborando com elementos que se entregam na pintura como elementos externos a ela, como as fulgens das ruas, a integração corporal do pedestre junto ao barulho dos automóveis. (p.3). Assim, o graffiti original do mundo *Hip Hop* ,e no qual hoje se insere, subdivide-se em diferentes tipos de intervenção: a prática avulsa de assinaturas estilizadas, a execução de um nome situado sobre um fundo rico e envolvido por diferentes elementos esteticamente ilustrados, onde geralmente, é aplicada uma grande quantidade de cores (Tavares, 2000). No entanto, o graffiti é “...uma arte culturalmente cruzada.” (Costa, 2001, p.1) que apresenta diferentes manifestações: o graffiti dos “gangs”, com o objectivo de demarcar territórios nas áreas urbanas, conjugadas com outras formas de arte, estilos de roupa, tatuagens que se assemelham como “...práticas sociais e económicas ilegítimas”. (Costa, 2001, p.1) e para Tavares (2000) o graffiti é uma arte que requer determinados conhecimentos

que nem todos os indivíduos o possuem; o graffiti que expressa opiniões e mensagens políticas, sexuais, humorísticas nas paredes e o graffiti que surgiu nos últimos trinta anos, designado por "graffiti artístico", este é o mais difundido, pode também ser denominado de "estilo Nova York" ou "Hip Hop", que se propagou pelas cidades norte-americanas e pelo resto do mundo, sobretudo na Europa, a partir dos anos setenta (Costa, 2001). Este surge em Nova Iorque, resultado das marcas gráficas, constituída por um nome e um número e aplicado em edifícios públicos, transportes colectivos e sinais de trânsito. Então, o espaço urbano é invadido por uma multiplicidade de caligrafias ilegíveis, mas contendo um único significado "eu estive aqui, eu existo." e segundo Zuin (2004) é "...uma comunicação dos panoramas social e cultural das urbes." (p.2). Para Soeiro e Lopes (2003) é "... um permanente desafio às "boas maneiras" de viver na cidade propondo, em simultâneo, uma outra forma de usar e fazer cidade comunicativa, expressiva e mediática, vivencial, explosiva, caótica." (p.1). Os primeiros trabalhos realizados foram chamados de "tags"- pseudónimo do autor, articulados sempre com o número da rua onde eles habitam, gradualmente, vão inserindo a cor, novos estilos e novos processos técnicos para a sua execução e para Bacelar (2002) "... esta economia justifica-se pelo carácter de clandestinidade e urgência com que cada inscrição é feita." (p.3). Nos anos precedentes e com o aumento da competitividade, os "writers" ou graffitis tentam

encontrar novas soluções para os seus "tags". Assim, formaram-se grupos de jovens (crews), esta inserção corresponde "...à necessidade de sociabilidades alternativas a espaços falhos de integração social", em que o *Writer* vê ressuscitar a sua individualidade e frequentemente, ele adquire um nome próprio face aos outros membros da *crew* (Pais, 2003, p.5) e tem como objectivo de concretizar projectos com melhor qualidade, no que diz respeito à aplicação da tinta de spray em grandes superfícies. Assim, os *Writers* tornam-se especialistas em determinados tipos de superfícies, paredes, muros, comboios e outros. No entanto, as suas manifestações não estejam reconhecidas, o facto é que este tipo de expressão cada vez mais é reconhecido e manifestado a nível social. Além deste aspecto, este tipo de arte cada vez mais engloba um grande número de jovens, instituições reconhecidas aderem à exposição de trabalhos sobre o graffiti e segundo Tavares (2000) ".... pressupõe um reconhecimento implícito do mesmo e uma tentativa de o normalizar." (p.21). Os grupos de graffiteurs são formados na sua maioria por jovens estudantes, entre os 16 e 24 anos de idade, existindo outros, pertencentes do ensino superior, os quais enveredaram pelas artes plásticas e pelo design Marques, Almeida e Antunes (2000 citado por Pais, 2000). Esta arte de rua caracteriza-se por uma diversidade étnica, desenvolvida principalmente, por jovens negros e convertendo-se para muitos, numa forma de luta e de resistência, na qual, a consciência do que eles representam nos

seus projectos, "...situação pobreza, da exclusão vivenciada e do processo de fragmentação das cidades.", constitui um dos aspectos mais importantes deste movimento (Queiroz, 2000, p.13) e para Tavares (2000) o graffiti encontra-se actualmente, enraizado ao *rap* e aos bairros sociais, zonas periféricas das grandes cidades, verificando-se uma perda nas origens culturais e, muitas vezes, o desmembramento da família e é no Hip Hop que estes jovens demonstram a sua criatividade, o qual deve ser conduzido em prol da sua identidade e não com objectivos destrutivos para eles e para os outros, como é o exemplo de muitos jovens que enveredam por caminhos ligados à droga, tráfico e furtos. Assim, o jovem graffiter tem como desafio fundamental desafiar as palavras, emblemas, estilos, contendo a pressão do risco de poder ser apanhado pela policia, o que implica uma actuação rápida, "...ter o instinto do instante. A perseguição arrasta o reconhecimento." (Pais, 2003, p.5). O vestuário pessoal é outro aspecto importante, pois, recorrem geralmente, a marcas de design desportivo, tais como: t-shirts ou sweat-shirts largas, as camisas são colocadas fora das calças, ténis tipo skate, corta-ventos coloridos, calças muito largas, bonés, boinas ou gorros e o uso de mochilas para transporte dos sprays e Tavares (2000) refere que o vestuário é de suma importância na vida destes jovens, constitui uma representação dele próprio, é uma forma de incorporação, é um utensílio que reconhece os elementos de um determinado grupo, é também uma ferramenta de eliminação, e

nesta investigação, nunca se refere o vestuário como forma de proteger o corpo. Os graffiteurs, na sua maioria, são do sexo masculino, sendo escassa a participação do sexo feminino. Segundo Marques, Almeida e Antunes (2000, citado por Pais, 2000) a indisponibilidade do sexo feminino para a arte graffitar, prende-se com o facto de "...acontecimentos como fugir à policia ou ultrapassar obstáculos... funciona como importante desencorajador de uma maior assiduidade de pinturas assinadas por graffiteurs femininas." (p.178).

A localização do graffiti é estabelecida em espaços públicos, onde a visualização e o seu número é tomado em atenção, sendo estes locais as praças, ruas, parques de estacionamento, estações de metropolitano, transportes públicos, autocarros (interiores e exteriores) e não são excluídas outras hipóteses. O grau de acessibilidade também constitui um dos elementos fundamentais, o construir rapidamente, tendo acesso a algum material de apoio, como exemplo: escadotes, com o objectivo de aceder a locais não muito fáceis, obriga a estratégias pensadas, pois quando mais complexo for o local da execução, melhor se torna o trabalho, no que respeita à dimensão, ao número de latas aplicadas e ao impacto visual que causará naqueles que o observarem. A linguagem plástica utilizada é primária, utilizam-se linhas de contorno, as curvas desenham letras bidimensionais ou simuladas tridimensionalmente, na parte central, ou então, a sua função é como um texto ilustrado, aplicam-se cores fortes e planas oriundas de latas, as quais não são muito

desenvolvidas. A execução destes trabalhos são concretizados pela "crew", podem ser formados pelos "toys" (aprendizes sob a orientação de um "writer", que ao fim da realização de alguns trabalhos podem atingir o estatuto de mestres e tornarem-se "Kings" – autoridade no assunto em questão). As composições podem reflectir movimentos, geralmente são barrocos, exagerados, de cores vivas ou monocromáticas. Assim, o graffiti contém três estilos: 1) o que tem por suporte o "Tag"; 2) o trabalho figurativo; 3) o trabalho abstracizante. De referir que, quando são aplicados elementos figurativos estes, têm a sua origem na banda desenhada e na literatura da nova ficção científica, em que a mensagem e a narrativa varia entre a resistência e a repressão, tecnodesumanização e a humanização e para Ferrão (2001) graffiti é "... como pinturas de guerra que identificam as fronteiras e criam novas identidades protegidas pelo pseudónimo, geram mistério, apenas se reconhece o estilo, a oralidade é convertida em letra de musica, com forte impacto politico, «avisos à navegação», «stórias» da Zona Jota." (p. 161) Os graffitiers têm a obrigação de manter a sua conduta fundamentada num código de honra de rua e a tomada de competição pelos locais de "montra" dos seus trabalhos, nas suas áreas todas as superfícies podem ser inscritas, em que a parede é o local mais desejável, podendo ser ou não tratada para receber as latas de spray, e Pais (1996) refere que, as inscrições nas paredes são "... uma

manifestação desse saber cultural, para além de corresponderem a um desejo de comunicação, de exteriorização desse saber..." (p.184)

2.2.- O graffiti - arte ou vandalismo

A natureza ilegal dos graffiti, constitui outro dos pontos essenciais desta arte de rua – o graffiti. A sociedade impõe numerosas vezes a estes, rótulos prejurativos como "poluição urbana" e "não-arte" e segundo Bacelar (2002) "... a rotulagem do graffiter é como algo de nefasto e potencialmente destrutivo." (p.3). A forma como o meio social denomina ou trata esta arte, prende-se com o desconhecimento dos seus percursos e de suas intenções, por outro lado, denota-se uma grande falta de informação sobre os mesmos e por vezes, verificam-se lacunas procedentes de um desinteresse e de receio, por parte da população em geral. Os graffiti, as várias inscrições pictóricas e as frases simples " provocam em muita gente, sentimentos de profunda irritação." Assim, o graffiti e desde as suas origens, constitui um permanente desafio "às boas maneiras de usar e fazer a cidade: comunicativa, expressiva, vivencial, explosiva, caótica... e é de fácil entendimento quando se denomina por acto de delinquência." (Soeiro e Lopes, 2003, p.1). Neste sentido, Queiroz (2000) refere que, a divulgação deste movimento, consiste na não aceitação às condições actuais e a sua pretensão de enquadramento na cidade, tendo como população alvo as camadas mais jovens. No

entanto, os constrangimentos que se desenvolvem da possibilidade da condenação pública (Artigo 212º do Código Penal Português, relativamente ao crime de dano nomeia os seguintes pontos: 1) Quem destruir no todo ou em parte, danificar, desfigurar ou tornar não utilizável coisa alheia, é punido com pena de prisão até 3 anos ou com pena de multa; 2) A tentativa é punível; 3) O procedimento criminal depende da queixa.), quer esta, seja formal ou informal, são integrados na cultura de graffitar e considerados por estes, um dos elementos originais desta arte, o qual, deve ser experienciado como validade da autenticidade do movimento. Este, não é o elemento desmotivador para os graffiteurs, não os impedem de continuar a desenvolver os seus projectos, mas pelo contrário, fornece e valoriza a imagem de si próprios. As manifestações de "rebeldes" e de "terroristas", reforçam o significado das suas práticas e o que suporta esta cultura urbana é o "carácter voluntariamente marginal, usufruindo dos antagonismos existentes entre as práticas que lhes são subjacentes (pintura de paredes alheias) e as leis e as regras que regulam o comportamento dos indivíduos." Marques, Almeida e Antunes (2000, citado por Pais, 2000, p.200). Neste sentido, o primitivismo tribal dos graffiteurs revela e descreve o espaço urbano, cujos "riscos caligrafados" vigiam e evitam a invasão dos "outsiders", reproduzindo "... o modelo concentracionario - gueto imposto de fora para dentro." (Ferrão, 2001, p.161). Assim, a cultura graffiter dependendo dos seus valores, não se insere no pedido de autorização

para executar os seus trabalhos, passa à sedução de corromper as proibições, o que fundamenta a alternativa ou a própria marginalidade Marques, Almeida e Antunes (2000, citado por Pais, 2000). É de salientar que o graffiti apresenta uma outra perspectiva, são os trabalhos encomendados, os quais são executados em discotecas, lojas e outros locais. Aqui, passa-se a ter autorização, os trabalhos são pagos, identificados pelos seus autores e são denominados de "*sell out*". Estes têm como objectivo financiar os trabalhos realizados na rua e as latas de spray que sobram são reutilizadas. O "*sell out*" vai transmitir ao graffiti uma conotação comercial e a este tipo de trabalho, tem como fundamento o pôr em prática o maior nível de conhecimento técnico e segundo Marques, Almeida e Antunes (2000, citado por Pais, 2000) "...uma carreira de artista de rua, construída essencialmente à custa de trabalhos encomendados, é assim significativamente desvalorizada no seio da comunidade graffiter." (p.201). Então, o "*sell out*" é considerado pelos jovens graffiteres uma actividade menor, o que faz hesitar face à aceitação de trabalhos que lhes são propostos. As críticas e as discriminações realizadas a esta cultura, fizeram com que favorecesse a sua divulgação (revolução dos meios de comunicação, industria cultural, diminuição dos ciclos de produção e aumento do consumo). Para Tavares (2000) os caminhos pré - estabelecidos, não seduzem, nem motivam estes jovens, realmente, o que os motiva é o manifestar-se contra o vigente, perante as escolhas que realizam e

assumem-nas, esperando que possam advir resultados positivos destas. Neste sentido, o carácter marginal do graffiti também revela incompatibilidades nas suas diferentes práticas, bem como nas normas e leis que regulam os comportamentos dos seus autores Marques; Almeida; Antunes (2000, citado por Pais, 2000). O graffiti engloba um duelo simbólico na definição de espaços e inscreve de forma necessária a falta de identidades sociais. Então, estamos face a afirmação de um determinado território, onde se descobre a palavra e a imagem, aglomera-se vários signos representativos dos seus criadores, "... sublinha a cultura juvenil no uso das tecnologias audiovisuais e do consumo urbano e a sua apropriação no desenho de modos de super vivência e acção." (Delfino, 1993, p.6). Bacelar (2002) afirma que o graffiti então, quebra com os padrões tradicionais da arte e características como o virtuosismo, coragem, enriquecimento das redes de sociabilidade, pinturas, as quais, transmitem uma gama variada de normas oriundas dos meios envolventes aos seus protagonistas e este fenómeno excede os limites do "*ghetto*", independentemente do seu nível de expulsão ou de inserção cultural, económica ou social dos seus intervenientes.

2.3.- As sociedades modernas num tempo de globalização

Para a compreensão e entendimento desta arte de rua - o graffiti, torna-se necessário e fundamental perceber em que contexto se vive actualmente. Assim, se tivermos em atenção que a globalização do mundo, segundo uma perspectiva histórico - social, é composta por múltiplas proporções, em que os quadros sociais e mentais dos indivíduos estão mais ou menos sendo abalados. Onde se destrói e reproduz um mundo, implantando outros processos, outras estruturas e outras maneiras de sociabilidade, que se juntam e se aplicam aos povos, tribos, nações e nacionalidades e para Ianni (1998) "...os territórios e as fronteiras, os regimes políticos e os estilos de vida, as culturas e as civilizações parecem mesclar-se, tencionar-se e dinamizar-se em outras modalidades, direcções ou possibilidades. As coisas, as gentes e as ideias movem-se em múltiplas direcções, desenraízam-se, tornam-se volantes ou simplesmente desterritorializam-se ... O globalismo compreende relações, processos e estruturas de dominação e apropriação desenvolvendo-se em escala mundial." (p. 1), e segundo Ianni (1998) a globalização transforma-se num assunto diferente, onde surgem ligações, normas e organizações, de forma a definir os formatos e os movimentos, que constituem uma sociedade global. É uma sociedade onde se engloba

diversas actividades, nomeadamente, indivíduos e colectividades, grupos sociais e as classes sociais, os géneros e as raças, os partidos e os sindicatos, os movimentos sociais e as correntes de opinião pública. Em suma, é uma sociedade onde se aumenta e se decompõem espaços e tempos. A globalização para Davis (1992) dá resposta à liberdade individual, contrária aos factores sociais externos. Então, a globalização que actualmente, se vivência é um acto cultural completo de ambiguidades. Assim, Stoer e Cortesão (1999) afirma que, as mudanças localizadas podem fazer parte da globalização, traduzindo-se numa norma de modernização, mas também, afronta o papel do Estado, e ainda, dá ostentação à identidade cultural, modificando as ligações entre o global e o local. Então, é na globalização que evoluem as relações, os processos e as estruturas reafirmando as configurações e os movimentos das sociedades num todo. As sociedades actualmente, mais desenvolvidas tecnologicamente, são formadas por pessoas de origens diferentes, contêm aspectos culturais próprios, os quais os diferenciam e os caracterizam, relacionando-se entre si tendo como essência aspectos culturais comuns (Coutinho, 2001). A evolução do conhecimento nas sociedades actuais, originaram o desenvolvimento da tecnologia, permitindo a esta, utilizar a informação e muitos não têm disponibilidade, nem acesso a esta, devido a restrições da própria tecnologia e a mudanças nas formas culturais. (Roa, 2005). Assim, vive-se hoje em dia, numa aldeia global, onde alguns aspectos

culturais e fundamentalmente a urgência das formas culturais de carácter individual têm a aptidão para romper fronteiras. Então, a experiência comunicacional surge como novidade e é fruto de um processo individual, onde as relações sociais são dados por determinados sectores, os quais se colocam por cima dos aspectos de solidariedade que já prevaleciam e transmitiam uma estabilidade ao indivíduo no seu conjunto. Assim, para Fonseca (2002) a experiência não é mais do que "... uma categoria chave para o conhecimento da vida do dia a dia, que estrutura a vida das pessoas de forma importante." (p.5). Como consequência, surgem as novas cidades modernas e com estas, novos grupos e figurações sociais, ressurgem novas formas de conflito e de organização, onde incluem as suas identidades onde inscrevem os seus ideais e suas práticas de consumo (Davis, 1992). Então, Davis (1992, p.4) define cidades como "... não sendo uma coisa. Ela reconhece-se como real e representacional, como texto e como contexto, como erigida e como estética, no espaço e no tempo, socialmente vividos e (re)construídos ... torna-se uma alegoria da sociedade". Assim, os vários quotidianos fazem parte da cidade e é neles, que se constitui o mosaico urbano com vertentes diferentes, em que aspectos como rebeldia, a constatação às regras vigentes, a constante procura por outros estados suscitam determinados sentimentos como exemplo: a angústia e permitem completar o quotidiano.(Magueta, 2004). O facto da humanidade viver actualmente, um período de indecisões e

de grandes mudanças onde se inscrevem grandes indiferenças, desfaz-se num sujeito colectivo. (Tavares, 2000). É no quotidiano que os diferentes aspectos da vida social se revelam e Magro (2002) o quotidiano é "... um ateliê existencial, onde os adolescentes provam as suas potencialidades criativas, criam novas formas de estar no mundo, novas formas de solidariedade e de representatividade social, podendo ser estas contrárias às normas sociais vigentes ou não." (p.67). Assim, hoje em dia, é no contexto urbano que abundam como um dos exemplos: os centros comerciais, personificando a ideia de "... templos de consumo.." aliciando e arrastando multidões. Estes instrumentos da globalização e despertos às novas sociedades multiculturais, são constituídos de uma forma transversal por determinadas minorias, bem como pelos grupos sociais dominantes" (Magueta, 2004, pp. 35-36). Mas com a concretização e aplicação da tecnologia e do conhecimento científicos nos diferentes processos de produção, surgem as mudanças dos padrões tradicionais. Daqui, advém e como consequência, a desigualdade social, pois os aspectos positivos da tecnologia não alcançam todos os grupos que englobam a sociedade. Assim, é nas zonas urbanas que se vão desencadear relações conflituosas a nível da sua população e por diversas vezes a oposição aos recém - chegados, "... exacerbando diferenças, reforçando traços distintivos numa estratégia de autodefesa do seu auto conceito social, tentando demarcar-se através de esforços nunca antes activados, dos novos vizinhos no seu posicionamento social." O

demarcar destas diferenças vai por sua vez reafirmar a identificação dos traços, que vai afirmar o afastamento social dos novos grupos. Então, "...os estigmas sociais serão acentuados, colaborando na segregação sócio - espacial das populações realojadas e na identificação das suas áreas de residência como «ghettos»." Freitas e Menezes (1996, citado por Tavares, 2000, p.38). As periferias são resultado do processo de desenvolvimento das cidades modernas e estas, oferecem uma liberdade e uma cultura igualizada, muitas vezes desapropriadas e indo de acordo aos diferentes regras sociais, económicas e culturais (Davis, 1992). Segundo Pais (1996) os problemas sociais são "... problemas que emergem de uma realidade material e social (real - social), para que cuja solução é forçoso pensar uma realidade distinta: a solução dos apregoados problemas vividos pela juventude (droga, delinquência, desemprego, etc.) passa liquidação desses problemas, pela projecção de uma modificação do real - social." (p.21).

2.4. - A multiculturalidade numa época de globalização

O ser humano com o surgir das "novas" sociedades, constata o facto e relaciona-se actualmente, com uma multiplicidade de indivíduos. Estes são oriundos das mais variadas partes do globo, comunicando através de uma multiplicidade de línguas, bem como das diferentes

religiões que professam, pelos hábitos que possuem, ou seja, pela cultura que incorporam. Assim, o pluralismo cultural, segundo Coutinho (2001) é aquele que permite validar a concomitância das culturas dos diversos grupos étnicos, no âmbito de uma sociedade multicultural. Então, a manutenção das diferentes identidades culturais, só se pode compreender numa liberdade total e plena de intervenção na vida actual e social, em igualdade de situações às das outras culturas de pertença. A cultura não é um conjunto de regras e crenças, mas para Consoni (2000) é "...esforço por dar sentido universal a uma experiência particular." (p.2). Por outro lado, Coutinho (2001) declara que a cultura é empregada como um factor de valorização e de sabedoria, propósito da multiplicidade cultural, sendo utilizada como ferramenta que permite e desenvolve as interacções dos indivíduos. Para Pais (1996) as diferentes culturas são perspectivadas segundo o agrupamento de sentido partilhado; um agregado de símbolos específicos que traduzem o pertencer a um determinado grupo; uma linguagem com usos focalizados, rituais e ocorrências características, através dos quais dão significado à vida de cada individuo. A crescente mobilidade dos povos a nível global, é factor responsável pelo aparecimento de uma "nova" sociedade e como consequência destas dinâmicas surge um novo termo, a multiculturalidade. O multiculturalismo tem suscitado e tem contribuído para o debate, no que se refere, à construção de diferentes ideologias na promoção de igualdades de oportunidades

para o indivíduo e Coutinho (2001) refere que, o multiculturalismo implica "a desconstrução e reconstrução de conceitos como cultura, estereotipo, grupo étnico e minoria étnica, racismo, discriminação, assimilacionismo, integracionismo e pluralismo, igualdade de oportunidades." (p.20). No entanto, o mesmo autor refere ainda, que o multiculturalismo é um conceito actual, fazendo parte da vida de cada indivíduo e traduz uma novidade em relação às questões sociais, aparece como forma de inovar a sociedade, através da diversificação de indivíduos e nos diferentes aspectos que os caracterizam. Então, a mobilização de povos, actualmente, é responsável pelo despoletar desta sociedade. Assim, para Fleuri (1999) o multiculturalismo "... permite pensar alternativas para as minorias... justifica a fragmentação ou a criação de guetos culturais, que reproduzam desigualdades e discriminações sociais." (p.3). Esta é uma problemática inserida nas sociedades actuais e segundo Coutinho (2001) as migrações são na maior parte oriundas de estratos sociais desfavorecidos e constituem as minorias nos países de acolhimento. Esta situação provoca o contacto com grupos étnico - culturais diversificados, aumentando desta forma, a sua heterogeneidade. No entanto, o contacto com estas minorias não se processa muitas vezes, de forma pacífica, o que provoca sérios problemas a nível político. Então, as minorias são observadas com desconfiança, rotuladas pelos problemas vigentes nos países que os acolhem, despoletando nestes, o desemprego, centros de miséria e

uma instabilidade social. Assim, a rejeição e a culpabilização destes povos em países de receptividade, acaba por colidir com o conceito de sociedade que se idealiza, hoje em dia, num autêntico multiculturalismo, onde a inserção de cada indivíduo, independentemente das suas características, culmina numa sociedade sem prejuízo ou sem marginalizar. Para Martins (1998, citado por Coutinho, 2001) refere que, o "limiar a reflexão sobre a intervenção a desenvolver às escolas com maior peso nos alunos (...) étnica ou culturalmente diferenciados seria um erro estratégico grave, já que retiraria a possibilidade de preparar todos os alunos para viverem num mundo plural, onde a mobilidade é uma constante." (p.65). Por outro lado, é no contexto escolar, que os jovens têm a necessidade de adquirir uma educação baseada no desenvolvimento de valores de convívio, de comunicação e de partilha entre as diversas culturas, povos e etnias, visto que estes, mais tarde irão ter que enfrentar situações de vida, em que a educação para a diversidade cultural se revelará necessária e útil nas interações que estabelecem ao longo da vida. Então, é através da educação multicultural que se tenta libertar a jovem do etnocentrismo, fornecendo-lhes a possibilidade de conhecer novas culturas e perspectivas, de forma a poderem realizar as suas próprias escolhas, tendo a consciência das hipóteses existentes. Para Stoer e Cortesão (1999) a educação inter / multicultural desenvolve-se através de uma provocação, visto que as subjectividades, também fazem parte e têm espaço na escola. A

educação multicultural tem como objectivo formar cidadãos, críticos e pensantes, passando por uma atitude de respeito face a outras culturas e pelo fomentar os alunos, "... capacidades de interacção...", com outras culturas, sendo através da "... interacção e comunicação entre aqueles e o mundo de que fazem parte que a educação se processa" (Coutinho, 2001, p.54). Para Cardoso (1995) a educação multicultural perspectivaria a igualdade de oportunidades a nível do sucesso escolar, no respeitante ao currículo, às normas e às políticas educativas, espelhando a igualdade e o respeito pelos elementos das diferentes culturas presentes na escola e na sociedade. No entanto, Castillo (2001) refere que a comunidade escolar deve reconhecer a diversidade cultural, pretendendo encontrar soluções adequadas para os diferentes problemas, através de uma forma solidária e coerente. Portanto, é através da troca e da comunicação que todos os aspectos da educação multicultural, em que os valores e as atitudes são objecto de conhecimento e da aprendizagem, por parte de toda a comunidade escolar. Assim, a sua principal finalidade segundo Coutinho (2001) é favorecer que todos os estudantes desenvolvam formas que permitam realizar uma análise crítica, no que respeita, às crenças da sua própria cultura e permitir-lhes o evoluir nas representações que fazem do mundo, facultando-lhe, deste modo, o aumento das suas perspectivas. Então, o legitimar a coexistência destas diversas culturas nos diferentes grupos étnicos, não é mais do que tentar manter as suas identidades culturais, permitindo-lhe a

liberdade da sua participação numa vida cultural e social, em iguais ou idênticas circunstâncias em relação às culturas vigentes. Neste sentido, o estudo de Coutinho (2001) aponta que é a escola que tem que efectuar os princípios democráticos das normas sociais, através de pedagogias de análise, facultando conhecimentos, fomentando a ponderação e a actuação. proporcionando desta forma, aos alunos enquanto futuros cidadãos, a possibilidade de mudar algumas questões sociais, no sentido de construir a igualdade de oportunidades.

2.5.- A adolescência e os grupos juvenis urbanos

Actualmente, e ao longo das últimas décadas, os jovens têm tido um papel importante na mudança social, no sentido que os próprios revelaram ser, "... um elo importante na cadeia da reprodução cultural e social." (Pais, 1996, p.35). Neste sentido, Pais (1996) ainda refere que, "...a sociedade contemporânea caracteriza-se por uma crescente omnivoridade consumista que afecta sobretudo os jovens, suportada por valores hedonistas... que se desenvolve, cada vez mais, através do poder da imaginação" (p.124). Assim, Souza (2004) refere que a identidade é um aprendizado constante, interligando a continuidade e a transformação, criando entre ambas um sistema relacional que difere e alia o individuo. Portanto, o jovem procura

actualmente, a experiência estética junto dos outros jovens, não sendo relevante os seus projectos futuros, mas sim a experiência vivenciada no presente e segundo Souza (2004) os jovens vivenciam controvérsias actuais, provocando-lhes incertezas, próprias da idade e o jovem convive cada vez mais, com momentos de subjectividade, de desmembramento e com compassos divergentes. Os Jovens poder-se-à dizer, que ocupam nos tempos presentes determinados lugares na estrutura social, mas também é pertinente referir que, eles próprios também se vêem como colocados numa encruzilhada de riscos e oportunidades. Actualmente, os jovens encontram imensas dificuldades a nível da sua incorporação na educação e no mundo no trabalho; resultado de políticas de ajuste, levando inevitavelmente, a uma mobilização social na procura de normas inovadoras de organização social e política, e segundo Pais (1996) "...na aparente unidade da juventude é possível encontrar uma diversidade de situações sociais que tornam heterogenia a experiência de ser jovem." (p. 189). Assim, a adolescência é considerada uma categoria moderna, em que o seu reconhecimento reside na educação formal (principal projecto da modernidade) e para Oliveira, Camilo e Valadares (2003, p.1) a adolescência é uma "...produção social... incluindo aspectos fisiológicos, sexuais, afectivos, sociais, políticos e institucionais". Esta é reconhecida socialmente, academicamente e economicamente ao longo da época industrial. É um período da época das pessoas e que descreve a posição que ocupa ao longo de uma

série de gerações, admite uma determinada experiência participada pelos indivíduos que a compõem num determinado momento da história. Segundo o aspecto psicológico a adolescência é vista como uma etapa da vida do ser humano que tem início na puberdade e prolonga por algum tempo e que caracteriza o jovem na concretização de algumas tarefas, permitindo-lhe formar alguns aspectos para a passagem da vida adulta e segundo Weissman (2005) a forma como realiza as tarefas é "... submetida às características da época em que os adolescentes vivem, da sua situação familiar, do lugar, do género e da classe social" (p.1). Para Oliveira e Valadares (2002) a adolescência é um produto social, em que o contexto sócio - histórico descreve-lhes esperanças e cria os adolescentes e a adolescência, envolvendo diferentes aspectos: fisiológicos, sexuais, afectivos, sociais e políticos e institucionais. Assim, tem a função de encaminhar os principiantes para os diferentes níveis da vida sociocultural. Neste sentido, Fanfani (2000) nomeia os adolescentes e a juventude como "... construções sociais. São «classes de idades» que, apesar de possuírem uma base material biológica, têm também diversas representações históricas relativamente arbitrarias." (p.5). A juventude encontra-se num momento de crise, as suas vidas estão repletas de conflitos, em que a sua auto estima e as suas personalidades não se encontram favorecidas face às actuais mudanças sociais, ela é vista como um grupo diferenciado de formas de vida. Tem vindo a alcançar novas

especificidades, de acordo com as distintas circunstâncias sociais e inseridos em diferentes percursos sociais. (Pais, 1996). No entanto, a noção de juventude tem que ser construída segundo Dayrell (2003) numa perspectiva da multiplicidade, faz parte de um sistema global de desenvolvimento, adquirindo características especiais que vão de acordo com as experiências vividas por indivíduos no âmbito social. Este autor ainda, refere que a juventude não deve ser encarada como uma etapa e com objectivos específicos e nem como uma fase de preparação, a qual será superada quando chegar à fase da vida adulta. No que diz respeito, ao aspecto da diversidade, o processo de crescimento da juventude é mais global, o qual recebe "...contornos específicos no conjunto das experiências vividas pelos indivíduos num contexto social." (Dayrell, 2003, p.72). Portanto, a dimensão de transitoriedade da juventude mostra que viver não é pensar no futuro, ou seja, é um possível "vir a ser". Eles concebem o futuro como o "aqui e agora", em que os mesmos vivem o presente e tudo aquilo que o mesmo lhe oferece, tais como: o divertimento, o prazer, os encontros, as modificações afectivas, as angustias, as incertezas face à constante luta pela sobrevivência dia após dia, não querendo de forma alguma dizer, que não são considerados de "passivos" aqueles que sonham e que se alimentam dos desejos, e segundo Dayrell (2003, p.86) "...eles os têm mas com uma especificidade, que quase sempre tem como objectivo uma relação na mudança e a possibilidade de uma vida mais confortável...". Segundo Pais

(1996) juventude é analisada como um conjunto social, cuja particularidade é o de ser formado por indivíduos pertencentes a um determinado momento da vida, predominando a procura de elementos mais coexistentes e semelhantes, estes, fazendo parte de uma «cultura juvenil», concreta, ou seja, uma geração determinada pela idade. Então, juventude contém em si características próprias, engendrando o aparecimento de uma cultura menor, expondo-se através de determinados aspectos tais como, indumentárias, ritmos musicais e culturais diversificados, criticando e reagindo contra o que impera. Vermelho (1995, citado por Castro e Abramovey, 2003).

2.5.1.- Culturas juvenis urbanas: a importância do grupo

O jovem é através do grupo que supera algumas frustrações, visto que não lhe é cobrado as escolhas que realiza, existindo uma transmissão de estilos de vida, de sonhos, de existências, facilitando-lhe a criação de pontos de equilíbrio na sua identidade, mesmo que estes, sejam transitórios ou que contenham elementos de referência. (Tavares, 2000). Assim, o grupo é considerado por Tavares (2000) como "...locus de identificação imediaticamente apreensível...", visto que os elementos que o constituem, contém aspectos que os fazem reconhecíveis e identificáveis, tais como: a roupa que vestem, as tatuagens, as cores, os cabelos, os lugares que frequentam, pelos

lugares que frequentam, pelos gostos musicais (p.32). Estes aspectos que os caracterizam, revelam o seu sentir e identifica-os. Então, o grupo é fundamental para o "... impor no meio em que vive ou onde pretende viver... fornece-lhe o apoio de que carece para afrontar quem, sozinho, provavelmente não ousaria questionar... uma relação de dependência mutua entre um e o outro, entre o grupo e cada um dos seus membros, que para o jovem, sobretudo se encontra numa fase de integração junto dos pares, não é recíproca." (Tavares, 2000, p.32). Assim, os adolescentes encontram uma afirmação e uma livre expressão no grupo e segundo Magueta (2004) é dentro do grupo que contêm "... um sentimento de semelhança, igualdade, entre ajuda, força e independência, partilhando a ideia de que não há nada que não possam fazer em grupo" (p.28). Para Tavares (2000), a vivência em grupo não é oferecida, pois muitas vezes, os jovens correm riscos de vida e no seu estudo, a autora refere que, os jovens quando entram no grupo optam por comportamentos vigentes e os quais não os desejariam (consumo de drogas leves, de andar à pancada na rua e de conviver com pessoas que nem escolheram, e de quem não é possível gostar). Por outro lado, o grupo inclui normas, muitas vezes, surgem implícitas, essenciais para conseguirem ultrapassar a decepção do dia-a-dia, visto que o quotidiano não manifesta nada que os identifique. Assim, o grupo para o jovem é uma motivação, é um local de encontro, é um ponto estável, é uma ferramenta de desrespeito, é um fórum de discussão,

é o impulsionador de modificações, um espaço de práticas, um local de disputas, estabelece um papel fundamental no desenvolvimento estético, ético, de cidadania, ao criar-lhe limites às formas de gostar e de sentir, do agir e da ousadia. Segundo Pais (1996) os grupos de amigos constituem redes grupais, os elementos que os formam contêm determinadas identificações, estruturam o seu quotidiano, as actividades que partilham. Assim, os jovens consideram os seus amigos de grupo como o reflexo do seu eu, um caminho através do qual assentam semelhanças e disparidades na ligação com os outros. Face ao exposto, torna-se pertinente questionar quem são actualmente, os grupos juvenis urbanos e o que eles procuram. Então, e segundo Ferreira (2004) os grupos urbanos juvenis são "...expressões que procuram, através de uma atitude considerada não convencional, presente no estilo de vida estabelecer parâmetros de identificação." (p.3). Estes são frequentemente, associados a comportamentos desviantes, "... transpõem os limites dos espaços proscritos para legitimarem-se no campo de uma estética juvenil globalizada, como também possibilitar uma profusão de estilos que actuam no espectáculo urbano, como fundamentos para a compreensão da dinâmica cultural, que implica no uso irrestrito (fachadas de prédios, metro, painéis, etc.) dos espaços das cidades bem como das narrativas de suas experiências nesses espaços." (p.2). Os espaços urbanos são propícios à disputa simbólica e às sociabilidades positivas, que segundo Ferreira (2004) apontam para o

"... rompimento inevitável com os padrões éticos e estéticos dos grupos e das formas culturais consideradas hegemónicas." (p.2), mas é também nas identidades grupais que se adoptam estilos e se compartilham atitudes, estas, significando alegrias, protecção e "... aprendizagem quotidiana de alteridade como um contraponto ao individualismo e ao apartamento social sua existência no tempo / espaço e um aspecto relacional e colectivo, onde prevalece a percepção que os outros reconhecem ao indivíduo, a nível da própria identificação e continuidade." (p.49).

2.5.1.1.- A construção das identidades nos estilos juvenis

A evolução das identidades para Holland e OTRAS (1998) surgem a partir das diferentes experiências e resultantes das actividades executadas pelos indivíduos, localizadas num determinado contexto histórico e formadas culturalmente, criando desta forma, etapas na prática social. Segundo o estudo de TAVARES (2000), alguns dos factores que contribuem para a construção da identidade pessoal e social dos jovens são: o vestuário, a música e o grupo de referência, apesar de não dissociarem das interligações com outros contextos: drogas, rua, noite e forma como visualizam a sociedade. Para SOUZA (2004) identidade é "...um processo de negociação constante cujo desafio é viver tecendo a trama da continuidade."(p.56) e PAIS (1996)

refere que, as redes grupais interligam-se às identidades juvenis, ou seja, as representações que os jovens formam de si mesmos e dos outros e inspiram as ligações entre esses grupos. Delfino (1992) refere que a cultura juvenil implica uma autenticação, mas de forma difícil, que termina no reconhecimento da idade, do consumo e dos passatempos e fundamentalmente, num conjunto de relações sociais, específicas, ou seja, género, posição social, vários espaços: a casa, a escola, o trabalho e todas as áreas de controlo e de segurança. Para este autor, é através destes locais que surgem as tensões e criam-se diversas imagens ou formas de identidade, as quais são atribuídas aos jovens. Então, a cultura juvenil inclui a ideia de recusa, em que os jovens são dinamizadores de críticas sociais, e paralelamente, a juventude pode ser vista como o expoente das reclamações e como elemento figurativo de uma contra cultura vigente e patente nas sociedades industriais. Então, é na juventude que se concretizam atitudes de crise e de afastamentos sociais. (Ferreira, 2004) e Fanfani (2000) refere que, as novas gerações são "...portadoras de culturas diversas, fragmentadas, abertas, flexíveis, moveis, instáveis, etc." (p.8). O segmento juvenil actualmente, experiencia o consumo, construindo desta forma o seu status social, e o facto é o que eles consomem, então, identifica-os e dá-lhes valor no constante jogo das relações sociais Diógenes (1998, citado por Gorczeuski, 2000). Este fenómeno contemporâneo envolve o encadeamento colectivo e individual. Pois, são as suas práticas construídas "... nas redes das

relações e no significado da cultura global.” (Souza, 2004, p.61). Então, punks, darks, rappers, funkeiros, graffiteurs e outros são expressões de grupos urbanos juvenis que desejam “... através de uma atitude estabelecer parâmetros de identificação...”, por meio de diversos instrumentos (músicas, vestimentas, etc.), descrevendo e criando uma atitude crítica face à sociedade, formando então, um determinado “...`«ethos urbano» expresso a partir das diversas formas de expressão da cidade.” (Ferreira, 2004, p.5). A pluralidade dos estilos juvenis não tem como objectivo fornecer e transmitir liberdade, mas sim gerar auto determinação e para Feixa (1999, citado por Magueta, 2004) define estilo como “...manifestação simbólica das culturas juvenis expressa num conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais e imateriais, que os jovens consideram representativos da sua identidade de grupo.” (p.34). O estilo engloba para Pais (1996, pp.100-103) “...sinais exteriores de corpo (vestuário, portes corporais, penteados, maquilhagens), sinais incorporados (diferentes formas de falar, de andar, de comer, etc.), éticas de consumo (mota, aparelhagem de musica, etc.) e também aspectos imateriais (consumo simbólico e da cultura).”

2.5.1.2.- As tribos urbanas

A classificação dos diferentes estilos juvenis enquadram-se numa "... identidade de resistência...", pois constituem comunidades de auto defesa, e as quais, se afastam dos restantes jovens e dos outros indivíduos. Neste sentido, Pais (2003) refere que, surgem novas tribos urbanas identificando-se com o asfalto, ruas, bairros e são "...lugares de agrupamento de sociabilidades." (p.18). É nestas tribos que se manifestam códigos de honra, deveres, obrigações, que "... induzem ao exclusivismo, sendo este último um veículo para a formação de uma matriz identitária visível e reconhecível. O sentimento de pertença reveste-se então da exclusividade própria de uma tribo, tendendo a fechar-se sobre si própria." (Carvalho e Dionísio, 2003, pp. 7-8). As tribos urbanas, para Pais (2004) identificam-se com o bairros, ruas, lugares de ajuntamento de sociabilidades. A ideia de tribo é aplicada às sociedades urbanas, as quais manifestam os problemas do seu tempo e da sua época e respondem "... às alterações do meio no qual surgiram e estão em constante transformação." Inscreve um grande sentimento na relação com o grupo, se manifesta por rituais, cerimónias e símbolos, "... que o indivíduo «normal» não conhece e não domina...", face àqueles que adaptam a sua auto imagem, suas atitudes e comportamentos. Os padrões de conduta englobam a transgressão das normas vigentes

socialmente e pretendem que os seus membros saiam do anonimato e da conformidade social (Costa, 2001, p.142). Esta tribalização existente procura constantemente uma "sensação de preenchimento", ou seja, ela luta pela auto afirmação e pela atenção da própria comunidade. As modificações impostas pelo processo da globalização trouxeram a instabilidade das identidades e da cultura, provocando a "... perda da capacidade de coesão, a ruptura de laços sociais...", como consequência surgiram micro grupos, tribos e desta forma, deram lugar à criação de espaços a comportamentos extremamente expressivos Maffesoli (1987, citado por Araújo, 2004, p.119). Neste sentido, Magnani (1992) diz que a ideia de tribos urbanas "... evoca mais do que explica, diante da heterogeneidade e pluralidade dos grupos sociais nas grandes sociedades" (p.6). Segundo o mesmo autor, a noção de tribos urbanas é o início de uma procura, de forma que estas não permitiriam nomear as realidades, do que de facto elas possuem. Assim, e para Tornero (2000) "... as massas estão em perpetua efervescência, as tribos, que se cristalizam, não são estáveis e as pessoas que as compõem podem transitar de umas para outras." (p.33). As tribos renascem no espaço urbano e através dele, em que o seu predomínio é o consumo, a moda, o espectáculo e a comunicação e em que todos os jovens são cada vez mais marcados pelas imagens e pelos valores oriundos do marketing e da indústria cultural e ao falar-se de tribos urbanas, segundo Pais (2004) é pensar-se essencialmente, em

formas de sociabilidade, em que se regulam por regras auto-localizadas de carácter estético e ético e que baseiam-se na realização de ligações de identidade.

2.6.- As culturas juvenis na escola

Crianças e adolescentes a partir do momento que são reconhecidas como fazendo parte da modernidade e integradas como tal, teriam o direito e o dever de se ligarem às escolas e à escolarização estabelecida, num processo de separação entre "seres adultos" e "seres em formação". Para Magro (2002) a escolarização provocou um modo de divisão entre indivíduos adultos e indivíduos em desenvolvimento. A adolescência torna-se representante do presente, dando ao passado o papel de subjugar os elementos da sua transformação e a educação incorporou-se no ordenamento do mundo moderno, desenvolvendo-se de cima para baixo, das classes dominantes para as classes populares, dos adultos para os adolescentes e para as crianças. Para Tavares (2000), a instituição escolar não conquista os jovens, fazendo com que estes, escolham outras opções mais pertinentes e adequadas a estes. Esta contém e inclui aspectos sociais, económicos e políticos, os quais produzem significados, imagem e representações ambíguas do adolescente e segundo Giroux (1997, citado por Magro, 2002), o adolescente é

colocado à margem do poder político e visionando como um problema social ou então, como ameaça a si próprio e da sociedade, estando relacionados com a violência, com as drogas e com a sexualidade irresponsável, mas também são focos de fascínio e de desejos de adultos, de símbolo de um futuro e de esperanças. Neste sentido, Pais (1996) refere que, o quotidiano dos adolescentes surge "na espuma da aparente rotina de todos os dias", onde se executam projectos existenciais e transformam o seu lugar em realidade social. A escola, hoje em dia, vive a crise das instituições tradicionalmente consagradas, e é vista pelos jovens como desmotivante, constituindo um local de encontro de amigos, existindo a possibilidade de contrariar e provocar em grupo, dentro e fora do espaço de sala de aula e consequentemente, permite um elevado número de repetências e ao lógico afastamento. Esta impõe através de um processo lento, certos modos de conduta, pensamento e relações que lhe são inerentes e que a reproduzem, apesar das mudanças que ocorrem à sua volta. Os elementos que formam a comunidade escolar, vivenciando todas estas controvérsias, evidenciadas pelas práticas escolares, terminam por a ver como um local, onde se despoletam amizades, um encontro de amigos e é considerada como um passar de tempo (Tavares, 2000). O ensino da escola para os jovens, segundo Pais (1996) não é visto "...em termos utilitaristas, como o principal e exclusivo meio para a aquisição de uma posição - há muito conquistada, há muito adquirida..." (p.226). O que se

verifica é que os jovens vão mais à escola, mais por uma questão familiar, do que por uma questão de saber útil, apesar de contactarem a importância do saber numa vida futura. Tento em atenção, que a meta da escola é o futuro, bem como a sua perspectiva de formação: futuros cidadãos, profissionais, líderes, etc. Neste sentido, os jovens seriam segundo Pais (2003) "... seres em transito, sem presente, adultos potenciais em futuro. O seu presente apareceria atrelado ao futuro, porque « andasse na escola para se ser alguém no futuro» ou «para aprender coisas úteis para o futuro»." (p.404). Então, a escola surge como o lugar, da reprodução de diferentes classes, já que o seu modelo é pensado em função e para uma "... cultura legitima e dominante." (Carvalho e Dionísio, 2003, p.6). Actualmente, os jovens manifestam e exprimem-se num contexto de uma desigualdade social, numa sociedade que só lhe oferece interrupções e fracturas. (Pais, 1996). Neste sentido, Tavares (2000) refere que a escola na perspectiva dos jovens, é uma instituição popularizada para ser experienciada de forma mais criativa, nela, insere-se um ambiente de dúvidas ou até de atritos com essa instituição tão regularizada, tão repetitiva, tão evidente a todos. Eles sentem-se abandonados neste mundo tão dividido. O jovem reivindica o seu espaço, onde só é permitido entrar, quem ele reconhece determinados princípios e regras. Assim, é na educação que reside o despertar para a diversificidade de ideias, transmitindo formas e processos para a aceitação e compreensão do outro e a

escola para os adolescentes, segundo Fanfani (2000) é uma edificação, na medida em que a própria adolescência está em modificação, dever-se-á considerar novas perspectivas institucionais, razoavelmente diferenciadas e maleáveis, para dar soluções às variadas situações de vida e às esperanças das novas gerações. Então, as instituições escolares na interacção com o mundo vivido pelos seus usuários abre caminho para as culturas juvenis urbanas, nos seus diferentes estilos, de forma a poderem actuar, a nível da educação não formal num espaço considerado como formal. Relacionando-se desta forma, eles transportam para o seio escolar o debate sobre questões pertinentes face à realidade social e cultural que as culturas juvenis vivem, gerando uma interlocução a nível de uma alternativa de informação e da própria conduta dos alunos, despoletando uma perspectiva mais crítica do mundo que os envolve. Neste sentido, Magro (2002), refere a necessidade de estudos mais críticos sobre o dia a dia destes adolescentes, permitindo uma maior clareza nas suas actividades, permitindo a formação de ser adolescente e que possibilitem a estruturação de uma pedagogia de autonomia, fortificando o aparecimento da cidadania e da equidade. No entanto, a diversidade das culturas existentes actualmente, faz dos adolescentes participantes protagonistas do seu processo educativo, no qual deixam de ser meros actores e agentes de um modelo social e transformam-se em autores de si próprios, ou seja, recuperam a educação através de uma formação de "autores -

cidadãos". Assim, a consciência de outras formas de ser adolescente, presente na educação não formal ou informal das culturas juvenis pode permitir a compreensão da adolescência urbana, no qual o reconhece como sujeito capaz de criar questões relevantes e acções significativas no âmbito social.

O graffiti expressão das culturas juvenis, oriundo de uma necessidade de sociabilidade de jovens de periferias dos grandes centros urbanos, proporciona ao espaço urbano (bairros, ruas, esquinas, escolas) elementos de identificação e formação para adolescentes, que descreve a resistência a uma ideologia dominante e vigente, mercadológica e discriminatória, tornando-se assim, a identidade cultural e os seus símbolos. Para Vieira citado por Magro (2002) a transgressão é compreendida não no sentido de delinquência, mas sim com a facilidade de entrar em conexão com o diferente, tocando em alternativas à monocultura e constituindo a interculturalidade. Graffiti meio de expressão de quotidianos de opressão e de cansaço relativamente à sociedade, à família, ao bairro, à escola, são produto de gueto, são um grito que vem de lá, em que o desenho de espaços reconhece a heterogeneidade interior na educação, na posição social, no género e até nas idades, despoletando estratégias que permitem manusear a democracia.

CAPÍTULO III – Metodologia

Introdução

As escolhas metodológicas abrem este capítulo, de forma a esclarecer os diferentes processos tomados ao longo desta investigação. Como já foi referido no Capítulo I – Introdução, este estudo tem a pretensão de responder às seguintes questões de investigação: Como é que a instituição escolar está a incluir esta arte de rua? As estratégias encontradas pela instituição escolar vão de encontro às características desta arte de rua? Atendendo às suas características, que efeitos perversos poderão advir das estratégias de integração utilizadas pela escola? Como é que a escola reage ao graffiti? Que interacções de colaboração se desenvolvem entre a escola e o Município do Seixal, para a integração social destes jovens? Serão estas iniciativas quer da escola quer do município o início de um processo de legalização desta arte de rua? Neste sentido, expõem-se de seguida a caracterização do contexto do estudo em questão, fazendo referência ao meio envolvente, à escola e à selecção dos sujeitos intervenientes nesta investigação. Na fase seguinte, serão descritos os instrumentos de pesquisa e, numa fase final, apresenta-se os procedimentos metodológicos que estiveram na base da organização e da recolha de dados, efectuada a partir das entrevistas realizadas.

3.1.- Operacionalização da investigação

3.1.1.- Características da investigação qualitativa

O conceito de investigação qualitativa, segundo Bodgan e Biklen é composto por cinco características que formam os estudos. Estes baseiam-se em técnicas de observação participantes e em entrevistas de profundidade:

1-Na investigação qualitativa os dados são recolhidos directamente em ambiente natural, em que o principal instrumento é o investigador. Assim, torna-se fundamental que os investigadores, frequentem os locais de estudo, através de contactos prolongados e directos, tendo a preocupação do seu contexto.

"Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem."
(Bodgan e Biklen; 1994; p.48)

2- Os dados da investigação qualitativa são descritivos, em que os seus resultados devem incluir citações. Estas devem ser elaboradas a partir da base de dados, de forma a aclarar e a fortalecer a apresentação.

"Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. (...) Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos (...) tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma

em que estes foram registados ou transcritos (...) tudo em potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo.” (Bodgan e Biklen; 1994; pp.48-49)

3- O processo interessa mais aos investigadores qualitativos do que aos resultados da investigação. *“A ênfase qualitativa no processo, tem sido particularmente útil na investigação, (...) ao clarificar a profecia auto-realizada” (...)(Bodgan e Biklen; 1994; p.49).* Assim, torna-se fundamental para o investigador num determinado problema de estudo, clarificá-lo, através das diversas expectativas das pessoas e como estas se expressam nas diversas actividades que desenvolvem e nas suas interacções diárias.

4- A análise dos dados tende a ser indutiva pelos investigadores qualitativos. Não existe a preocupação dos investigadores qualitativos, na procurar certezas, de forma a comprovarem as hipóteses pré-estabelecidas. Assim, a análise de dados efectua-se através de um processo de “baixo para cima”.

“ Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise de dados é como um funil: as coisas estão aberto de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo. O investigador qualitativo planeia utilizar parte dos dados para perceber quais são as questões mais importantes. Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efectuar a investigação.” (Bodgan e Biklen; 1994; p.50)

5- O significado é fundamental na abordagem qualitativa. Nestes estudos existe uma perspectiva de compreensão face aos

intervenientes no estudo, através do investigador. Assim, o investigador terá que apresentar os diferentes pontos de vista dos participantes e deve procurar formas de os confirmar.

"(...) a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior (...) Os investigadores (...) estão continuamente a questionar os sujeitos da investigação, com o objectivo de perceber aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem (Phatas, 1973). (...) estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador." (Bogdan e Biklen; 1994; p.51)

3.2. Afiliação teórica do estudo

O presente estudo é uma abordagem qualitativa, segundo Bogdan e Biklen, envolve a obtenção de dados descritivos, resultado de contactos directos, do investigador com a situação estudante, não oferecendo dúvidas que o presente estudo é de natureza qualitativa. O tipo de problemática exposta no presente estudo exige uma descrição de observações detalhadas num determinado contexto, entrevistas semi-estruturadas em grupos de indivíduos e fontes de documentos, bem como a sua interpretação. Assim, a opção pelos procedimentos de natureza descritiva interpretativa deste estudo, prende-se com o facto das exigências do objecto em foco.

3.2.1. Estudo caso

Num estudo qualitativo, segundo Bogdan e Biklen, as questões nunca são muito concretas e numa perspectiva geral o estudo caso pode ser apresentado em forma de funil. Assim, definem três tipos de estudo caso:

1- *Estudos de caso de organizações numa perspectiva histórica.* Estes estudos, reflectem uma determinada organização, requer um período longo e torna-se fundamental descrever o seu desenvolvimento.

2- *Estudos de caso de observação.* Este estudo consiste na observação participante, em que a entrevista representa, a melhor forma de abordagem a nível da recolha de dados, tornando-se necessário que o objecto de estudo seja particular, ou então, um aspecto particular da mesma organização.

(...) o investigador escolherá uma organização, como a escola, e irá concentrar-se num aspecto particular desta. (...) O investigador de observar a organização para escolher quais os locais, grupos ou programas que proporcionam agrupamentos realizáveis. (...) As unidades físicas não são os únicos focos de estudos possíveis. Alguns investigadores, ao abordar numa organização, levam ideias muito precisas acerca do que pretendem estudar (...) Os indivíduos que partilham uma característica particular, mas que não formam grupos, podem ser sujeitos de um estudo qualitativo, mas regra geral, a entrevista representa, neste caso, uma melhor forma de abordagem do que a observação participante.” (Bogdan e Biklen; 1994; p.91-92)

3- *Histórias de vida*. Neste estudo o investigador leva a cabo entrevistas exaustivas com um só indivíduo, tendo como finalidade descodificar a história da pessoa.

"A possibilidade de elaborar um estudo de caso de uma história de vida é determinado sobretudo, pela natureza do sujeito potencial." (Bodgan e Biklen; 1994; p.93)

O presente estudo é um estudo caso de observação, em que o objecto de investigação é uma escola do concelho do Seixal, tendo em atenção um aspecto particular os graffitis representados no seu espaço. Como técnica de investigação, no presente estudo, optei pela metodologia que assenta em dados qualitativos, através de entrevistas semi – estruturadas, fonte que privilegia a recolha de informação. Nas entrevistas procurei conhecer a forma como as culturas juvenis urbanas, estão sendo integradas na escola em estudo, através da arte do graffiti. As questões das entrevistas partiram de um guião flexível, característica da entrevista fenomenológica e composto por questões abertas. Esta abordagem considerei-a não só a mais apropriada aos sujeitos em questão, de forma a que pudessem manifestarem-se livremente, tendo o mínimo de intervenção da minha parte, mas também garantindo uma maior objectividade, no que se refere ao objecto de estudo. Os efeitos que as questões pudessem causar durante a realização das entrevistas da investigação, no que concerne ao discurso dos entrevistados, tive o cuidado sempre que me foi possível, contornar as dificuldades inerentes às intervenções de relançamento do discurso dos mesmos. Por outro lado, diligenciei não interferir nas questões com as minhas próprias concepções acerca do tema em estudo.

3.3.- Caracterização do contexto do estudo

Torna-se relevante a apresentação da descrição do meio envolvente do estudo, no sentido de que se trata de um concelho que, durante as últimas décadas, tem sofrido um elevado crescimento urbano e demográfico. Assim, tem sofrido alterações na sua estrutura, manifestando-se através da sua expansão, na criação de novas áreas urbanas, na composição demográfica, na dimensão e tipologia do parque habitacional e nos diversos sectores de actividade.

A descrição da escola em estudo contextualiza o ambiente que envolve a aprendizagem dos alunos, bem como os projectos que são desenvolvidos no seu seio, garantido pelo Projecto Educativo, o qual transmite unidade de significação na acção educativa escolar pluridimensional, ao Projecto Curricular de Escola, ao Plano de Actividades e ao Regulamento Interno.

3.3.1.- O meio envolvente

O Município do Seixal inscreve-se na Área Metropolitana de Lisboa, revelando uma enorme dinâmica a nível da sua transformação. Numa primeira fase, pertence à cintura industrial de Lisboa. Actualmente, e após a construção da primeira travessia do rio Tejo, cria-se um subúrbio residencial. Com o processo de metropolização fundamentada pela cidade de Lisboa, são desenvolvidas novas realidades e procura-se espaços para serviços e anexos aos principais eixos viários do concelho.

3.3.1.1.- Território e administração

O Município do seixal surge em 1836. Até esta data, as freguesias existentes pertenciam ao concelho de Almada. Nesta época, a população existente era essencialmente rural e as populações, que habitavam junto ao rio, desenvolviam actividades relacionadas com o mesmo. Salienta-se ainda, a indústria da moagem, a qual se desenvolvia em doze moinhos de maré, existentes nas margens da enseada do Seixal e da ribeira de Coina. A revolução industrial do séc. XIX tem reflexos no concelho e localizam-se, como consequência, algumas unidades industriais. Assim, destaca-se o fabrico de lanifícios, o fabrico de produtos químicos, de sabão, de sola, de vidro, moagem e descasque de arroz, seca de bacalhau e, na viragem do século, surge a transformação da cortiça na fábrica da Mundet. A indústria do Seixal mantém-se até à primeira metade do século XX. Diversos melhoramentos foram realizados no concelho como necessidade, incluindo, como exemplo, o ramal ferroviário entre o Seixal – Barreiro, permitindo a ligação entre os dois centros industriais. No final da década de 40 a indústria está fortemente implantada no concelho. É a partir do período da pós-guerra e a influência que provoca no sistema económico, que surge a siderurgia, em 1960 e que induz, por sua vez, ao aparecimento de novas indústrias. Assim, a produção agrícola é abandonada, dando lugar ao emprego da população nestas actividades. A partir da década de sessenta, inicia-se o processo da metropolização e é em direcção a Lisboa, que se processam os grandes movimentos de população, atraídos pela oferta de emprego e pela dinâmica industrial. Então, a cidade acaba por não oferecer condições de habitabilidade à população e torna-se inevitável o crescimento dos subúrbios. Infra-estruturas concluídas em 1966, como a ponte 25 de Abril, auto estrada do Sul, constituíram o ponto fulcral para o aumento da

população do concelho. Então, antigas quintas agrícolas abandonadas deram lugar à construção de fogos junto dos eixos ferroviários, acentuando-se este processo, nas duas décadas seguintes. Na última década, a malha urbana forma-se e dá lugar ao processo de requalificação urbana. Assim, o aumento demográfico e a dinâmica urbana registada no concelho do Seixal conduz à categoria de cidades: o Seixal e a Amora, e à criação da Vila de Corroios. Actualmente, e segundo os últimos censos realizados no concelho no Seixal (1991 e 2001), é o terceiro maior crescimento demográfico em números absolutos, em relação à totalidade dos municípios portugueses e face à Área Metropolitana de Lisboa, revela índices de evolução social, educativa, cultural e económica dos mais elevados do País, afirmando-se o primeiro no desenvolvimento social.

3.3.1.2.- Contexto educativo e cultural

A rede escolar do concelho do Seixal é constituída segundo (dados referentes e realizados pela Câmara Municipal nos últimos anos) pelas seguintes instituições escolares: 84 Pré-escolares; 43 escolas básicas do 1º ciclo; 4 escolas básicas dos 1º e 2º ciclos; 1 escola básica dos 1º, 2º e 3º ciclos, 8 escolas básicas dos 2º e 3º ciclos; 6 escolas secundárias; 1 escola profissional; 1 centro de formação e 1 escola de 2ª oportunidade. De referir que, a maior parte das escolas são públicas. No entanto, o ensino pré - escolar, na sua maioria, é privado. Hoje em dia, a população do ensino escolar tem vindo a aumentar, o que já não acontece no ensino secundário, facto que se prende com a composição etária da população e devido ao abandono escolar, depois da escolaridade obrigatória. Na última década, o concelho tem sofrido alguma melhoria no que se refere ao nível de ensino atingido, embora pouco relevante. De salientar uma forte presença de população sem qualquer grau de escolaridade (11%),

cerca de metade da população não atingiu o 3º ciclo do ensino básico, mas houve uma evolução, no que diz respeito ao ensino secundário (15% a 25%) e ao ensino superior (5% a 12%).

A nível cultural, o concelho inclui um conjunto de equipamentos e agentes culturais. Salientam-se assim, o Fórum do Seixal e as respectivas extensões a Corroios e à Amora, o Ecomuseu com cinco núcleos, duas extensões e o movimento associativo, por meio das Colectividades de Cultura e Recreio. O associativismo cultural é uma componente forte do Concelho, o qual é recreativo e sindical, verificando-se nas diversas colectividades, as quais existem até aos nossos tempos e em outras associações, que se têm formado, tendo como objectivo a integração de populações migratórias. O concelho é caracterizado por um número considerável de imóveis com valor patrimonial, destacando-se a Olaria Romana de Corroios, um conjunto inventariado de interesse Municipal e os Núcleos Urbanos Antigos (Amora, Arrentela, Aldeia de Paio Pires e Seixal). Desta forma os núcleos urbanos deste concelho constituem as memórias vivas de outros tempos e torna-se fundamental conhecê-lo, preservá-lo e integrá-lo nos tempos actuais. De referir ainda, a existência do Ecomuseu, o qual se prende com os modelos de referência museológica existentes no concelho e anteriormente referidos.

3.3.2.- A escola

A escola em estudo, tem a sua génese como delegação do Liceu do Pragal, em instalações provisórias, adquirindo a sua autonomia em Dezembro de 1974. A sua construção, excepto o Bloco F, foi adjudicada em 25 de Abril e o seu objectivo, naquela época, era a formação profissional, nas áreas de Biologia e Química, servindo desta forma, de apoio às indústrias existentes na região. As actuais instalações foram inauguradas em Abril de 1980.

3.3.2.1.- Estrutura organizativa

A organização da escola está de acordo com o Regime da Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos de Educação Pré - Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário, segundo os aspectos do Regulamento Interno. Assim, fazem parte dos órgãos da administração e da gestão da escola: a Assembleia, responsável pela definição de linhas orientadoras das actividades da escola, formada por 20 representantes; o Conselho Executivo, administrando e gerindo as áreas pedagógicas, culturais, administrativas e financeiras, constituída por um presidente, dois vice-presidentes, três assessores técnico-pedagógicos, dois para o ensino diurno e um para o ensino nocturno; o Conselho Pedagógico é o órgão de coordenação e orientação educativa da escola, formado por 20 elementos; o Conselho Administrativo, tem a função de deliberar em matérias administrativo - financeiras da escola, inclui o Presidente do Conselho Executivo, o chefe dos serviços de Administração Escolar e um dos Vice-Presidentes.

3.3.2.2.- Estruturas de orientação educativa eficaz

Estas estruturas coordenam-se com o conselho pedagógico e com o conselho executivo, com o objectivo de assegurar o acompanhamento seguro do percurso dos alunos, promovendo a qualidade educativa. Assim, a escola inclui para este fim, o Departamento curricular, encontrando-se representadas os agrupamentos de disciplinas e áreas disciplinares (11 Departamentos com os seus respectivos coordenadores); o Conselho de Turma tem a função de organizar, acompanhar e avaliar a turma e contém um Director de Turma; o

Conselho de Directores de Turma, estrutura a coordenação pedagógica e a articulação das turmas, engloba um para o 3º ciclo do ensino básico regular e outro para o ensino secundário regular; o Conselho de coordenadores pedagógicos, tem a finalidade de estruturar a coordenação pedagógica e a articulação das actividades das turmas, existindo um único para o ensino básico recorrente e para o ensino secundário recorrente; o Coordenador de Projectos de Desenvolvimento educativo tem a responsabilidade de coordenar todo o trabalho desenvolvido na escola, no âmbito dos projectos de desenvolvimento educativo sendo esta assumida pelo centro de recursos educativos, na figura do seu director. Salienta-se os serviços de apoio educativo, promovendo a existência de condições que certificam a integração escolar dos alunos. Assim, destacam-se os serviços de Psicologia e Orientação, o núcleo de apoio educativo, serviços organizados pela escola, no que se refere, à acção social escolar, organização de salas de estudo, de actividades de enriquecimento escolar, apoio pedagógico acrescido e o centro de recursos educativos. De referir que, na escola em causa, não existe a Associação de Pais e de Encarregados de Educação devido ao facto da participação de alunos e pais ser muito diminuta. O delegado e subdelegado de turma são geralmente eleitos pela turma, não havendo o hábito do delegado de turma participar das reuniões do Conselho de Turma. A assembleia de delegados (incluída no Regulamento Interno da escola) não tem reunido, o que não possibilita a eleição de um representante para a mesma. Destaca-se ainda a assembleia de alunos, que funciona como assembleia de turma.

3.3.2.3.- Caracterização da população escolar

A escola em análise apresenta, segundo dados do ano lectivo de 2004/2005, a seguinte população escolar: o ensino diurno básico, secundário e de educação / formação 1221 alunos; o ensino nocturno básico e secundário apresenta 1535 alunos; a escola contém 203 Professores e 52 Funcionários. Esta escola caracteriza-se por um número significativo de população oriunda de outros países. Assim, estavam matriculados no ano lectivo de 2004/05 no 3º ciclo do ensino básico, 49 alunos. No ensino secundário e distribuídos pelos diversos agrupamentos, 47 alunos. No ensino recorrente básico, 45 alunos oriundos de outros países. No ensino recorrente – curso Geral e de Cursos Técnicos, matricularam-se 81 alunos provenientes de outras nacionalidades.

3.3.2.4.- Recursos Humanos e Físicos / Tecnológicos

O estudo realizado no ano lectivo 2004/05 revelou que a presente escola oferece como recursos humanos: 52 indivíduos integram o pessoal não docente, distribuídos entre Gestão e Administração e Manutenção e serviço; 241, reportam-se ao pessoal docente e distribuem-se pelos Professores do terceiro ciclo do Ensino Básico com actividades lectivas, Professores do terceiro ciclo do Ensino Básico não lectivos, Professores do Ensino Secundário com componentes lectivas e Professores do Ensino Secundário não lectivos.

O espaço físico desta escola é composto por 5 pavilhões, onde são ministradas aulas teóricas/práticas, 1 pavilhão desportivo e um pavilhão onde estão localizados os serviços administrativos, bem como outros espaços de apoio à escola. Assim, no seu conjunto

existem 33 salas de aula, 4 laboratórios de informática, 13 salas específicas e 1 centro de Recursos Humanos.

3.3.2.5.- Actividades curriculares

O Projecto Educativo da escola em estudo adopta, como pressupostos de actividade, os seguintes pontos: 1) "A educação para todos, ao longo da vida", ou seja, um direito político, nacional, universal, imperativo ético e moral, direccionado a toda a humanidade; 2) "A contextualização do currículo nacional", visa dar prioridade à necessidade de transformar a escola num espaço receptivo, proporcionando educação e formação para todos os indivíduos; 3) "A autonomia escolar", em que a aquisição de saberes passa pela preocupação de preparar o aluno para a vida, por si próprio, de forma autónoma e crítica, colocando-o face a novas realidades, compreendendo assim as suas oportunidades de forma reflexiva. Estes pressupostos só são possíveis com o empenho de todos os intervenientes da comunidade escolar, implicando uma dinâmica participativa e integradora. O Projecto Educativo aponta ainda aspectos para melhoramento da cultura de escola: 1) Desenvolver uma cultura de objectividade. Aqui, pretende afirmar-se como uma comunidade de indivíduos que agem, interagem, aprendem e se desenvolvem através do conhecimento, da aprendizagem e desenvolvimento. Para isto, torna-se necessário um entendimento comum e partilhado por todos, no que concerne à acção educativa; 2) Desenvolver uma cultura de cooperação, inclui dois factores, a direcção da autonomia escolar regido pelo Projecto Educativo e a natureza transversal e pluridimensional do currículo; 3) Desenvolver uma cultura de currículo; 4) Centrar o currículo lectivo no processo ensino - aprendizagem, em que o professor toma decisões interactivas adequadas ao aprendente, de forma a contribuir para a

sua formação; 5) Promover a cultura de mérito, através da valorização da autonomia e da responsabilização do desempenho, em que a comunidade escolar deve enaltecer e autenticar o desempenho de todos aqueles, que anualmente, se distingam como exemplo na vida escolar; 6) Desenvolver uma cultura reflexiva de escola, centra-se nos processos e não somente nos resultados e forma-se a partir da consciência profissional. De referir que, as áreas de acção que este Projecto educativo focaliza são: 1) Área Pedagógica, referente à conceptualização, avaliação do currículo e gestão, direccionada para a aprendizagem, evolução e formação pessoal e social do aluno; 2) Área organizacional, a qual diz respeito à gestão estratégica dos recursos profissionais e físicos, valorizando a oferta educativa da escola; 3) Área Comunitária, no sentido de dinamizar a comunidade intercultural existente no seio escolar e na interacção com o meio que a envolve, entendendo-se por relação escola – meio.

3.4 – Contactos e selecção dos alunos visionados no estudo

A convivência diária com os alunos no papel de professora e de investigadora, bem como a facilidade de comunicar com os jovens no espaço escolar, proporcionou e abriu o caminho para a realização e selecção de alguns colaboradores nesta investigação. A partir desta detecção, formou-se o quadro do que se queria compreender e, neste sentido, foram seleccionados alguns elementos pertencentes a culturas juvenis urbanas, os quais desenvolviam a arte do graffiti e pertenciam a esta escola. Assim, foram apurados dois alunos do 11º ano (Agrupamento de Artes), aos quais leccionava a disciplina de História de Arte e um aluno do Curso Profissional na Área de Empregado Comercial, desta escola. Com estes alunos foi estabelecido um primeiro contacto informal, de forma a solicitar-lhes a sua colaboração nesta investigação, através de uma entrevista

individual, explicando com brevidade o objectivo da mesma. Após o primeiro contacto, os alunos acederam participar neste estudo e as entrevistas foram realizadas segundo a disponibilidade dos mesmos. A escolha deste grupo de alunos teve por base a sua actividade no campo do graffiti e, por outro lado, o desejo de compreensão e aproximação deste tipo de jovens presentes na escola os quais por vezes, são rotulados de diferentes. A fiabilidade desta investigação torna-se credível, no sentido em que os alunos podem fazer as suas próprias escolhas, proporciona-se-lhes um novo desafio e num local que lhes é familiar.

3.5.- Contacto e selecção do antigo aluno, graffiter profissional

A partir da detecção dos alunos da escola e após o contacto informal com os mesmos, fui informada que era possível contactar com um graffiter profissional, o qual desenvolvia a sua actividade no graffiti e a representava no concelho do Seixal. Assim, um dos alunos seleccionados prontificou-se no contacto com o mesmo, promovendo a sua colaboração na investigação, bem como na marcação da entrevista. Posteriormente, fui informada pelo aluno, da aceitação e da data agendada para a realização da entrevista com o graffiter.

3.5.1. O instrumento criado para os alunos e para o graffiter

Os jovens entrevistados têm idades compreendidas entre os 17 e os 21 anos de idade. As entrevistas são semi-estruturadas, abertas, longas e foram realizadas individualmente. Os nomes dos entrevistados são substituídos por nomes fictícios, uma vez que foi um desejo demonstrado pelos inquiridos. As entrevistas possibilitaram construir uma matriz exploratória dos jovens

entrevistados, de modo a fornecer pistas na obtenção de um esclarecimento ao problema em estudo (Apêndice A). Foram delineadas as seguintes questões incluídas no guião da entrevista:

- 1.- Não te conheço muito bem, poder-me-ias falar um pouco de ti?
- 2.- Explica-me o teu percurso de vida, a nível da tua família, do meio onde vives e da escola que frequentas?
- 3.- Durante o teu processo de evolução participaste e / ou observaste algum episódio que me gostarias de salientar pela negativa e /ou pela positiva e o que é que aprendeste com este?
- 4.- Caracteriza-me um graffiter?
- 5.- Como é que surge o graffiti na tua vida e descreve-me a tua experiência nesta actividade?
- 6.- Consideras que os teus graffitis são influenciados pelo teu bairro, pela escola que frequentaste e pela tua família e de que forma é que estes se manifestam?
- 7.- Houve algum episódio de graffitis na tua vida e, que me gostarias de falar e o que é que aprendeste com ele?
- 8.- Consideras que na representação do graffiti está inerente uma mensagem? O que ela representa e o que quer transmitir e a quem se dirige?
- 9.- Nos trabalhos que realizas em graffiti que tipo de inspiração procuras e o que é que tentas transmitir?
- 10.- O que pensas da sociedade não ver com bons olhos o graffiti? Consideras que esta deveria integrar o graffiti e de que forma?
- 11.- Qual é a opinião da tua família e dos teus amigos de seres graffiter?
- 12.- Consideras que existe uma enorme adesão de jovens ao graffiti ou é pertença de alguns grupos étnicos?
- 13.- Consideras que existe uma boa relação entre os graffitis e as outras manifestações de jovens e como é que caracterizas estes grupos de jovens?

14.- Ser-se graffiter é ser-se diferente dos outros jovens, qual é a tua opinião?

15.- Para além desta actividade também exerces outras actividades e quais?

16.- Como é que caracterizas a escola que frequentaste?

17.- O graffiti manifesta-se por diversas vezes fora e dentro da escola. O que pensas destas diferentes manifestações e porquê?

18.- Consideras que a escola está a integrar o graffiti pela representação de alguns trabalhos? Porquê?

19.- Na tua opinião os espaços abertos pela escola à representação do graffiti são suficientes para a compreensão desta? Porquê?

20.- Para ti, quais são os aspectos positivos e negativos face às estratégias encontradas pela escola, no que diz respeito à representação de graffiti nos seus espaços?

3.6.- Contactos com o Presidente e antigo Presidente do C. Executivo da escola

No seguimento de várias conversas sobre o problema da investigação no espaço escolar, proporcionou-se de modo natural, um contacto informal com os sujeitos em causa. Após estas conversas, foram efectuadas diligências, no sentido de pedir a sua colaboração para a realização de entrevistas individuais, de acordo com a sua disponibilidade. Salienta-se que a entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola sofreu alguns contratempos na realização da mesma, atendendo ao cargo que desempenha, assim como à sua agenda.

3.6.1.- O instrumento criado para o Presidente e antigo Presidente do C. Executivo da escola

Para a elaboração do guião desta entrevista seguiram-se os mesmos procedimentos. Por desejo expresso pelos inquiridos, estes serão referenciados por Presidente e por antigo – Presidente (Apêndices B e C). Seguem-se as questões constantes do guião:

Entrevista do presidente do C. Executivo

- 1.- Na sua opinião, qual é a pertinência do conceito culturas juvenis para análise de práticas e representação de grupos de jovens?
- 2.- Considera que as culturas juvenis nas suas diferentes manifestações são incluídas ou excluídas socialmente? Porquê?
- 3.- A experiência juvenil hoje é marcada pela diversidade, o que pensa sobre esta?
- 4.- Considera que pode existir alguma relação entre a educação e o graffiti? No caso afirmativo de que forma é que se pode desenvolver este processo?
- 5.- Como é que caracteriza esta escola a nível das culturas juvenis existentes?
- 6.- Na sua opinião como é que se vem manifestando a sociabilidade juvenil face a um contexto escolar globalizante e multicultural?
- 7.- Considera que se está criando um novo tipo de cultura a partir das diferentes manifestações juvenis? Poderia-me referir a sua opinião face a esta?

8.- As iniciativas tomadas no presente ano lectivo no âmbito da arte do graffiti foram solicitadas pelos alunos da escola ou foram no âmbito de algum projecto escolar e como se desenvolveu este processo?

9.- Existe algum objectivo da escola em permitir a abertura a este tipo de iniciativas?

10.- Na sua opinião, esta iniciativa constitui uma forma de integração das culturas juvenis no espaço escolar e no meio?

11.- Que estratégias foram visionadas e tidas em atenção para a permissão da representação de graffiti no espaço escolar?

12.- A escola ao permitir a realização de graffiti no seu espaço, teve em atenção as suas características?

13.- Em anos anteriores foram realizados alguns projectos no âmbito do graffiti. Considera que houve a tentativa de legalização ao permitir a representação destes e porquê?

Entrevista do Antigo – Presidente do C. Executivo

1.- Na sua opinião, qual é a pertinência do conceito culturas juvenis para análise de práticas e representação de grupos de jovens?

2.- Considera que as culturas juvenis nas suas diferentes manifestações são incluídas ou excluídas socialmente? Porquê?

3.- A experiência juvenil hoje é marcada pela diversidade, o que pensa sobre esta?

4.- Considera que pode existir alguma relação entre a educação e os movimentos de rua, como o graffiti? No caso afirmativo de que forma é que se pode desenvolver este processo?

- 5.- Como é que define esta escola a nível das culturas juvenis existentes?
- 6.- Na sua opinião como é que se vem manifestando a sociabilidade juvenil face a um contexto escolar globalizante e multicultural?
- 7.- Considera que se está criando um novo tipo de cultura a partir das diferentes manifestações juvenis? Poderia-me referir a sua opinião face a esta?
- 8.- As iniciativas desenvolvidas durante os seus mandatos no âmbito da arte do graffiti foram solicitadas pelos alunos da escola ou foram no âmbito de algum projecto escolar e como se desenvolveu este processo?
- 9.- Em alguns dos projectos foi solicitada a intervenção do Município do Seixal? No caso afirmativo, como é que esta reagiu aos pedidos de intervenção e participação?
- 10.- Na sua opinião, estas iniciativas constituíram uma forma de integração das culturas juvenis no espaço escolar e no meio?
- 11.- Que estratégias foram visionadas e tidas em atenção para a permissão da representação do graffiti no espaço escolar?
- 12.- A escola ao permitir a realização de graffitis no seu espaço, teve em atenção as suas características?
- 13.- Considera que a realização de graffitis no espaço escolar é uma tentativa de legalizar este tipo de arte e porquê?

3.7.- Contactos com a autarquia

Com o objectivo de me inteirar sobre a existência de um departamento e do seu responsável pela realização de projectos no âmbito da investigação, encetei várias conversas informais com diversos sujeitos. Destes contactos surgiram variadas informações, as quais, forneceram elementos de ligação com a autarquia. Estes permitiram solicitar via *email* uma entrevista com o Departamento da Juventude, responsável por projectos desta índole. O Departamento da Juventude acedeu colaborar, respondendo da mesma forma e agendando para uma data próxima a entrevista. Tal não se mostrou possível por parte do Departamento, sendo necessário marcar uma nova data para a concretização da mesma.

3.7.1.- O instrumento criado para a autarquia

Nas entrevistas aos dois representantes do Departamento da Juventude da Autarquia, não são referidos nomes, mas, surgem as palavras: Autarquia, Departamento da Juventude e Câmara do Seixal (Apêndice D). Aqui se apresentam as questões que lhes foram dirigidas:

- 1.- Como caracteriza as culturas juvenis?
- 2.- Considera que actualmente assiste-se a uma crise de identidade na adolescência? Em caso afirmativo justifique-me a sua opinião?
- 3.- "A experiência juvenil hoje em dia é marcada pela diversidade". Qual é a sua opinião?

- 4.- Que tipo de cultura na sua opinião se está criando a partir das diferentes manifestações juvenis?
- 5.- Qual é a pertinência do conceito culturas juvenis para análise de práticas e representações destes grupos de jovens?
- 6.- Actualmente, considera que as culturas juvenis são incluídas ou excluídas socialmente?
- 7.- Na sua opinião o movimento do graffiti é pertença exclusiva de alguns grupos étnicos e porquê? Qual é a sua opinião?
- 8.- O graffiti na sua opinião demonstra identidades de grupos ou tribos ou de uma cidade / comunidade e porquê?
- 9.- Que relação pode existir entre educação e os movimentos de rua actuais?
- 10.- A C. M. tem colaborado em projectos de graffiti no meio e nas escolas do conselho? Qual é o objectivo da sua intervenção?
- 11.- Que estratégias são desenvolvidas por parte do Município do Seixal para intervenção e participação em projectos solicitados pelas escolas, com o fim de realizarem projectos de graffiti nos seus espaços?
- 12.- Na sua opinião, qual é importância da representação do graffiti em espaços do conselho?
- 13.- A participação do Município em projectos de graffiti tem em atenção as características desta arte de rua a quando da sua realização?
- 14.- O que pensa da integração do graffiti no meio e na escola?
- 15.- Qual é a sua opinião sobre a legalização desta arte de rua?

3.8.-Procedimentos metodológicos

Após a realização das entrevistas, deu-se início à transcrição das mesmas. Teve-se em atenção os seus objectivos, não foi eliminada a linguagem dos sujeitos, respeitando inclusive as pausas e o modo como falam, por meio de pontuação.

Os dados fornecidos pelas entrevistas foram alvo de tratamento. Primeiramente, desenvolveu-se uma lista preliminar de categorias de codificação com base na interpretação das respostas dos inquiridos. Estas foram determinadas a partir da análise global das entrevistas dos diferentes grupos, alvo de investigação. As categorias de codificação estabelecem unidades de dado, ou seja, parte de transcrições, que reflectem um tópico particular, representado pela categoria de codificação, dentro dum determinado discurso. Este produzido por grupos e pelos entrevistados, referindo dentro deles diferentes posições. Assim, as categorias foram codificadas por temas, que por diversas vezes são apresentadas de diferentes formas pelos inquiridos. Posteriormente, sentiu-se a necessidade de subdividir as referidas categorias em subcategorias, as quais por vezes, não contêm os mesmos itens de análise. Após esta subdivisão e classificação, procedeu-se à fundamentação teórica de trechos retirados das entrevistas, através de conceitos adequados (como se pode verificar através do apêndices M, N, O, P, Q, R e S. – Análise de Conteúdo). A leitura final e global de todos os dados foi uma fase de fecho, que permitiu a interpretação e análise dos resultados.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Introdução

Neste capítulo apresentam-se os dados da investigação, nomeadamente, a análise das respostas dos diferentes alunos graffiteurs, do graffiter do concelho, do actual Presidente e antigo Presidente do C. Executivo da escola em questão, e autarquia, às entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas realizadas são o instrumento central da investigação, na medida em que reflectem conteúdos mais pertinentes para os objectivos deste trabalho. Seguem-se os memorandos, que surgiram durante a investigação no campo, os quais permitem uma ligação à análise de conteúdo dos dados, dado o seu teor interpretativo.

Subsequentemente, a análise dos dados tenta expor de que forma a representação do graffiti é integrada pela instituição escolar e que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas.

4.1.- Análise de dados da entrevista do Presidente do C. Executivo da Escola em estudo

O actual Presidente da escola, define graffiti como uma forma de arte. É através do espaço urbano, que se transmitem sentimentos e estados do indivíduo, perante o que o rodeia, são maneiras de fazer cultura. O graffiti, para as culturas juvenis não é mais de que uma forma de estar na sociedade e de a ver, tem como objectivo, nem que seja, uma forma de responsabilizar os adultos, é uma afirmação da juventude, uma chamada de atenção e um fenómeno global.

"...toda esta actividade de graffiti. É um espaço de cultura, à quem lhe chame arte também, poderá ser visto, mas acima de tudo é um espaço como eu o entendo, como um sentimento de forma de estar na vida." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).

O graffiti, segundo a opinião do entrevistado, surge nos anos sessenta e tinha como objectivo principal despertar o mundo, através de atitudes fora das regras sociais vigentes. Hoje em dia, estas atitudes evoluíram para formas de expressão e na tentativa de transmitir, principalmente, o que a juventude pensa e sente, acerca de tudo o que os rodeia e envolve. Considera ainda, que as culturas juvenis urbanas se manifestam através de formas organizadas e controladas, de modo a chamar a atenção, para o que mais os incomoda na sociedade actual. Manifesta a necessidade de resolução, face à existência de conflitos entre os graffitiers, muitas vezes, resultado de disputas de espaços, pois, eles sentem-se proprietários dos mesmos.

"...é a tal manifestação, é uma expressão, que reflecte o sentimento e a postura perante a sociedade, perante a vida e pretendem que, as pessoas mais adultas, quem tenham a responsabilidade ... no meio... reparem neles. É uma forma de auto afirmação e ... por isso tem que ser visto num todo, não num ... em indivíduos de de uma forma singular... Essa manifestação, essa rebeldia ... na celebre década de sessenta foi despertar para o mundo, tantas manifestações ... a geração dos 40 e 50 anos ... com outras formas, mas que nos chegou essa forma de expressar, o sentimento próprio que a idade tem. Portanto, é legítimo que assim o façam mas mais uma vez tem que ser dentro de um conceito organizado ... num processo controlado, não pode ser assim porque se não fica, criamos um aspecto desagradável ... no meio que nos rodeia ... por vezes à conflitos entre os graffitiers ... porque não se entendem porque uns querem manifestar de uma forma e aquele espaço era deles e eles intitulam-se donos do espaço, o que leva a conflitos e é de evitar tudo isso." ." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).

O entrevistado revelou que, a escola realizou um concurso de graffiti, aberto a toda a comunidade escolar, em que a adesão por parte dos alunos foi considerável, tendo englobado a faixa etária dos alunos que a frequentam (alunos do 7º ano até ao 12º ano de escolaridade). O projecto enquadrou-se perfeitamente no projecto educativo da escola. Este projecto visa toda a comunidade escolar,

mas para tal, é necessário que a mesma, adquira determinadas competências no seio escolar. A selecção do melhor trabalho foi apurado por um júri e teve em atenção os seguintes aspectos: organização, conter regras e ser respeitado. O produto final, bem como a sua aplicação, ainda não foi realizada e apresentada a toda a comunidade escolar por motivos financeiros. O trabalho insere-se nos objectivos do projecto educativo, caso seja realizado, o Presidente considera que a sociedade vai agradecer, devido ao facto de respeitar determinadas regras, conceitos e competências.

"O concurso de graffitiis, houve uma adesão considerável... foi escolhido por um júri o melhor trabalho, a fim de numa fase posterior o divulgarmos à escola, à comunidade, essa fase ainda não foi conseguida por dificuldades financeiras... Mas vamos ver se procuramos... fazer a breve tempo com o apoio de outras entidades ligadas à escola. "

"...enquadra-se perfeitamente, no nosso nível etário, dos nossos alunos, tem que ser, é organizado, respeitado, com determinadas regras ...válido para sempre."

"O projecto da escola terá que ser um projecto abrangente, quer para o seu interior, quer para toda a comunidade envolvente e se os nossos alunos, se a nossa comunidade adquirir determinadas competências ... dentro do espaço escola, naturalmente que, a sociedade agradece e eles respeitaram essas regras adquiridas aqui, esses conceitos adquiridos aqui, essas competências..."

"...o projecto educativo enquadra-se perfeitamente..." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).

O Presidente do C. Executivo revelou que os C. Executivos anteriores, tinham realizado projectos de graffiti na escola (Fotografia 1). Os projectos realizados em outros anos, estão ainda bem conservados. Esta forma de preservação é uma forma de reconhecimento da comunidade escolar e caracteriza o meio onde a escola está inserida. Os painéis de graffiti presentes no espaço escolar reflectem as diferentes culturas e raças que frequentam esta escola, os seus sentimentos, a sua forma de pensar e estar na vida. Manifestando ainda, uma vontade de incentivar, apoiar e colaborar nestes tipos de

projectos, de modo a não impedir uma vontade inerente e própria da adolescência.

"Em anos anteriores os C. Directivos da escola... ora... criaram um espaço... onde era possível haver essa manifestação ... esse espaço, foi aceite por toda a comunidade e passado alguns anos ainda o vemos sem ser banalizado, o que é uma forma de reconhecimento por parte de toda a comunidade."

"Reflecte ali a sociedade, quer a sociedade local onde estamos... um espaço multiracial, nesses graffitis também está representado isso, aparece o espaço escola, portanto é... um painel onde e se analisarmos atentamente, onde... reflecte muito do sentimento da adolescência desta escola." (importância da sociedade)

"É uma forma de que, os alunos que têm dificuldade de passar à escrita preferem-no fazer por meio artístico ... para uma parede, é tão válida quanto as outras, temos que a aceitar e acima de tudo apoiar, não podemos cortar a vontade..." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).



Fotografia 1: - Painel realizado no interior do pavilhão C da escola, 6/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

O actual Presidente, descreve a escola como um local onde os jovens adquirem determinados valores, conceitos e conteúdos, os quais, serão importantes, para a sua inserção na sociedade. Assim, compete aos responsáveis pela instituição escolar, o validar projectos desenvolvidos pela população escolar, de forma a acompanhá-los, incentiva-los e implementá-los, de modo a construir regras no jovem.

"...a escola é um espaço de formação, um espaço de educação e sempre que, a comunidade educativa tenta desenvolver qualquer projecto, cabe aos órgãos de gestão, validar esses projectos, que façam sentido naturalmente, acompanhando-os, incentivando-os, na implementação desses projectos, mas acima de tudo criando regras, espaços próprios, organizando e foi isso que pensamos fazer..." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).

O Presidente do C. Executivo desta escola encontra-se a exercer esta função há dois anos. Revelou que tem tido em atenção os pedidos solicitados pelos alunos, visto que qualquer cidadão tem o direito de se expressar e manifestar, de forma a desenvolver nele, determinadas competências e objectivos.

"Nestes dois últimos anos, nós estamos à frente da escola, houve o cuidado de ... que ir ao encontro do pedido dos nossos alunos"
"...manifestarem-se qualquer cidadão, é um direito que lhes assiste e neste sentido, as escolas devem procurar... esse meio como um intuito do que os alunos possam desenvolver." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).

A escola em foco, ainda não apresenta qualquer aspecto negativo face à representação do graffiti no seu espaço escolar e em relação à própria sociedade. A mesma tem o cuidado de procurar os seus alunos para determinados fins e objectivos e o graffiti, para os alunos, representa a sua vivência quotidiana. O Presidente salienta ainda, que manifestações de graffiti marginal não se expressam actualmente, no espaço escolar, pois, consideraria extremamente negativo tal situação, pelo facto de o classificar de agressivo e sem conteúdo.

"...neste momento ... não temos reflexo na escola ... dessa realidade, não temos... Graffiti em si não existem, assim de uma forma declarada."

"O aspecto positivo foi aquilo que eu disse anteriormente ... uma manifestação de ... de sentimento, de forma de estar perante a sociedade, perante o meio que o envolve, perante a família ... perante a vivência quotidiana que os alunos têm."

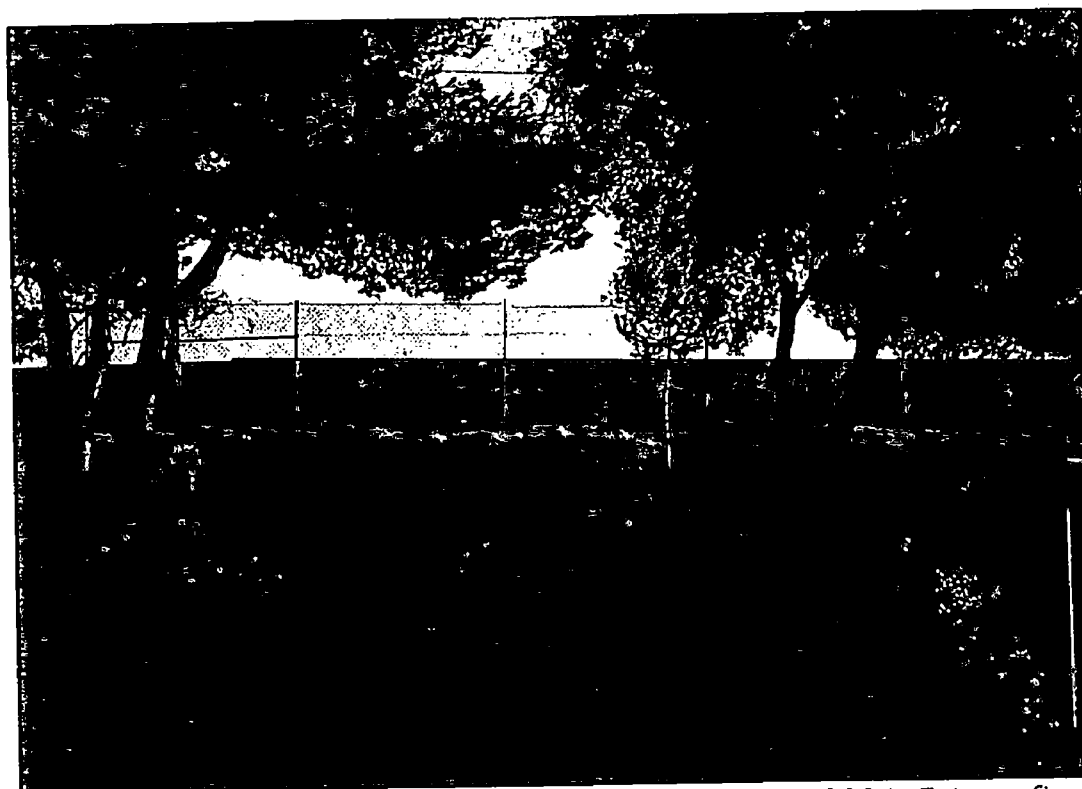
"Será negativo se for de uma forma anárquica, agressiva e sem contexto. Nós aqui, na escola, por enquanto, não estamos perante estes aspectos negativos para a sociedade, procuramos os alunos para determinados fins." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).

O graffiti manifesta-se no muro exterior à escola e no meio que a envolve, o que o presidente do C. Executivo considera desagradável de se ver, não o classificando de graffiti, mas como um conjunto de letras escritas, mensagens que no seu parecer, não fazem qualquer fundamento, é anárquico e revela comportamentos de rebeldia por parte dos jovens que os realizam (Fotografias 2 e 3).

"Nós aqui na escola temos uma vedação, o único espaço que há tem uma parede exterior, aqui... virada à escola, é o nosso posto de transformação e é muito desagradável à vista, aquilo que se passa o que está lá, aquilo não é um graffiti, aquilo que estão lá... são letras escritas, mensagens, eu não entendo aquilo como um graffiti. No espaço envolvente, aqui é o cemitério, não é! Também parece um misto... entendo eu, que esta forma de representação anárquica é muito desagradável a todos os níveis, não tem qualquer intuito, só sendo um intuito de rebeldia da própria, da própria juventude." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).



Fotografia 2: - Graffitis marginais no espaço exterior da escola, 6-12-2004. Fotografia de Anabela Gonçalves



Fotografia 3: - Pormenor do muro do cemitério, 6-12-2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

A mensagem que os graffiteurs tentam transmitir, segundo o entrevistado, reflecte o processo que se vive hoje em dia, a adolescência, o ser jovem. Neste sentido, existe a tentativa de revelar-se através do graffiti, aspectos que discorda da sociedade, contestando-a e criticando-a, e segundo o Presidente, a sociedade não lhe fornece outras alternativas de expressão, de modo a estes desenvolverem as suas capacidades, a sua criatividade e podendo ser considerada como uma forma de arte. Assim, o graffiti repulsa e contesta a sociedade actual.

"É uma forma de manifestarem algo, é a ... uma critica que fazem à sociedade que estão inseridos ... próprio dos adolescentes num processo de maturação, penso que se tem na vida e que a sociedade tem por si só não lhes permite outra forma de se manifestarem, sem ser por esta via. Entendem eles, dando prazer e gosto às suas próprias capacidades, inatas, que têm para desenvolver ... chamam-lhe arte, que por um lado, pode ser essa a perspectiva, depende daquilo que manifestarem ... entendido como tal. Por outro lado não ... é mais uma manifestação de ... repulsa, de... desagrado à actual sociedade." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).

O Presidente afirma que a autarquia tem exercido algumas estratégias, face à representação de graffiti marginal, através da promoção de concursos nacionais. Salaria ainda, que a autarquia deveria criar espaços destinados exclusivamente à representação de graffiti, não esquecendo a aplicação de determinadas temáticas, a nível do seu contexto. Assim, seria uma forma de preservação e conservação de muros ou paredes existentes no concelho. Refere ainda, que estas estratégias não seriam fáceis de aplicar, devido à legislação existente e ao carácter ilegal, que caracteriza o graffiti. Por outro lado, acredita, que a sociedade e a adolescência respeitariam e aceitariam estas soluções.

"Parece que a autarquia e aqui no Seixal, verdade seja dita, têm dado alguns passos com concursos nacionais, há uma forma de espaços próprios ... dos adolescentes se manifestarem, mas que deveria ser generalizado ... é complicado, é complicado porque a lei também não está muito ... é um assunto delicado, para que haja um controle ... da própria sociedade local..."

"...a autarquia deveria criar, como eu disse, zonas reservadas para este fim e se calhar com temáticas ... porque é ... se calhar era muito interessante, porque a nível de conservação dos próprios muros por exemplo, não eram degradados quanto isso, a experiência diz-me que ... a sociedade e os miúdos, a juventude respeita esse espaço, respeita. Por isso, era um assunto que a autarquia deveria, a junta de freguesia deveria levar isso em conta." (Entrevista realizada ao Presidente do C. Executivo da escola).

4.2.- Análise de dados da entrevista do Antigo – Presidente do C. Executivo da escola em estudo:

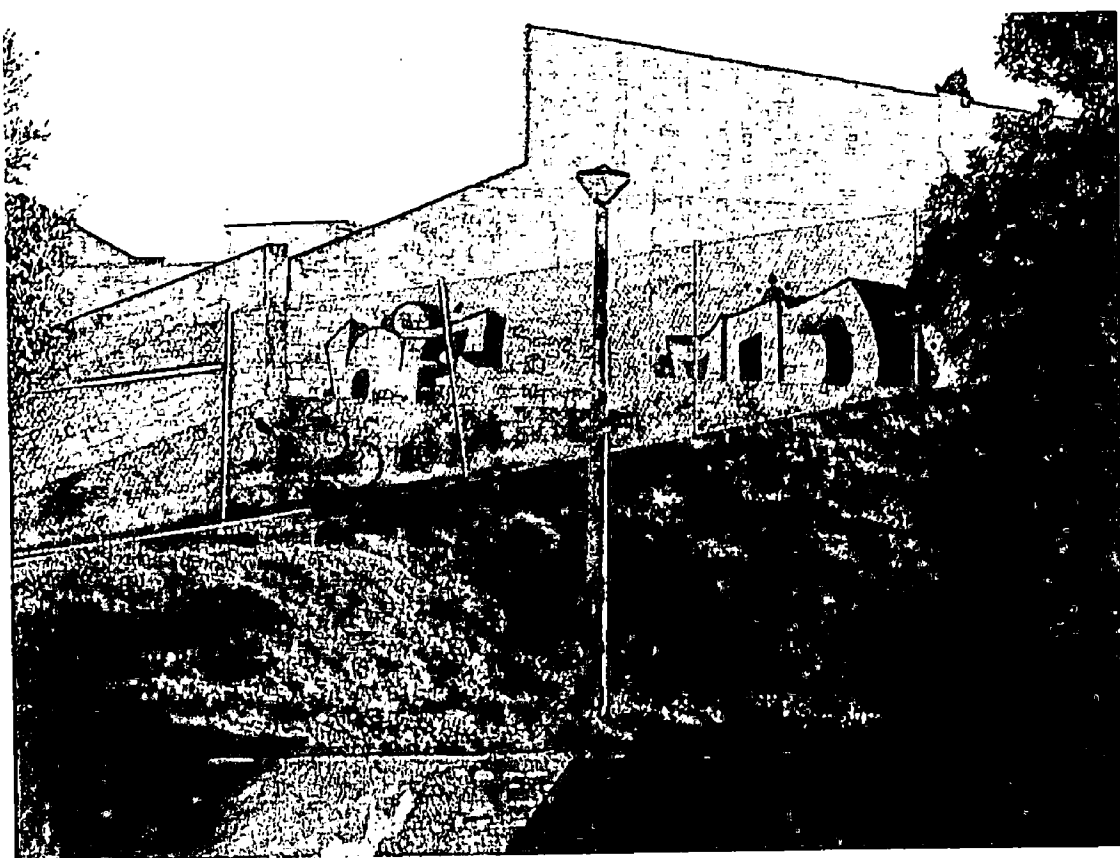
O antigo Presidente da escola, manifestou interesse por graffitis que contenham projecto e estejam organizados, segundo determinadas regras. No entanto, revelou o seu desagrado face às representações existentes no espaço urbano e justificou que não têm qualquer regra, nem organização, nem tiveram um projecto como base à sua realização. Assim, considera as diferentes manifestações das culturas juvenis, desorganizadas, sem planeamento, sem autorização da sociedade e o que pretendem transmitir, só diz respeito a quem realiza, ou seja, as suas mensagens são confusas.

"Eu gosto de ver, mas desde que seja organizado, que seja planeado essa questão toda, não... aqueles que são feitos à revelia de tudo e de todos. Desconheço, quero dizer: a maioria são feitos de modo aleatório, sem regras e sem nada, por isso comunicar alguma coisa são eles que sabem" (Entrevista realizada ao antigo Presidente do C. Executivo da escola).

O antigo Presidente revela o seu desagrado, face ao graffiti representado no espaço envolvente à escola. Classificando-o de

graffiti marginal, é realizado sem qualquer contexto e conteúdo, não contém regras, é desorganizado e não tem a autorização e a permissão da sociedade (Fotografia 4).

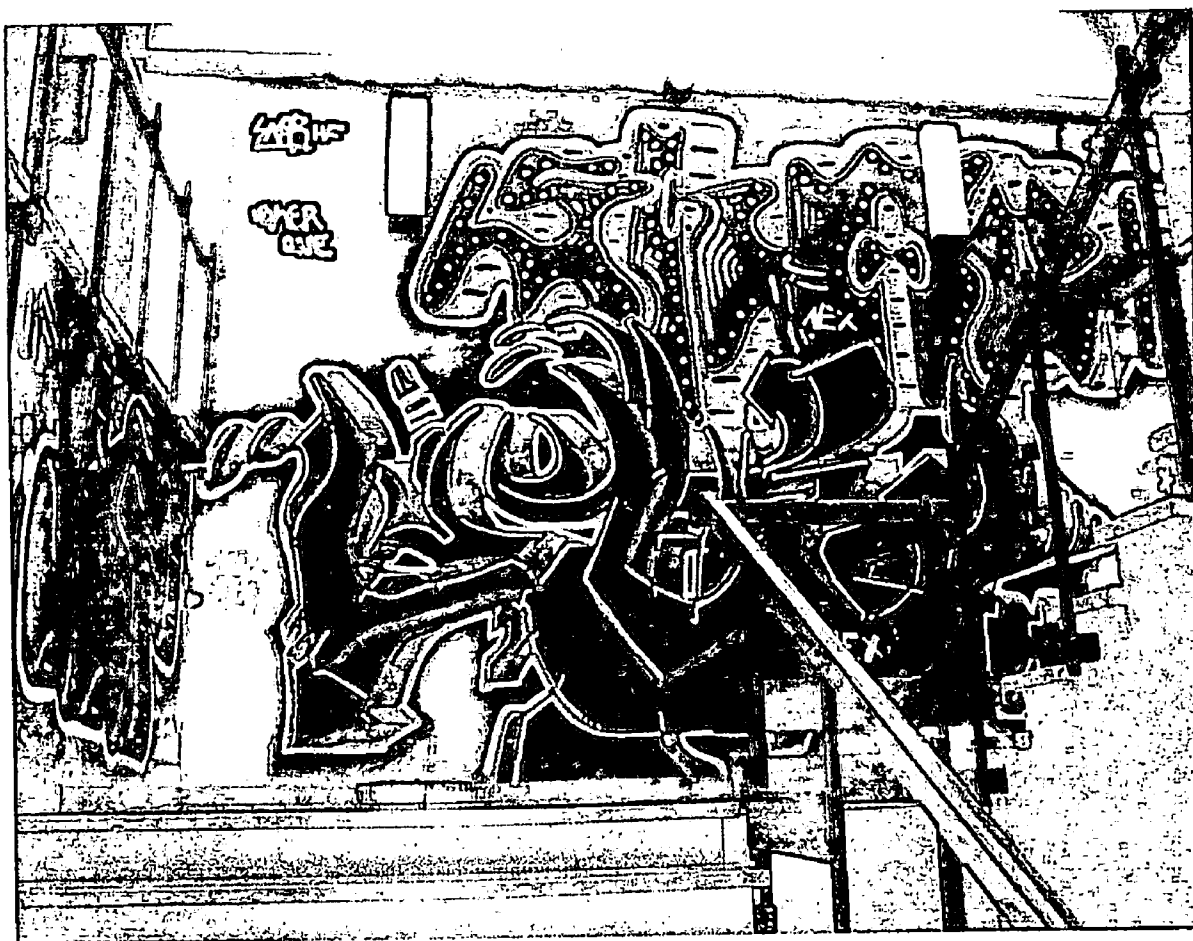
"Nos muros e paredes envolventes à escola não gosto porque são feitos sem regra e sem organização e sem projectos, sem nada, são feitos à revelia de tudo e de todos, são um bocado marginais." (Entrevista realizada ao antigo Presidente do C. Executivo da escola).



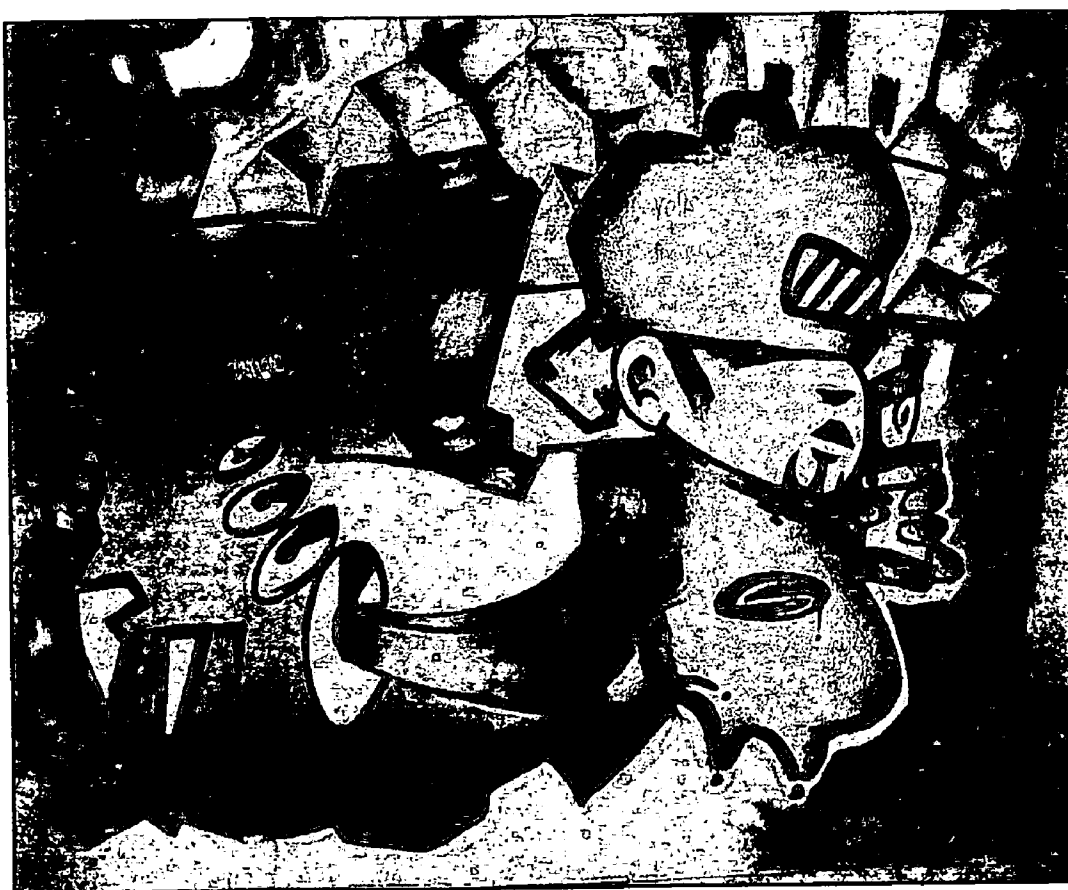
Fotografia 4: - Graffitis marginais no espaço exterior da escola, 6-12-2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

Os trabalhos de graffiti representados nesta escola foram solicitados por alunos, segundo o antigo - Presidente. O mesmo permitiu a realização deste tipo de trabalhos, bem como a sua representação (Fotografias 5 e 6).

"Foram solicitadas pelos alunos, pelo menos... o único que tenho ideia que foi feito no meu mandato foi solicitado por um aluno..." (Entrevista realizada ao antigo Presidente do C. Executivo da escola).



Fotografia 5: - Painel realizado no interior do pavilhão D da escola, 6/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.



Fotografia 6: - Pormenor do graffiti realizado no pavilhão D, 6/12/2004.
Fotografia de Anabela Gonçalves

O antigo presidente revela que nesta escola, sempre houve a intenção de incentivar os alunos para a realização de projectos de graffiti, através da promoção de projectos e de concursos.

"Já agora um aparte que fiz à bocado ... existiu nesta escola no âmbito da formação, um projecto, um concurso ... para produção de graffitis que foi aceite pelo conselho executivo, foram definidas paredes para a realização do concurso e por motivos que eu agora não me lembro, foi à uns cinco anos... por motivo que agora não me lembro não se chegou a realizar-se." (Entrevista realizada ao antigo Presidente do C. Executivo da escola).

O entrevistado revelou a sua permissão, para realização de projectos de graffiti no espaço escolar. Estes tiveram como objectivo principal o inserir alunos com problemas de adaptação e o resultado foi considerado pelo mesmo, positivo, visto que estes alunos passaram a ser mais assíduos e mais intervenientes, aquando solicitados para actividades no âmbito escolar. O mesmo tenta transmitir à comunidade escolar, através da permissão da representação de graffitis, que esta expressão é uma forma de se fazer arte, podendo ser vista noutras perspectivas, como ocupar tempos vagos de alunos com problemas de comportamento e aproveitamento e não somente, com o objectivo de vandalizar determinados espaços. De salientar ainda, que esta estratégia resultou completamente e o antigo - Presidente afirmou, que se fosse hoje, voltaria a autorizar a realização de graffitis no espaço escolar.

O aspecto negativo da representação destes graffitis, segundo o mesmo, prende-se com o desagrado manifestado por alguns elementos da comunidade escolar, a nível do seu conteúdo, mas para o mesmo, os gostos são subjectivos, pois dependem de indivíduo para indivíduo.

"... No fundo foi traduzir num graffiti a ideia que eles tinham de arte de... é também da ocupação do tempo, do mau tempo que estavam a ter nesta escola, mau tempo em termos de comportamento, em termos de aproveitamento, isso tudo. Penso que resultou totalmente porque foram alunos que eventualmente passaram a ser mais... assíduos, mais colaborantes na escola, faria o mesmo hoje, pois tomariam outras direcções. Absolutamente, repetiria tudo tal como foi feito."

"Na escola o principal aspecto é positivo, neste caso, é integração de alunos que eventualmente estão... desenquadrados na escola e portanto, ao colaborar na... em qualquer actividade na escola poderão ser... integrados e encaminhados no bom sentido."

"...que eu entendi que poderiam ser conseguidos para a realização do graffiti foi exactamente... tentar trazer à escola alunos que estavam transviados, que estavam a arranjar problemas na escola e que enfim, andavam a fazer tudo, menos aquilo que deviam. Tanto, que ao autorizar o graffiti podia eventualmente trazê-los..."

"... os negativos é enfim, quer dizer... nesta escola o único graffiti que existe foi o facto de nem toda a gente ter gostado do conteúdo do graffiti. Como eu disse à

bocado se todos gostassem de amarelo estamos todos muito mal." (Entrevista realizada ao antigo Presidente do C. Executivo da escola).

O entrevistado confirma a participação da autarquia na concepção de graffiti na escola. Esta colaboração foi solicitada pelos alunos – autores dos projectos e a autarquia forneceu e interveio com material necessário para a realização dos mesmos.

"Colaborou, fornecendo não sei se mais alguma coisa mas pelo menos os sprays para a realização do graffiti. Convém salientar, que a C.M. colaborou, pela iniciativa dos próprios alunos, os alunos é que requisitaram, fizeram o pedido à Câmara e a Câmara autorizou." (Entrevista realizada ao antigo Presidente do C. Executivo da escola).

4.3.- Análise de dados da entrevista do aluno - graffiter "Pedro":

O sujeito entrevistado tem 17 anos de idade, indivíduo fechado, pouco comunicativo (características possíveis, as quais, verifiquei ao longo da entrevista) e habita num bairro periférico à escola (Bairro da Quinta da Princesa). O bairro é classificado pelo sujeito de diferente, visto que existe uma multiculturalidade marcante, onde coabitam uma multiplicidade de étnias, oriundas de ex-colónias. A origem dos pais é Cabo Verdiana, filho de emigrantes, alegando que a escolha dos mesmos, se prende com o facto de procurar melhores condições de vida do que aquelas que tinham no seu país de origem.

*"Eu vivo na Quinta da Princesa... eu vivo num bairro diferente dos outros."
"... os meus pais vieram de Cabo Verde para levar uma vida melhor..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).*

O Pedro define a sua situação escolar de irregular, visto que ficou retido no 7º ano de escolaridade por falta de assiduidade e devido a problemas familiares. A actual escolha por um curso profissional,

prende-se com o facto de poder concluir o 9º ano de escolaridade, possibilidade facultada pela instituição escolar em estudo e que segundo o mesmo, poder realizar um dos seus sonhos, que é tirar a carta de condução.

"Ando num curso profissional, gosto deste curso porque tenho uma nova oportunidade e na vida, para tirar o nono ano e tirar a minha carta de condução."

"Eu quando andava no sétimo ano chumbei por faltas porque tinha muitos problemas familiares ... para tirar o meu nono ano aproveitei essa oportunidade para estudar..."

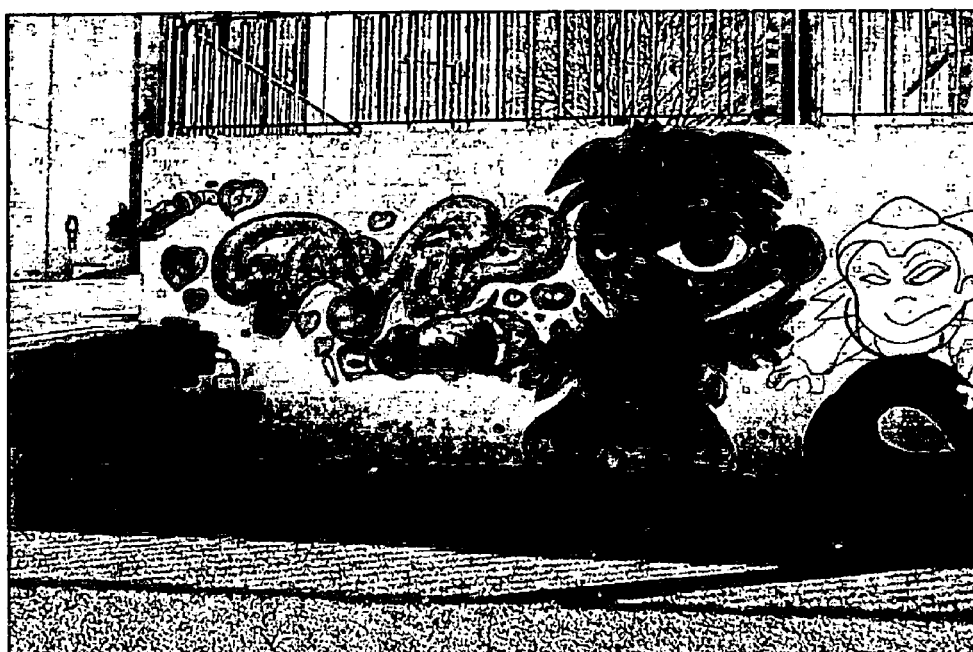
"...considero que a escola me está a apoiar para ser alguém no futuro." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).

O Pedro define o seu estilo mais como rapper, do que graffiter e afirma que nos graffitis que realiza, o seu "tag" é "Amor" (assinatura dos trabalhos em graffiti, realizados pelo entrevistado – Fotografia 7). Para além da actividade de graffiter, é ainda produtor de músicas de rapper.

"Meu estilo não é graffiter é mais de rapper..."

"O AMOR (tag)..."

"...faço músicas de rapper, produzo música." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).



Fotografia 7: - Aluno Graffiter (Pedro), graffiti marginal no Bairro da Qt. da Princesa, 25/01/2005. Fotografia de Anabela Gonçalves.

As mensagens dos seus graffitis expressam diferentes sentimentos: o não estar bem com ele próprio e com os outros, o amor que sente por outra pessoa, etc., e revela que a maior inspiração para a execução de um projecto de graffiti é o estar apaixonado (Fotografia 8).

"...quando estou chateado também expesso os meus sentimentos nela e quando estou apaixonado por alguém pinto uma mensagem ou uma paisagem..."
"Inspira-me quando estou apaixonado..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).



Fotografia 8: - Aluno Graffiter (Pedro), graffiti marginal do Bairro da Qt. da Princesa, 25/01/2005. Fotografia de Anabela Gonçalves.

A satisfação de realizar graffitis no passado do Pedro, traduz a perspectiva de ser graffiter, não incluindo no seu eu pessoal, o conceito de desistir, visto que considera ter aptidões para a arte. Actualmente, inclui o graffiti na sua vida e numa perspectiva futura.

Ao realizar projectos de graffiti tem o cuidado de ser ele próprio, tal como os outros graffiteurs, desejando que a sociedade em geral, ao observar os seus trabalhos não os desvalorize. O Pedro manifesta que conta com o apoio de muitas pessoas, muitos dos quais, consideram que tem vocação para o desenho e muitas das vezes, é solicitado para realização de projectos de graffiti.

*"...todos acham que eu desenho bem, eu faço a vontade todos. "
"...era um graffiter contente e a dizer para mim que nunca ia desistir..."
"Penso fazer do graffiti a minha vida, nunca vou parar de fazer graffiti."
"... que eu tinha muito jeito para o desenho, pela cor..."
"...era eu próprio como os outros..."
"...quando as pessoas passarem por lá e dizem que está bonito..."
"Tenho o apoio de muitas pessoas e para actividades convidam-me sempre..."
(Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).*

O inquirido considera que hoje em dia, não existe uma enorme adesão ao graffiti e muitos dos graffitis existentes são de origem africana.

*Sim. Penso que não existem muitos graffiteurs..."
"...a maior parte são de origem africana." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).*

O Pedro confirma a existência de trabalhos de graffiti no interior do espaço escolar. Estes contêm regras e não têm tanta liberdade de expressão como os graffitis representados no exterior da escola em estudo. O sujeito considera ainda, que os "tags" representados fora do espaço escolar não são graffitis.

*"Os trabalhos realizados aqui dentro têm regras e lá fora não, pois lá fora fazem o que se quiser..."
"Para mim os trabalhos realizados aqui na escola não são iguais aos realizados fora da escola."
"A representação de tags fora da escola é que não são graffitis..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).*

Os graffiteurs para o Pedro, é na parede que expressam a sua arte, os seus sentimentos e os seus estilos pessoais, representando diversos aspectos: nomes de mulheres, os quais, nutrem sentimentos por elas; nomes de familiares; representam bonecos, etc. Salienta, que é uma realização pessoal, a liberdade de poder concretizar o que gosta, é uma forma de afirmação face à vida.

"Um graffiter é uma pessoa que gosta de pintar nas paredes, gosta de fazer a sua arte, para exprimir os seus sentimentos na parede, fazer ... várias coisas... bonecos, para fazer com estilo próprio e cada graffiter tem o seu estilo de pintar..."

"...cada um faz nomes de damas, da pessoa daquele de que gosta, nomes dos pais, depois escrevem quando estão apaixonados..."

"Sim, porque a gente gosta naquilo que a gente gosta, compramos as latas... é uma forma de me afirmar e estar na vida." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).

O sujeito descreve as manifestações dos outros movimentos de "normais" e de "diferentes" devido às suas características (indumentária utilizada como forma de afirmação e de identidade). Não coexiste uma boa relação com os outros grupos, segundo a percepção do Pedro, visto que o mesmo, considera que as componentes do movimento Hip Hop não se interligam com as dos outros grupos.

"Não existe uma boa relação entre os graffiteurs e os outros grupos porque que a gente está naquela do Hip Hop... Nós podemos dar com esses grupos, mas não existe misturas entre nós e esses grupos..."

"Considero as manifestações de outros grupos como normais, mas são grupos com características diferentes das nossas, são diferentes... Por exemplo: eles na maneira de vestir são mais coisas, nós somos à rapper, para já são todos friques." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).

Os desenhos em suporte de papel, aos 13 anos de idade, marcam o início do percurso do Pedro como graffiter. Inicialmente, observava o irmão a desenhar, o qual classifica de um bom desenhador (importância e influência da família nas actividades desenvolvidas na vida do sujeito). A visita de estudo a Évora e a chamada de atenção

por parte de um amigo, para a observação de graffitis representados num bairro do local visitado, são referências à fase seguinte da sua evolução como graffiter. Estes dois aspectos, suscitaram-lhe sentimentos de “espanto” e a vontade de representar graffitis em paredes da cidade. O Pedro caracterizou o seu primeiro graffiti de “estúpido”, realizou-o num parque, onde toda a população residente, o pode observar. Posteriormente, os amigos colaboraram e apoiaram-no nesta actividade e passa a pintar em telas, comboios, participar em concursos de graffiti, em actividades promovidas pelo movimento Hip Hop e responde a alguns convites sociais, com o objectivo de realizar graffitis em espaços na cidade (Fotografias 9 e 10).

A sua actividade de graffiter na escola, prende-se com convites por parte da comunidade escolar, para realização de desenhos de jovens e pinturas em paredes do meio escolar (Fotografia.11).

“Desde os meus 13 anos comecei a desenhar, olhava o meu irmão a desenhar no quarto, a fazer grandes desenhos ... ia ... comecei a fazer os desenhos no papel, bem fatela! Depois de um passeio a Évora, a Cristina de Évora, a gente passou por uns bairros, foi quando vimos graffitis e vira-se um amigo para mim: _ Olha! Aquele desenho... .E eu vi e de repente achei bonito e disse-lhe assim: _ E, agora...”

“... aonde eu passo vejo graffitis e ficava bem espantado, olhava para aquilo e mesmo fixe e se calhar até vou pintar um grafe.”

“O primeiro graffiti que eu fiz foi bué estúpido, era SKI, bué fatela e depois meti bué de letras do A ao Z, comecei a pintar lá no parque e fiz um graffiti, toda a gente a ver, passavam por lá e eu pintando tudo com tinta...”

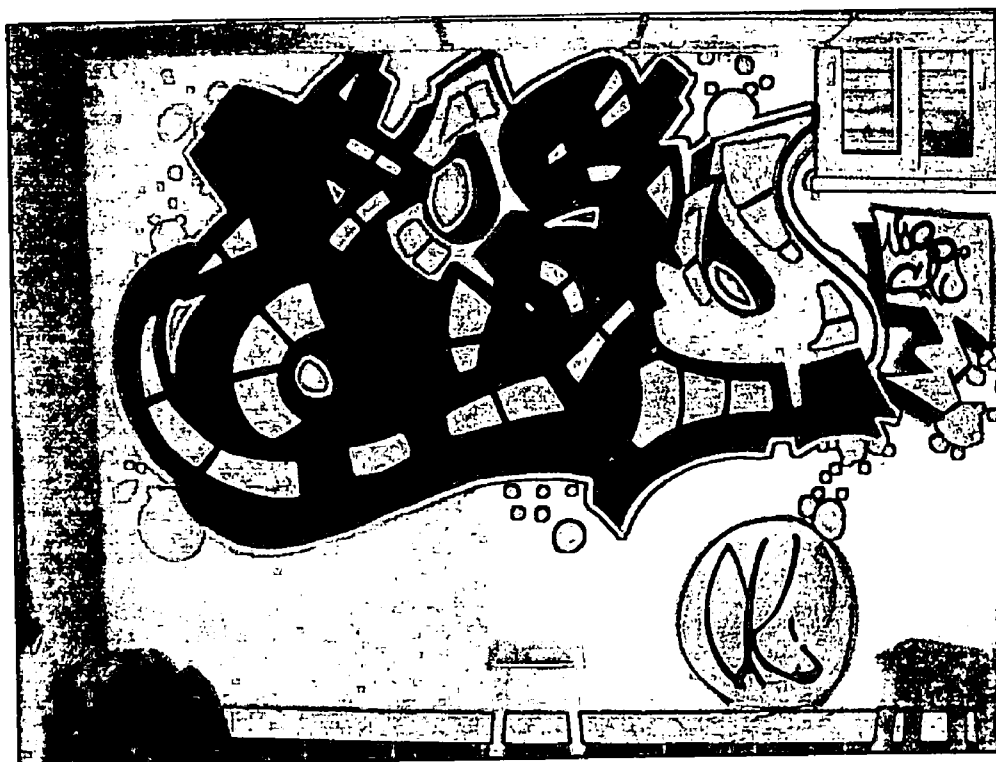
“...comecei a pintar em telas, fazer concursos de graffiti, participar a sério nas actividades do Hip Hop, também havia alguma coisa de graffiti me chamavam para pintar, principalmente no pólo militar...”

“...comecei a praticar mais com os amigos, o sair à noite, pintar em comboios, dai, comecei a gostar de fazer graffitis e agora continuo a fazer graffiti e não vou desistir de fazer.”

“... na escola chamam-me para fazer desenhos e para pintar na escola em pavilhões. Tenho muitos projectos para fazer e convidaram-me muitas vezes para pintar nos pavilhões e em telas, fazer desenhos de jovens e de teatros...” (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).



Fotografia 9: - Aluno Graffiter (Pedro), graffiti encomendado pelo Município, 25/01/2005. Fotografia de Anabela Gonçalves.



Fotografia 10: - Aluno Graffiter (Pedro), graffiti encomendado pelo Município, 25/01/2005. Fotografia de Anabela Gonçalves.



Fotografia 11: - Painel realizado por aluno graffiter e encontra-se no interior da escola, 6/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

O sujeito entrevistado, descreve um episódio relacionado com uma das características do graffiti - a ilegalidade destas representações em espaços públicos. Assim, durante a execução de um trabalho à noite, o Pedro é surpreendido por uma viatura da polícia, o que o obriga a fugir. Após esta ocorrência, o Pedro retoma o seu projecto e manifesta inquietação na finalização do mesmo, devido à ocorrência.

"Uma vez à noite, para ai às 10 da noite sai de casa para ir fazer um graffiti novo, numa casa de luz ... numa casa de luz. Começo a pintar, a fazer riscos a preto, aparece a policia e eu escondo-me, dou a volta à casinha e corro para casa e depois por uma janela e daqui a pouco a policia sobe para cima, depois desceu outra vez... Todos os carros que iam a passar e nunca mais acabava o desenho..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).

Um dos caminhos que contribuíram para a recolha de dados do Pedro, foi a Internet. Esta forma de comunicação, proporcionou-lhe o contacto com diferentes tipos de Lettring, formas e técnicas de realizar graffiti, levando-o a arranjar dinheiro para a compra de material necessário, para execução de projectos. O Pedro e o seu amigo graffiter, realizaram o dinheiro necessário, através da colaboração das suas famílias (intervenção e apoio da família, como estratégia de aquisição de material).

"... a gente começou a consultar a Internet e bué de graffitis man, e tratar algumas letras e foi de aí que coiso e começou a fazer ... E depois, começamos a arranjar dinheiro para comprar as latas..."

"O dinheiro era a minha mãe que dava ou a mãe dele dava-lhe e a gente juntamos e compramos as latas, eram bem caras, três euros..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).

O Pedro define o "tag" - assinatura do autor do graffiti, pode ser o nome, ou então, um código e deve ser realizado quando o desenho está terminado. O sujeito entrevistado manifesta, que para se obter uma técnica correcta e um bom graffiti, é necessário praticar e pintar muito.

"...isto dos tags são utilizados para assinar o desenho depois de acabado e muitas vezes é o nome ou mesmo código anónimo."

"...é preciso pintar sempre e praticar cada vez mais..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).

A escola em estudo, segundo o Pedro, tem aspectos negativos e positivos face à integração do graffiti no espaço escolar. Assim, os aspectos positivos são: 1) Permissão de representação de graffitis no espaço escolar; 2) Facilitam a prática de graffitis, através da execução da técnica; 3) A escola em causa, preocupa-se e está atenta com os problemas dos seus alunos. Os aspectos negativos enunciados pelo Pedro são: 1) A escola só permite a realização de graffitis em espaços específicos e pré - definidos, os quais, tornam-se

limitados e não permitem ao graffiter a sua liberdade de expressão; 2) Os graffiti existentes na escola contêm regras, são impostas pelos responsáveis da instituição escolar e para o Pedro, estas, bloqueiam e condicionam o estilo do graffiter; 3) Os responsáveis pela avaliação dos projectos na escola, impõem determinadas condicionantes na realização dos seus projectos de graffiti, o que ele contesta, com a negação da execução de tais imposições nos seus projectos.

"Considero que a minha escola está a ter em atenção os alunos que estão nela..."

"...o que a gente faz na escola só nos permite telas pequenas pois era um espaço grande para pintarmos à vontade e a gente mete lá tudo, não mete só metade do que a gente quer..."

"O aspecto positivo é nos deixarem pintar..."

"O aspecto negativo é quando a gente quer pintar não nos deixam pintar, quando a gente quer fazer um desenho eles querem outro, quando queremos um estilo eles querem outro estilo. Na escola não temos liberdade de fazer tudo. Querem que o desenho que estou a realizar que condiga, quando quero fazer o meu estilo tem que ser..."

"O outro dia até fiz um desenho sobre aquelas caras de teatro, tinha um laço cor de rosa e outro azul e mandaram-me pintar de verde, mas eu não o fiz o que me mandaram." (Entrevista realizada ao aluno graffiter - Pedro).

4.4.- Análise de dados da entrevista do aluno - graffiter "Manuel":

O aluno graffiter entrevistado identificou-se como sendo uma pessoa tímida, nervosa e impaciente, tem 17 anos de idade, considera-se um indivíduo igual aos outros, frequenta a rua, é estudante, sai à noite e frequenta bares e discotecas. Nasceu na zona das Paivas, é filho de emigrantes, pois, os seus pais são de origem Cabo Verdiana. Apresenta um gosto pela actividade do futebol e no futuro sonha estar ligado ao design, fazendo deste a sua profissão. Revelou um gosto pela sensação da adrenalina, gosta da diversificação de espaços e de estar presente neles, mas não se permite a ele próprio, revelar a sua identidade e manifestar os seus próprios sentimentos.

"... sou tímido..."

"Vou assim para a rua e isso, sou como os outros jovens normais, estudo, saio à noite, vou a discotecas, cafés, vou a jogar à bola. De futuro penso estar ligado ao design e não tenho mais nada a dizer sobre mim."

"... nasci nas Paivas..."

"Os meus pais nasceram em Cabo Verde mas eu já nasci aqui, em Portugal." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

O percurso escolar do aluno apresenta algumas mudanças de instituição escolar. Estas reflectem certos aspectos da sua vida e das escolhas que ele realiza, para construção de um futuro melhor. Actualmente, frequenta a escola em estudo, está inserido no agrupamento de Artes e refere algumas críticas às condições oferecidas pela escola aos alunos. Salienta ainda, que a área de Artes, deveria reunir condições diferentes daquelas que possui (por exemplo: oferta de materiais para realização de trabalhos práticos, devido ao custo elevado dos mesmos), para que os alunos tivessem outro incentivo e interesse.

"...fui para a escola nas Paivas, pois é que mudei para a escola Pedro Ianes Lobato e agora estou aqui..."

"Uma porcaria pá! Devia ter melhores condições, devia ter melhores condições mesmo. É uma escola, mesmo em artes não temos o nosso material, na maioria das vezes temos que ser nós a pagar, à muitos custos, devia ser diferente." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

A mensagem do graffiti depende do seu destinatário. Segundo o aluno, é no graffiti artístico, que se manifesta a não intenção de vandalizar o espaço público, expressando sentimentos contra a diferença entre indivíduos, no que se refere, à raça, à cultura e à sua proveniência, inserindo-se desta forma, no espírito do movimento Hip Hop. Refere ainda, que o graffiti dirige-se a todo o indivíduo, tem a intenção de transmitir algo e depende da intenção de quem o realiza. É através das mensagens dos seus graffitis, elaborados segundo o próprio, com simplicidade, que transmite o seu eu.

"Depende para o que for dedicada ... mas à outros que querem expressar que o graffiti não é uma ... arte vândala, é mais... artística, expressar um sentimento contra o racismo, contra qualquer coisa, é aquela noção de Hip Hop." "Dirige-se a toda a gente... todos podem apreciar ... pois à muitas formas de graffiti pode transmitir muita coisa..."

"Tento transmitir um pouco de mim, por isso que faço coisas muito simples, não tento complicar as coisas, pois não tenho muita paciência para isso. O meu trabalho tem a ver com quem sou." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

O aluno considera que já houve maior adesão a este movimento, visto que estava na moda ser-se graffiter, mas refere que, esta prende-se com o facto de estar ligada ao movimento Hip Hop.

"Aqui, já houve maior, mas de repente acabou ... acho que era conceito de moda. Mas também acho que tem a ver com o Hip Hop, pois à gente que curte o Hip Hop e com essas pinturas, com esse movimento exprimem mais os sentimentos pela parede." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

11

O aluno considera que os graffiti representados na escola têm um carácter mais comercial e impressionista. O entrevistado afirma que a escola possui bons espaços para a representação do graffiti. O aluno revelou que o graffiti representado no espaço escolar não apresenta muito sentimento e a escola, ao permitir este tipo de expressões, está a possibilitar ao graffiter ser mais liberal, que esta manifestação não é uma arte vândala como a sociedade a rotulou. No espaço exterior da escola, o aluno define a existência de sentimentos nas manifestações de graffiti, descreve atitudes de vandalismo, de poluir e de protesto.

"Acho que o graffiti dentro da escola é um graffiti mais comercial, é mais pelo impressionismo... Existem aqui, muitos espaços abertos para mostrar e no pavilhão de física há muitas paredes brancas... Isso! Não transmite assim tanto sentimento, excepto o do pavilhão C, é um caso... mete-nos a pensar."

"lá fora nem ...maioria deles não tenta muito por isso... podem tentar e dar sentimento nas coisas, podem pintar também para vandalizar as coisas, também muita gente pinta para isso, é o meu conceito."

"... mostra assim às pessoas, além dos graffiters têm o espírito de vandalisse, podemos ser liberais, até não fazer com essa intenção, podemos fazer com gosto,

eles podem olhar o trabalho com gosto e sim também. A escola isso é diferente...mas também à gente que gosta de espalhar em painéis na rua para a gente ver e à outras pessoas que gostam de outras coisas, por acaso gosto mais de banalizar, não por fazer..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

O aluno revela que as manifestações sociais, face ao graffiti não têm sido as melhores, pois, considera que a sociedade só vê o graffiti, numa perspectiva de poluir o espaço publico. O facto é que o graffiti, segundo a sua concepção, também tem a função de dar vida a determinados locais. O Manuel não considera que se deve integrar, nem legalizar o graffiti, porque retiraria determinadas componentes e características, que estão na base deste movimento.

"Acho que é uma coisa deles, eles dizem que é só para sujar as paredes, eu acho isso bué da mal. Acho que eles não vêm isto com bons olhos, por exemplo eles fazem os graffitis muito bons no Seixal, o "people" é só sujar as paredes, a parede devia estar branca ... mas aquilo dá vida, dá vida a uma parede, acho que... aquilo devia ser feito."

"Integrar ou legalizar daria menos prazer a um artista. Acho que não." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

O Manuel define o graffiti como uma actividade de interesse e é através desta, que se transmite e demonstra atitudes. O aluno só revela que não gosta da destruição de graffitis, por parte de outros graffiters, aquando da necessidade de se realizar outros projectos.

"... acho que é feio pintar por cima dos outros...."

"Não, é só para demonstrar que têm interesse por algumas coisas, como ter pela bola pode-se ter pelo graffiti." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

O aluno afirma que todos os movimentos têm diferentes formas de se expressar, mas o objectivo é igual, o transmitir o conceito de liberdade.

"Como graffiteurs são para mim todos iguais, eu já vi muitos punks a pintar e pintam bué de bem, pintam com o mesmo sentimento de cor, fazem como o Hip Hop, tanto faz. Eles transmitem a mesma ideia, a liberdade."

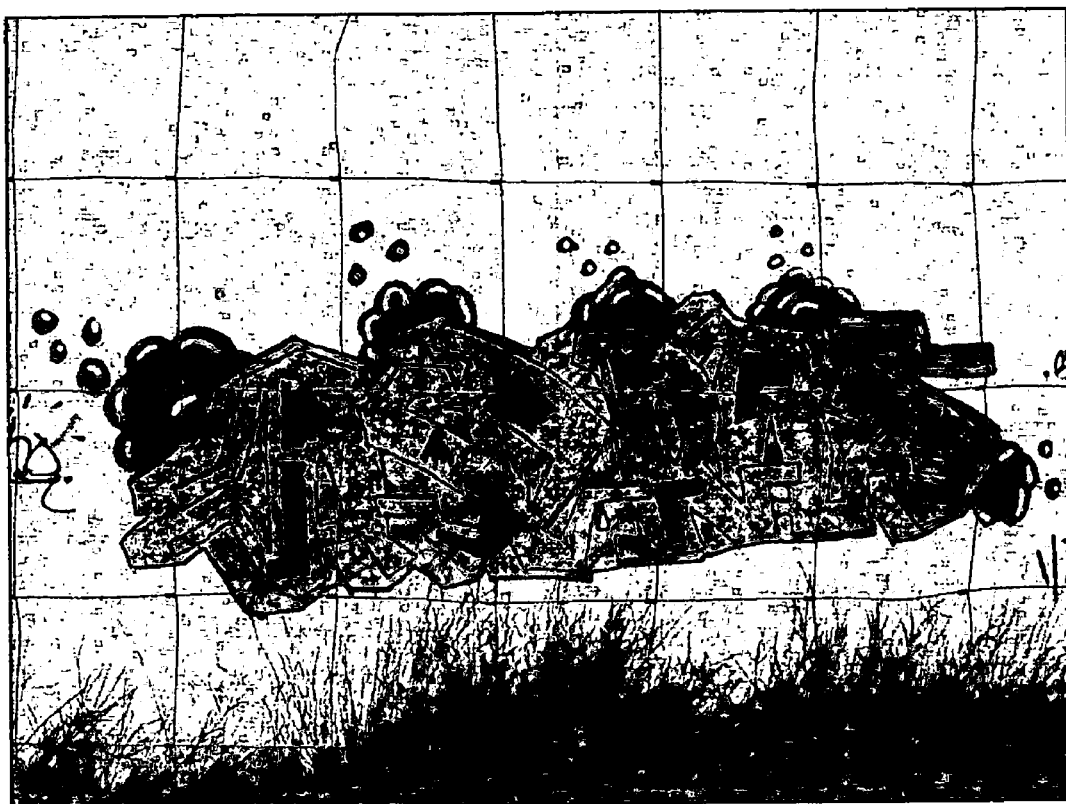
"Há tantas maneiras, são todos diferentes, mas são muito mais socialmente abertos, acho eu... é tudo igual." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

O irmão do entrevistado é graffiter, influenciou-o no assumir-se como graffiter. A sua família não tem qualquer influência, nem tem conhecimento desta sua actividade e, segundo o próprio, não tem que relevar nada a respeito se ser graffiter, pois o desejo manifestado pela família é que o mesmo estude, não apresentando uma atitude positiva por este tipo de actividades.

"A minha família... a minha família sabe muito pouco que eu pinto e não tenho que demonstrar, porque querem que eu estude, que não querem que eu ande nessas vidas ..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

Os amigos do Manuel incentivam-no a ser graffiter. Estes colaboram na realização de "tags" e por vezes, solicitam-lhe a concepção de projectos ou a criação dos seus nomes, através do graffiti (Fotografia 12).

"Os meus amigos... mandam comigo uns tags, às vezes pedem-me que eu faça um desenho ou outro com o nome deles, eles incentivam-me um bocado." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).



Fotografia 12: - Aluno Graffiter (Manuel), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

O aluno iniciou a sua actividade como graffiter através da curiosidade despoletada pela representação do graffiti e pela influência do irmão – graffiter. Assim, adere ao graffiti, e devido à sua maneira de ser nervosa, descobre que os graffitis têm um efeito de calmante sobre ele.

"Foi por causa do meu irmão, pintava e sentia-me um bocado curioso e comecei também... e também acalmo, pego num bocado de papel, pois sou um bocado nervoso, até nas aulas e começo a desenhar e acalmo..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

O aluno não manifesta situações negativas na realização de graffitis, descreve todas as representações com aspectos positivos, situações tranquilas, numa atitude de prazer e de gosto.

"... por acaso foi tudo pela positiva, acho que gostei muito de todos, por acaso realizei um num sitio muito fechado e todos depois fomos passear, gostei muito." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

A escola em foco mantém a representação de graffitis nos seus espaços, o aluno pensa que está a integrar o graffiti. A escola inclui bons graffiters. Um dos alunos – graffiters, presentes na escola, motiva e promove a turma onde está inserido para a realização de graffiti. Actualmente, a escola está a proporcionar à comunidade escolar um concurso de graffitis.

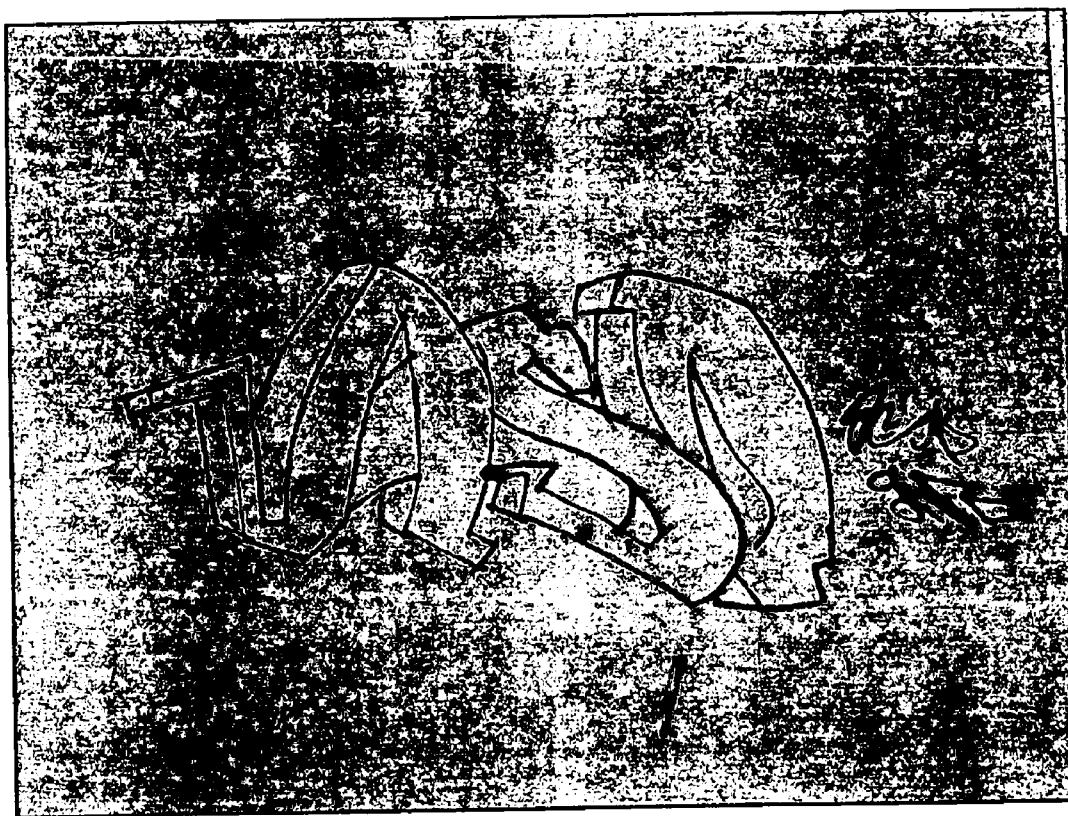
"Está, porque... eu participei para uma associação e depois havia uma concorrente para fazer um graffiti, acharam interessante e tal, vamos fazer, começaram a fazer, começaram a fazer assim... Agora estão a fazer um concurso que ganhou e acho que aquilo ainda, não está em andamento e também a forma de concurso tem lá outro pintor, que pinta muito bem e ele é assim...tem ideias, motiva a turma para fazer essas actividades, agora fez um graffiti que acabou agora, mas o que ele faz é fixe." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

O bairro onde este aluno habita não o influenciou, mas os outros bairros tiveram a sua participação para a representação do graffiti. Os amigos e colegas de escola influenciaram-no em alguns aspectos, através de pedidos de trabalhos e colaboração com ele, na execução de trabalhos de graffiti (Fotografia 13). A família, segundo o próprio não apresenta influência na criação dos seus trabalhos, a atitude da família é mais pela negativa, centra-se no incomodar e no questionar sobre o ser graffiter.

"A minha família não tem influência nos meus trabalhos. Influenciam... por vezes vêem-me perguntar e um gajo fica assim, e muitas vezes é só para chatear, muita coisa..."

"Pelo meu bairro, assim muito não, mais por outros bairros..."

"Pela minha escola, mais ou menos, por alguns..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).



Fotografia 13: - Aluno Graffiter (Manuel), graffiti marginal no espaço do Município 13/12/2004, St^a Marta do Pinhal, Fotografia de Anabela Gonçalves.

O aluno afirma o gosto pela prática do futebol.

"Gosto de jogar bola, treinava até à pouco tempo, mas depois acabou..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Manuel).

4.5.- Análise de dados da entrevista do aluno - graffiter "Leonardo":

O graffiter tem 17 anos de idade, habita na Cruz de Pau com os pais e irmã e são de origem portuguesa.

"Tenho 17 anos..."

"...vivo na Cruz de Pau..."

"A minha família é toda daqui, tenho uma irmã, vivo com os meus pais..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

Actualmente, o sujeito frequenta o 11º ano de escolaridade no Agrupamento de Artes. Frequentou outros cursos, antes da escolha por este agrupamento e a sua decisão prende-se pelo gosto que tem pelo desenho.

"Estou no 11º ano no agrupamento de Artes..."

"Escolhi Artes porque gosto de desenhar..."

"Primeiro fui para outros cursos só que não gostei né e por isso perdi um ano da escola ..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo). (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

Actualmente, o sujeito apresenta uma doença, que o impossibilita de realizar determinadas actividades (jogar à bola, realização de graffitis). O aluno revela como consequência, um sentimento de descontentamento e de perda, não o possibilitando de ver qualquer aspecto positivo presentemente, mas não perde a esperança de uma aprendizagem futura.

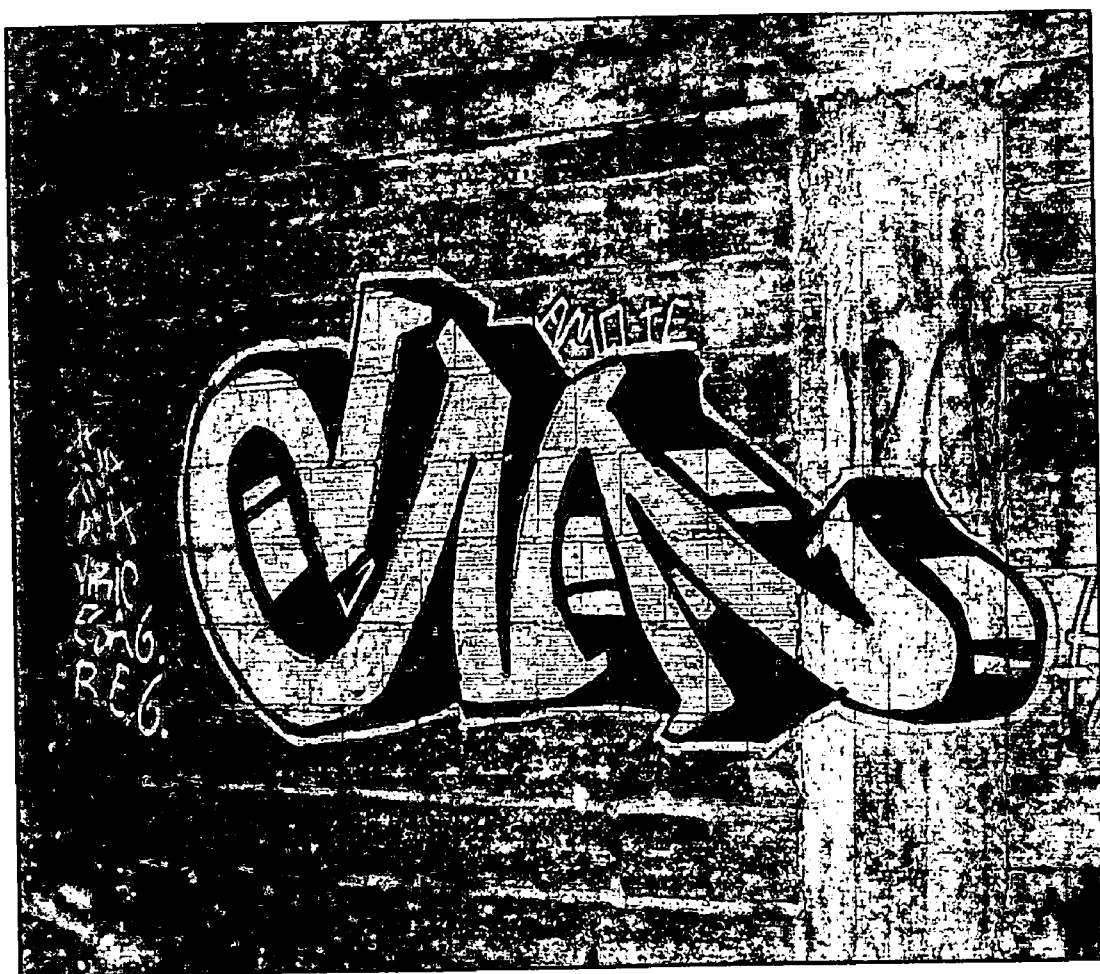
"...o que tem marcado mais é a doença que descobri à pouco tempo, quero dizer: não sei se tinha algum tempo e é o que tem marcado mais pela negativa, porque não me deixa fazer muitas coisas, jogar à bola como por exemplo ..."

"Não me deixa fazer nada, só posso estar parado ... não se pode fazer nada e também pela positiva não tenho, não sei, talvez.... Isto está um bocado no início, talvez, depois aprenda mais alguma coisa, mas agora só a única coisa, é que não posso fazer mais coisas, não posso jogar à bola e nada, mas de resto está no início, mas talvez mais tarde e com mais idade aprenda alguma coisa." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

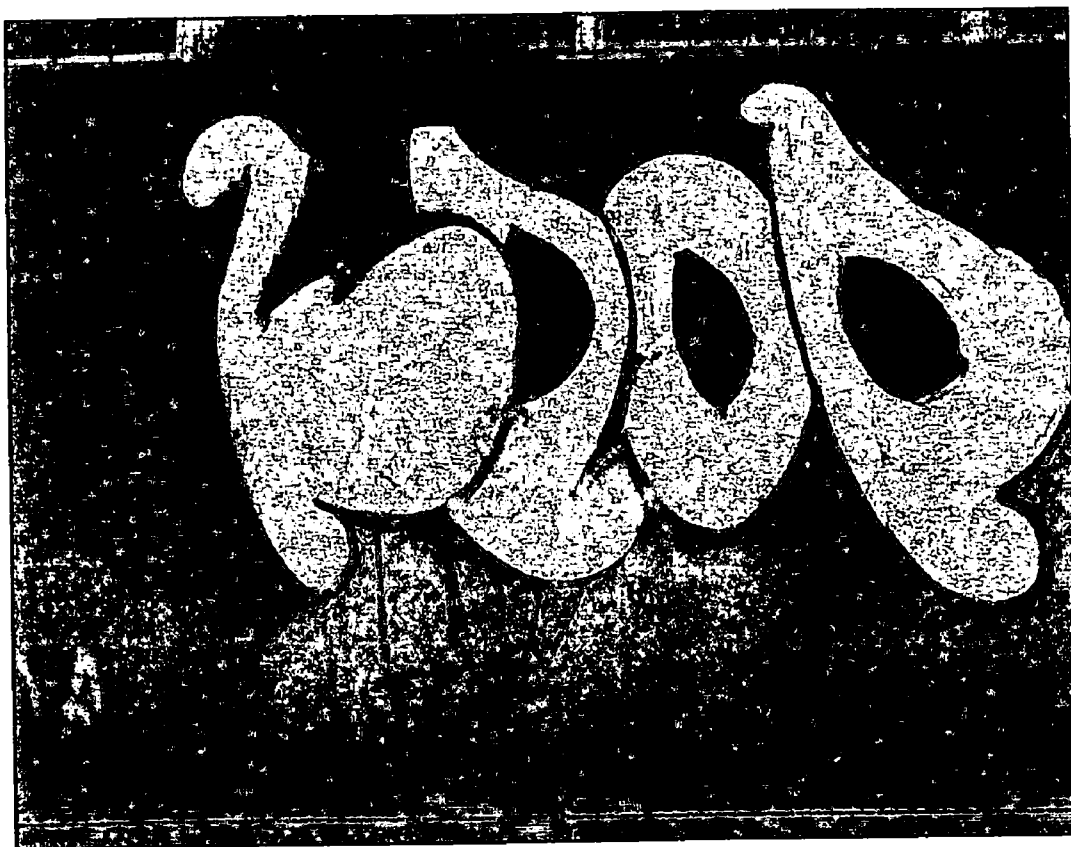
O aluno Leonardo não se considera verdadeiramente um graffiter, devido ao aparecimento de outros interesses e actualmente, surge um problema de saúde na sua vida. O graffiter concebe alguns projectos, os quais foram dirigidos a algumas pessoas e

manifestaram o seu eu. Ele afirma que a realização dos seus graffitis contêm sempre um significado (Fotografias 14 e 15).

*"Eu não sou bem um graffiter porque, gostava disso mas tive um problema..."
"Apesar de gostar de graffiti nunca fiz muitas vezes, fiz um ou outro para uma ou outra pessoa a dedicar..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).*



Fotografia 14: - Aluno – Graffiter (Leonardo), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves



Fotografia 15: - Aluno Graffiter (Leonardo), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

A mensagem dos seus graffitis destinam-se sempre a outras pessoas (família, sociedade, amigos). O sujeito considera que os seus graffitis, não têm como objectivo, o sujar as paredes, mas sim, a transmissão daquilo que sente e tem como pretensão provocar nos outros, a leitura desses sentimentos (Fotografia 16).

"...eu nunca fiz um graffiti por fazer ... era sempre para dedicar a alguém, à minha irmã, uma coisa qualquer, foi sempre dedicado, nunca foi, prontos, nunca para sujar a parede foi sempre dedicado, é isso que eles fazem."

"...o graffiti não serve para sujar paredes, quer dizer alguma coisa a alguém, para exprimir alguma coisa..., alguma coisa que a gente queira dizer, não precisa de ser uma pessoa, mas por exemplo a algum órgão social ou uma coisa qualquer..."

"Tento transmitir mais ou menos o que sinto e quero que as outras pessoas pensam ou acham o que eu sinto..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).



Fotografia 16: - Aluno – Graffiter (Leonardo), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

A adesão ao graffiti já foi em maior número. Actualmente, e segundo o sujeito, a adesão a esta expressão, prende-se com a necessidade que o jovem tem de se afirmar na sociedade, é uma forma de revelar a sua identidade e não de exprimirem o que sentem, através do desenho. Considera ainda, que o graffiti é válido para o público em geral, é uma forma de manifestação.

"Acho que sim. Já houve mais, acho que já houve mais à algum tempo jovens a aderir, mas normalmente, é para se mostrarem... É para assumirem a sua personalidade, para dizerem que são eles, são eles que quiseram aquilo ... normalmente, não é para se exprimirem, escrevem quatro ou cinco letras e arranjam tags, escrevem quatro ou cinco letras e prontos. O graffiti está aberto a toda a gente é uma forma mais de manifestar-se." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

A família nunca revelou muito interesse, pela actividade desenvolvida pelo sujeito. Consideravam que o graffiti, fazia parte de uma fase da adolescência, chegando a intervir a família na aquisição de material, para realização de graffiti.

"A minha família nunca quis muito saber disso, sempre acharam que foi uma coisa que passava mais logo e eu tinha as latas em casa, meu pai nunca me perguntava assim... nunca houve problemas por causa de ter ido a tribunal porque eu cheguei a pedir dinheiro aos meus pais para comprar latas ..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

O facto de os amigos do sujeito serem todos graffiters, contribuiu para que, tenham uma boa opinião sobre os seus trabalhos e o ser graffiter.

"Os meus amigos eram normalmente, todos graffiters portanto, tinham uma boa opinião, né ...porque não podiam ter uma opinião diferente..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

O sujeito caracteriza a escola que frequenta (escola em estudo) de "fixe", incluindo diferentes grupos (étnias, manifestações diversificadas)

"Penso que é uma escola fixe, com grupos diferentes e tal..."
"De resto é uma escola fixe." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

O sujeito não define as estratégias utilizadas pelos responsáveis da escola, como formas de integração do graffiti no meio escolar. Revela sobre esta situação, uma opinião formada e muito própria. Descreve o graffiti, presente no espaço envolvente à escola, como uma forma de protesto, é uma prova ao ser-se graffiter, é o ser-se diferente e é dirigido à instituição escolar. O graffiti realizado no espaço escolar, segundo o sujeito, é caracterizado como uma forma de arte, devido a haver mais tempo para a concretização destes.

"...não sei se é uma escola que apoia muito o graffiti, mais ou menos, já vi algumas coisas, apesar de eu ter outra opinião..."

"É diferente lá fora, mais um género de protesto, talvez, ou então, como é feito numa escola ou para alguém que anda cá na escola ou isso... mas lá fora é tipo um teste, sei lá, é diferente."

"Cá dentro é uma espécie, entende-se mais ou menos como uma arte, sei lá, existe mais tempo e faz-se coisas mais bonitas e tal. Normalmente o pessoal entende mais como uma espécie de arte" (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

O sujeito em causa, defende em alguns aspectos, a integração do graffiti na sociedade. Assim, considera que a realização de "tags" em paredes da cidade, não devem ser integrados, devido à não aceitação por parte desta e pelo facto, de não os considerar graffiti. A realização de graffiti artísticos, segundo o sujeito, deveriam ser inseridos, porque a receptividade da sociedade tem sido favorável e considera-os uma forma de arte. Por outro lado, o sujeito revela a subjectividade desta situação, apontando como eventual solução: a disponibilidade de determinados espaços para realização de projectos, mas o que condicionaria a liberdade de expressão e a adrenalina inerente ao graffiti.

"Eu até certo ponto concordo um bocado ... porque as pessoas às vezes não gostam a parede suja com algum tag ou com uma coisa, se bem, se for um graffiti bonito, uma coisa bonita, é bom, a gente olha e aquilo está bonito, como agora ali em cima, agora os graffiter fizeram, eles são conhecidos e foi a câmara que pagou, desenharam tipo plantas ali em cima, aquilo é graffiti e eu estava lá e vi-os fazer. Aquilo, é um graffiti artístico diferente do graffiti de rua e foi pago pela câmara, são os melhores gajos da zona, então mas é graffiti, está bem desenhado. Acho que sim, sei lá... é um bocado subjectivo, ou então, espaços mesmo próprios para a gente fazer e dizer o que a gente quer, mas corta a adrenalina e se a sociedade gostasse e se..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

O sujeito define graffiter: como a possibilidade de ser qualquer indivíduo, independentemente da sua idade; a indumentária, não é componente que o identifica; realize graffiti em paredes do espaço

urbano, que incluam criatividade e que expressem o seu eu com liberdade de expressão, através da realização de trabalhos.

"Normalmente, a gente nunca sabe quando é um graffiter não é por usar roupas largas, ou... nunca sabe, é uma pessoa normal, pode ser qualquer pessoa, inclusive acho que um dos melhores de cá tem quarenta e tal anos, é uma pessoa normal é um homem normal, a gente olha para aquele homem e diz que é um cota, prontos, mas a gente nem sabe, é um dos melhores graffiters e sei lá são pessoas normais que têm o seu próprio estilo né, que gostam de inovar, basicamente, exprimem o que querem nas paredes..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

O sujeito considera que apesar das manifestações e estilos diferentes, patentes em outros movimentos, têm todos a mesma finalidade, o lutar contra o que consideram que não está correcto na sociedade. Manifesta que, nunca teve conflitos com os sujeitos dos outros movimentos, inclusive tem alguns conhecimentos.

"Talvez não sei. Nunca tive assim problemas desses, pelo menos conheço alguns ... acho que não à problemas entre essas partes. Sei lá, a gente podemos achá-los excessivos nas coisas que fazem e eles acharem a gente porque cada um tem a sua opinião. Posso dizer que eles fizeram aquilo e fizeram mal e eles podem dizer que fizemos aquilo e fizemos mal, estamos todos normalmente a fazer a mesma coisa, ou a lutar pela mesma coisa, ou a dizer alguma coisa, a gente faz de uma maneira e eles fazem de outra. Eles têm o seu estilo e nós o nosso." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

O aluno inicia o seu percurso no graffiti aos 10 anos de idade, nessa altura frequenta o 5º ano de escolaridade e era aluno de uma turma problemática. Os colegas de turma gostavam de sujar paredes (realizavam "grafes"), situação que o influenciou e o leva a iniciar no mundo do graffiti.

"O graffiti surge na minha vida quando fui para uma turma problemática e eles todos faziam graffiti e gostavam muito do grafe, quer dizer não eram graffiters a sério, gostavam de sujar um bocado a parede ... éramos putos tínhamos 10 anos foi quando entrei para o quinto ano, foi basicamente, por isso que eu comecei a fazer graffiti. Também, comecei por sujar as paredes..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

A ilegalidade na prática de graffiti, está presente na vida do sujeito. A realização de um graffiti numa linha de comboio, fez com que fosse denunciado às autoridades. Consequentemente, foi levado à esquadra e a tribunal. Esta ocorrência levou o sujeito a deixar de participar nesta actividade. Não classifica esta situação de aprendizagem, devido ao facto de considerar o graffiti uma forma de manifestação, podendo ser comparada com outras formas de expressão (greves como exemplo) e ainda, manifestou que não gostou da experiência de tribunal. Após esta situação, o sujeito realizou alguns "grafes", com o objectivo de o dedicar a alguém.

"...estava a fazer um graffiti né, alguma pessoa viu, alguma coisa assim, algum segurança, chamou a policia e gente nem se apercebemos de nada, éramos três ou quatro e fomos todos levados para a esquadra e fomos a tribunal ... Antes disso, eu fazia alguns grafos ainda, depois disso deixei de fazer, mais ou menos, porque não gostei muito de ir a tribunal nem nada e sei lá... eu ainda fiz alguns grafos a seguir..."

"...fiz um à dois ou três meses né, mas foi só mesmo para dedicar a uma pessoa mais nada ..."

"...basicamente, não aprendi muito porque eu estava a fazer uma coisa que achava que devia fazer e então... não foi por causa deles me terem levado à policia que me fizeram aprender, que não se deve fazer o graffiti por que eles não querem, que eles acham coiso, porque à muitas formas de manifestar, as pessoas fazem greves e a gente tem esta forma de manifestar-se, por exemplo, fazendo graffiti nas paredes, mas até que eu fui apanhado, não estava a sujar uma parede de uma casa, estava a fazer numa linha do comboio, não sujar bem a parede..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

A fuga e o esconder de pessoas, ou da polícia, provoca no graffiter um efeito de adrenalina, constituindo uma das características do graffiti. Então, o sujeito refere que o graffiter terá de realizar o projecto com uma certa rapidez, ou escolher outro local para realização do mesmo.

"...que a gente tinha que estar sempre a esconder e se vem a policia e se vem aquela pessoa e se vê e se não vê, e a gente tinha fazer rápido e fugir daquele sítio e ... sei lá... tínhamos que, as latas fazem barulho ou... foi mais pela adrenalina, eles

chegavam ali e faziam, e depois dava gozo por a gente fugir..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

O graffiti representado na escola que frequenta actualmente, segundo o sujeito é mais uma forma de arte e não uma forma de protesto. A integração de trabalhos na escola não é clara. Assim, os aspectos negativos apresentados pelo aluno face à representação de graffiti no espaço escolar são: 1) Não existe o factor adrenalina, aspecto que caracteriza o graffiti na sua representação, apesar de o graffiti existente no espaço envolvente à escola conter este factor; 2) O protesto presente no graffiti urbano não ser permitido na escola; 3) A escola permite a representação de graffiti em espaços pré - seleccionados, o que não são suficientes para a compreensão e expressão deste tipo de arte e limita a sua essência; 4) A imagem que a escola tem que transmitir impede a representação livre do graffiti e por esta razão o graffiti só existe actualmente, em espaços interiores; 5) A escola, ao permitir a integração de graffiti no seu seio, parece criar a ilusão de que está receptiva a este tipo de arte, mas tem o objectivo de controlar a representação indiscriminada e a confusão, que por vezes estes jovens provocam.

Os aspectos positivos apresentados pelo aluno face à representação de graffiti no espaço escolar são: 1) O graffiti representado na escola é visto como uma forma de preservação; 2) Existe já a aceitação pela escola da representação de graffiti no seu espaço.

"...mas cá dentro não dá muita adrenalina, é mais ou menos como pintar uma tela... só que é pintado numa tela maior com latas de spray ... Agora lá fora tem mais adrenalina porque sei lá, é feito cá dentro e não é feito lá fora para não mostrar, quer dizer, nas paredes da escola ... mas dentro dos pavilhões já é permitido, isto é uma forma de arte, sei lá, integram isto como uma forma de arte mesmo, não como protesto. Se o gajo que fez ali o grafo pusesse ali outras coisas sem ser ali com escadas, mostrando que aquilo é um pavilhão às tantas não o deixavam fazer, o tipo de protesto que ele faz na rua não o deixavam ir fazer."

"O aspecto positivo é mais aquela coisa de ... a gente pensa que eles estão mesmo a integrar o graffiti na escola né, e a gente está a pensar que eles estão a gostar do graffiti se calhar até não estão e dão-nos um placar e tal, para a gente não fazer

tanta barafunda aí, e que a gente quer fazer um grafo, e eles não deixam e não apoiam o graffiti e é uma forma de arte. Se calhar, fazem isso, prontos, vamos fazer a eles, se eles pintam numa tela e mete-se ali dentro e ninguém vê, e ninguém quer saber disso e eles ficam contentes e não refilam com a gente e não estão para aqui a fazer barulho né. ... Por outro lado, é positivo eles deixarem a gente fazerem o graffiti né, e nem nos interromperem nem nada. Por outro lado, por eles pensarem que deixa-os fazer e como fosse uma ilusão para a gente."

"Acho que não são suficientes. Para já, todos os espaços são poucos, como se faz um, faz-se dois, faz-se três, faz-se quatro e nunca mais se pára e deixa de haver espaços, por isso é que apagam as paredes, pintam por cima, sei lá, e vamos lá fazer outra vez, de novo,... Na escola tem aqui muita parede branca ... ou paredes que não estão a ser utilizadas, mas como não devem querer mostrar que a escola é má frequentada ... não deixam pintar em outros sítios, só deixam pintar lá dentro e em placares né. Os pavilhões têm as paredes todas sujas ... cheias de musgo ... não custava nada arrancar né, arrancava aquelas coisas verdes, a gente pintava mesmo de branco e fazia lá por cima, não custava nada. Para eles deve dar mau aspecto à escola." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

A escola teve influência no seu percurso como graffiter, pois uma das turmas onde estava inserido era bastante problemática e eram todos graffiters. Inicia o seu percurso, com a observação de trabalhos de graffiti, realizados em espaços públicos pelos seus colegas / amigos, suscitando-lhe uma certa adrenalina (característica deste movimento). De salientar ainda, que o Leonardo refere que a família, no processo como graffiter, não teve qualquer participação.

"A escola influenciou-me..."

"...eu não moro num bairro mas dava-me com muito pessoal de lá, talvez isso tenha influenciado um bocado, já que eles faziam, eles eram todos da minha escola, então, tenha influenciado um bocadinho."

"...comecei a vê-los desenhar e achava graça aquilo, pois eles iam para a rua, pois, achava piada à adrenalina que aquilo tinha..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

As actividades mais relevantes na vida do Leonardo, são o futebol e a realização de graffitiis.

"Gosto de jogar à bola e gosto de fazer graffitiis..." (Entrevista realizada ao aluno graffiter – Leonardo).

4.6.- Análise de dados da entrevista do graffiter "Santiago":

O graffiter entrevistado considera-se ser um indivíduo dentro dos parâmetros normais exigidos pela sociedade, tem 21 anos de idade, habita na zona das Paivas, é de nacionalidade portuguesa e tem namorada. Revela que tem como profissão ser pintor de casas, no entanto, manifestou interesse por outras actividades.

"Sou uma pessoa normal... tenho namorada...moro nas Paivas, nasci cá... e é só, não é mais nada."

"Sou um gajo normal, ihl e gosto de sair à noite, pronto é isso. Tenho o meu trabalho, ando na escola de música, tenho a minha banda de Hip Hop e trabalho na pintura..." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

O percurso escolar do graffiter inicia-se na escola primária, frequentou a escola C+S e a seguir vai para a escola do Fogueteiro. Tem a frequência do 12º ano na Área de Animação e frequenta logo a seguir a escola de ETIC. Esta será a escola que, segundo o próprio, contribui para que ele seja o que é hoje. De salientar ainda, que o gosto que o Santiago diz ter pelo desenho, está presente ao longo de todo o percurso escolar, verificando-se nas escolhas e opções que o mesmo faz.

"Andei na primária e tal. Depois fui para a C+S, fui um gajo que sempre gostei de desenhar desde a primária e sempre estive inserido um bocado no meio. E depois fui para a escola do Fogueteiro, comecei a conhecer rapazes que pintavam. Tenho o 12º ano de desenho Animado... sempre desenhei ... Depois ouvi falar de uma escola que era a ETIC, já fazia graffitis e tal, e gostava de desenho animado, ouvi falar dessa escola, pronto. E foi aí que comecei a ser o que sou hoje..." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

O Santiago revela que os projectos de graffiti apresentam uma evolução a nível de estilo, caracterizam e identificam a sua personalidade, a sua forma de estar e a sua identidade. Considera que o estilo, é pertença de cada indivíduo, contém características muito próprias e definidas, depende da maneira de ser de cada indivíduo, mas refere que nem todos os graffiteurs pensam assim.

"O meu estilo? Isso não sei pá. Isso é uma cena, é uma cena interior, não andei a copiar..."

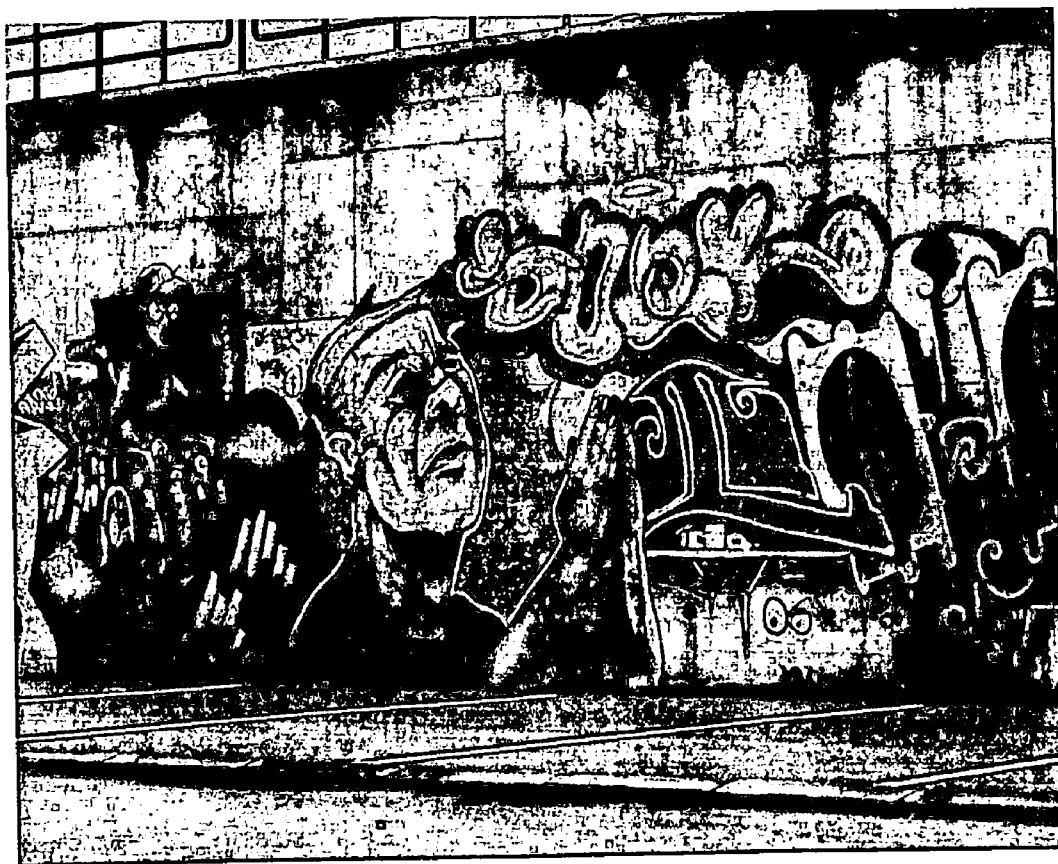
"Por exemplo, eu posso dar vinte graffitis, as pessoas olham um depois vêm outro e à uma certa evolução, pensam logo que é meu. Isso é uma coisa individual, é uma característica minha, é a minha maneira de ser, é as coisas que eu gosto de ver, agradam mais aos meus olhos. Pois, eu acho que devia ser assim com toda a gente, infelizmente não." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

O graffiter considera que as mensagens dos graffitis são todas diferentes e dependem da intenção de quem as realiza. Os conteúdos das mensagens podem querer revelar a intenção de identidade do realizador, demonstrar o estilo que pratica na concepção de graffitis, pode-se dirigir a alguém específico ou a um local pré-definido, ou então, serem encomendas de alguém e com determinados objectivos, o que torna estes projectos, um pouco limitativos na mensagem que incluem (Fotografia 17).

"No graffiti à sempre uma mensagem ... como já se expandiu muito. À sempre uma mensagem diferente, cada um tem a sua diferente mensagem, à várias cenas, pode ser um gajo que se quer mostrar, chega, faz ali uma cena e pode ser essa a mensagem: "Eu sou este." Pode ser um gajo que chega e quer dizer: "Sou eu, eu pinto, tenho este estilo, todo fixe até", e faz o seu moral, o seu boneco. Pode ser uma mensagem a desafiar outro gajo, pode ser um desafio, pode ser uma mensagem, por exemplo: estamos aqui em frente ao cemitério, eu chegava aí e fazia um graffiti com umas campas a dizer "descansem em paz", pode-se dirigir a alguém ou a um sitio.... Normalmente, uma pessoa adapta-se, eu pelo menos sou assim. Eu faço projectos em casa, mas quando vou pintar não levo o projecto, o que me dá na cabeça é o que eu faço, e depende também das latas."

"Faço pronto.... posso chegar, hoje acabo de jantar e penso vou pintar.... depende da quantidade de latas que tiver, mas geralmente, são coisas relacionadas com o Hip Hop, pois com as minhas raízes e tal e... apenas escrevo o meu tag. Mas se estiver a fazer um trabalho no quarto de alguém ou num café, eu faço o que pediram, mas dou

sempre as minhas, aí fico limitado... mas à diferentes tipos de inspiração."
(Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).



Fotografia 17: - Graffiter (Santiago), graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

O graffiter, considera que a adesão ao graffiti não é pertença de determinados grupos étnicos. Caracteriza os graffiters, como sendo, um grupo de pessoas diversificadas, incluindo diferentes culturas e raças, são indivíduos pacíficos e não existem problemas entre eles.

"Não é uma questão de serem grupos étnicos. Actualmente, não é essa a questão, porque até o pessoal do graffiti não é pessoal que seja assim. ... Normalmente, o pessoal que faz graffiti é pessoal pacífico.... entre outras pessoas não à problemas entre isso. Chega um gajo porque é preto pinta, insere-se num grupo, num "crew"

com facilidade... À chineses que pintam, monhés que pintam, à graffiti em todo o lado. Só ainda, não vi ciganos a pintar." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

A sua família reage negativamente a esta sua actividade, mas ele não dá importância às suas opiniões. O facto de se tornar independente monetariamente e trabalhar, fez com que a família não tivesse voz activa no ser graffiter. De referir, ainda, que os maiores conflitos entre a família e ele foram resultado dos processos que ele teve com a justiça.

"A minha família começou primeiro e _ Fogo andas para aí a estragar a tua vida, mais a do teu irmão e não sei o quê, ya! Ih! Ih! Ih! Eu insisti, não lhe dei ouvidos porque estava a fazer o que gostava e sempre fiz. Até que eles pronto... quando eu comecei a ganhar dinheiro é que começaram a pensar melhor. Ih! Ih! Ih! E depois pronto, acalmei um bocado... Mas, o auge foi quando andei para aí com os processos ... era todos os dias.

_ Vê lá o que vais fazer!

Viam-me sair com a mochila iam logo revistar-me a mochila e depois encontravam coisas que não deviam encontrar." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

O Santiago revelou que actualmente, o graffiti faz parte da vida dos jovens, transformando-se numa actividade natural entre a juventude. O facto de a maioria dos amigos do Santiago serem graffiters, o entrevistado afirma que, os mesmos, não têm pensamentos negativos face ao ser graffiter. Salaria ainda, que as pessoas com quem se relaciona, quer a nível pessoal, quer a nível de trabalho, abrem caminhos à realização de novos projectos, constituindo uma forma de divulgação dos seus trabalhos na sociedade.

"O graffiti hoje em dia, entre a malta jovem é muito banal. Eu chego e eu digo:

_ Eu faço graffiti.

_ O quê? Pinta lá o meu quarto.

Ih! Ih! Ih! É uma cena assim.... Também maior parte dos meus amigos fazem graffitis, a maior parte não, mas conheço uma quantidade de gente. ... É claro, que eles não pensam mal né. Mas as pessoas que são jovens, malta jovem, um gajo chega,

faço graffiti ... o meu amigo queria pintar o quarto dele ou porque vou abrir um bar, vem lá pintar o meu quarto ou o meu bar ou isto ou aquilo. Pronto, não é esta a moda, é banal, é a juventude."

"Por acaso, já arranjei um trabalho à pala de quando trabalhava, para fazer um graffiti, quando eu trabalhava na pintura."

"Os meus amigos não tiveram influência, tiveram mais influência no "style" (tag), na técnica os meus amigos e meu irmão... Mas não é o estilo, isso é técnica." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

Os graffitis representados nesta escola, revelam segundo o graffiter:

1) Temáticas pré-definidas, resultado da concepção de projectos; 2)

Os graffitis não são muito agressivos, tendo em atenção a quem são

destinados e do local onde estão inseridos; 3) Não dão liberdade de

expressão a quem os executa, devido às dimensões do espaço e aos

limites impostos pelos responsáveis da escola; 4) Os graffiters

durante a sua realização, não estão preocupados com o aparecimento

de autoridades, existe a permissão por parte da instituição escolar.

O Santiago no espaço envolvente à escola, revela que, os graffitis

representados apresentam: 1) Dão maior liberdade de expressão e

de representação ao graffiter; 2) O factor adrenalina, nos seus

múltiplos aspectos: medo, insegurança, surgem através do risco do

aparecimento das autoridades e da ilegalidade inerente à

representação de graffitis em espaços públicos; 3) O constante

desafio, implícito na essência do graffiter, faz com que o graffiti

contenha a sua própria mensagem e esta, seja realizada

rapidamente.

"O que eu vi aqui, sinceramente, estava muito bom né! Ih! Ih! Se a escola organiza um... organiza. Se a escola quer que um artista chegue, um writer chegue, pinte dentro de um pavilhão numa parede. Podem dar o tema, podem não dar. O gajo vai estar sempre limitado, vai dar o seu tag ou não quer dar uma cena muito agressiva prós olhos das pessoas... Pronto! Um gajo que chegue aí à rua tá mais à vontade, tá mais à vontade. Aqui, está mais à vontade porque não tem que se preocupar com a policia, pronto. Só que tem aquelas limitações, não se pode expandir muito, se calhar. Aí fora, um gajo está mais à vontade a pintar... chego, vejo a parede e digo: - Aqui, ficava fixe isto e aquilo. E começo a fazer isto e aquilo, que é esta a minha maneira de ver as coisas, que é quando eu e ninguém me põe limites, é quando eu dou

o meu melhor né...E quando tou a pintar não estou a pensar na policia, nem nada disso né! Só quando olho para o lado e os vejo, ya! Começo a correr. Ih! Ih! O que custa é começar às vezes, um gajo está com latas e penso: - Vou pintar ou não vou? Nessa altura um gajo já devia estar a pintar. Começo a pensar no assunto, começo a tremer, começo a pensar nas consequências, nisto e naquilo mas quando... mas abro uma brecha e olho e é agora. Vou e começo a pintar, afinal só ia a dar um, mas afinal dou dois ou três e é assim, que as coisas são." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

Actualmente, o Santiago revela uma atitude diferente face à sociedade, pois afirma que faz o que gosta, revela que tem um gosto pelo desenho, realiza trabalhos na rua e gosta que os outros o reconheçam pelos trabalhos que desenvolve. O graffiter revelou, que actualmente, a sociedade já tenta aceitar a representação do graffiti, mas esta expressa-se pela representação do graffiti artístico. No entanto, não deixa de existir o graffiter que gosta e lhe dá prazer em sujar paredes da cidade, continuando a ser uma condicionante à receptibilidade da sociedade em geral.

"Eu hoje, não penso de outra maneira, eu se tiver latas suficientes, eu vou pintar um prédio e não penso duas vezes porque vou fazer... Não, estou a falar mesmo de "bombing", chegar lá e dar o meu tag. Mas! ... Eu posso chegar e chegar com um marcador e escrever, só que, uma assinatura, posso chegar e dar um "Troup" ou chegar e dar um "bombing", posso chegar um "holowfunk" ... São mais... desenvolvidas, aos olhos das pessoas vê-se melhor. Um "bombing" é um tag, um gajo que chega lá e dá o seu tag cheio e até isso eu gosto, ih! ih! ih! Isso eu faço sem pensar né.

A sociedade hoje em dia tenta, tanta aceitar o graffiti né... mas à sempre a parte a mais, mais... como é que hei-de dizer isto em português... a parte mais "hundergroud" mesmo que mais que eles tentem não conseguem aprender porque... muita gente pinta hoje em dia. Eles podem até fazer ... todos os dias, mesmo que eles fizessem todos os dias amostras de graffitiis ... havia de chegar sempre um gajo que com os restos havia de andar por aí a dar tags, ia a dar bombings, ia a dar comboios e autocarros ..."

"A sociedade não vê com bons olhos o graffiti porque à aí... gajos que chegam e ... não pensam no que estão a fazer. Põe exemplo, eu vejo uma vivenda toda bonitinha, acabada de fazer, eu não vou ou um prédio todo bonitinho, à que ter a consciência das coisas, à aí vários indivíduos inconscientes, eu não sou contra, eu não sou contra esses gajos que andam aí a "tagar", desde que seja de uma forma consciente. Claro, que também já tive as minhas alturas." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

O graffiter, segundo o Santiago, não tem descrição, pode ser qualquer indivíduo. A realização de graffitis, é um modo de dar a conhecer o seu trabalho e uma forma de possibilitarem novas propostas para a realização de novos graffitis. O graffiter não contém indumentária própria, segundo o entrevistado pode ser um indivíduo com fato de treino, ou um indivíduo de fato que trabalha, mas anda sempre com um marcador no bolso. O graffiter caracteriza-se pelo sentimento que coloca naquilo que ele produz, desde que não existam condicionantes que o impossibilitem à realização dos seus trabalhos.

"Um graffiteiro não tem descrição porque pode ser qualquer um, pode ser um gajo de fato e gravata, pode ser um gajo que se vista assim... Como eu hei-de dizer, como aqueles metaleiros, pode ser um motoqueiro, pode ser...sei lá! Tudo. À gajos do Art Cor , à gajos do Hip Hop, não tem assim um... A arte que nasceu com o Hip Hop, o graffiti, não é! E... mas... pronto...expãndiu-se um bocado. Hoje em dia, qualquer um pinta, há latas em todo o lado." (Entrevista realizada ao graffiter profissional - Santiago).

O graffiter considera que a expressão manifestada, por cada grupo juvenil tem as suas diferenças, mas não é por este facto, que são superiores ou inferiores uns em relação aos outros. Este graffiter, dentro de um determinado grupo, marca a diferença e o graffiti é tão especial como outra manifestação apresentada pelas culturas juvenis. Estes grupos juvenis interligam-se, mas não deixam de incluir as suas próprias características, as quais os identificam.

"Cada um tem a sua diferença, não é por ser graffiter, não é por ser writer que é mais do que os outros. Portanto, eu tenho a minha distinção. Tenho tanto especial em ser graffiter, como tenho tanto de especial ter um skater. Os grupos interligam-se, se for a um Skater Parker vai-se ver tudo aquilo pintado. Mas normalmente, um skater não é em norma um writer. Um gajo que faz graffitis não é mais importante do que um gajo que toca piano. O puro writer é um gajo que anda de fato de treino e também à gajos que andam de metal. Esses não pensam na agilidade, pensam mais na sua... sua metaleiro. Mas também é uma questão, uma cena

diferente, um writer pronto, imagina que trabalha numa loja e para ir para essa loja ele tem que ir bem vestido e não sei o que, mas esse writer anda com um marcador no bolso, ou pronto." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago):

O graffiti surge na sua vida através de um filme e por influência do irmão, que também era graffiter. Assim, inicia o seu percurso como graffiter, com a realização de projectos de estilo graffiti, um dia resolveu adquirir uma latas e dá um "silver". Actualmente, considera-se um viciado no graffiti, não conseguindo definir ou enquadrar o seu estilo no seio do graffiti, mas refere que possui um estilo muito próprio. Este é individual, próprio e tem a ver com a sua própria identidade. O seu percurso como graffiter foi evoluindo através da valorização dos outros e os outros também estão presentes, para a chamada de atenção face à ilegalidade do graffiti.

"Como surgiu pela primeira vez, vi um filme...foi num filme, mesmo. Pronto, eu sempre gostei de desenhar, eu já tinha dito. Então, vi um filme e fiquei: - Então o que é isto! Isto é uma cena muito à frente, eles pintavam comboios e não sei o quê, mas é ...pronto.

Pode-se ver um filme só com os writers, não foi esse que eu vi, ih! ih! ih! ... À dois tipos de filmes, à filmes feitos pelos writers, que andam aí na rua a pintar, a pintar isto, a pintar aquilo, a filmar ... fazem a sua produção clandestina, fazem em casa ... Metem uma música por cima, pronto, é uma maneira de ganhar dinheiro. Mas o filme que eu vi, que, pronto, foi onde eu vim a conhecer o que era o graffiti, foi o "Word Scole", ou uma cena assim, eu vi... e que grande cena!"

"Mas não foi aí que eu comecei a pintar, comecei a ver umas cenas aí na minha rua, descobri que o meu outro irmão também pintava e comecei a ver, comecei a fazer uns projectos muito... no estilo para o graffiti ... Um dia virei-me, arranjei para aí um conto e meio, comprei duas latas e fui dar um "Silver", isto é, escrever o meu próprio "tag", pintado e prateado com um aplane a azul. Então foi aí, ia, que dei o meu grafo, a partir daí, pronto, estraguei a minha vida. Ih! Ih! Ih! Não estraguei a minha vida, pronto. Fiquei viciado." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

As situações negativas manifestadas pelo Santiago, referem-se no assumir-se como graffiter face à sociedade. Assim, já fugiu várias vezes à polícia, já teve diversos processos em tribunal, onde teve a necessidade de mentir e de dizer que já não era graffiter,

precavendo-se desta forma, em relação à justiça. Estas situações, não o impediram de continuar a realizar os seus projectos e o seu percurso como graffiter.

"Vou começar com episódios negativos, já corri muito a fugir à polícia e não vou dizer onde porque... E já tive uns processos em tribunal, um foi pena suspensa, outro já tive um processo e tudo por causa dos graffitis. Lá consegui convencer o juiz que tinha atinado e umas mentiras e tal. Disse que tinha deixado de pintar... porque mais vale continuar a minha vida, do que ter problemas judiciais, não é? Do que estar com problemas e assumir de facto. Eu não deixei de pintar está claro, mas disse que tinha deixado, que era um gajo atinado e estava na escola"

"...Vou contar assim uma engraçada. Uma vez estava a pintar na rua, então apareceu um velho de bicicleta. - Vocês fazem graffitis? Têm-me de dar o vosso número para irem pintar o meu jipe, é o jipe da polícia E nós é pá! Vamos é fugir daqui, ih! ih! ih! O senhor não era polícia, o que queria é que a gente fosse lá estragar o carro da polícia." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

Segundo a sua opinião, o graffiti representado nesta escola apresenta qualidade e a escola teve o cuidado de seleccionar espaços para a concretização dos mesmos. O aspecto positivo da permissão e realização de graffitis no seu espaço, é o não ter que fugir das autoridades. O graffiter revelou que, antigamente, às pessoas custava-lhes a ideia de verem representados no espaço escolar o graffiti. Hoje em dia, as situações e mentalidades das escolas mudaram, existe já uma permissão na realização de graffitis dentro do seio escolar, muitas vezes por razões de tolerância, ou seja, se ao aluno lhe for permitido realizar um graffiti na escola que frequenta, quando ele for adulto, poderá ser mais flexível e permissível com os graffitters. Por outro lado, os espaços disponibilizados pela escola são insuficientes e não se consegue realizar o verdadeiro graffiti. Assim, os aspectos positivos relevados pelo graffiter, face à integração do graffiti nesta escola são: 1) Embelezamento do espaço escolar; 2) A permissão faz com que os graffitters não sujem outros espaços; 3) Ao realizar um graffiti na escola sobra sempre material da sua realização, o que lhe permite a sua reutilização num graffiti fora da

escola. Os aspectos negativos revelados pelo Santiago, pela integração do graffiti na escola são: 1) A escola tem a pretensão de condicionar a realização de graffiti; 2) A concepção de graffiti em locais pré – definidos, retira a liberdade ao graffiti.

"Antes as pessoas não estavam muito habituadas a ver e as escolas não faziam muitas coisas. Agora... é que nunca entrei em nenhuma escola que não visse um graffiti... sem ser escolas primárias. Ih! Ih! Eu acho que todas as escolas, agora fazem isso para integrar porque as pessoas vão-se habituando mais a ver o graffiti das novas, desde que são pequeninos, quando vão sendo mais velhos vão sendo mais tolerantes. Pronto! Deixa lá resumir: se as pessoas estiverem habituadas a ver o graffiti desde mais novas, é claro, que quando forem mais velhas não vão pensar tão mal do graffiti. Estão mais habituadas, vão ser mais tolerantes. Um gajo, se calhar antes pintava, quando andava na escola ... Um gajo a fazer graffiti na escola dele, na volta quando for mais velho, vai ser policia e vai ver os putos a pintar: - Olha! Deixa os gajos aí, deixa os gajos aí! Vamos é para a tasca a beber."

"A comunidade... Claro que não. O verdadeiro graffiti é na rua... Não dentro da escola, não dentro de um bar, nem dentro de uma discoteca, nem dentro de um quarto. O verdadeiro graffiti é nas ruas e nos comboios, nas paragens de metro... é mesmo assim."

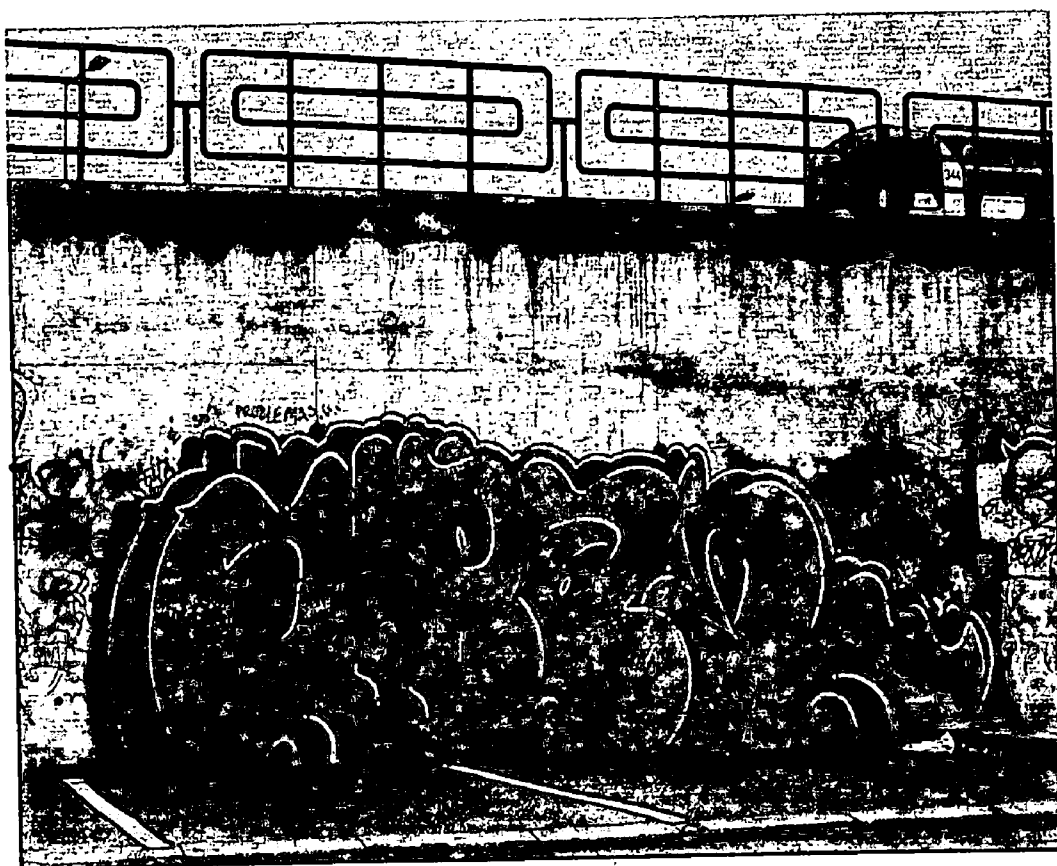
"Os aspectos positivos... Pronto! A escola fica com uma parede ... e à o aspecto positivo em relação à escola que fica com a parede bonita, eles fazem isso e pensam: Ya! Um gajo faz aquilo e um gajo já não vai andar aí a estragar as casas de banho e não sei o quê. Ih! Ih! .. A escola fica com uma parede e na volta pensam que agora faz aquilo e já não vai riscar as casas de banho e também à aspectos positivos para o gajo que pinta: - Ya! Vou ficar cheio de latas. Vou ficar cheio de latas e ainda vou ali dar um graffiti, toda a gente vai ver e vou ficar bué de conhecido por outros graffitiis..."

"Os aspectos negativos, deixa lá pensar... As estratégias que têm aspectos negativos... a cena é que eles fazem isso e pensam: Olha! Vamos fazer isto e isto é que eles já não vão andar a riscar, mas é claro que nunca vão parar né. Um gajo continua sempre a pintar, quando é... quando o sentimento é puro... não à tribunal, nem juiz, policia, GNR, pá." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).

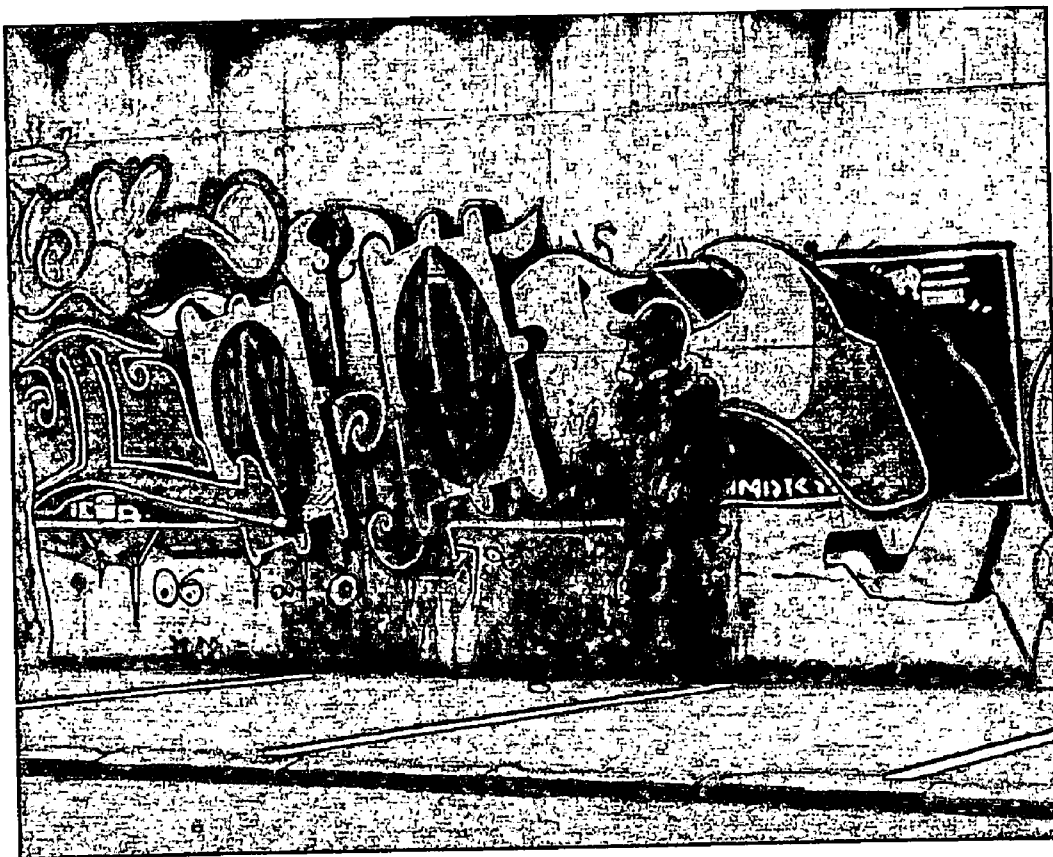
O graffiter entrevistado revela que para além do graffiti, exerce as seguintes actividades: tem uma banda de "Hip Hop", um projecto de uma banda de "Drave Base", é tradutor, toca saxofone, é músico, gosta de andar de bicicleta e de skate, pratica do futebol e revela um interesse pelas saídas à noite. Participou em concursos de graffiti promovidos pela autarquia (Fotografias 18 e 19). Estes concursos englobam graffiter oriundos de todo o País.

"Hoje trabalho na pintura de casas. Tenho hoje uma banda de Hip Hop, produzo os instrumentais e faço as músicas líricas, eu e mais três... Somos os "Situaís Urbanos"... Para a publicidade e tal. E também tenho um projecto, uma banda de Drave Base, é música electrónica, yá! Faço tudo no computador e agora recentemente entrei numa escola, para aprender saxofone. Além disto, pinteí no Seixal num concurso que a C.M. fez, uma iniciativa que eles fazem todos os anos e convidam os artistas, não é bem um concurso, em que o pessoal entrega os projectos, os desenhos, pois eles têm um rapaz que faz sempre os trabalhos para a Câmara, que eles escolhem e depois ele vê os desenhos mais fixos e escolhe-os. Participaram o pessoal de Lisboa, Porto e daqui."

"Sou músico, sou produtor e toco saxofone e gosto de andar de skate às vezes, jogar à bola e sou um gajo normal! Ih! Ih! E... gosto de sair à noite... pronto! É isso! Tenho o meu trabalho, ando na escola de música, tenho a minha banda de Hip Hop. Por acaso já arranjei um trabalho de graffiti quando andava no meu trabalho de pintura." (Entrevista realizada ao graffiter profissional – Santiago).



Fotografia 18: - Graffiter (Santiago), graffiti artístico no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.



Fotografia 19: - Graffiter (Santiago), graffiti artístico no espaço do Município, 13/12/2004. Fotografia de Anabela Gonçalves.

4.7.- Análise dos dados da entrevista realizada à autarquia:

O Departamento da Juventude define graffiti como uma arte isolada, marginal, é um movimento de intervenção e realizado à revelia das regras sociais e vigentes. Actualmente, o graffiti já evolui e opta por outras alternativas. Assim, o graffiti é representado na Europa, hoje em dia, através de autocolantes, imagens - logótipos dos seus autores, os quais são colocados e espalhados pela cidade.

"Eu penso que essas são aquelas pessoas que querem estagnar, na minha maneira de ver, quase todo o movimento, desde o rock ao hip hop, surgiu numa coisa marginal, surge com um carácter de ... de intervenção, mas chegou-se a uma altura em que eu penso que qualquer um destes movimentos, movimento artístico... quer o jovem, quer evoluir..."

"...já têm várias vertentes, o graffiti já não só por... por o graffiti com a lata não é.. neste momento também existe o graffiti um ... que é um movimento que, não sei se já reparou, que é os autocolantes... Agora eles têm uma coisa que já começa haver em toda a Europa, que é a intervenção, que é aqueles que fazem os seus desenhos em papel, fazem em autocolante e espalham, pela... pela cidade toda, são o que eles fazem. Promovem porque normalmente, a imagem que eles usam é a imagem que é o... como se fosse o logótipo e então, eles espalham pela cidade toda em autocolantes..."

"O graffiti é mais uma arte isolada ... mas não é normal eles estarem... em todo o Portugal." (Entrevista do Departamento da Juventude)

A autarquia afirma que há 15 anos, os graffiteurs tinham uma visão mais romântica do que hoje em dia, que têm uma visão mais pragmática de ver a cidade. Assim, os graffiteurs evoluíram, eles revelam um processo de aprendizagem e de amadurecimento. Neste sentido, o graffiti representa o jovem típico da cidade, o qual tem necessidade de se exprimir e utiliza esta forma de manifestação para o concretizar. Os graffiteurs organizam-se segundo hierarquias, para realização dos seus projectos. Eles têm que evoluir a nível de técnica, para ser aceites nas "crews". A idade não é condicionante para se ser graffiter e uma das características deste movimento, é o fugir à polícia, devido à ilegalidade da representação do graffiti. Os seus trabalhos são representados em comboios, autocarros, muros e paredes existentes nas cidades e onde, tentam exprimir o que sentem, através de formas livres e espontâneas, comunicam o estar contra a sociedade com ousadia e com coragem. A autarquia manifesta ainda, que muitos dos graffiteurs consideram, cada vez mais, as grandes cidades sem vida, sem cor, e que os graffitiis poderiam ser uma forma de dar brilho e vida, a quem vive nelas.

"Reafirmar-se, qualquer jovem passa pela adolescência e isto vai crescendo também de forma que os, tais "writers" à 15 anos atrás, eles tinham 16, 17 anos, tinham uma

visão muito mais... muito mais romântica, agora não têm uma visão muito mais paradigmática, temos que continuar a pintar não vamos estar até aos 40 anos a fugir à polícia para fazer um desenho, quer dizer e acho que é normal que há, mas continua haver ... aqueles que são os puristas que estão na linha que o graffiti tem que ser assim..."

"Eu penso que um graffiter é um artista, apesar de ... apesar de estar neste momento ligado a estes movimentos como o Hip Hop e também já alguns graffiters que já não estão, e ser uma arte urbana, tem de ter muito do que é, do reflexo da juventude, do jovem urbano típico das nossas cidades, de se precisa de exprimir e então, solta-se daquela forma, se calhar, porque dizem que as cidades estão mais cinzentas e tentam procurar dar cor a uma coisa que ... e às vezes não são muito entendidas por aquelas pessoas, já não têm sensibilidade para entender isto..."

- Isto é bocado aquilo que disse. Isto é... eles comunicam, podem-se animar... pode-se... coisas pessoais, quer dizer para a sociedade."

"...pintam os comboios e pronto! Mas é assim, eu penso que nem todas... nem todas estas pessoas ficam ali, querem evoluir para outro lado, muito deles, eles dizem: eu também dá-me vontade de fazer algumas coisas, mas quer dizer que também já não tenho idade."

"- Dentro deles também à a questão de haver aquela hierarquia, esses... de uma forma mais usada, o têm se calhar, vai ter notoriedade e também à uma hierarquia.... e eles reconhecemos "tags" e não sei o quê e os tais "crews" que são, e eles para entrarem dentro da "crew" têm que ter um nível não só técnico mas ter ousadia. Estas coisas não estão escritas mas existem, existem e eles reconhecem-se e continuam ainda, à certas... certos writers que não, e apesar de terem a sua vida e o seu emprego ... Ainda, vão desafiando a polícia." (Entrevista do Departamento da Juventude)

Segundo a perspectiva da autarquia, o graffiti não pode ser realizado por todos os indivíduos. Assim, na óptica da autarquia, o graffiti será exclusivo daqueles que dominarem a técnica do spray e que tenham a capacidade de representar em locais de difícil acesso e de grandes dimensões.

"Este... estas artes do graffiti tem uma técnica, que é uma técnica do ...pessoal, não é! É uma técnica que nem toda a gente, nem todos os miúdos conseguem... conseguem dominar ... permite tudo." (Entrevista do Departamento da Juventude)

A autarquia considera o graffiti como uma forma de expressão das culturas juvenis. Considera que a mensagem existe em qualquer

manifestação, de graffiti e a sociedade muitas vezes, é que não a consegue interpretar. O graffiti é criatividade, é inovação, é uma chamada de atenção para os problemas que afectam a juventude, hoje em dia, é um desafio às regras sociais, vigentes nas actuais sociedades.

"Vejo como uma forma de eles se exprimirem, se calhar a mensagem às vezes para muita gente não passa mas ela está lá. E... e é uma forma de eles se... pensam uma maneira inovadora de chamar à atenção e depois é aquela certa rebeldia...

-... que eu lembro-me que à alguns anos... aquele writer que conseguia ir parede da policia e nos carros da policia, sei lá. Pelo facto de ter posto ali a assinatura, depois ir ser conceituado." (Entrevista do Departamento da Juventude)

Os grupos juvenis, segundo a óptica da autarquia, estão ligados essencialmente, à filosofia do movimento Hip Hop e por consequência, ao graffiti.

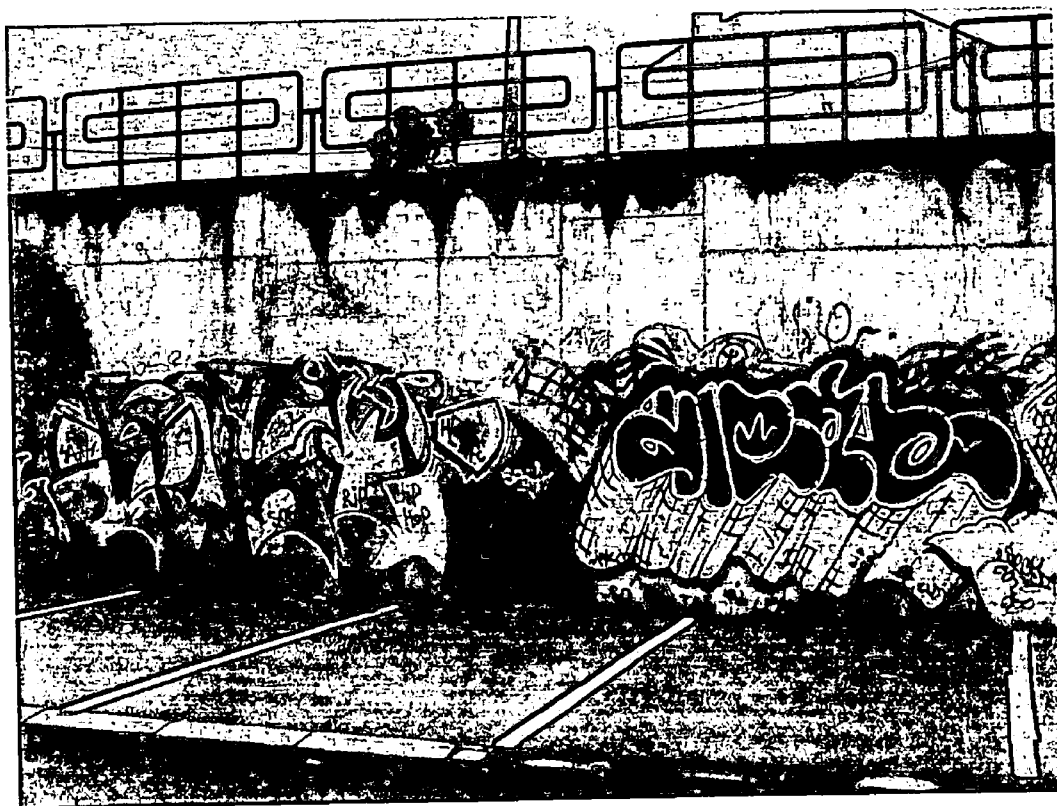
"Eu acho que os... os grupos juvenis que estão ligados ao graffiti, que existem estão ligados ao Hip Hop." (Entrevista do Departamento da Juventude)

A sociedade actualmente, segundo a autarquia, começa a ver o graffiti numa perspectiva diferente. Hoje em dia, surge uma nova forma de graffiti, o graffiti artístico. Este, inclui uma componente estético - artística, é representado em espaço autorizados pelas entidades publicas, é mais aceitável pela sociedade. No entanto, o graffiti clandestino é representado desordenadamente e sem contexto, em paredes e muros da cidade, a sociedade rotula-o e define-o, como uma forma de poluição visual (Fotografia 20). Salienta ainda, que os autores destes trabalhos não têm o objectivo de agredir, tentam somente, transmitir algo através de mensagem - graffiti. As repercussões destes na sociedade, constituem por si só, aspectos positivos face ao que pretendem comunicar.

"Quer dizer, críticas à sociedade e eles pintarem nas paredes mensagens ou uma crítica à sociedade. Agora se formos ver isso pelo lado das assinaturas, que é um miúdo que vai ao continente e compra uma caneta e anda por aí a pintar, a pintar não é! Pinta tudo, mas isso também é ... parece-me que isso é mais uma, foi modas passageiras e hoje vê-se muito menos assinaturas e se calhar há cinco anos ou seis anos Por isso, penso que as coisas se calhar estão neste estilo, de estilo de arte."

"...pode-se considerar um positivo a partir do momento que muitas... muita das coisas que às vezes se vêm em termos de graffiti, possam agredir sei lá, a poluição visual ... à muita gente que pode ver como poluição visual, a partir do momento que não há conceito estético. Mas muito destes artistas já têm uma visão estética e às vezes uma pequena intervenção ... ainda mais rebelde, da mais marginal já, eles tentam fazer uma coisa que lhes dê alguma notoriedade perante os outros. Eles trabalham muito para mostrar os trabalhos aos outros, não é para agredir ninguém, não é para, mas muito também... e depois tem a componente da mensagem e do trabalho que eles querem."

"Ainda, há muita gente que vê isto como uma... os putos pintam as paredes, pintam a... o portão da garagem dele, que pintam os sinais e não... não ... não reagem muito bem." (Entrevista do Departamento da Juventude



Fotografia 20: - Graffiti marginal no espaço do Município, 13/12/2004.
Fotografia de Anabela Gonçalves.

O concelho do Seixal, era caracterizado por um elevado número de representações de graffiti, desde assinaturas em locais não muito

apropriados, sinais de trânsito pintados, reflexo da localização do mesmo (periferia de Lisboa e caracterizada por ser zona dormitório), em que a autarquia classificou de intolerável. A sociedade, face a esta realidade e a este fenómeno, não tem uma boa perspectiva e como consequência vê o graffiti como o sujar paredes, o poluir visualmente o portão das garagens e de sinais de trânsito, a sua reacção é negativa face ao graffiti.

Então, a autarquia teve a necessidade de intervir, com objectivo de o tentar "domesticar" e controlar a representação desmesurada deste tipo de manifestação. No entanto, a autarquia tem a consciência, que as estratégias que foram implementadas no concelho, não vão fazer com que as representações clandestinas de graffiti findam, visto que os jovens continuam a gostar da componente ilegal do mesmo.

"...para já vou pôr uma razão particular... notava-se que havia, aqui em vários ... várias paredes do Concelho... bastantes graffitis, graffiti mais marginal ... que para algumas pessoas não chega a ser nada de estético, não é! Assinaturas e às vezes alguns trabalhos feitos, mas em locais que não seriam mais adequados."

"Quer dizer, isto neste momento está domesticado entre aspas. Nós quando, hum... fizemos a primeira, Seixal Graffiti, tivemos essa consciência e fizemos aqui, várias reuniões com eles e toda a gente teve essa consciência, quer dizer, ao fazer uma coisa aberta e pública, que aceitamos a ... "domesticá-la". Não quer dizer que alguns deles... ainda não façam coisas ilegais, não é!"

"...em determinada altura... hum... o grande problema que pronto! Que começamos aqui a atravessar e também atravessavam, era uma série de ... de jovens que pintavam indeterminadamente tudo. Quer dizer, apareciam sinais pintados. Quer dizer, e... era uma coisa intolerável." (Entrevista do Departamento da Juventude)

A associação da autarquia "Spred" é uma associação informal e quando estão a ensinar os jovens, já os ensinam de uma forma mais formal, alertando-os para a não realização de graffitis em espaços não muito apropriados. Hoje em dia, o graffiter já começa a visualizar saídas profissionais. Os graffiters actualmente, são-lhe encomendados trabalhos que lhes são pagos e a autarquia possui uma base de dados onde os inclui e que tem como objectivo solicitá-los para a realização de trabalhos legais. Considera que, os jovens

hoje em dia, desejam evoluir, sair da marginalidade que envolve esta arte de rua e os próprios reafirmam esta vontade. A autarquia promove há dois anos o Concurso Seixal - Graffiti. Este concurso consiste: os jovens apresentam os seus projectos, depois são seleccionados alguns trabalhos por júri. A autarquia disponibiliza um muro coberto, denominadas de "paredes legais" e os graffiteurs revestem-nas de uma camada de tinta branca, onde realizam os trabalhos de graffiti seleccionados pela autarquia. A autarquia ao promover este concurso tem como objectivo controlar a realização desmesurada no concelho de graffitis. De referir que este concurso não se destina inclusivamente à representação de graffitis mas promove também outras manifestações, como por exemplo a música. A autarquia não só realiza este concurso mas também promove trabalhos de graffiti através da concepção de diferentes exposições. De salientar ainda, que se tem verificado, aquando da execução dos projectos de graffiti, uma interacção entre a população e os graffiteurs. Esta realiza-se, através de intervenção de opiniões sobre o como executar determinadas partes do projecto em curso, apoio e incentivo por meio da comunicação ou de fornecimento de alimentos.

"O que... o ,que esta câmara resolveu fazer foi juntar uma série de graffiteurs daqui do concelho, que se conheciam, algumas pessoas... Aqui, no sector da juventude temos alguma relação de trabalhar, já alguns tempos, porque já os convidamos para fazer iniciativas na escola e isso tudo, resolveu-se fazer uma iniciativa que era no seixal graffiti, onde nas juntamente com algumas associações informais que têm haver com o graffiti... fizemos uma iniciativa que naquela altura juntou além do graffiti..."

"...nós ficamos com uma base de dados dos "Writers"... e depois passamos a utilizar essa base de dados para outras pinturas legais..."

"Temos uma associação que eles começaram por ser exactamente ... um grupo de jovens que, foi já alguns anos que começaram a pintar ... e como... nós começamos a ter esses contactos e..., e eles juntaram-se numa associação informal, que temos os dados deles e sempre que é preciso alguma coisa e a Junta de Freguesia ou a Câmara... fazer algum trabalho artístico ... contactamos ..."

"...patrocinados... nós oferecemos o almoço e eles... puseram algumas, não gostavam de pizzas, mas toda a gente gostava mas eles não, já alguma série de coisas que eles ultrapassaram, não..."

"Então, é... preciso fazer alguma coisa. Surgiu esta associação que... nós começamos a trabalhar, mais ou menos com a autorização deles..."

"...pois nós com as escolas secundárias à muitos anos que ...fazemos programas nestas áreas, não é. Hum!... isto tudo depois culminou nesta... nestas iniciativas do seixal Graffiti, que nós fizemos dois anos e que esperamos para o ano... repetir, não é... este seixal graffiti ... é um concurso que as pessoas, em que os jovens apresentam as suas maquetas, pois são seleccionados uma série deles, os melhores, pois nós temos um muro, é este muro que ao pé da Mundet, que é todo coberto de ... uma capa branca que eles pintam por cima."

"Este espaço aqui, é um muro excelente, né. Porque que tem condições excelentes e é a câmara que disponibilizou."

"O workshop, pronto à partida, eles, os miúdos que já começam a fazer as primeiras coisas, pronto! Eles respeitam o que... pronto! Dentro do graffiti existe uma hierarquia ... e eles respeitam muito, são os veteranos e que já lhe podem dar algumas dicas .. e mesmo estes, estes rapazes do "Spred", que já são e já andam aí há muitos anos, eles mesmos, depois têm um carácter de ... quando eles vão lá a ensinar a pintar, ensinar com uma parte mais formativa, em termos de ... de graffiti, eles também já dão uns toques, dizer o que vão fazer, se calhar não o fazer nestes sítios porque também começam por ser mais marginais nestas coisas. Depois viram que aquilo pode ser um ... uma saída profissional, porque eles vão sendo contratados por exemplo através de nós já foram contratados por privados, fizeram nas casas deles e isso."

"...nós fizemos a primeira exposição... de graffiti, já à outras exposições, foi aqui nos refeitórios da Mundet, que era uma coisa impensável à uns anos dizer e depois disso já ninguém pensava..."

"Já houve uma exposição no Bairro Alto, já houve uma exposição no Porto de artistas que já, e ainda à bocado estavam ali a ver a revista, que já são considerados... já é quase, pronto, já são artistas, que já fazem tipo uma exposição, coisa que à uns tempos e eles próprios já saltam do próprio..."

"Conhece o trabalho que eles fizeram um muro que havia, todo, em que pintaram os personagens da praça: ciganos, o rei da farturas e outros. Isto são trabalhos encomendados pela Junta mas que depois, quando estão a fazer durante o dia, são trabalhos perfeitamente legais."

- Mas é giro porque mais na praça do Belsul, depois à uma ligação com os próprios moradores, que estão ali não é, eles vêm para a rua e alguns até dão comida a eles e quer dizer... e os moradores dizem-lhe que não pintem, não pintem o pássaro de verde porque fica mal aí... cria-se ali uma ligação a estas pessoas do "Spred" e já trabalhamos com elas à muitos anos..." (Entrevista do Departamento da Juventude)

A autarquia revelou a intenção de realizar outro evento nesta mesma temática, o "Meating of Style", que consiste numa concentração de graffiteurs de todo o mundo. Mas estas estratégias têm também como

objectivo demonstrar aos outros Municípios que existem soluções para a representação desmesurada do graffiti.

"Também éramos para fazer aqui uma iniciativa que eles fazem a nível da Europa, que é o "Meating of Style", que é directamente um "meating" de graffiteurs, que é uma iniciativa que junta pessoas de quase todo o mundo. Isto já denota uma certa organização, mas... na base, penso que continua a ser aquele movimento de ... artistas plásticos" (Entrevista do Departamento da Juventude)

A consciência e a realidade do que estava a acontecer neste concelho no referente ao graffiti, fez com que a autarquia integrasse o graffiti nos seus programas como estratégia e como tentativa de resolver o problema da representação de graffiti em qualquer espaço. Assim, a autarquia teve necessidade de assumir este movimento devido ao seu carácter rebelde, negociando com eles um resultado benéfico em prol de todos e como consequência criou uma associação de graffiteurs e teve o cuidado de ter a permissão dos mesmos para este efeito.

A estratégia encontrada por esta autarquia e a representação dos graffitis em espaços exteriores pré - visionados pela mesma, faz com que estes também sejam admirados e compreendidos pela sociedade em geral.

"Eu acho que a Câmara, houve a necessidade de assumir toda esta iniciativa e com eles, tivemos a consciência de participar face a esta rebeldia e era um bocado oficializado. Enfim... mas isto também, quer dizer que qualquer maneira negociar e acaba por ser bom para todos. Para eles é bom que podem expor e também faz-se lá fora. Lá estão os melhores a pintar e são seleccionados com graffitis, que admirados por toda a gente e para a autarquia também porque pode enfim! Pode começar a desenvolver outro tipo, como mostrar aos outros Municípios que isto não é só assinaturas." (Entrevista do Departamento da Juventude)

A associação de graffiteurs do Departamento da Juventude promove *Workshops*, acções de formação em escolas do concelho, e para crianças entre os 10 e os 12 anos de idade. De referir, ainda, que a realização destas iniciativas são solicitadas pelas escolas interessadas. A autarquia já realizou algumas destas actividades em

escolas do concelho, principalmente, em alunos que compreendam a faixa etária entre os 10 e os 12 anos de idade, visto que a mesma considera que é a partir desta idade, que se deve iniciar o processo de consciencialização do fenómeno graffiti.

"Nós nas escolas, fizemos através desta associação, fizemos várias... várias acções, enfim, workshops mais para miúdos com 10, 11 e 12 anos porque é... a associação e também a câmara pensa que é nestas idades, que era importante... discipliná-los também e é uma idade típica... para eles não pensem, e é uma maneira de evitar que os tais "Tags", aquelas coisas mais feias que apareçam no concelho" (Entrevista do Departamento da Juventude)

O resultado verificado pela autarquia, após a realização de actividades em escolas é satisfatório, visto se ter concluído que caiu drasticamente a representação de graffiti no concelho. No entanto, estes resultados não significam para a autarquia o terminar com a aplicação destas actividades, pelo contrário, os mesmos, manifestam que devem continuar a implementar as estratégias em escolas do concelho e ainda, à muito trabalho para ser realizado.

"...nós reparamos depois de fazermos estas iniciativas, baixou drasticamente, muito mesmo, o nível de ... até temos um exemplo aqui no Fórum, eles pintavam muito aqui, neste espaço e a partir do momento que a câmara estava sensível à cultura deles, às coisas deles, nota-se que já à menos coisas feitas marginalmente, baixou drasticamente."

"Resultou, embora não tenha ... quer dizer: ...deveria haver muito mais, não é. Nós fizemos pouco e temos a sensação que foi... que foi pouco e pronto! E resulta mais estas acções assim... de, estas intervenções." (Entrevista do Departamento da Juventude)

As escolas, geralmente, não procuram estas iniciativas da autarquia. Mas tem sido o papel da associação de graffiti da autarquia estas iniciativas.

"As escolas nunca, nunca... nunca houve uma procura da escola... em relação..."

"Procuramos a escola através da associação, mesmo directamente. E algumas escolas deram completamente abertura total, mas houve algumas escolas que não porque... enfim!" (Entrevista do Departamento da Juventude)

A autarquia revela que tem obtido resultados positivos, no que se refere à integração de jovens graffiteurs na comunidade. Assim, as estratégias aplicadas para consciencializar os jovens, face à representação de graffiti marginais no concelho, têm baixado drasticamente. Denota-se ainda, uma tomada de consciência face a esta situação e por outro lado, a partir desta associação os graffiteurs ganharam uma outra notoriedade social.

"A integração destes jovens na comunidade tem tido bons resultados, aquelas pinturas desceram muito e hoje em dia, conseguimos ter muros brancos, coisa que aqui a alguns anos..."

"Na sei se conhece a Quinta da Fidalga, tem um espaço de muro em branco. Aqui, a uns três anos atrás era apetecível pinta-lo de ponta a ponta. À dois anos para cá o muro está branquinho, não há câmaras e ali... é muito fácil de fazer, a uma certa hora da noite, isto é uma avenida concorrida, mas uma certa hora da noite, quase não passa nada e era muito fácil de fazer ali, não é! Eles fazem trabalhos em minutos, não fazem porque não querem." (Entrevista do Departamento da Juventude)

4.8. - Resultados relativos às questões de investigação

Como é que a instituição escolar está a incluir esta arte de rua?

Na escola em estudo, confirmou-se a existência de trabalhos de graffiti no interior de alguns pavilhões e segundo a opinião de alguns dos entrevistados, os graffitis existentes apresentam qualidade e os responsáveis pela escola, tiveram em atenção os espaços para realização dos mesmos. A escola promove projectos e concursos de graffitis, os quais, foram abertos a toda a comunidade, procurando assim, os seus alunos para determinados fins e objectivos. Os trabalhos na maior parte das vezes são solicitados pelos alunos e último projecto de graffiti (concurso de graffiti), enquadrou-se no projecto educativo da escola. Para selecção do melhor trabalho foi constituído um júri, o qual teve em atenção os seguintes aspectos: organização, conter regras e ser respeitado. Assim, têm como objectivo incentivar e apoiar estes jovens, de forma, a permitir-lhes realizar os seus desejos. Por outro lado, estes jovens apresentam comportamentos não muito adequados e os responsáveis pela instituição escolar manifestaram que, é uma forma de os inserir na comunidade escolar e para alguns dos inquiridos, esta permissão, foi uma realização pessoal, uma liberdade de expressão e uma forma de afirmação face à vida. Os resultados obtidos das representações existentes no espaço escolar de graffiti, bem como de todas as actividades propostas, apresentaram resultados positivos na perspectiva dos responsáveis da escola, pois os alunos tornaram-se mais assíduos e participativos em actividades no âmbito escolar. Assim, a comunidade escolar preserva e conserva até hoje, os trabalhos realizados, denota-se desta forma, o reconhecimento por

parte de toda a comunidade e não esquecendo as características do meio onde a escola está inserida e o tipo de alunos que a frequenta.

As estratégias encontradas pela instituição escolar vão de encontro às características desta arte de rua?

As estratégias realizadas pela instituição escolar não vão de encontro às características desta arte de rua. Assim, a escola permite a realização de graffiti em espaços específicos e pré - definidos, os quais, tornam-se limitativos, não permitindo ao graffiter a sua liberdade de expressão e a adrenalina inerente ao graffiti, não sendo suficientes para a compreensão e expressão deste tipo de arte e condicionando também, a sua essência. Os responsáveis pela avaliação dos projectos de graffiti, impõem determinadas condicionantes na realização dos mesmos. Assim, contêm regras, o que bloqueia e regulariza o estilo do graffiter. O graffiti representado na escola é uma forma de arte e não de protesto. Não existe o factor adrenalina, aspecto que caracteriza o graffiti na sua representação. O protesto presente no graffiti urbano não é permitido na escola. Por outro lado, a imagem que a escola tenta transmitir impede a representação livre do graffiti e por esta razão, o graffiti só existe actualmente, em espaços interiores. No entanto, a ilusão criada pela escola aos alunos graffiter, tem como objectivo controlar a representação indiscriminada e a confusão que por vezes, estes jovens provocam. O graffiti representado no espaço escolar não apresenta muito sentimento e a escola, ao permitir este tipo de expressões, está a possibilitar ao graffiter ser mais liberal e por outro lado, existe também a tentativa de mostrar à sociedade que o graffiti não é uma arte vândala, como esta o rotulou.

Atendendo às suas características, que efeitos perversos poderão advir das estratégias de integração utilizadas pela escola?

Os efeitos que podem advir das estratégias encontradas pela escola na representação de graffiti são:

- 1) O graffiti deixa de conter a liberdade de expressão, pois é limitada pelos espaços visionados pela mesma;
- 2) O graffiti não inclui regras a nível da sua representação, é uma manifestação que exerce funções contra a sociedade e contra as regras vigentes, a escola ao colocar-lhe regras na criação de projectos de graffiti, faz com que se perda o seu carácter de protesto e de rebeldia;
- 3) A mensagem do graffiti ao conter a essência de quem o realiza, perde as suas características, visto que os responsáveis escolares tentam não dar tanto sentimento aos projectos seleccionados e concretizados;
- 4) O graffiti deixa de ser uma expressão de protesto e passa a ser uma forma de arte, que tem a função de embelezar e conservar determinados espaços;
- 5) As estratégias de integração da escola não têm mais do que a função de condicionar e limitar as características desta expressão, retirando a liberdade aos graffitiers na sua representação;
- 6) O factor adrenalina causada pela fuga à policia e à ilegalidade inerente à representação de graffiti em espaços públicos, desaparece com a permissão de graffiti representados no espaço escolar, pois cria-lhe efeitos ilusórios de legalidade;
- 7) A receptividade pela comunidade escolar da representação de graffiti na escola não é completamente positiva, existem elementos na escola em estudo que não reagem a favor, dividindo desta forma, a opinião sobre a integração ou não desta expressão das culturas juvenis.

Como é que a escola reage ao graffiti?

A escola encara o graffiti como uma forma de embelezamento de determinados espaços escolares. Assim, ao permitir a realização de determinados graffitis na escola tem como objectivo limitar o sujar outros locais. O graffiti para a escola é uma forma de arte e não de vandalizar, daí criar-lhe condicionantes na elaboração de projectos, apesar de ter a consciência que é através do espaço urbano que o graffiti transmite sentimentos e estados do indivíduo, perante o que o rodeia, são maneiras de fazer cultura. No entanto, o graffiti, para as culturas juvenis não é mais de que uma forma de estar na sociedade e de a ver, tem como objectivo, nem que seja uma forma de responsabilizar os adultos, é uma afirmação da juventude, é uma chamada de atenção, é um fenómeno global, em que a juventude manifesta o que pensa e sente acerca de tudo o que os rodeia e envolve. A escola considera ainda, que as culturas juvenis urbanas se manifestam através de formas organizadas e controladas, de forma a chamar a atenção, para o que mais os incomoda na sociedade actual. Por outro lado, os responsáveis pela escola manifestam que a representação de graffiti marginal não existe actualmente, no espaço escolar, pois, consideraria extremamente negativo tal situação, pelo facto de o classificar de agressivo e sem conteúdo. A escola classifica o graffiti de marginal, representado no espaço urbano de desagradável de se ver, não o classificando de graffiti, mas como um conjunto de letras escritas, mensagens que, no seu parecer, não fazem qualquer sentido, é anárquico e revela comportamentos de rebeldia por parte dos jovens que os realizam. Por outro lado, o graffiti pode ser visto segundo aspectos de criatividade, de inovação, de chamada de atenção para os problemas que afectam a juventude, hoje em dia, é um desafio às regras sociais, vigentes nas actuais sociedades.

Que interacções de colaboração se desenvolvem entre a escola e o Município, para integração social destes jovens?

As interacções de colaboração entre a escola em estudo e a autarquia foram solicitadas pelos alunos – autores dos projectos e a autarquia forneceu e interveio com material necessário para a realização dos mesmos.

A associação de graffiteurs do Departamento da Juventude promove *Workshops*, acções de formação em escolas do concelho, e para crianças entre os 10 e os 12 anos de idade. De referir, ainda, que a realização destas iniciativas são solicitadas pelas escolas interessadas. A autarquia já realizou algumas destas actividades em escolas do concelho, principalmente, em alunos que compreendam a faixa etária entre os 10 e os 12 anos de idade, visto que a mesma considera que é a partir desta idade, que se deve iniciar o processo de consciencialização do fenómeno graffiti. O resultado verificado pela autarquia, após a realização de actividades em escolas é satisfatório, visto se ter concluído que caiu drasticamente a representação de graffitis no concelho. No entanto, estes resultados não significam para a autarquia o terminar com a aplicação destas actividades, pelo contrário, os mesmos, manifestam que devem continuar a implementar as estratégias em escolas do concelho e ainda, à muito trabalho para ser realizado.

As escolas, geralmente, não procuram estas iniciativas da autarquia. Mas tem sido o papel da associação de graffitis da autarquia, na procura de escolas, verificando-se por parte de algumas escolas, uma reacção negativa face a estas iniciativas.

Serão estas iniciativas quer da escola, quer do município, o início de um processo de legalização desta arte de rua?

Existe uma tentativa por parte da escola e do município não de legalizar o graffiti, mas sim de transformar as características inerentes, ou que estão na base desta arte de rua. Assim, existe uma evolução desta expressão, o graffiti artístico, o qual, inclui determinadas regras a nível da sua execução, mensagem e temáticas adequadas a locais de implementação. Alguns dos entrevistados revelaram a aceitação da legalização desta forma de graffiti, não se mostrando receptivos à legalização do graffiti marginal. Por outro lado, denota-se actualmente, por parte da sociedade e segundo a autarquia, o começar a ver o graffiti numa perspectiva diferente. Hoje em dia, surge uma nova forma de graffiti - o graffiti artístico. Este inclui uma componente estético - artística, é representado em espaços autorizados pelas entidades públicas, é mais aceitável pela sociedade. No entanto, o graffiti clandestino é representado desordenadamente e sem contexto, em paredes e muros da cidade, a sociedade rotula-o e define-o, como uma forma de poluição visual. Salienta ainda, que os autores destes trabalhos não têm o objectivo de agredir, tentam somente, transmitir algo através de mensagem - graffiti. As repercussões destes na sociedade, constituem por si só, aspectos positivos face ao que pretendem comunicar. Então, a autarquia teve a necessidade de intervir, com objectivo de o tentar "domesticar" e controlar a representação desmesurada deste tipo de manifestação. No entanto, a autarquia tem a consciência, que as estratégias que foram implementadas no concelho, não vão fazer com que as representações clandestinas de graffiti findam, visto que os jovens continuam a gostar da componente ilegal do mesmo. Considera ainda, que os jovens hoje em dia, desejam evoluir, sair da marginalidade que envolve esta arte de rua e os próprios reafirmam

esta vontade. A estratégia encontrada por esta autarquia e a representação dos graffitis em espaços exteriores pré - visionados pela mesma, faz com que estes também sejam admirados e compreendidos pela sociedade em geral. A autarquia revela que tem obtido resultados positivos, no que se refere à integração de jovens graffiteurs na comunidade. Assim, as estratégias aplicadas para consciencializar os jovens, face à representação de graffitis marginais no concelho, têm baixado drasticamente. Denota-se ainda, uma tomada de consciência face a esta situação e por outro lado, a partir desta associação os graffiteurs ganharam uma outra notoriedade social.

No entanto, a escola não tem a intenção de legalizar, mas tem como objectivo principal o inserir alunos com problemas de adaptação e o resultado foi considerado pela mesma, positivo, visto que estes alunos passaram a ser mais assíduos e mais intervenientes aquando solicitados para actividades no âmbito escolar. Transmitindo desta forma, à comunidade escolar, que esta expressão é uma forma de se fazer arte, podendo ser vista noutras perspectivas, como ocupar tempos vagos de alunos com problemas de comportamento e aproveitamento e não somente, com o objectivo de vandalizar determinados espaços.

CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

Os jovens entrevistados têm em comum uma apetência pela expressão artística, em especial pelo graffiti. Iniciaram no graffiti, sofrendo influências dos bairros urbanos das zonas periféricas, do grupo de amigos, de alguns elementos da família e alguns, põe meio de colegas de escola. De salientar que a maior parte dos jovens entrevistados, nasceram em Portugal, mas são descendentes de outras culturas, nomeadamente, a africana. O percurso escolar dos mesmos, é irregular e actualmente, a maioria encontra-se a frequentar o agrupamento de artes. Une-os ainda, vários aspectos: problemas com as autoridades relacionadas com a ilegalidade que caracteriza o graffiti, o gostarem de pintar paredes, por forma a expressarem os seus sentimentos e o facto de esta forma de expressão ser um elemento libertador do seu eu.

Os graffitis caracterizam-se como pessoas comuns, embora apresentem características próprias, consideram-se sujeitos pacíficos, que não pertencem a nenhum grupo, vêem-se como sujeitos socialmente abertos com interesses focalizados. A idade não é uma condicionante. No entanto, existem códigos de honra e hierarquias na representação dos graffitis que devem ser tomadas em conta. A indumentária pode por vezes constituir um elemento identificador, mas o espírito inovador, criativo e a liberdade de expressão são no seu entender, aspectos a ter em conta num graffiter.

Na perspectiva dos inquiridos o graffiti é um vício, o qual provoca adrenalina, pelo facto de ser ilegal e penalizado pela sociedade, uma vez que estamos perante uma dicotomia, arte *versus* vandalismo. Consideram-no como uma exposição de pintura, pela qual poderão dar a conhecer o seu trabalho e receber convites para a realização de novos trabalhos. Para além disso, incentiva a uma competição entre

eles, na expressão de sentimentos, disputa por paredes / espaços disponíveis nas cidades, alguns dos quais, não são de fácil acesso. Salientam, ainda, que não aceitam a legalização do graffiti. Este encontra-se associado a elementos do movimento *Hip Hop*, a mensagens condicionadas a determinados destinatários, as quais, contêm códigos de significado muito próprios dos seus autores.

As instituições inquiridas referem-se ao graffiti, como uma forma dos jovens estarem na vida face à sociedade / meio / família, revelando as suas vivências quotidianas numa atitude crítica, própria, do ser jovem dos meios urbanos. Entendem-no como uma forma de expressão, anárquica, agressiva, fora de contexto, contestando a sociedade actual. Apresenta-se como alternativa de expressão, de modo a desenvolver capacidades e criatividade, que devido à especificidade da técnica utilizada, torna-se limitativa e condicionante para o aparecimento de novos graffitiers. A expressão desorganizada, sem planeamento, realizada a determinadas horas da noite, reforça o seu carácter rebelde, a afirmação do jovem, a chamada de atenção, sendo um fenómeno global a que se assiste nos nossos dias. Esta arte urbana e isolada caracteriza-se como um movimento de intervenção, com carácter marginal, que utiliza as paredes como suporte da sua expressão, manifestando sentimentos através de mensagens escritas, embora por vezes confusas. Estas transmitem um cunho pessoal por parte de quem as realiza, ou revelam elementos relacionados com o movimento *Hip Hop*. A realização de graffiti gere em determinadas situações conflitos na disputa de espaços, embora os jovens respeitem os espaços de representação já existentes (existência de códigos de honra e hierarquia, onde os veteranos são respeitados).

A sociedade, perante esta expressão, reage negativamente, pois esta é realizada sem autorização da mesma, que a considera como um "sujar de paredes" e um elemento que contribui para a poluição visual da cidade.

A escola em estudo é uma instituição com características próprias de uma comunidade escolar de periferia, onde se acresce o facto de integrar no seu meio envolvente uma comunidade multicultural, a qual se revela um elemento de suma importância, na procura de estratégias de integração dos jovens no meio escolar. Ao inserir no seu espaço os graffitis, a instituição escolar procura estar atenta e acompanhar as diferentes manifestações das culturas juvenis urbanas, de modo a dar espaço de expressão, como meio de integração de alunos com problemas de adaptação, mostrando-se acessível e disponibilizando espaços para a realização de projectos de graffiti, solicitados pelos alunos. A realização e preservação destes projectos, permite à escola obter resultados positivos em alunos graffiteurs, que se tornam mais assíduos e participativos e, por outro lado, os alunos obtêm um reconhecimento da comunidade escolar.

A instituição escolar da investigação em causa, promove concursos de graffiti, para além de ser receptivo a propostas individuais dos alunos. No entanto, estes projectos são alvo de alguma análise por parte dos responsáveis escolares, que os tentam enquadrar com os pressupostos do Projecto Educativo da escola, no âmbito cultural e na forma de arte, que traduz um sentido de estar na vida dos alunos. Nesse sentido, a escola oferece determinados espaços interiores, para a realização de projectos de graffiti previamente aprovados. Na óptica dos alunos, esta permissão de incluir no espaço escolar graffitis, não é mais do que uma forma de tolerância por parte dos agentes educativos, face às manifestações das culturas juvenis urbanas.

Os condicionalismos encontrados como estratégia pela instituição escolar face à representação desta arte de rua, condenam à partida, o seu carácter de protesto, a atitude marginal e clandestina, sabotando de certa forma, a liberdade de expressão individual e o factor adrenalina, transmitido aquando da representação do graffiti. Assim, o graffiti encontrado no seio do espaço escolar apresenta-se

organizado, contendo regras ou temáticas e conceitos, onde se pretende desenvolver competências nos alunos. Desta forma, esta representação ganha um estatuto de embelezamento e preservação dos espaços em questão, tendo a mesma, o objectivo de limitar o sujar espaços, representando o graffiti como uma forma de arte e não de vandalizar, sendo completamente oposta às características que estão na base desta arte de rua.

A integração do graffiti na escola, possui estratégias que provocam efeitos ilusórios de aceitação para quem os realiza, uma vez que estas pretendem controlar a representação indiscriminada e manter, ao mesmo tempo, um espaço limpo e organizado. Estas medidas corrompem a representação livre do graffiti, para além de subverter uma das suas características - base, a representação em paredes exteriores, já que estas se encontram localizadas em espaços internos de pavilhões. Por outro lado, a imposição de regras à criação de projectos de graffiti, provoca bloqueios e condicionantes a quem os realiza e ao que se considera o estilo graffiti. Assim, características que estão na base deste movimento - a adrenalina, o protesto, a chamada de atenção, estão à partida não incluídas na representação do graffiti no meio escolar, visto que esta, tenta transformar a essência deste movimento em arte.

A autarquia, devido a manifestações descontroladas de graffiti em espaços do concelho, sentiu necessidade de incluir no seu programa de actuação, no Departamento da Juventude, uma associação de graffiteurs com o objectivo de promover pelas escolas do concelho acções de divulgação e sensibilização do graffiti, workshops e concursos a nível nacional. Os pressupostos que estão na base da criação desta associação, prendem-se com a necessidade de controlar, de algum modo, a representação indiscriminada de graffitis no concelho. As estratégias aplicadas pela autarquia têm obtido resultados positivos, o que se observa pela preservação de alguns locais públicos do concelho, e verificando-se por parte da

comunidade, um interesse por este tipo de representação, culminando em pedidos de trabalhos à associação em questão, os quais são pagos, inserindo, de alguma forma, estes graffiteurs numa actividade profissional. Esta associação intervém junto das escolas, a partir do segundo ciclo, pois consideram ser esta a faixa etária na qual os jovens despertam para este fenómeno, procurando deste modo, consciencializar e alertar os jovens, de um modo informal, para a realização dos graffiti em espaços apropriados. Salienta-se ainda, o facto de estes, ensinarem a arte do graffiti aos jovens, segundo uma perspectiva formal. A autarquia realiza exposições nacionais de graffiti e, nos dois últimos anos, promoveu um concurso nacional de graffiti – Concurso Seixal Graffiti – como forma de incentivo à arte de graffitar. Pretendem a médio prazo participar de um concurso a nível Europeu, "*Meeting of Style*", onde se reúne um número considerável de graffiteurs europeus, com o objectivo de fomentar um intercâmbio cultural. Com estas iniciativas, esperam mostrar e incentivar outros Municípios, na procura de soluções e estratégias para a resolução desta problemática.

O Município e a Escola desenvolveram algumas actividades de parceria, no sentido de integrar socialmente estes jovens no meio, apoiando-os na realização dos seus projectos de graffiti, quer fornecendo material, bem como disponibilizando espaços para a realização dos mesmos. A realização destas iniciativas, quer do Município, quer por parte da Escola, visam mais uma tentativa de integração destas culturas juvenis urbanas e suas manifestações no meio, do que um processo de legalização desta arte de rua, através da transformação do graffiti marginal em graffiti artístico. Esta evolução do graffiti provoca actualmente, na sociedade, uma maneira diferente de o ver, iniciando-se já uma mudança de atitude face à finalidade e aos objectivos deste movimento. Neste sentido, poder-se-à referir que nem a escola, nem o Município em questão tem a pretensão de legalizar esta manifestação, mas sim tem como

objectivo o "domesticar", o reeducar estes jovens, demonstrando-lhes que se pode realizar graffiti, segundo outros objectivos e outras finalidades e não servindo sómente para vandalizar espaços. Alguns graffiteurs veteranos têm, no entanto, manifestado interesse na legalização desta actividade, com base nas medidas adoptadas pela autarquia.

A expressão das culturas jovens urbanas constituem a matriz actual da revolução cultural das cidades. Desta forma, a escola e o meio podem vir a aprender a conhecer os sistemas de valores sociais presentes nestas culturas e nestes jovens, de maneira a conhecê-los, a compreendê-los e entendê-los da melhor forma. Por outro lado, a multiculturalidade patente no movimento do graffiti e em outras manifestações representadas pelas culturas juvenis urbanas, provoca o abrir de novas perspectivas e caminhos à escola e ao meio, com o objectivo de uma melhor compreensão dos seus valores e das suas características. O facto, é que o graffiti presente tanto na escola como no Município em estudo, tem despoletado necessidades de compreensão e de análise, na procura de estratégias e de soluções conjuntas, adequando-as de melhor forma às partes intervenientes. Então, o graffiti como expressão de um determinado sector juvenil, tem alertado positivamente sobre os problemas presentes nestes jovens, podendo-se considerar uma forma de expressão válida e que cumpre os seus objectivos e finalidades. Poder-se-à dizer, que é altura e tempo que a escola, o meio e os jovens interajam para uma construção social mais crítica e sólida, progredindo e evoluindo conjuntamente.

Seria pertinente verificar com outros estudos o que se passa a nível das outras escolas do concelho, no que se refere ao graffiti e comparar os resultados obtidos. Por outro lado, era pertinente compreender e analisar as consequências da aplicação destas estratégias, na inibição do abandono escolar e falta de assiduidade, por parte dos jovens das culturas juvenis urbanas. Em futuros

estudos, seria relevante compreender o graffiti numa perspectiva da arte, através da análise de fotografias (instrumento de recolha de dados) por parte de toda a comunidade escolar. Seria, ainda, pertinente interpretar e analisar as opiniões da comunidade escolar (professores, alunos, funcionários e encarregados de educação), face às estratégias desenvolvidas pelas entidades responsáveis nesta escola, no que se refere à representação do graffiti.

Referências Bibliográficas

- Arce, J., «Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite». In: Cruz, Ângela, *"Culturas Juvenis na escola"*. Boletim, 2001, Brasil. Versão Electrónica, de www.nultirio.rj.gov.br/seculo21/mapaasp?cod.chave
- Bacelar, Jorge (2002). *"Notas sobre a mais Velha Arte do Mundo"*. Revista de Recensões de comunicação e Cultura. Universidade da Beira Interior. Versão Electrónica, de www.boceubi.pt/pag/bacelar-jorge-notas-mais-velha-arte-mundo.htm
- Barbero, J. M., «De los médios a las mediaciones». In: Queiroz, T., *"Segmentação urbana e culturas juvenil"*. Pós - Graduação em Sociologia da UFPB, 2002, Brasil. Versão Electrónica, de www.iuperj.br/Lusofonia/papers/Tereza/20Queiroz.pdf
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *"Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos."* Colecção Ciências da Educação, Porto Editora, Porto.
- Candau, V.(2002). *"Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): Uma aproximação"*. Educação & Sociedade, vol. 23, nº 79, Campinas. Brasil. Versão Electrónica, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S0101-733020020002300008...
- Castillo, F., «Interculturalidade: Educar desde la diversidad». In: Lorente, T.; Fuentes, R.; Lupión, B.; Moreno, E., (coords), *"Actas de las XI Jornadas LOGSE: Diversidad y Escuela"*. Dpto. M.I.D.E., 2001, Grupo Editorial Universitario.
- Cardoso, C. (1995). *"Antropologia e multiculturalismo"*. Multiculturalismo nº 5, ESE de Lisboa. Versão electrónica, de www.esc.ips.pt/cioc/multicultural/antropologia/html
- Carneiro, R., «Educação para a cidadania e cidades educacionais». In: Coutinho, A., *"Educar em ambiente multicultural: problemas e perspectivas"*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Especialização em Gestão Educacional, 2001, Instituto Inter-Universitário de Macau, Lisboa.
- Carvalho, J. e Dionísio, N. (2003). *"Goth - O Ultra - Romantismo Juvenil em Lisboa: um estilo de vida alternativo"*. Trabalho de investigação para a obtenção da Licenciatura em sociologia. Universidade Autónoma de Lisboa. Deptº de Ciências Humanas. Curso de Sociologia. Versão Electrónica, de

<http://web.1asphost.com/jcbc2003/goth%20%20ultraromantismo.htm>

Coutinho, A. M. (2001). "*Educar em Ambiente Multicultural: problemas e perspectivas.*" Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, especialização em Gestão Educacional, Instituto Inter-Universitário de Macau, Lisboa.

Costa, R. (2001). " *Graffiti: um crime de arte?*". Artigo a Página da Educação, nº 106. Educação Imprensa, p.16. Versão Electrónica, de www.apagina.pt

Costa, A. B., «Exclusões sociais». In: Guimarães, A., "*Exclusão social e exclusão escolar da perspectiva da emoção*". Educação fundamental, nº13, 2001, Fapesp. Versão Electrónica, de www.anped.org.br/26/trabalhos/anaarchangeloguimaraes.rtf

Cruz, A. (2001). "*Culturas Juvenis na escola. Uma escola para jovens*". Mobilização Juvenil da Secretaria de Educação Média e Tecnológica - SEMTEC / MEC. Brasil. Versão Electrónica, de www.nultirio.rj.gov.br/seculo21/mapaasp?cod.chave

Davis, M. (1992). "*Introdução: sociologia, cultura urbana e globalização*". Publicações Oficina do CES, Portugal.

Dayrell, J., « Juventude, grupos de estilo e identidade». In: Ferreira, G., "*Dominação e transgressão: Leitura sobre justiça e poder no movimento Hip Hop*". CAOS, nº 6, 2004, João Pessoa, Brasil. Versão Electrónica, de www.chip.cchla.ufpb.br/caos/06-ferreira.html

Dayrell, J., (2002). "*O jovem como sujeito social*". Grupo de Trabalho 3: Movimentos Sociais e Educação. Faculdade de Educação da UFMG, Brasil. Versão Electrónica, de www.anped.org.br/25/fuarezdayrellto3,2ti

Dayrell, J. (2003). "*Cultura e identidades juvenis*". Última Década nº 18, CIDPA, Vinã Del Mar, Brasil. Versão Electrónica, de www.cidpa.cl/txt/18.3.doc.

Dennant, P., «Urban expression... Urban assault... Urban wildstyle... New York City Graffiti, American Studies project, Thames Valley university». In: Magueta, L., "*Quem são os jovens graffitis de Lisboa?*". Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização de Educação Intercultural, 2004, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Lisboa.

Delfino, S. (1992). "*Educación y Democracia. Una cultura joven en la Argentina*". Trabalho divulgado na 1ª Conferência Internacional da

Jeanne Sauve Youth Foundation , Montreal, Canadá entre os dias 23 e 30 de Maio de 1992. Versão Electrónica, de www.iacd.cas.org/laeduca%20114/delfino.htm

Diógenes, G., «Cartografias da cultura e da violência gangues, galeras e o movimento Hip Hop». In: Ferreira, G., "*Dominação e transgressão: Leitura sobre justiça e poder no movimento Hip Hop*". CAOS, nº 6, 2004, João Pessoa, Brasil. Versão Electrónica, de www.chip.cchla.ufpb.br/caos/06-ferreira.html

Fanfani, E. (2000). "*Culturas jovens e cultura escolar*". Ministério da Educação. Secretaria da Educação Media e Tecnologia. Brasil. Versão Electrónica, de www.mep.gov.br/seb/pdf/cult-jovens.pdf

Featrsthone, M., « Cultura de consumo e pós - modernismo». In: Ferreira, G., "*Dominação e transgressão: Leitura sobre justiça e poder no movimento Hip Hop*". CAOS, nº 6, 2004, João Pessoa, Brasil. Versão Electrónica, de www.chip.cchla.ufpb.br/caos/06-ferreira.html

Ferrão, Hugo (1996). "*Graffiti: Mestiçagem Imagética dos não Lugares*". "Arte e Teoria", Revista de Mestrado em Teorias de Arte da FBAUL, nº2, Lisboa.

Ferreira, G. (2004). "*Dominação e transgressão: leitura sobre justiça e poder no movimento Hip Hop*." Dissertação de Mestrado pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade federal da Paraíba, nº6, João Pessoa, Brasil. Versão Electrónica, de www.chip.cchla.ufpb.br/caos/06-ferreira.html

Fleuri, R. (1999). "*Multiculturalismo e Interculturalismo nos processos educacionais*". Universidade Federal de Stª Catarina, Brasil. Versão Electrónica, de www.espacomulher.com.br/jornalespacoparaamulhered6.htm

Fonseca, L. (2002). "*Revisitando Culturas Juvenis: investimentos de raparigas na escola*". Universidade do Porto/ Faculdade de Psicologia e de Ciências da educação e Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE). Porto. Versão Electrónica, de www.fpce.up.pt/~eiie/pubs/artigos/revisitando.doc

França, B. (2004). "*Projeto Graffiti - Parceria entre escola, comunidade e projeto Guanabara*". Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. Versão Electrónica, de www.ufmg.br/proex/7encontro/culturas.pdf

Freitas, M.J. e Menezes, M. «Coabitação espacial e processos identitários». In: Tavares, I. " *Percursos Estéticos da Identidade*

Juvenil em quatro grupos da cidade de Almada". Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, 2000, Universidade Católica Portuguesa, Instituto da Educação, Lisboa.

Giroux, H., «Channel surfing: race talking and destruction of today's youth». In: Magro, V., " *Adolescentes como autores de si próprios cotidiano, educação e o Hip Hop*". Cadernos CEDES, vol. 22, nº57, 2002, Campinas. Versão Electrónica, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO101-32622002000200005

Holland, D., Lachecotte, Jr., William, Skinner, D. e Cain, C., «Identity and Agency in Cultural Worlds». In: (Coords) Llorente, T., Fuentes, R., Lúpion, B. Moreno, E. " *Investigacion Educativa: Diversidad y Escuela*". 2001, Grupo Editorial Universitário.

Ianni, O. (1998). " *As ciências sociais na época da globalização*." Revista Brasileira Ciências Sociais, vol.13, nº37, pp. 33-41 - S. Paulo. Versão Electrónica, de www.globalizacion.org/biblioteca/iannicienciassocialesglobalizacion.htm

Lecombe, D., «Le monde diplomatique». In: Rocha, J. A. e Serén, M., " *A cultura las culturas*". Introdução à Antropologia Cultural, 2000. Edições ASA, Rio Tinto.

Magueta, L. (2004). " *Quem são os jovens graffitis de Lisboa?*". Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização de Educação Intercultural, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Lisboa.

Magro, V. (2002). " *Adolescentes como autores de si próprios cotidiano, educação e o Hip Hop*". Cadernos CEDES, vol. 22, nº57, Campinas, Brasil. Versão Electrónica, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO101-32622002000200005...

Magnani, J. G. (1992). "Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?". In Cadernos de campo. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP. S. Paulo, ano 2, nº2. S. Paulo, Brasil.

Marques, F.; Almeida, R. e Antunes, P., «Traços falantes: a cultura dos jovens graffitis». In: Pais, J.M., " *Traços e Riscos de Vida: Uma abordagem Qualitativa a modos de vidas juvenis*". Coleção Trajectórias, nº 1, 2000, 2ª ed., Porto.

Martinez, S., «A cultura jovem na ótica dos (as) professores (as) de escola de ensino médio». In: Cruz, A. " *Culturas Juvenis na escola*.

Uma escola para jovens". Mobilização Juvenil da Secretaria de Educação Média e Tecnológica – SEMTEC / MEC, 2001. Brasil. Versão Electrónica, de www.nultirio.rj.gov.br/seculo21/mapaasp?cod.chave

Martins, I. J. et al, «Projecto de educação intercultural 1993/94 – 1996/97 : Relatório de Execução». In: Coutinho, A., *"Educar em ambiente multicultural: problemas e perspectivas"*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Especialização em Gestão Educacional, 2001, Instituto Inter-Universitário de Macau, Lisboa.

Oliveira M.; Camilo A. e Valadares C. (2002). *"Tribos Urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com negociação de diferenças"*. Artigo Tribos Urbanas. Temas em Psicologia da SBP, vol. 11, nº 1. Universidade de Brasília, Brasil. Versão electrónica www.sbponline.org.br/revista2/index-arquivos/page916.htm

Oliveira (2002). *"Educação e Multiculturalismo"*. Núcleo Consciência Negra na USP. Portugal. Versão Electrónica, de <http://web.ipn.pt/literatura/zips/mancelos15.rtf>

Pais, J.M., «Nas rotas de cotidiano». In: Magro, V., *"Adolescentes como autores de si próprios cotidiano, educação e o Hip Hop"*. Cadernos CEDES, vol. 22, nº57, 2002, Campinas. Versão Electrónica, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200005

Pais, J.M. (1996). *"Culturas Juvenis"*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Colecção Análise Social, Lisboa.

Pais, J.M. (2003). *"Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, trabalho e futuro"*. Colecção Trajectórias. 2ª ed., Porto.

Policarpo, V. (2000). *"Jovens Luso – Africanos: Meio social e identidade"*. Actas do IV LUSOCOM – Congresso de Ciências da Comunicação. S. Vicente, S. Paulo, Brasil. Versão Electrónica, de www.uep.pt/cesop/relatorios/luso%20africanos.pdf

Queiroz, T. (2000). *"Segmentação urbana e culturas juvenil"*. Pós – Graduação em Sociologia da UFPB, Brasil. Versão Electrónica, de www.iuperj.br/Lusofonia/papers/Tereza/20Queiroz.pdf

Quiroga, M., «Juventude Urbana Pobre: manifestações publicas e leituras sociais». In: Queiroz, T., *"Segmentação Urbana e Culturas Juvenis"*. Programa em Pós – Graduação em Sociologia da UFPB, 2002, Brasil. Versão Electrónica, de www.iuperj.br/Lusofonia/papers/Tereza/20Queiroz.pdf

Reymond – Rivier, B., «O desenvolvimento social da criança e do adolescente». In: Magueta, L., *"Quem são os jovens graffitis de Lisboa?"*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Área de Especialização de Educação Intercultural, 2004, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Lisboa.

Roa, E. (2005). *"Educación y educadores en el contexto de la globalización"*. Revista Iberoamericana de Educación ISSN: 1681-5653, nº 35/6, Universidad de Salle, México. Versão Electrónica, de www.campus.oei.org/revista/index.html

Soeiro, J. e Lopes, J. (2003). *"A palavra no muro: Graffitis e esquerda"*. Artigo publicado na Comuna nº1. Versão Electrónica, de www.udp.pt/textos/comuna1/graffitis.htm

Souza, C. (2004). *"Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites"*. Última Década nº 20, CIDPA, Vinã Del Mar, pp. 47-69, Brasil. Versão Electrónica, de www.cidpa.cl/text/20arti2.pdf

Stoer, S. e Cortesão, L. (1999). *"Levantando a pedra: Da pedagogia Inter / Multicultural às Políticas Educativas numa época de transnacionalização"*. Biblioteca das Ciências do Homem. Editora Afrontamento, Porto.

Tavares, I. (2000). *"Percursos Estéticos da Identidade Juvenil em quatro grupos da cidade de Almada"*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade Católica Portuguesa, Instituto da Educação, Lisboa.

Tornero, J. M. (2000). *"Comunicación y educación en la sociedad de la información."*. Madrid, Paidós. Versão Electrónica, de www.paidos.com/lib.asp?cod=55027

Vermelho, L., «Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991». In: Castro, M. e Abramovey, M., *"Por um novo paradigma do fazer políticas – políticas de / para / com juventudes"*. Publicado in RBEP – Revista Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), nº 20, 2003 – numero especial sobre Juventudes, Brasil. Versão Electrónica, de www.uff.br/obsjovem/pponesco.doc

Zuín, A. (2004). *"O grafite da Vila Madalena: Uma abordagem sociossemiótica."* Universidade Católica de S. Paulo – PUC-SP, 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, nº3. Versão Electrónica, de www2.metodista.br/unesco/revista%20folkcom/Revista3.pdf

Weissman, P. (2005). *"Adolescencia"*. Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653). Universidad Nacional Mar del Plata,

Argentina. Versão
www.campus.oei.org/revista/index.html

Electrónica,

de

Apêndice A

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

(alunos graffiteiros + graffiter)

Muito obrigado pela colaboração

Esta entrevista é anónima e é no âmbito do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação pessoal e Social na Faculdade Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Segue-se assim, um conjunto de questões que dizem respeito à representação do graffiti e se este é integrado pela instituição escolar - que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas. Assim, pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

- 1.- Não te conheço muito bem, poder-me-ias falar um pouco de ti?
- 2.- Explica-me o teu percurso de vida, a nível da tua família, do meio onde vives e da escola que frequentas?
- 3.- Durante o teu processo de evolução participaste e / ou observaste algum episódio que me gostarias de salientar pela negativa e /ou pela positiva e o que é que aprendeste com este?
- 4.- Caracteriza-me um graffiter?

- 5.- Como é que surge o graffiti na tua vida e descreve-me a tua experiência nesta actividade?
- 6.- Consideras que os teus graffitis são influenciados pelo teu bairro, pela escola que frequentaste e pela tua família e de que forma é que estes se manifestam?
- 7.- Houve algum episódio de graffitis na tua vida e, que me gostarias de falar e o que é que aprendeste com ele?
- 8.- Consideras que na representação do graffiti está inerente uma mensagem? O que ela representa e o que quer transmitir e a quem se dirige?
- 9.- Nos trabalhos que realizas em graffiti que tipo de inspiração procuras e o que é que tentas transmitir?
- 10.- O que pensas da sociedade não ver com bons olhos o graffiti? Consideras que esta deveria integrar o graffiti e de que forma?
- 11.- Qual é a opinião da tua família e dos teus amigos de seres graffiter?
- 12.- Consideras que existe uma enorme adesão de jovens ao graffiti ou é pertença de alguns grupos étnicos?
- 13.- Consideras que existe uma boa relação entre os graffiteurs e as outras manifestações de jovens e como é que caracterizas estes grupos de jovens?
- 14.- Ser-se graffiter é ser-se diferente dos outros jovens, qual é a tua opinião?
- 15.- Para além desta actividade também exerces outras actividades e quais?
- 16.- Como é que caracterizas a escola que frequentaste?
- 17.- O graffiti manifesta-se por diversas vezes fora e dentro da escola. O que pensas destas diferentes manifestações e porquê?
- 18.- Consideras que a escola está a integrar o graffiti pela representação de alguns trabalhos? Porquê?

19.- Na tua opinião os espaços abertos pela escola à representação do graffiti são suficientes para a compreensão desta? Porquê?

20.- Para ti, quais são os aspectos positivos e negativos face às estratégias encontradas pela escola, no que diz respeito à representação de graffiti nos seus espaços?

Apêndice B

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

(Presidente do C. Executivo)

Muito obrigado pela colaboração

Esta entrevista é anónima e é no âmbito do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação pessoal e Social na Faculdade Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Segue-se assim, um conjunto de questões que dizem respeito à representação do graffiti e se este é integrado pela instituição escolar - que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas. Assim, pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

1.- Na sua opinião, qual é a pertinência do conceito culturas juvenis para análise de práticas e representação de grupos de jovens?

2.- Considera que as culturas juvenis nas suas diferentes manifestações são incluídas ou excluídas socialmente? Porquê?

3.- A experiência juvenil hoje é marcada pela diversidade, o que pensa sobre esta?

4.- Considera que pode existir alguma relação entre a educação e o graffiti? No caso afirmativo de que forma é que se pode desenvolver este processo?

5.- Como é que caracteriza esta escola a nível das culturas juvenis existentes?

6.- Na sua opinião como é que se vem manifestando a sociabilidade juvenil face a um contexto escolar globalizante e multicultural?

7.- Considera que se está criando um novo tipo de cultura a partir das diferentes manifestações juvenis? Poderia-me referir a sua opinião face a esta?

8.- As iniciativas tomadas no presente ano lectivo no âmbito da arte do graffiti foram solicitadas pelos alunos da escola ou foram no âmbito de algum projecto escolar e como se desenvolveu este processo?

9.- Existe algum objectivo da escola em permitir a abertura a este tipo de iniciativas?

10.- Na sua opinião, esta iniciativa constitui uma forma de integração das culturas juvenis no espaço escolar e no meio?

11.- Que estratégias foram visionadas e tidas em atenção para a permissão da representação de graffiti no espaço escolar?

12.- A escola ao permitir a realização de graffiti no seu espaço, teve em atenção as suas características?

13.- Em anos anteriores foram realizados alguns projectos no âmbito do graffiti. Considera que houve a tentativa de legalização ao permitir a representação destes e porquê?

Apêndice C

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

(Antigo - Presidente do C. Executivo)

Muito obrigado pela colaboração

Esta entrevista é anónima e é no âmbito do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação pessoal e Social na Faculdade Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Segue-se assim, um conjunto de questões que dizem respeito à representação do graffiti e se este é integrado pela instituição escolar - que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas. Assim, pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

1.- Na sua opinião, qual é a pertinência do conceito culturas juvenis para análise de práticas e representação de grupos de jovens?

2.- Considera que as culturas juvenis nas suas diferentes manifestações são incluídas ou excluídas socialmente? Porquê?

3.- A experiência juvenil hoje é marcada pela diversidade, o que pensa sobre esta?

4.- Considera que pode existir alguma relação entre a educação e os movimentos de rua, como o graffiti? No caso afirmativo de que forma é que se pode desenvolver este processo?

5.- Como é que define esta escola a nível das culturas juvenis existentes?

6.- Na sua opinião como é que se vem manifestando a sociabilidade juvenil face a um contexto escolar globalizante e multicultural?

7.- Considera que se está criando um novo tipo de cultura a partir das diferentes manifestações juvenis? Poderia-me referir a sua opinião face a esta?

8.- As iniciativas desenvolvidas durante os seus mandatos no âmbito da arte do graffiti foram solicitadas pelos alunos da escola ou foram no âmbito de algum projecto escolar e como se desenvolveu este processo?

9.- Em alguns dos projectos foi solicitada a intervenção do Município do Seixal? No caso afirmativo, como é que esta reagiu aos pedidos de intervenção e participação?

10.- Na sua opinião, estas iniciativas constituíram uma forma de integração das culturas juvenis no espaço escolar e no meio?

11.- Que estratégias foram visionadas e tidas em atenção para a permissão da representação do graffiti no espaço escolar?

12.- A escola ao permitir a realização de graffitis no seu espaço, teve em atenção as suas características?

13.- Considera que a realização de graffitis no espaço escolar é uma tentativa de legalizar este tipo de arte e porquê?

Apêndice D

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

(C.M. do Seixal)

Muito obrigado pela colaboração

Esta entrevista é anónima e é no âmbito do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação pessoal e Social na Faculdade Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Segue-se assim, um conjunto de questões que dizem respeito à representação do graffiti e se este é integrado pela instituição escolar - que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas. Assim, pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

1.- Como caracteriza as culturas juvenis?

2.- Considera que actualmente assiste-se a uma crise de identidade na adolescência? Em caso afirmativo justifique-me a sua opinião?

- 3.- "A experiência juvenil hoje em dia é marcada pela diversidade". Qual é a sua opinião?
- 4.- Que tipo de cultura na sua opinião se está criando a partir das diferentes manifestações juvenis?
- 5.- Qual é a pertinência do conceito culturas juvenis para análise de práticas e representações destes grupos de jovens?
- 6.- Actualmente, considera que as culturas juvenis são incluídas ou excluídas socialmente?
- 7.- Na sua opinião o movimento do graffiti é pertença exclusiva de alguns grupos étnicos e porquê? Qual é a sua opinião?
- 8.- O graffiti na sua opinião demonstra identidades de grupos ou tribos ou de uma cidade / comunidade e porquê?
- 9.- Que relação pode existir entre educação e os movimentos de rua actuais?
- 10.- A C. M. tem colaborado em projectos de graffiti no meio e nas escolas do conselho? Qual é o objectivo da sua intervenção?

11.- Que estratégias são desenvolvidas por parte do Município do Seixal para intervenção e participação em projectos solicitados pelas escolas, com o fim de realizarem projectos de graffiti nos seus espaços?

12.- Na sua opinião, qual é importância da representação do graffiti em espaços do conselho?

13.- A participação do Município em projectos de graffiti tem em atenção as características desta arte de rua a quando da sua realização?

14.- O que pensa da integração do graffiti no meio e na escola?

15.- Qual é a sua opinião sobre a legalização desta arte de rua?

Apêndice E

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (alunos graffiteiros + graffiter)

Muito obrigado pela colaboração

Esta entrevista é anónima e é no âmbito do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação pessoal e Social na Faculdade Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Segue-se assim, um conjunto de questões que dizem respeito à representação do graffiti e se este é integrado pela instituição escolar - que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas. Assim, pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

1.- Não te conheço muito bem, poder-me-ias falar um pouco de ti?

R: Sou Pedro, tenho 17 anos, moro na Quinta da Princesa, faço graffitis e gosto de fazer. Comecei desde os meus 13 anos a pintar nas paredes, a fazer os "tags", depois comecei a praticar mais com os amigos, o sair à noite, pintar em comboios, daí, comecei a gostar de fazer graffitis e agora continuo a fazer graffiti e não vou desistir de fazer. Aqui, na escola chamam-me para fazer desenhos e para pintar na escola em pavilhões. Tenho muitos projectos para fazer e convidaram-me muitas vezes para

pintar nos pavilhões e em telas, fazer desenhos de jovens e de teatros, todos acham que eu desenho bem, eu faço a vontade todos.

2.- Explica-me o teu percurso de vida, a nível da tua família, do meio onde vives e da escola que frequentas?

R: Eu vivo na Quinta da Princesa, os meus pais vieram de Cabo Verde para levar uma vida melhor e eu vivo num bairro diferente dos outros. A minha escola é secundária e tenho muitos amigos e gosto de andar a estudar. Ando num curso profissional, gosto deste curso porque tenho uma nova oportunidade e na vida, para tirar o nono ano e tirar a minha carta de condução.

3.- Durante o teu processo de evolução participaste e / ou observaste algum episódio que me gostarias de salientar pela negativa e /ou pela positiva e o que é que aprendeste com este?

R: Eu quando andava no sétimo ano chumbei por faltas porque tinha muitos problemas familiares e quando foi o ano seguinte houve cá uns cursos cá na escola. Prontos, para tirar o meu nono ano aproveitei essa oportunidade para estudar, para passar para o coiso.

4.- Caracteriza-me um graffiter?

R: Um graffiter é uma pessoa que gosta de pintar nas paredes, gosta de fazer a sua arte, para exprimir os seus sentimentos na parede, fazer ... várias coisas... bonecos, para fazer com estilo próprio e cada graffiter tem o seu estilo de pintar. Meu estilo não é graffiter é mais de rapper e cada um faz nomes de damas, da pessoa daquele de que gosta, nomes dos pais, depois escrevem quando estão apaixonados amor, muitas coisas ... né...

5.- Como é que surge o graffiti na tua vida e descreve-me a tua experiência nesta actividade?

R: Desde os meus 13 anos comecei a desenhar, olhava o meu irmão a desenhar no quarto, a fazer grandes desenhos ... ia ... comecei a fazer os desenhos no papel, bem fatela! Depois de um passeio a Évora, a Cristina de Évora, a gente passou por uns bairros, foi quando vimos graffitis e vira-se um amigo para mim: _ Olha! Aquele desenho... E eu vi e de repente achei bonito e disse-lhe assim: _ E, agora...

Por todas, aonde eu passo vejo graffitis e ficava bem espantado, olhava para aquilo e mesmo fixe e se calhar até vou pintar um grafe. Pois, tenho

um amigo meu chamado Roberto, ele também desenhava muito e a gente começou a consultar a Internet e bué de graffitis man, e tratar algumas letras e foi de aí que coiso e começou a fazer ... começou a fazer. E depois, começamos a arranjar dinheiro para comprar as latas, aí duas latas e a gente fazia. O dinheiro era a minha mãe que dava ou a mãe dele dava-lhe e a gente juntamos e compramos as latas, eram bem caras, três euros e tal, imaginar que a gente éramos prós, a gente a pintar na parede, fazer tudo e achávamos bonito, fazer bué de projectos man e em casa quando havia musica ficávamos lá ... ia! ... este vamos meter na parede vai ficar perfeito, estava a desenhar isto na parede, vai ficar perfeito e ficava tudo bem e agora olho para aquilo e digo: _ Fogol!

O primeiro graffiti que eu fiz foi bué estúpido, era SKI, bué fatela e depois meti bué de letras do A ao Z, comecei a pintar lá no parque e fiz um graffiti, toda a gente a ver, passavam por lá e eu pintando tudo com tinta, era um graffiter contente e a dizer para mim que nunca ia desistir. Depois arranjei um grupo, éramos três, DK (Distraction Kids), um foi para o Algarve, nunca mais veio e eu e o outro não íamos deixar de pintar. Então, comecei a pintar em telas, fazer concursos de graffiti, participar a sério nas actividades do Hip Hop, também havia alguma coisa de graffiti me chamavam para pintar, principalmente no pólo militar. Penso fazer do graffiti a minha vida, nunca vou parar de fazer graffiti.

6.- Consideras que os teus graffitis são influenciados pelo teu bairro, pela tua escola e pela tua família e de que forma é que estes se manifestam?

R: Os meus graffitis são influenciados pelo bairro ... em que ... muita gente me apoiou, que eu tinha muito jeito para o desenho, pela cor, pensando que houvesse alguma coisa que cada vez que pintava, era eu próprio como os outros.

7.- Houve algum episódio de graffitis na tua vida e, que me gostarias de falar e o que é que aprendeste com ele?

R: Uma vez à noite, para aí às 10 da noite sai de casa para ir fazer um graffiti novo, numa casa de luz ... numa casa de luz. Começo a pintar, a fazer riscos a preto, aparece a policia e eu escondo-me, dou a volta à casinha e corro para casa e depois por uma janela e daqui a pouco a policia sobe para cima, depois desceu outra vez e coiso... Todos os carros que iam a passar e nunca mais acabava o desenho e foi assim, e não aconteceu nada de fora do normal. É sempre que eu pinto, é interno e coiso ... e os policias não dizem nada, só isso.

8.- Consideras que na representação do graffiti está inerente uma mensagem? O que ela representa e o que quer transmitir e a quem se dirige?

R: Quando faço um graffiti ... hum ... quando estou chateado também expresso os meus sentimentos nela e quando estou apaixonado por alguém pinto uma mensagem ou uma paisagem e quando as pessoas passarem por lá e dizem que está bonito, tudo o que tenho a dizer.

9.- Nos trabalhos que realizas em graffiti que tipo de inspiração procuras e o que é que tentas transmitir?

R: Hum... Inspira-me quando estou apaixonado. Não, só me apaixonei uma única vez, nunca mais parei, nunca mais mudei. O AMOR (tag), pois...

10.- O que pensas da sociedade não ver com bons olhos o graffiti? Consideras que esta deveria integrar o graffiti e de que forma?

R: Eu acho que não, porque quando for coiso, se a gente prontos, quando eu quiser fazer à mão uma pessoa que eu gosto num prédio e dedicar um desenho para ela e as pessoas virem, acho que é muito mau também.

11.- Qual é a opinião da tua família e dos teus amigos de seres graffiter?

R: A minha família e os amigos dizem-me sempre porque é que não acho bom o curso de desenho e ... como sendo como os outros podes pintar em discotecas e em lojas, eles incentivam-me ia!

12.- Consideras que existe uma enorme adesão de jovens ao graffiti ou é pertença de alguns grupos étnicos?

R: Sim. Penso que não existem muitos graffiters, a maior parte são de origem africana.

13.- Consideras que existe uma boa relação entre os graffiters e as outras manifestações de jovens e como é que caracterizas estes grupos de jovens?

R: Não existe uma boa relação entre os graffiteurs e os outros grupos porque que a gente está naquela do Hip Hop. Por outro lado, não tem nada a ver. Nós podemos dar com esses grupos, mas não existe misturas entre nós e esses grupos. Considero as manifestações de outros grupos como normais, mas são grupos com características diferentes das nossas, são diferentes. Por exemplo: eles na maneira de vestir são mais coisas, nós somos à rapper, para já são todos friques.

14.- Ser-se graffiter é ser-se diferente dos outros jovens, qual é a tua opinião?

R: Sim, porque a gente gosta naquilo que a gente gosta, compramos as latas e coiso, é uma forma de me afirmar e estar na vida.

15.- Para além desta actividade também exerces outras actividades e quais?

R: Sim, faço músicas de rapper, produzo música.

16.- Como é que caracterizas a tua escola?

R: Hum... Tenho o apoio de muitas pessoas e para actividades convidam-me sempre e ... considero que a escola me está a apoiar para ser alguém no futuro.

17.- O graffiti manifesta-se por diversas vezes fora e dentro da escola. O que pensas destas diferentes manifestações e porquê?

R: Os trabalhos realizados aqui dentro têm regras e lá fora não, pois lá fora fazem o que se quiser. Para mim os trabalhos realizados aqui na escola são iguais aos realizados fora da escola. A representação de tags fora da escola é que não são graffitis, isto dos tags são utilizados para assinar o desenho depois de acabado e muitas vezes é o nome ou mesmo código anónimo.

18.- Consideras que a tua escola está a integrar o graffiti pela representação de alguns trabalhos? Porquê?

R: Não sei, se por ser graffiter que eles me pedem sempre para fazer aquelas letras bué de maradas. Considero que a minha escola está a ter em atenção os alunos que estão nela e daí permitir que se realizem trabalhos e assim já podemos pintar mais vezes, podemos ter mais liberdade para pintar.

19.- Na tua opinião os espaços abertos pela tua escola à representação do graffiti são suficientes para a compreensão desta? Porquê?

R: Não porque é preciso pintar sempre e praticar cada vez mais, o que a gente faz na escola só nos permite telas pequenas, pois era um espaço grande para pintarmos à vontade e a gente mete lá tudo, não mete só metade do que a gente quer.

20.- Para ti, quais são os aspectos positivos e negativos face às estratégias encontradas pela tua escola, no que diz respeito à representação de graffiti nos seus espaços?

R: O aspecto positivo é nos deixarem pintar, O aspecto negativo é quando a gente quer pintar não nos deixam pintar, quando a gente quer fazer um desenho eles querem outro, quando queremos um estilo eles querem outro estilo. Na escola não temos liberdade de fazer tudo. Querem que o desenho que estou a realizar que condiga, quando quero fazer o meu estilo tem que ser. O outro dia até fiz um desenho sobre aquelas caras de teatro, tinha um laço cor de rosa e outro azul e mandaram-me pintar de verde, mas eu não o fiz o que me mandaram.

Apêndice F

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (alunos graffiteiros + graffiter)

Muito obrigado pela colaboração

Esta entrevista é anónima e é no âmbito do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação pessoal e Social na Faculdade Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Segue-se assim, um conjunto de questões que dizem respeito à representação do graffiti e se este é integrado pela instituição escolar - que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas. Assim, pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

- 1.- Não te conheço muito bem, poder-me-ias falar um pouco de ti?
- 2.- Explica-me o teu percurso, a nível da tua família, do meio onde vives e da escola que frequentas?

R (1 ;2) : Tenho 17 anos, vivo na Cruz de Pau, né. Gosto de jogar à bola e gosto de fazer graffitis né, senão estava a fazer esta entrevista. Estou no 11º ano no agrupamento de Artes. A minha família é toda daqui, tenho uma irmã, vivo com os meus pais, também os dois e vivemos todos juntos. Escolhi Artes porque gosto de desenhar, gosto de fazer graffitis, também né, influenciou um bocado. Primeiro fui para outros cursos só que não gostei né

e por isso perdi um ano da escola e tal ... hum... Acho que não tenho mais nada.

3.- Durante o teu processo de evolução participaste e / ou observaste algum episódio que me gostarias de salientar pela negativa e /ou pela positiva e o que é que aprendeste com este?

R: Bom, o que tem marcado mais é a doença que descobri à pouco tempo, quero dizer: não sei se tinha algum tempo e é o que tem marcado mais pela negativa, porque não me deixa fazer muitas coisas, jogar à bola como por exemplo, sei lá várias coisas. Não me deixa fazer nada, só posso estar parado, não sei quê... mas jogar à bola e desportos com mais garra, não sei quê... não se pode fazer nada e também pela positiva não tenho, não sei, talvez.... Isto está um bocado no início, talvez, depois aprenda mais alguma coisa, mas agora só a única coisa, é que não posso fazer mais coisas, não posso jogar à bola e nada, mas de resto está no início, mas talvez mais tarde e com mais idade aprenda alguma coisa.

4.- Caracteriza-me um graffiter?

R: Eu não sou bem um graffiter porque, gostava disso mas tive um problema que vou contar mais à frente né, deixei-me muito dessas coisas e comecei mais a ligar ao futebol e não sei o quê... Apesar de gostar de graffiti nunca fiz muitas vezes, fiz um ou outro para uma ou outra pessoa a dedicar, o que penso sobre eles... sei lá, eles. Normalmente, a gente nunca sabe quando é um graffiter não é por usar roupas largas, ou... nunca sabe, é uma pessoa normal, pode ser qualquer pessoa, inclusive acho que um dos melhores de cá tem quarenta e tal anos, é uma pessoa normal é um homem normal, a gente olha para aquele homem e diz que é um cota, prontos, mas a gente nem sabe, é um dos melhores graffiters e sei lá são pessoas normais que têm o seu próprio estilo né, que gostam de inovar, basicamente, exprimem o que querem nas paredes, querem dizer por exemplo, eu nunca fiz um graffiti por fazer né... era sempre para dedicar a alguém, à minha irmã, uma coisa qualquer, foi sempre dedicado, nunca foi, prontos, nunca para sujar a parede foi sempre dedicado, é isso que eles fazem.

5.- Como é que surge o graffiti na tua vida e descreve-me a tua experiência nesta actividade?

R: O graffiti surge na minha vida quando fui para uma turma problemática e eles todos faziam graffiti e gostavam muito do grafe, quer dizer não eram graffiteurs a sério, gostavam de sujar um bocado a parede, não sei o quê, éramos putos tínhamos 10 anos foi quando entrei para o quinto ano, foi basicamente, por isso que eu comecei a fazer graffiti. Também, comecei por sujar as paredes e não sei o quê..., dar tags e não sei o quê..., já não faço isso, mas a minha experiência nesta actividade é mais, que o graffiti não serve para sujar paredes, quer dizer alguma coisa a alguém, para exprimir alguma coisa..., alguma coisa que a gente queira dizer, não precisa de ser uma pessoa, mas por exemplo a algum órgão social ou uma coisa qualquer, que a gente queira dizer alguma coisa, basicamente é isto.

6.- Consideras que os teus graffitis são influenciados pelo teu bairro, pela tua escola e pela tua família e de que forma é que estes se manifestam?

R: A escola influenciou-me, a minha família não teve muito. Talvez, eu não moro num bairro mas dava-me com muito pessoal de lá, talvez isso tenha influenciado um bocado, já que eles faziam, eles eram todos da minha escola, então, tenha influenciado um bocadinho. Sei lá, comecei a vê-los desenhar e achava graça aquilo, pois eles iam para a rua, pois, achava piada à adrenalina que aquilo tinha, quer dizer, que a gente tinha que estar sempre a esconder e se vem a policia e se vem aquela pessoa e se vê e se não vê, e a gente tinha fazer rápido e fugir daquele sitio e ... sei lá... tínhamos que, as latas fazem barulho ou... foi mais pela adrenalina, eles chegavam ali e faziam, e depois dava gozo por a gente fugir e então, talvez isso tenha...

7.- Houve algum episódio de graffitis na tua vida e, que me gostarias de falar e o que é que aprendeste com ele?

R: É assim, eu tive um episodio que é um bocado mau e penso que todos graffiteurs mesmo a sério já devem ter tido, por exemplo, é o que penso mesmo, que todos os graffiteurs tenham tido este problema, que é estava a fazer um graffiti né, alguma pessoa viu, alguma coisa assim, algum segurança, chamou a policia e gente nem se apercebemos de nada, éramos três ou quatro e fomos todos levados para a esquadra e fomos a tribunal e nem sei o quê. Antes disso, eu fazia alguns grafos ainda, depois disso deixei de fazer, mais ou menos, porque não gostei muito de ir a tribunal nem nada e sei lá... eu ainda fiz alguns grafos a seguir e não sei o quê, fiz... fiz um à dois

ou três meses né, mas foi só mesmo para dedicar a uma pessoa mais nada, foi uma coisa mesmo, foi mais ou menos que me levou a parar, antigamente fazia muitos e ainda era um bocado toe e não sei o quê, mas ainda fazia alguns e só, basicamente, foi isso sido apanhado pela policia e ter ido a tribunal e não sei o quê. Aaaa... basicamente, não aprendi muito porque eu estava a fazer uma coisa que achava que devia fazer e então... não foi por causa deles me terem levado à policia que me fizeram aprender, que não se deve fazer o graffiti por que eles não querem, que eles acham coiso, porque à muitas formas de manifestar, as pessoas fazem greves e a gente tem esta forma de manifestar-se, por exemplo, fazendo graffitis nas paredes, mas até que eu fui apanhado, não estava a sujar uma parede de uma casa, estava a fazer numa linha do comboio, não sujar bem a parede, as pessoas... mas prontos.

8.- Consideras que na representação do graffiti está inerente uma mensagem? O que ela representa e o que quer transmitir e a quem se dirige?

R: Sim. O que ela representa é a linha do graffiti para o graffiter e a quem se quer dirigir também. Normalmente, são para pessoas chegadas ou da família ou como eu conheço pessoas da nossa zona, como por exemplo, um graffiti que era bom e até morreu, que já andava de cadeira de rodas e não sei o quê... depois morreu, e muitos dos graffitis que se fazem agora, enfim, tem sempre um tag dele ou a dedicar a ele, sei lá, são muitas das pessoas que morrem para eles estarem sempre presentes e sei lá, depende de cada graffiter.

9.- Nos trabalhos que realizas em graffiti que tipo de inspiração procuras e o que é que tentas transmitir?

R: Sei lá! Tento transmitir... Tento transmitir mais ou menos o que sinto e quero que as outras pessoas pensam ou acham o que eu sinto, como às vezes graffitis para outras pessoas e isso, e inspiração não sei... inspiração talvez reporta-me nas outras pessoas, não sei... mais ou menos.

10.- O que pensas da sociedade não ver com bons olhos o graffiti? Consideras que esta deveria integrar o graffiti e de que forma?

R: Eu até certo ponto concordo um bocado né, porque as pessoas às vezes não gostam a parede suja com algum tag ou com uma coisa, se bem, se for um graffiti bonito, uma coisa bonita, é bom, a gente olha e aquilo está

bonito, como agora ali em cima, agora os graffiteurs fizeram, eles são conhecidos e foi a câmara que pagou, desenharam tipo plantas ali em cima, aquilo é graffiti e eu estava lá e vi-os fazer. Aquilo, é um graffiti artístico diferente do graffiti de rua e foi pago pela câmara, são os melhores gajos da zona, então mas é graffiti, está bem desenhado. Acho que sim, sei lá... é um bocado subjectivo, ou então, espaços mesmo próprios para a gente fazer e dizer o que a gente quer, mas corta a adrenalina e se a sociedade gostasse e se...

11.- Qual é a opinião da tua família e dos teus amigos de seres graffiter?

R: A minha família nunca quis muito saber disso, sempre acharam que foi uma coisa que passava mais logo e eu tinha as latas em casa, meu pai nunca me perguntava assim... nunca houve problemas por causa de ter ido a tribunal porque eu cheguei a pedir dinheiro aos meus pais para comprar latas e o meu pai não achava... Os meus amigos eram normalmente, todos graffiteurs portanto, tinham uma boa opinião, né ...porque não podiam ter uma opinião diferente, né.

12.- Consideras que existe uma enorme adesão de jovens ao graffiti ou é pertença de alguns grupos étnicos?

R: Acho que sim. Já houve mais, acho que já houve mais à algum tempo jovens a aderir, mas normalmente, é para se mostrarem... sei lá. É para assumirem a sua personalidade, para dizerem que são eles, são eles que quiseram aquilo e não sei o quê, normalmente, não é para se exprimirem, escrevem quatro ou cinco letras e arranjam tags, escrevem quatro ou cinco letras e prontos. O graffiti está aberto a toda a gente é uma forma mais de manifestar-se.

13.- Consideras que existe uma boa relação entre os graffiteurs e as outras manifestações de jovens e como é que caracterizas estes grupos de jovens?

R: Talvez não sei. Nunca tive assim problemas desses, pelo menos conheço alguns e não sei o quê, acho que não à problemas entre essas partes. Sei lá, a gente podemos achá-los excessivos nas coisas que fazem e eles acharem a gente porque cada um tem a sua opinião. Posso dizer que eles fizeram aquilo e fizeram mal e eles podem dizer que fizemos aquilo e fizemos mal, estamos todos normalmente a fazer a mesma coisa, ou a lutar pela mesma coisa, ou a dizer alguma coisa, a gente faz de uma maneira e eles fazem de outra. Eles têm o seu estilo e nós o nosso.

14.- Ser-se graffiter é ser-se diferente dos outros jovens, qual é a tua opinião?

R: Não acho que é diferente, à pessoas que vão para a porta da republica falar, queremos aquilo, queremos isto e a gente tem outra maneira, é fazer o graffiti na parede e não sei o quê, se fizemos na policia na parede é melhor do que ir lá refilar a quase, olha fizeram-me isto, não sei o quê, prontos assim, já sabem, para a próxima têm que dar mais ouvidos, não sei o quê, mais ou menos isso.

15.- Para além desta actividade também exerces outras actividades e quais?

R: Agora, eu antigamente jogava futebol mas por causa da minha doença já não exerço mais nada, mesmo até o graffiti só às vezes quando tenho vontade de arranjar uma adrenalina.

16.- Como é que caracterizas a tua escola?

R: Penso que é uma escola fixe, com grupos diferentes e tal... mas grupos, sei lá, não sei se é uma escola que apoia muito o graffiti, mais ou menos, já vi algumas coisas, apesar de eu ter outra opinião, mas prontos. De resto é uma escola fixe.

17.- O graffiti manifesta-se por diversas vezes fora e dentro da escola. O que pensas destas diferentes manifestações e porquê?

R: É diferente lá fora, mais um género de protesto, talvez, ou então, como é feito numa escola ou para alguém que anda cá na escola ou isso. Cá dentro é uma espécie, entende-se mais ou menos como uma arte, sei lá, existe mais tempo e faz-se coisas mais bonitas e tal. Normalmente o pessoal entende mais como uma espécie de arte, mas lá fora é tipo um teste, sei lá, é diferente.

18.- Consideras que a tua escola está a integrar o graffiti pela representação de alguns trabalhos? Porquê?

R: Mais ou menos... Aí, é mais ou menos porque até eles podem não achar muita piada ao graffiti, mas lá fora, mas lá fora é que é, mas cá dentro não dá muita adrenalina, é mais ou menos como pintar uma tela... só que é pintado numa tela maior com latas de spray né, ou numa parede maior com

latas de spray. Agora lá fora tem mais adrenalina porque sei lá, é feito cá dentro e não é feito lá fora para não mostrar, quer dizer, nas paredes da escola. Por exemplo onde diz ESA não tem um graffiti tem umas letras a dizer ESA porque aquilo dava um bocado mau aspecto ter um graffiti ali, em vez das letras, mas dentro dos pavilhões já é permitido, isto é uma forma de arte, sei lá, integram isto como uma forma de arte mesmo, não como protesto. Se o gajo que fez ali o grafo pusesse ali outras coisas sem ser ali com escadas, mostrando que aquilo é um pavilhão às tantas não o deixavam fazer, o tipo de protesto que ele faz na rua não o deixavam ir fazer.

19.- Na tua opinião os espaços abertos pela tua escola à representação do graffiti são suficientes para a compreensão desta? Porquê?

R: Não. Acho que não são suficientes. Para já, todos os espaços são poucos, como se faz um, faz-se dois, faz-se três, faz-se quatro e nunca mais se pára e deixa de haver espaços, por isso é que apagam as paredes, pintam por cima, sei lá, e vamos lá fazer outra vez, de novo,... Na escola tem aqui muita parede branca e ... ou paredes que não estão a ser utilizadas, mas como não devem querer mostrar que a escola é má frequentada, ou não sei o quê, não deixam pintar em outros sítios, só deixam pintar lá dentro e em placares né. Os pavilhões têm as paredes todas sujas, não sei o quê, cheias de musgo, não sei o quê, não custava nada arrancar né, arrancava aquelas coisas verdes, a gente pintava mesmo de branco e fazia lá por cima, não custava nada. Para eles deve dar mau aspecto à escola.

20.- Para ti, quais são os aspectos positivos e negativos face às estratégias encontradas pela tua escola, no que diz respeito à representação de graffiti nos seus espaços?

R: O aspecto positivo é mais aquela coisa de ... a gente pensa né, no fundo nem deve ser isso, a gente pensa que eles estão mesmo a integrar o graffiti na escola né, e a gente está a pensar que eles estão a gostar do graffiti e não sei o quê, se calhar até não estão e dão-nos um placar e tal, para a gente não fazer tanta barafunda aí, e que a gente quer fazer um grafo, e eles não deixam e não apoiam o graffiti e é uma forma de arte. Se calhar, fazem isso, prontos, vamos fazer a eles, se eles pintam numa tela e mete-se ali dentro e ninguém vê, e ninguém quer saber disso e eles ficam contentes e não refilam com a gente e não estão para aqui a fazer barulho né. Até pode ser isso né, um dos aspectos positivos para a gente achar que eles pensam, mas ao mesmo tempo negativos né,... sei lá, é as duas coisas, pode ser positivo e negativo. Por outro lado, é positivo eles deixarem a gente

fazerem o graffiti né, e nem nos interromperem nem nada. Por outro lado, põe eles pensarem que deixa-os fazer e como fosse uma ilusão para a gente.

Apêndice G

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (alunos graffiteiros + graffiter)

Muito obrigado pela colaboração

Esta entrevista é anónima e é no âmbito do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação pessoal e Social na Faculdade Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Segue-se assim, um conjunto de questões que dizem respeito à representação do graffiti e se este é integrado pela instituição escolar - que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas. Assim, pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

1.- Não te conheço muito bem, poder-me-ias falar um pouco de ti?

R: Hum... Eu sou assim um bocado... sou tímido, mas chega assim... tenho 17 anos de idade. Vou assim para a rua e isso, sou como os outros jovens normais, estudo, saio à noite, vou a discotecas, cafés, vou a jogar à bola. De futuro penso estar ligado ao design e não tenho mais nada a dizer sobre mim.

2.- Explica-me o teu percurso de vida, a nível da tua família, do meio onde vives e da escola que frequentas?

R: Comecei a andar nas Paivas, nasci nas Paivas, fui para a escola nas Paivas, pois é que mudei para a escola Pedro Ianes Lobato e agora estou aqui. Os meus pais nasceram em Cabo Verde mas eu já nasci aqui, em Portugal.

3.- Durante o teu processo de evolução participaste e / ou observaste algum episódio que me gostarias de salientar pela negativa e /ou pela positiva e o que é que aprendeste com este?

R: Mesmo falando, só mesmo sobre o graffiti... acho que é feio pintar por cima dos outros, mas consistentes.

4.- Caracteriza-me um graffiter?

R: Há tantas maneiras, são todos diferentes, mas são muito mais socialmente abertos, acho eu... é tudo igual.

5.- Como é que surge o graffiti na tua vida e descreve-me a tua experiência nesta actividade?

R: Foi por causa do meu irmão, pintava e sentia-me um bocado curioso e comecei também... e também acalmo, pego num bocado de papel, pois sou um bocado nervoso, até nas aulas e começo a desenhar e acalmo... gosto mais de adrenalina e isso... não é bem fugir à polícia.

6.- Consideras que os teus graffitis são influenciados pelo teu bairro, pela tua escola e pela tua família e de que forma é que estes se manifestam?

R: Pelo meu bairro, assim muito não, mais por outros bairros. Pela minha escola, mais ou menos, por alguns... A minha família não tem influência nos meus trabalhos. Influenciam... por vezes vêm-me perguntar e um gajo fica assim, e muitas vezes é só para chatear, muita coisa...

7.- Houve algum episódio de graffitis na tua vida e, que me gostarias de falar e o que é que aprendeste com ele?

R: Por acaso não, por acaso foi tudo pela positiva, acho que gostei muito de todos, por acaso realizei um num sitio muito fechado e todos depois fomos passear, gostei muito.

8.- Consideras que na representação do graffiti está inerente uma mensagem? O que ela representa e o que quer transmitir e a quem se dirige?

R: Depende para o que for dedicada... os artistas que fazem isso mesmo, por ser vândalos, mesmo pintar, gostam de pintar comboios, mas à outros que querem expressar que o graffiti não é uma arte vândala, é mais... artística, expressar um sentimento contra o racismo, contra qualquer coisa, é aquela noção de Hip Hop.

9.- Nos trabalhos que realizas em graffiti que tipo de inspiração procuras e o que é que tentas transmitir?

R: Dirige-se a toda a gente... todos podem apreciar e quer transmitir... pois à muitas formas de graffiti pode transmitir muita coisa... muita coisa... muita coisa. É pá! Tento transmitir um pouco de mim, por isso que faço coisas muito simples, não tento complicar as coisas, pois não tenho muita paciência para isso. O meu trabalho tem a ver com quem sou. Gosto estar em todo o lado... não tento transmitir um sentimento.

10.- O que pensas da sociedade não ver com bons olhos o graffiti? Consideras que esta deveria integrar o graffiti e de que forma?

R: Acho que é uma coisa deles, eles dizem que é só para sujar as paredes, eu acho isso bué da mal. Acho que eles não vêem isto com bons olhos, por exemplo eles fazem os graffitis muito bons no Seixal, o people é só sujar as paredes, a parede devia estar branca, não sei o quê... mas aquilo dá vida, dá vida a uma parede, acho que... aquilo devia ser feito. Integrar ou legalizar daria menos prazer a um artista. Acho que não.

11.- Qual é a opinião da tua família e dos teus amigos de seres grãffiter?

R: A minha família... a minha família sabe muito pouco que eu pinto e não tenho que demonstrar, porque querem que eu estude, que não querem que eu ande nessas vidas e... Os meus amigos... mandam comigo uns tags, às vezes pedem-me que eu faça um desenho ou outro com o nome deles, eles incentivam-me um bocado.

12.- Consideras que existe uma enorme adesão de jovens ao graffiti ou é pertença de alguns grupos étnicos?

R: É pá! Aqui, já houve maior, mas de repente acabou... tá a ver... acho que era conceito de moda. Mas também acho que tem a ver com o Hip Hop, pois à gente que curte o Hip Hop e com essas pinturas, com esse movimento exprimem mais os sentimentos pela parede.

13.- Consideras que existe uma boa relação entre os graffiteurs e as outras manifestações de jovens e como é que caracterizas estes grupos de jovens?

R: Como graffiteurs são para mim todos iguais, eu já vi muitos punks a pintar e pintam bué de bem, pintam com o mesmo sentimento de cor, fazem como o Hip Hop, tanto faz. Eles transmitem a mesma ideia, a liberdade.

14.- Ser-se graffiter é ser-se diferente dos outros jovens, qual é a tua opinião?

R: Não, é só para demonstrar que têm interesse por algumas coisas, como ter pela bola pode-se ter pelo graffiti.

15.- Para além desta actividade também exerces outras actividades e quais?

R: Gosto de jogar bola, treinava até à pouco tempo, mas depois acabou, é pouco isso...

16.- Como é que caracterizas a tua escola?

R: Uma porcaria pá! Devia ter melhores condições, devia ter melhores condições mesmo. É uma escola, mesmo em artes não temos o nosso material, na maioria das vezes temos que ser nós a pagar, à muitos custos, devia ser diferente.

17.- O graffiti manifesta-se por diversas vezes fora e dentro da escola. O que pensas destas diferentes manifestações e porquê?

R: Acho que o graffiti dentro da escola é um graffiti mais comercial, é mais pelo impressionismo, lá fora nem... maioria deles não tenta muito por isso... podem tentar e dar sentimento nas coisas, podem pintar também para vandalizar as coisas, também muita gente pinta para isso, é o meu conceito.

18.- Consideras que a tua escola está a integrar o graffiti pela representação de alguns trabalhos? Porquê?

R: Está, porque... eu participei para uma associação e depois havia uma concorrente para fazer um graffiti, acharam interessante e tal, vamos fazer, começaram a fazer, começaram a fazer assim... Agora estão a fazer um concurso que ganhou e acho que aquilo ainda, não está em andamento e também a forma de concurso tem lá outro pintor, que pinta muito bem e ele é assim...tem ideias, motiva a turma para fazer essas actividades, agora fez um graffiti que acabou agora, mas o que ele faz é fixe.

19.- Na tua opinião os espaços abertos pela tua escola à representação do graffiti são suficientes para a compreensão desta? Porquê?

R: Existem aqui, muitos espaços abertos para mostrar e no pavilhão de física há muitas paredes brancas...Isso! Não transmite assim tanto sentimento, excepto o do pavilhão C, é um caso... mete-nos a pensar.

20.- Para ti, quais são os aspectos positivos e negativos face às estratégias encontradas pela tua escola, no que diz respeito à representação de graffiti nos seus espaços?

R: Além... mostra assim às pessoas, além dos graffitiers têm o espírito de vandalisse, podemos ser liberais, até não fazer com essa intenção, podemos fazer com gosto, eles podem olhar o trabalho com gosto e sim também. A escola isso é diferente... a escola...mas também à gente que gosta de espalhar em painéis na rua para a gente ver e à outras pessoas que gostam de outras coisas, por acaso gosto mais de banalizar, não por fazer, por fazer.

Apêndice H

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (alunos graffiteiros + graffiter)

Muito obrigado pela colaboração

Esta entrevista é anónima e é no âmbito do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação pessoal e Social na Faculdade Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Segue-se assim, um conjunto de questões que dizem respeito à representação do graffiti e se este é integrado pela instituição escolar - que estratégias são desenvolvidas pelas entidades responsáveis na escola e na comunidade, face a esta expressão de culturas juvenis urbanas. Assim, pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas foram sendo integradas nesta escola através da arte de graffitar.

1.- Não te conheço muito bem, poder-me-ias falar um pouco de ti?

R: É pá! Eu... trabalho... vou fazendo as minhas coisas, tenho a minha vida, faço graffiti também. Sou uma pessoa normal... tenho 21 anos, tenho namorada... sou o Hélder, moro nas Paivas, nasci cá... e é só, não é mais nada.

2.- Explica-me o teu percurso de vida, a nível da tua família, do meio onde vives e da escola que frequentas?

R: Isso é fácil! Hum... Então é assim... deixa lá ver por onde começo... Andei na primária e tal. Depois fui para a C+S, fui um gajo que sempre gostei de desenhar desde a primária e sempre estive inserido um bocado no meio. Já

havia aí uns graffitis e tal, ya! E depois fui para a escola do Fogueteiro, comecei a conhecer rapazes que pintavam. Tenho o 12^a ano de desenho Animado... sempre desenhei e tal. Depois ouvi falar de uma escola que era a ETIC, já fazia graffitis e tal, e gostava de desenho animado, ouvi falar dessa escola, pronto. E foi aí que comecei a ser o que sou hoje, né. Hoje trabalho na pintura de casas. Tenho hoje uma banda de Hip Hop, produzo os instrumentais e faço as músicas líricas, eu e mais três... Somos os "Situais Urbanos"... Para a publicidade e tal. E também tenho um projecto, uma banda de Drave Base, é música electrónica, ya! Faço tudo no computador e agora recentemente entrei numa escola, para aprender saxofone. Além disto, pintei no Seixal num concurso que a C.M. fez, uma iniciativa que eles fazem todos os anos e convidam os artistas, não é bem um concurso, em que o pessoal entrega os projectos, os desenhos, pois eles têm um rapaz que faz sempre os trabalhos para a Câmara, que eles escolhem e depois ele vê os desenhos mais fixes e escolhe-os. Participaram o pessoal de Lisboa, Porto e daqui.

3.- Durante o teu processo de evolução participaste e / ou observaste algum episódio que me gostarias de salientar pela negativa e /ou pela positiva e o que é que aprendeste com este?

R: Vou começar com episódios negativos, já corri muito a fugir à policia e não vou dizer onde porque... pronto. E já tive uns processos em tribunal, um foi pena suspensa, outro já tive um processo e tudo por causa dos graffitis. Lá consegui convencer o juiz que tinha atinado e umas mentiras e tal. Disse que tinha deixado de pintar e não sei o quê... porque mais vale continuar a minha vida, do que ter problemas judiciais , não é? Do que estar com problemas e assumir de facto. Eu não deixei de pintar está claro, mas disse que tinha deixado, que era um gajo atinado e estava na escola e bababa, dadada...

Vou começar com episódios negativos, já corri muito a fugir à policia e não vou dizer onde porque... pronto. E já tive uns processos em tribunal, um foi pena suspensa, outro já tive um processo e tudo por causa dos graffitis. Lá consegui convencer o juiz que tinha atinado e umas mentiras e tal. Disse que tinha deixado de pintar e não sei o quê... porque mais vale continuar a minha vida, do que ter problemas judiciais , não é? Do que estar com problemas e assumir de facto. Eu não deixei de pintar está claro, mas disse que tinha deixado, que era um gajo atinado e estava na escola.

4.- Caracteriza-me um graffiter?

R: Um graffiteiro não tem descrição porque pode ser qualquer um, pode ser um gajo de fato e gravata, pode ser um gajo que se vista assim... Como eu hei-de dizer, como aqueles metaleiros, pode ser um motoqueiro, pode ser...sei lá! Tudo. À gajos do Art Cor, à gajos do Hip Hop, não tem assim um... A arte que nasceu com o Hip Hop, o graffiti, não é! E... mas... pronto...expandiu-se um bocado. Hoje em dia, qualquer um pinta, há latas em todo o lado.

5.- Como é que surge o graffiti na tua vida e descreve-me a tua experiência nesta actividade?

R: Como surgiu pela primeira vez, vi um filme...foi num filme, mesmo. Pronto, eu sempre gostei de desenhar, eu já tinha dito. Então, vi um filme e fiquei: - Então o que é isto! Isto é uma cena muito à frente, eles pintavam comboios e não sei o quê, mas é ...pronto. Pode-se ver um filme só com os writers, não foi esse que eu vi, ih! ih! ih! ... À dois tipos de filmes, à filmes feitos pelos writers, que andam aí na rua a pintar, a pintar isto, a pintar aquilo, a filmar e prontos, fazem a sua produção clandestina, fazem em casa e não sei o quê. Metem uma música por cima, pronto, é uma maneira de ganhar dinheiro. Mas o filme que eu vi, que, pronto, foi onde eu vim a conhecer o que era o graffiti, foi o "Word Scole", ou uma cena assim, eu vi... e que grande cena! Ih! Ih! Ih! ia! Mas não foi aí que eu comecei a pintar, comecei a ver umas cenas aí na minha rua, descobri que o meu outro irmão também pintava e comecei a ver, comecei a fazer uns projectos muito... no estilo para o graffiti, ia! Um dia virei-me, arranjei para aí um conto e meio, comprei duas latas e fui dar um "Silver", isto é, escrever o meu próprio "tag", pintado e prateado com um aplane a azul. Então foi aí, ia, que dei o meu grafo, a partir daí, pronto, estraguei a minha vida. Ih! Ih! Ih! Não estraguei a minha vida, pronto. Fiquei viciado.

6.- Consideras que os teus graffitis são influenciados pelo teu bairro, pela tua escola e pela tua família e de que forma é que estes se manifestam?

R: O meu estilo? Isso não sei pá. Isso é uma cena, é uma cena interior, não andei a copiar né... Os meus amigos não tiveram influência, tiveram mais influência no "style" (tag), na técnica os meus amigos e meu irmão... Mas não é o estilo, isso é técnica. Por exemplo, eu posso dar vinte graffitis, as pessoas olham um depois vêm outro e à uma certa evolução, pensam logo que é meu. Isso é uma coisa individual, é uma característica minha, é a minha

maneira de ser, é as coisas que eu gosto de ver, agradam mais aos meus olhos. Pois, eu acho que devia ser assim com toda a gente, infelizmente não.

7.- Houve algum episódio de graffitis na tua vida e, que me gostarias de falar e o que é que aprendeste com ele?

R: À bués! Houve uma vez isso, não... Vou contar assim uma engraçada. Uma vez estava a pintar na rua, então apareceu um velho de bicicleta. - Vocês fazem graffitis? Têm-me de dar o vosso número para irem pintar o meu jipe, é o jipe da policia. E não sei o quê, babababa dadadada.... E nós é pá! Vamos é fugir daqui, ih! ih! ih! O senhor não era policia, o que queria é que a gente fosse lá estragar o carro da policia.

8.- Consideras que na representação do graffiti está inerente uma mensagem? O que ela representa e o que quer transmitir e a quem se dirige?

R: No graffiti à sempre uma mensagem né e...hum... como já se expandiu muito. À sempre uma mensagem diferente, cada um tem a sua diferente mensagem, à várias cenas, pode ser um gajo que se quer mostrar, chega, faz ali uma cena e pode ser essa a mensagem: "Eu sou este." Pode ser um gajo que chega e quer dizer: "Sou eu, eu pinto, tenho este estilo, todo fixe até", e faz o seu moral, o seu boneco. Pode ser uma mensagem a desafiar outro gajo, pode ser um desafio, pode ser uma mensagem, por exemplo: estamos aqui em frente ao cemitério, eu chegava aí e fazia um graffiti com umas campas a dizer "descansem em paz", pode-se dirigir a alguém ou a um sitio....Normalmente, uma pessoa adapta-se, eu pelo menos sou assim. Eu faço projectos em casa, mas quando vou pintar não levo o projecto, o que me dá na cabeça é o que eu faço, e depende também das latas.

9.- Nos trabalhos que realizas em graffiti que tipo de inspiração procuras e o que é que tentas transmitir?

R: Faço pronto.... posso chegar, hoje acabo de jantar e penso vou pintar.... depende da quantidade de latas que tiver, mas geralmente, são coisas relacionadas com o Hip Hop, pois com as minhas raízes e tal e... apenas escrevo o meu tag. Mas se estiver a fazer um trabalho no quarto de alguém ou num café, eu faço o que pediram, mas dou sempre as minhas, aí fico limitado... mas à diferentes tipos de inspiração.

10.- O que pensas da sociedade não ver com bons olhos o graffiti?
Consideras que esta deveria integrar o graffiti e de que forma?

R: A sociedade não vê com bons olhos o graffiti porque à aí... gajos que chegam e ... não pensam no que estão a fazer. Põe exemplo, eu vejo uma vivenda toda bonitinha, acabada de fazer, eu não vou ou um prédio todo bonitinho, à que ter a consciência das coisas, à aí vários indivíduos inconscientes, eu não sou contra, eu não sou contra esses gajos que andam aí a tagar, desde que seja de uma forma consciente. Claro, que também já tive as minhas alturas. Ih! Ih! Ih! Eu hoje, não penso de outra maneira, eu se tiver latas suficientes, eu vou pintar um prédio e não penso duas vezes porque vou fazer... Não, estou a falar mesmo de "bombing", chegar lá e dar o meu tag. Mas! Não sei se a senhora está a perceber...hum... Pronto. Eu posso chegar e chegar com um marcador e escrever, só que, uma assinatura, posso chegar e dar um "Troup" ou chegar e dar um "bombing", posso chegar um "holowfunk", e essas coisas mais, pronto. São mais... desenvolvidas, aos olhos das pessoas vê-se melhor. Um "bombing" é um tag, um gajo que chega lá e dá o seu tag cheio e até isso eu gosto, ih! ih! ih! Isso eu faço sem pensar né.

A sociedade hoje em dia tenta, tanta aceitar o graffiti né... mas à sempre a parte a mais, mais... como é que hei-de dizer isto em português... a parte mais "hunderground" mesmo que mais que eles tentem não conseguem aprender porque... muita gente pinta hoje em dia. Eles podem até fazer num... todos os dias, mesmo que eles fizessem todos os dias amostras de graffitis, não sei o quê... havia de chegar sempre um gajo que com os restos havia de andar por aí a dar tags, ia a dar bombings, ia a dar comboios e autocarros e não sei o quê.

11.- Qual é a opinião da tua família e dos teus amigos de seres graffiter?

R: Pronto! A minha família começou primeiro e _ Fogo andas para aí a estragar a tua vida, mais a do teu irmão e não sei o quê, ya! Ih! Ih! Ih! Eu insisti, não lhe dei ouvidos porque estava a fazer o que gostava e sempre fiz. Até que eles pronto... quando eu comecei a ganhar dinheiro é que começaram a pensar melhor. Ih! Ih! Ih! E depois pronto, acalmei um bocado... Mas, o auge foi quando andei para aí com os processos e não sei o quê, era todos os dias.

_ Vê lá o que vais fazer!

Viam-me sair com a mochila iam logo revistar-me a mochila e depois encontravam coisas que não deviam encontrar.

O graffiti hoje em dia, entre a malta jovem é muito banal. Eu chego e eu digo:

_ Eu faço graffiti.

_ O quê? Pinta lá o meu quarto.

Ih! Ih! Ih! É uma cena assim.... Também maior parte dos meus amigos fazem graffitis, a maior parte não, mas conheço uma quantidade de gente. A maior parte dos meus melhores amigos fazem graffiti também... e pronto. É claro, que eles não pensam mal né. Mas as pessoas que são jovens, malta jovem, um gajo chega, faço graffiti e não sei o quê, o meu amigo queria pintar o quarto dele ou porque vou abrir um bar, vem lá pintar o meu quarto ou o meu bar ou isto ou aquilo. Pronto, não é esta a moda, é banal, é a juventude.

12.- Consideras que existe uma enorme adesão de jovens ao graffiti ou é pertença de alguns grupos étnicos?

R: Não é uma questão de serem grupos étnicos. Actualmente, não é essa a questão, porque até o pessoal do graffiti não é pessoal que seja assim. Hum... está-me a fugir a palavra...Pronto! Normalmente, o pessoal que faz graffitis é pessoal pacífico....hum... entre outras pessoas não à problemas entre isso. Chega um gajo porque é preto pinta, insere-se num grupo, num "crew" com facilidade... À chineses que pintam, monhés que pintam, à graffiti em todo o lado. Só ainda, não vi ciganos a pintar. Ih! Ih!

13.- Consideras que existe uma boa relação entre os graffiteres e as outras manifestações de jovens e como é que caracterizas estes grupos de jovens?

R: Cada um tem a sua diferença, não é por ser graffiter, não é por ser writer que é mais do que os outros. Portanto, eu tenho a minha distinção. Tenho tanto especial em ser graffiter, como tenho tanto de especial ter um skater. Os grupos interligam-se, se for a um Skater Parker vai-se ver tudo aquilo pintado. Mas normalmente, um skater não é em norma um writer. Um gajo que faz graffitis não é mais importante do que um gajo que toca piano. O puro writer é um gajo que anda de fato de treino e também à gajos que andam de metal. Esses não pensam na agilidade, pensam mais na sua... sua metaleiro. Mas também é uma questão, uma cena diferente, um writer pronto, imagina que trabalha numa loja e para ir para essa loja ele tem que ir bem vestido e não sei o que, mas esse writer anda com um marcador no bolso, ou pronto.

14.- Ser-se graffiter é ser-se diferente dos outros jovens, qual é a tua opinião?

17.- Consideras que a tua escola está a integrar o graffiti pela representação de alguns trabalhos? Porque?

R: Pronto!... O que eu vi aqui, sinceramente, estava muito bom né! Ih! Ih! Se a escola organiza um... organiza. Se a escola quer que um artista chegue, um writer chegue, pinte dentro de um pavilhão numa parede. Podem dar o tema, podem não dar. O gajo vai estar sempre limitado, vai dar o seu tag ou não quer dar uma cena muito agressiva pros olhos das pessoas... Pronto! Um gajo que chegue aí à rua tá mais à vontade, tá mais à vontade. Aqui, está mais à vontade porque não tem que se preocupar com a polícia, pronto. Só que tem aquelas limitações, não se pode expandir muito, se calhar. Ai fora, um gajo está mais à vontade a pintar... chego, vejo a parede e digo: - Aqui, ficava fixe isto e aquilo. E começo a fazer isto e aquilo, que é esta a minha maneira de ver as coisas, que é quando eu e ninguém me põe limites, é quando eu dou o meu melhor né.... E quando tou a pintar não estou a pensar na polícia, nem nada disso né! Só quando olho para o lado e os vejo, yá! Começo a correr. Ih! Ih! O que custa é começar às vezes, um gajo está com latas e penso: - Vou pintar ou não vou? Nessa altura um gajo já devia estar a pintar. Começo a pensar no assunto, começo a tremer, começo a pensar nas consequências, nisto é naquilo mas quando... mas abro uma brecha e olho e é agora. Vou e começo a pintar, afinal só ia a dar um, mas afinal dou dois ou três e é assim, que as coisas são.

16.- O graffiti manifesta-se por diversas vezes fora e dentro da escola. O que pensas destas diferentes manifestações e porque?

R: Pronto! Sou músico, sou produtor e toco saxofone e gosto de andar de skate às vezes, jogar à bola e sou um gajo normal! Ih! Ih! E... gosto de sair à noite... pronto! Tenho o meu trabalho, ando na escola de música, tenho a minha banda de Hip Hop. Por acaso já arranjei um trabalho de graffiti quando andava no meu trabalho de pintura.

15.- Para além desta actividade também exerces outras actividades e quais?

R: Pronto! Sou tradutor e toco saxofone e gosto de andar de bicicleta às vezes, jogar à bola. Sou um gajo normal, ih! e gosto de sair à noite, pronto é isso. Tenho o meu trabalho, ando na escola de música, tenho a minha banda de Hip Hop e trabalho na pintura. Por acaso, já arranjei um trabalho à pala de quando trabalhava, para fazer um graffiti, quando eu trabalhava na pintura.

R: Antes as pessoas não estavam muito habituadas a ver e as escolas não faziam muitas coisas. Agora... é que nunca entrei em nenhuma escola que não visse um graffiti... sem ser escolas primárias. Ih! Ih! Eu acho que todas as escolas, agora fazem isso para integrar porque as pessoas vão-se habituando mais a ver o graffiti das novas, desde que são pequeninos, quando vão sendo mais velhos vão sendo mais tolerantes. Pronto! Deixa lá resumir: se as pessoas estiverem habituadas a ver o graffiti desde mais novas, é claro, que quando forem mais velhas não vão pensar tão mal do graffiti. Estão mais habituadas, vão ser mais tolerantes. Um gajo, se calhar antes pintava, quando andava na escola e não sei o quê. Um gajo a fazer graffiti na escola dele, na volta quando for mais velho, vai ser policia e vai ver os putos a pintar: - Olha! Deixa os gajos aí, deixa os gajos aí! Vamos é para a tasca a beber.

18.- Na tua opinião os espaços abertos pela tua escola à representação do graffiti são suficientes para a compreensão desta? Porquê?

R: A comunidade... Claro que não. O verdadeiro graffiti é na rua... Não dentro da escola, não dentro de um bar, nem dentro de uma discoteca, nem dentro de um quarto. O verdadeiro graffiti é nas ruas e nos comboios, nas paragens de metro... é mesmo assim.

19.- Para ti, quais são os aspectos positivos e negativos face às estratégias encontradas pela tua escola, no que diz respeito à representação de graffiti nos seus espaços?

R: Os aspectos positivos... Pronto! A escola fica com uma parede bonita e não sei o quê... e à o aspecto positivo em relação à escola que fica com a parede bonita, eles fazem isso e pensam: Ya! Um gajo faz aquilo e um gajo já não vai andar aí a estragar as casas de banho e não sei o quê. Ih! Ih! Hum... Os aspectos positivos... é esse pronto! A escola fica com uma parede e na volta pensam que agora faz aquilo e já não vai riscar as casas de banho e também à aspectos positivos para o gajo que pinta: - Ya! Vou ficar cheio de latas. Vou ficar cheio de latas e ainda vou ali dar um graffiti, toda a gente vai ver e vou ficar bué de conhecido por outros graffiti... Os aspectos negativos, deixa lá pensar... As estratégias que têm aspectos negativos... a cena é que eles fazem isso e pensam: Olha! Vamos fazer isto e isto é que eles já não vão andar a riscar, mas é claro que nunca vão parar né. Um gajo continua sempre a pintar, quando é... quando o sentimento é puro... não à tribunal, nem juiz, policia, GNR, pá.

Apêndice I

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (Antigo - Presidente do C. Executivo)

Muito obrigada pela colaboração

Esta entrevista é anónima e realiza-se no âmbito de uma investigação para a dissertação do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação Pessoal e Social na Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, e cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas e, nomeadamente, a sua expressão através do graffiti, foram sendo integradas nesta escola.

1.- Os projectos de graffiti existentes na escola desenvolveram-se durante os seus mandatos como Presidente do Conselho Executivo. Estes projectos foram solicitados pelos alunos ou foram no âmbito de algum projecto escolar? Quais foram os seus objectivos?

R: Foram solicitadas pelos alunos, pelo menos... o único que tenho ideia que foi feito no meu mandato foi solicitado por uma aluno e os objectivos... que eu entendi que poderiam ser conseguidos para a realização do graffiti foi exactamente... tentar trazer à escola alunos que estavam transviados, que estavam a arranjar problemas na escola e que enfim, andavam a fazer

tudo, menos aquilo que deviam. Tanto, que ao autorizar o graffiti podia eventualmente trazê-los.

2.- A C.M. do Seixal colaborou neste projecto. De que forma é que esta entidade participou?

R: Colaborou, fornecendo não sei se mais alguma coisa mas pelo menos os sprays para a realização do graffiti. Convém salientar, que a C.M. colaborou, pela iniciativa dos próprios alunos, os alunos é que requisitaram, fizeram o pedido à Câmara e a Câmara autorizou.

3.- A realização destes graffiti no espaço escolar foi uma estratégia para integração das culturas juvenis na escola? Que argumentos foram apresentados para justificar essa iniciativa? Pensa que resultou? Faria o mesmo hoje ou tomaria outras direcções?

R: Claro. Hum... No fundo foi traduzir num graffiti a ideia que eles tinham de arte de... é também da ocupação do tempo, do mau tempo que estavam a ter nesta escola, mau tempo em termos de comportamento, em termos de aproveitamento, isso tudo. Penso que resultou totalmente porque foram alunos que eventualmente passaram a ser mais... mais.. assíduos, mais colaboradores na escola, faria o mesmo hoje, pois tomariam outras direcções. Absolutamente, repetiria tudo tal como foi feito.

4.- O que pensa das diferentes representações de graffiti, patentes nos muros exteriores e paredes envolventes à escola?

R: Hum... Nos muros e paredes envolventes à escola não gosto porque são feitos sem regra e sem organização e sem projectos, sem nada, são feitos à revelia de tudo e de todos, são um bocado marginais.

5.- A partir da sua experiência, gostaria que me descrevesse este fenómeno e as suas implicações na escola e na sociedade, nomeadamente os aspectos positivos e negativos?

R: Na escola o principal aspecto é positivo, neste caso, é integração de alunos que eventualmente estão... desenquadrados na escola e portanto, ao colaborar na... em qualquer actividade na escola poderão ser... integrados e encaminhados no bom sentido. Negativos... os negativos é enfim, quer dizer... nesta escola o único graffiti que existe foi o facto de nem toda a gente ter gostado do conteúdo do graffiti. Como eu disse à bocado se todos gostassem de amarelo estamos todos muito mal.

6.- O que pensa do graffiti como expressão de alguns grupos juvenis? Na sua opinião o que pensa que estes jovens querem comunicar?

R: Eu gosto de ver mas desde que seja organizado, que seja planeado essa questão toda, não, não... aqueles que são feitos à revelia de tudo e de todos. Desconheço, quero dizer: a maioria são feitos de modo aleatório, sem regras e sem nada, por isso comunicar alguma coisa são eles que sabem. Já agora um aparte que fiz à bocado, portanto vou repetir, existiu nesta escola no âmbito da formação, um projecto, um concurso, um projecto... um concurso para... para produção de graffiti que foi aceite pelo conselho executivo, foram definidas paredes para a realização do concurso e por motivos que eu

agora não me lembro, foi à uns cinco anos... por motivo que agora não me lembro não se chegou a realizar-se. Agora sinceramente, não sei quem é que foi.

Apêndice J

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (Presidente do C. Executivo)

Muito obrigada pela colaboração

Esta entrevista é anónima e realiza-se no âmbito de uma investigação para a dissertação do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação Pessoal e Social na Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, e cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas e, nomeadamente, a sua expressão através do graffiti, foram sendo integradas nesta escola.

1.- No presente ano lectivo foram tomadas algumas iniciativas no âmbito da representação do graffiti na escola. Pode-me descrever o processo em que decorreram essas iniciativas? Que ligações tiveram com o projecto educativo da escola e quais foram os seus objectivos?

R: Nestes dois últimos anos, nós estamos à frente da escola, houve o cuidado de ... que ir ao encontro do pedido dos nossos alunos, a escola é um espaço de formação, um espaço de educação e sempre que, a comunidade educativa tenta desenvolver qualquer projecto, cabe aos órgãos de gestão, validar esses projectos, que façam sentido

naturalmente, acompanhando-os, incentivando-os, na implementação desses projectos, mas acima de tudo criando regras, espaços próprios, organizando e foi isso que pensamos fazer. O concurso de graffitis, houve uma adesão considerável... foi escolhido por um júri o melhor trabalho, a fim de numa fase posterior o divulgarmos à escola, à comunidade, essa fase ainda não foi conseguida por dificuldades financeiras... Mas vamos ver se procuramos... fazer a breve tempo com o apoio de outras entidades ligadas à escola.

Pronto! O projecto da escola terá que ser um projecto abrangente, quer para o seu interior, quer para toda a comunidade envolvente e se os nossos alunos, se a nossa comunidade adquirir determinadas competências ... dentro do espaço escola, naturalmente que, a sociedade agradece e eles respeitaram essas regras adquiridas aqui, esses conceitos adquiridos aqui, essas competências. Nesse sentido, o projecto educativo enquadra-se perfeitamente, enquadra perfeitamente ... toda esta actividade de graffiti. É um espaço de cultura, à quem lhe chame arte também, poderá ser visto, mas acima de tudo é um espaço como eu o entendo, como um sentimento de forma de estar na vida. Por tanto, enquadra-se perfeitamente, no nosso nível etário, dos nossos alunos, tem que ser, é organizado, respeitado, com determinadas regras ...válido para sempre.

2.- Em mandatos anteriores houve a realização de graffitis no espaço escolar. Como é que vê estas representações e sua inserção na escola?

R: Em anos anteriores os C. Directivos da escola... ora... criaram um espaço... onde era possível haver essa manifestação ... hum... esse espaço, foi aceite por toda a comunidade e passado alguns anos ainda o vemos sem ser banalizado, o que é uma forma de reconhecimento por parte de

toda a comunidade. Reflete ali a sociedade, quer a sociedade local onde estamos... um espaço multiracial, nesses graffitis também está representado isso, aparece o espaço escola, portanto é... um painel onde e se analisarmos atentamente, onde... reflete muito do sentimento da adolescência desta escola. É uma forma de que, os alunos que têm dificuldade de passar à escrita preferem-no fazer por meio artístico ... para uma parede, é tão válida quanto as outras, temos que a aceitar e acima de tudo apoiar, não podemos cortar a vontade... hum... de manifestarem-se qualquer cidadão, é um direito que lhes assiste e neste sentido, as escolas devem procurar... esse meio como um intuito do que os alunos possam desenvolver.

3.- O que pensa das diferentes representações de graffitis, patentes nos muros exteriores e paredes envolventes à escola?

R: Em relação a isso! Nós aqui na escola temos uma vedação, o único espaço que há tem uma parede exterior, aqui... virada à escola, é o nosso posto de transformação e é muito desagradável à vista, aquilo que se passa o que está lá, aquilo não é um graffiti, aquilo que estão lá... são letras escritas, mensagens, eu não entendo aquilo como um graffiti. No espaço envolvente, aqui é o cemitério, não é! Também parece um misto... entendo eu, que esta forma de representação anárquica é muito desagradável a todos os níveis, não tem qualquer intuito, só sendo um intuito de rebeldia da própria, da própria juventude. Parece que a autarquia e aqui no Seixal, verdade seja dita, têm dados alguns passos com concursos nacionais, há uma forma de espaços próprios ... dos adolescentes se manifestarem, mas que deveria ser generalizado ... é complicado, é complicado porque a lei também não está muito ... é um

assunto delicado, para que haja um controle ... da própria sociedade local em relação a estes espaços, a autarquia deveria criar, como eu disse, zonas reservadas para este fim e se calhar com temáticas ... porque é ... se calhar era muito interessante, porque a nível de conservação dos próprios muros por exemplo, não eram degradados quanto isso, a experiência diz-me que ... a sociedade e os miúdos, a juventude respeita esse espaço, respeita. Por isso, era um assunto que a autarquia deveria, a junta de freguesia deveria levar isso em conta.

4.- A partir da sua experiência, gostaria que me descrevesse este fenómeno e as suas implicações na escola e na sociedade, nomeadamente os aspectos positivos e negativos?

R: Nós... hum... neste momento ... não... não temos reflexo na escola ... dessa realidade, não temos. Graffiti em si não existem, assim de uma forma declarada. O aspecto positivo foi aquilo que eu disse anteriormente, que é uma manifestação, uma manifestação de ... de sentimento, de forma de estar perante a sociedade, perante o meio que o envolve, perante a família ... hum ... perante a vivência quotidiana que os alunos têm. Será negativo se for de uma forma anárquica, agressiva e sem contexto. Nós aqui, na escola, põe enquanto, não estamos perante estes aspectos negativos para a sociedade, procuramos os alunos para determinados fins.

5.- O que pensa do graffiti como expressão de alguns grupos juvenis? Na sua opinião o que pensa que estes jovens querem comunicar?

R: Como eu disse ... na questão anterior é a tal manifestação, é uma expressão, que reflecte o sentimento e a postura perante a sociedade, perante a vida e pretendem que, as pessoas mais adultas, quem tenham a responsabilidade ... no meio... reparem neles. É uma forma de auto afirmação e ... por isso tem que ser visto num todo, não num ... em indivíduos de de uma forma singular. Isto é uma manifestação que foi herdada ... nos anos... na década de sessenta e setenta, aqui e chegou cá a Portugal. Essa manifestação, essa rebeldia ... na celebre década de sessenta foi despertar para o mundo, tantas manifestações ... a geração dos 40 e 50 anos ... com outras formas, mas que nos chegou essa forma de expressar, o sentimento próprio que a idade tem. Portanto, é legítimo que assim o façam mas mais uma vez tem que ser dentro de um conceito organizado ... num processo controlado, não pode ser assim porque se não fica, criamos um aspecto desagradável ... no meio que nos rodeia ... por vezes à conflitos entre os graffiteurs ... porque não se entendem porque uns querem manifestar de uma forma e aquele espaço era deles e eles intitulam-se donos do espaço, o que leva a conflitos e é de evitar tudo isso.

Já respondi anteriormente. É uma forma de manifestarem algo, é a ... uma critica que fazem à sociedade que estão inseridos ... próprio dos adolescentes num processo de maturação, penso que se tem na vida e que a sociedade tem por si só não lhes permite outra forma de se manifestarem, sem ser por esta via. Entendem eles, dando prazer e gosto às suas próprias capacidades, inatas, que têm para desenvolver ... chamam-lhe arte, que por um lado, pode ser essa a perspectiva, depende daquilo que manifestarem ... entendido como tal. Por outro lado não, por outro lado é mais uma manifestação de ... repulsa, de... desagrado à actual sociedade.

Apêndice L

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA (C.M. do Seixal)

Muito obrigada pela colaboração

Esta entrevista é anónima e realiza-se no âmbito de uma investigação para a dissertação do Curso de Mestrado em Educação, na área de Formação Pessoal e Social na Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa, Departamento de Educação, e cujo tema é: Graffiti - Culturas Juvenis Urbanas em representação na escola e no meio.

Pretende-se compreender de que forma as culturas juvenis urbanas e, nomeadamente, a sua expressão através do graffiti, foram sendo integradas nesta escola.

1.- A C. M. do Seixal tem colaborado e /ou promovido iniciativas no âmbito do graffiti no meio e nas escolas do Conselho e qual é a sua finalidade?

R: Pois nós... pois nós com as escolas secundarias à muitos anos que fazemos... fazemos programas nestas áreas, não é. Hum!... isto tudo depois culminou nesta... nestas iniciativas do seixal Graffiti, que nós fizemos dois anos e que esperamos para o ano... repetir, não é.... este seixal graffiti é uma ... é um concurso que as pessoas, em que os jovens apresentam as suas maquetas, pois são seleccionados uma série deles, os

melhores, pois nós temos um muro, é este muro que ao pé da Mundet, que é todo coberto de ... uma capa branca que eles pintam por cima.

1.a) - Mas o espaço são determinados ou localizados, ou então, é a Câmara que disponibiliza esses espaços?

R: Este espaço aqui, é um muro excelente, né. Porque que tem condições excelentes e é a câmara que disponibilizou.

- Esta iniciativa, se calhar vou fazer uma introdução, vou pôr, para já vou pôr uma razão particular... notava-se que havia, aqui em vários ... varias paredes do Concelho... bastantes graffitis, graffiti mais marginal ... que para algumas pessoas não chega a ser nada de estético, não é ! Assinaturas e às vezes alguns trabalhos feitos, mas em locais que não seriam mais adequados. O que... o ,que esta câmara resolveu fazer foi juntar uma série de graffiteurs daqui do concelho, que se conheciam, algumas pessoas... Aqui, no sector da juventude temos alguma relação de trabalhar, já alguns tempos, porque já os convidamos para fazer iniciativas na escola e isso tudo, resolveu-se fazer uma iniciativa que era no seixal graffiti, onde nas juntamente com algumas associações informais que têm haver com o graffiti... fizemos uma iniciativa que naquela altura juntou além do graffiti, pronto! O graffiti está muito ligado à cultura Hip Hop, juntou música e é claro... usamos aquela parede que são as chamadas paredes legais, também gostam, maior parte do pessoal do graffiti às vezes diz que o pessoal pintam às vezes ilegalmente porque não lhes são disponibilizados paredes legais e foi o que fizemos. Disponibilizamos aquela parede em que eles, depois de terem mandado as suas maquetas, resolveram pintar.

1. b)- Desculpem interromper. Tenho dado algumas voltas e depois das conversas que tenho realizado e das entrevistas com eles, sei que a

Câmara não só aqui, mas está a aproveitar, estou a recordar-me daquela rotunda e dum parque para o lado do Belsul. Acho que, portanto e a informação que tenho, também foi a Câmara que de certa forma forneceu esses espaços para realização de graffitis...

R: - Pois quero dizer, nós a fazermos isto, pois nós ficamos com uma base de dados dos "Writers", não é! ... E pronto! Pois e depois passamos a utilizar essa base de dados para outras... para outras pinturas legais, quer dizer...

- Temos uma associação que eles começaram por ser exactamente um ... um grupo de jovens que, foi já alguns anos que começaram a pintar ... e como... nós começamos a ter esses contactos e juntaram, e eles juntaram-se numa associação informal, que temos os dados deles e sempre que é preciso alguma coisa e a Junta de Freguesia ou a Câmara... fazer algum trabalho artístico ... contactamos e pronto!

1.c)- E em relação às escolas vão também, como é que funciona?

R: - Nós nas escolas, fizemos através desta associação, fizemos várias... varias acções, enfim, workshops mais para miúdos com 10, 11 e 12 anos porque é... a associação e também a câmara pensa que é nestas idades, que era importante...

- ...discipliná-los também e é uma idade típica... para eles não pensem, e é uma maneira de evitar que os tais "Tags", aquelas coisas mais feias que apareçam no concelho, o que se notou é que havia já e nós reparamos depois de fazermos estas iniciativas, baixou drasticamente, muito mesmo, o nível de ... até temos um exemplo aqui no Fórum, eles pintavam muito aqui, neste espaço e a partir do momento que a câmara estava sensível à cultura deles, às coisas deles, nota-se que já á menos coisas feitas marginalmente, baixou drasticamente.

1. d) - Quer dizer que os workshops resultaram?

R: - Resultou, embora não tenha ... quer dizer:deveria haver muito mais, não é. Nós fizemos pouco e temos a sensação que foi... que foi pouco e pronto! E resulta mais estas acções assim... de ... de, estas intervenções.

- O workshop, pronto à partida, eles, os miúdos que já começam a fazer as primeiras coisas, pronto! Eles respeitam o que... pronto! Dentro do graffiti existe uma hierarquia e ... e eles respeitam muito, são os veteranos e que já lhe podem dar algumas dicas e... não sei o quê, e mesmo estes, estes rapazes do "Spred", que já são e já andam aí há muitos anos, eles mesmos depois têm um carácter de ... quando eles vão lá a ensinar a pintar, ensinar com uma parte mais formativa, em termos de ... de graffiti, eles também já dão uns toques, dizer o que vão fazer, se calhar não o fazer nestes sítios porque também começam por ser mais marginais nestas coisas. Depois viram que aquilo pode ser um ... uma saída profissional, porque eles vão sendo contratados por exemplo através de nós já foram contratados por privados, fizeram nas casas deles e isso.

1- e) Mas isso não contra tudo um bocado, à base e aquilo fundamenta o graffiti porque a essência do graffiti é a clandestinidade, já ouvi muitos deles a dizer que se perde determinados conteúdos dentro do próprio movimento, o carácter da mensagem, o correr, o fugir e lá não há muito que encaram de certa maneira o facto das encomendas serem um bocado nos locais ou em espaços localizados, perder um bocado aquela conotação toda desse movimento?

R: - Eu penso que essas são aquelas pessoas que querem estagnar, na minha maneira de ver, quase todo o movimento, desde o rock ao hip hop, surgiu numa coisa marginal, surge com um carácter de ... de intervenção,

mas chegou-se a uma altura em que eu penso que qualquer um destes movimentos, movimento artístico... quer o jovem, quer evoluir...

- ... os mesmos reafirmam-se.

- Reafirmar-se, qualquer jovem passa pela adolescência e isto vai crescendo também de forma que os, tais "writers" à 15 anos atrás, eles tinham 16, 17 anos, tinham uma visão muito mais... muito mais romântica, agora não têm uma visão muito mais paradigmática, temos que continuar a pintar não vamos estar até aos 40 anos a fugir à policia para fazer um desenho, quer dizer e acho que é normal que há, mas continua haver aqueles que... aqueles que são os puristas que estão na linha que o graffiti tem que ser assim...

- pintam os comboios...

- pintam os comboios e pronto! Mas é assim, eu penso que nem todas... nem todas estas pessoas ficam ali, querem evoluir para outro lado, muito deles, eles dizem: eu também dá-me vontade de fazer algumas coisas, mas quer dizer que também já não tenho idade...

1- f) Desculpe.. É graffiter?

R: - Não, sou amigo de muitos deles... eles dizem que já não tenho idade para isto, tenho mulher em casa e filhos e não sei o quê! Não estou para subir... subir coisas e não sei o quê...Isto é a lei da vida.

- Nós vimos... Nós vimos no segundo, ou seja, o graffiti que fizemos aqui, isso ficou bem, bem.... a maior parte deles vinham de Lisboa, vinham de outros sítios... de outros, localidades... e eram grandes, grandes graffitters porque sempre fizeram grandes desenhos, bestiais. Vinham de carro, traziam todos mascaras e boas... boas marcas de latas...

-... patrocinados...

- ... patrocinados... nós oferecemos o almoço e eles... puseram algumas, não gostavam de pizzas, mas toda a gente gostava mas eles não, já alguma série de coisas que eles ultrapassaram, não...

- à aqueles que são os miúdos, mas também quer dizer, que houve um processo de aprendizagem, de amadurecimento que a gente tem que ver. Eles a pintar comboios e eles a pintar... nós fizemos a primeira exposição... de graffiti, já à outras exposições, foi aqui nos refeitórios da Mundet, que era uma coisa impensável á uns anos dizer e depois disso já ninguém pensava...

- Já houve uma exposição no Bairro Alto, já houve uma exposição no Porto de artistas que já, e ainda à bocado estavam ali a ver a revista, que já são considerados... já é quase, pronto, já são artistas, que já fazem tipo uma exposição, coisa que à uns tempos e eles próprios já saltam do próprio, já saltam do próprio graffiti e já têm varias vertentes, o graffiti já não só por... por o graffiti com a lata não é.. neste momento também existe o graffiti um ... que é um movimento que, não sei se já reparou, que é os autocolantes... que é um.... eu tenho uma revista. Agora eles têm uma coisa que já começa haver em toda a Europa, que é a intervenção, que é aqueles que fazem os seus desenhos em papel, fazem em autocolante e espalham, pela... pela cidade toda, são o que eles fazem. Promovem porque normalmente, a imagem que eles usam é a imagem que é o, é a imagem... como é que eu hei-de dizer, como se fosse o logótipo e então, eles espalham pela cidade toda em autocolantes...

-... mas é muito triste...

2.- As diferentes iniciativas promovidas pela C. M. do Seixal constituem uma estratégia de integração deste tipo de arte? Porquê?

R: - Sim, foi... porque isto em determinada altura... hum... o grande problema que pronto! Que começamos aqui a atravessar e também atravessavam, era uma série de ... de jovens que pintavam indeterminadamente tudo. Quer dizer, apareciam sinais pintados. Quer dizer, e... era uma coisa intolerável. Então, é.... preciso fazer alguma coisa. Surgiu esta associação que... nós começamos a trabalhar, mais ou menos com a autorização deles... deles.

3.- Que estratégias são desenvolvidas por parte do Município para intervenção e participação em projectos solicitados pelas escolas, com o fim de integrar os graffitis nos seus espaços?

R: - As escolas nunca, nunca... nunca houve uma procura da escola... em relação...

3- a) Mas eu tive conhecimento da própria Câmara...

R: - É sempre o contrario, não sei o quê, foi sempre ao contrario. Procuramos a escola através da associação, mesmo directamente. E algumas escolas deram completamente abertura total, mas houve algumas escolas que não porque... enfim! Ainda, há muita gente que vê isto como uma... os putos pintam as paredes, pintam a... o portão da garagem dele, que pintam os sinais e não... não ... não reagem muito bem.

4.- O que pensa das diferentes representações de graffiti nos espaços do Concelho?

R: - Quer dizer, isto neste momento está domesticado entre aspas. Nós quando, hum... fizemos a primeira, Seixal Graffiti, tivemos essa consciência e fizemos aqui, varias reuniões com eles e toda a gente teve

essa consciência, quer dizer, ao fazer uma coisa aberta e publica, que aceitamos a ... "domesticá-la". Não quer dizer que alguns deles... ainda não façam coisas ilegais, não é! Alguns deles... que...

-só tem sentido para eles...

-mas para nós, quero dizer e pronto! Toda a gente parte ilegal e ... não sei se mais criativa ou não, não sei...

4- a) Este projecto pretende continuar e é para a associação continuar a promover estas iniciativas?

R: - Sim. A associação tem mais trabalhos.

5.- A partir da sua experiência, gostaria que me descrevesse este fenómeno e as suas implicações na escola e na sociedade, nomeadamente os aspectos positivos e negativos?

R: - Este... este... estas artes do graffiti tem uma técnica, que é uma técnica do ...pessoal, não é! E é uma técnica que nem toda a gente, nem todos os miúdos conseguem... conseguem dominar e depois isto permite... permite tudo. Quer dizer, críticas à sociedade e eles pintarem nas paredes mensagens ou uma critica à sociedade. Agora se formos ver isso pelo lado das assinaturas, que é um miúdo que vai ao continente e compra uma caneta e anda por ai a pintar, a pintar não é! Pinta tudo, mas isso também é ... parece-me que isso é mais uma, foi modas passageiras e hoje vê-se muito menos assinaturas e se calhar há cinco anos ou seis anos, né. Por isso, penso que as coisas se calhar estão neste estilo, de estilo de arte.

- Eles agora já encaram esta... este conceito de positivismo, negativo. É assim, pode-se considerar um positivo a partir do momento que muitas... muita das coisas que às vezes se vêem em termos de graffiti, possam

agredir sei lá, a poluição visual ... à muita gente que pode ver como poluição visual, a partir do momento que não há conceito estético. Mas muito destes artistas já têm uma visão estética e às vezes uma pequena intervenção, ainda mais... ainda mais rebelde, da mais marginal já, eles tentam fazer uma coisa que lhes dê alguma notoriedade perante os outros. Eles trabalham muito para mostrar os trabalhos aos outros, não é para agredir ninguém, não é para, mas muito também... e depois tem a componente da mensagem e do trabalho que eles querem.

6.- O que pensa do graffiti como expressão de alguns grupos juvenis? Na sua opinião o que pensa que estes jovens querem comunicar?

R:- Eu acho que os... os grupos juvenis que estão ligados ao graffiti, que existem estão ligados ao Hip Hop. O graffiti é mais uma arte isolada, não há, por acaso existe esse estudo da associação, não sei se existem mais associações de graffitis, mas não é normal eles estarem... em todo o Portugal.

- No estrangeiro já é outro... em termos associativos não tem grande...

- Também éramos para fazer aqui uma iniciativa que eles fazem a nível da Europa, que é o "Meating of Style", que é directamente um "meating" de graffitters, que é uma iniciativa que junta pessoas de quase todo o mundo. Isto já denota uma certa organização, mas... na base, penso que continua a ser aquele movimento de ... artistas plásticos. Claro! Eu penso que um graffiter é um artista, apesar de ... apesar de estar neste momento ligado a estes movimentos como o Hip Hop e também já alguns graffitters que já não estão, e ser uma arte urbana, tem de ter muito do que é, do reflexo da juventude, do jovem urbano típico das nossas cidades, de se precisa de exprimir e então, solta-se daquela forma, se calhar, porque

dizem que as cidades estão mais cinzentas e tentam procurar dar cor a uma coisa que ... e às vezes não são muito entendidas por aquelas pessoas, já não têm sensibilidade para entender isto...

- Isto é bocado aquilo que disse. Isto é... eles comunicam, podem-se animar... pode-se... coisas pessoais, quer dizer para a sociedade.

- Vejo como uma forma de eles se exprimirem, se calhar a mensagem às vezes para muita gente não passa mas ela está lá. E... e é uma forma de eles se... pensam uma maneira inovadora de chamar à atenção e depois é aquela certa rebeldia...

- a... que eu lembro-me que à alguns anos... aquele writer que conseguia ir parede da policia e nos carros da policia, sei lá. Pelo facto de ter posto ali a assinatura, depois ir ser conceituado.

- Dentro deles também à a questão de haver aquela hierarquia, esses... de uma forma mais usada, o têm se calhar, vai ter notoriedade e também à uma hierarquia.... e eles reconhecemos "tags" e não sei o quê e os tais "crews" que são, e eles para entrarem dentro da "crew" têm que ter um nível não só técnico mas ter ousadia. Estas coisas não estão escritas mas existem, existem e eles reconhecem-se e continuam ainda, à certas... certos writers que não, e apesar de terem a sua vida e o seu emprego e não sei o quê. Ainda, vão desafiando a policia.

- Eu acho que a Câmara, houve a necessidade de assumir toda esta iniciativa e com eles, tivemos a consciência de participar face a esta rebeldia e era um bocado oficializado. Enfim... mas isto também, quer dizer que qualquer maneira negociar e acaba por ser bom para todos. Para eles é bom que podem expor e também faz-se lá fora. Lá estão os melhores a pintar e são seleccionados com graffitis, que admirados por toda a gente e para a autarquia também porque pode enfim! Pode começar

a desenvolver outro tipo, como mostrar aos outros Municípios que isto não é só assinaturas. A integração destes jovens na comunidade tem tido bons resultados, aquelas pinturas desceram muito e hoje em dia, conseguimos ter muros brancos, coisa que aqui a alguns anos...

- Não sei se conhece a Quinta da Fidalga, tem um espaço de muro em branco. Aqui, a uns três anos atrás era apetecível pinta-lo de ponta a ponta. À dois anos para cá o muro está branquinho, não há câmaras e ali... é muito fácil de fazer, a uma certa hora da noite, isto é uma avenida concorrida, mas uma certa hora da noite, quase não passa nada e era muito fácil de fazer ali, não é ! Eles fazem trabalhos em minutos, não fazem porque não querem.

6- a) E o espaço que envolve o cemitério da Amora?

R: - Isso são assinaturas! Mas... eu penso que a Junta de Freguesia da Amora, agora já começou também a apostar neles. Conhece o trabalho que eles fizeram um muro que havia, todo, em que pintaram os personagens da praça: ciganos, o rei da farturas e outros. Isto são trabalhos encomendados pela Junta mas que depois, quando estão a fazer durante o dia, são trabalhos perfeitamente legais.

- Durante o dia, não, de dia e à noite, enfim!

- Mas é giro porque mais na parca do Belsul, depois à uma ligação com os próprios moradores, que estão ali não é, eles vêm para a rua e alguns até dão comida a eles e quer dizer... e os moradores dizem-lhe que não pintem, não pintem o pássaro de verde porque fica mal ai... cria-se ali uma ligação a estas pessoas do "Spred" e já trabalhamos com elas à muitos anos e nesta associação são pessoas que já estiveram presas e tudo, são miúdos que trabalham nisto à alguns anos e que hoje são muito bons artistas. Enfim, hoje têm uma visão disto tudo.

Apêndice M - Análise de conteúdo

Entrevista do "Pedro"

Identidade

"Eu vivo na Quinta da Princesa... eu vivo num bairro diferente dos outros."

"... os meus pais vieram de Cabo Verde para levar uma vida melhor..."

Identidade e a escola

Definição da situação escolar:

"Ando num curso profissional, gosto deste curso porque tenho uma nova oportunidade e na vida, para tirar o nono ano e tirar a minha carta de condução."

"Eu quando andava no sétimo ano chumbei por faltas porque tinha muitos problemas familiares ... para tirar o meu nono ano aproveitei essa oportunidade para estudar..."

"...considero que a escola me está a apoiar para ser alguém no futuro."

Estilos juvenis

Definição do seu estilo:

"Meu estilo não é graffiter é mais de rapper..."

"O AMOR (tag)..."

"...faço músicas de rapper, produzo música."

Definição da mensagem dos seus graffitis

"...quando estou chateado também expresso os meus sentimentos nela e quando estou apaixonado por alguém pinto uma mensagem ou uma paisagem..."

"Inspira-me quando estou apaixonado..."

Cultura do Graffiti

Perspectiva pessoal de ser graffiter

"...todos acham que eu desenho bem, eu faço a vontade todos. "

"...era um graffiter contente e a dizer para mim que nunca ia desistir..."

"Penso fazer do graffiti a minha vida, nunca vou parar de fazer graffiti."

"... que eu tinha muito jeito para o desenho, pela cor..."

"...era eu próprio como os outros..."

"...quando as pessoas passarem por lá e dizem que está bonito..."

"Tenho o apoio de muitas pessoas e para actividades convidam-me sempre..."

Posição do sujeito face à adesão ao graffiti

"Sim. Penso que não existem muitos graffiters..."

"...a maior parte são de origem africana."

Graffiti na escola / meio

Percepção do sujeito face aos graffiti na escola (exterior / interior):

"Os trabalhos realizados aqui dentro têm regras e lá fora não, pois lá fora fazem o que se quiser..."

"Para mim os trabalhos realizados aqui na escola não são iguais aos realizados fora da escola."

"A representação de tags fora da escola é que não são graffiti..."

Definição de graffiter:

"Um graffiter é uma pessoa que gosta de pintar nas paredes, gosta de fazer a sua arte, para exprimir os seus sentimentos na parede,

fazer ... várias coisas... bonecos, para fazer com estilo próprio e cada graffiter tem o seu estilo de pintar..."

"...cada um faz nomes de damas, da pessoa daquele de que gosta, nomes dos pais, depois escrevem quando estão apaixonados..."

"Sim, porque a gente gosta naquilo que a gente gosta, compramos as latas... é uma forma de me afirmar e estar na vida."

Culturas juvenis urbanas

Percepção do sujeito face aos outros movimentos

"Não existe uma boa relação entre os graffiters e os outros grupos porque que a gente está naquela do Hip Hop... Nós podemos dar com esses grupos, mas não existe misturas entre nós e esses grupos..."

"Considero as manifestações de outros grupos como normais, mas são grupos com características diferentes das nossas, são diferentes... Por exemplo: eles na maneira de vestir são mais coisas, nós somos à rapper, para já são todos friques."

Acontecimentos sociais e de vida no graffiter

Evolução como graffiter:

"Desde os meus 13 anos comecei a desenhar, olhava o meu irmão a desenhar no quarto, a fazer grandes desenhos ... ia ... comecei a fazer os desenhos no papel, bem fatela! Depois de um passeio a Évora, a Cristina de Évora, a gente passou por uns bairros, foi quando vimos graffitis e vira-se um amigo para mim: _ Olha! Aquele desenho... .E eu vi e de repente achei bonito e disse-lhe assim: _ E, agora..."

"... aonde eu passo vejo graffitis e ficava bem espantado, olhava para aquilo e mesmo fixe e se calhar até vou pintar um grafe."

"O primeiro graffiti que eu fiz foi bué estúpido, era SKI, bué fatela e depois meti bué de letras do A ao Z, comecei a pintar lá no parque e fiz um graffiti, toda a gente a ver, passavam por lá e eu pintando tudo com tinta..."

"...comecei a pintar em telas, fazer concursos de graffiti, participar a sério nas actividades do Hip Hop, também havia alguma coisa de graffiti me chamavam para pintar, principalmente no pólo militar..."

"...comecei a praticar mais com os amigos, o sair à noite, pintar em comboios, daí, comecei a gostar de fazer graffitis e agora continuo a fazer graffiti e não vou desistir de fazer."

"... na escola chamam-me para fazer desenhos e para pintar na escola em pavilhões. Tenho muitos projectos para fazer e convidaram-me muitas vezes para pintar nos pavilhões e em telas, fazer desenhos de jovens e de teatros..."

Ocorrência na vida do sujeito

"Uma vez à noite, para ai às 10 da noite sai de casa para ir fazer um graffiti novo, numa casa de luz ... numa casa de luz. Começo a pintar, a fazer riscos a preto, aparece a policia e eu escondo-me, dou a volta à casinha e corro para casa e depois por uma janela e daqui a pouco a policia sobe para cima, depois desceu outra vez... Todos os carros que iam a passar e nunca mais acabava o desenho..."

Graffiti

Estratégias utilizadas para realização de graffitis:

"... a gente começou a consultar a Internet e bué de graffitis man, e tratar algumas letras e foi de ai que coiso e começou a fazer ... E depois, começamos a arranjar dinheiro para comprar as latas..."

"O dinheiro era a minha mãe que dava ou a mãe dele dava-lhe e a gente juntamos e compramos as latas, eram bem caras, três euros..."

Técnica do graffiti

"...isto dos tags são utilizados para assinar o desenho depois de acabado e muitas vezes é o nome ou mesmo código anónimo."

"...é preciso pintar sempre e praticar cada vez mais..."

O graffiti / escola

Estratégias de integração do graffiti na escola

"Considero que a minha escola está a ter em atenção os alunos que estão nela..."

"...o que a gente faz na escola só nos permite telas pequenas pois era um espaço grande para pintarmos à vontade e a gente mete lá tudo, não mete só metade do que a gente quer..."

"O aspecto positivo é nos deixarem pintar..."

"O aspecto negativo é quando a gente quer pintar não nos deixam pintar, quando a gente quer fazer um desenho eles querem outro, quando queremos um estilo eles querem outro estilo. Na escola não temos liberdade de fazer tudo. Querem que o desenho que estou a realizar que condiga, quando quero fazer o meu estilo tem que ser..."

"O outro dia até fiz um desenho sobre aquelas caras de teatro, tinha um laço cor de rosa e outro azul e mandaram-me pintar de verde, mas eu não o fiz o que me mandaram."

Apêndice N - Análise de conteúdo

Entrevista do "Leonardo"

IDENTIDADE

"Tenho 17 anos..."

"...vivo na Cruz de Pau..."

"A minha família é toda daqui, tenho uma irmã, vivo com os meus pais..."

Identidade e a escola

Definição da situação escolar:

"Estou no 11º ano no agrupamento de Artes..."

"Escolhi Artes porque gosto de desenhar..."

"Primeiro fui para outros cursos só que não gostei né e por isso perdi um ano da escola ..."

Definição de um tópico particular da sua vida

"...o que tem marcado mais é a doença que descobri à pouco tempo, quero dizer: não sei se tinha algum tempo e é o que tem marcado mais pela negativa, porque não me deixa fazer muitas coisas, jogar à bola como por exemplo ..."

"Não me deixa fazer nada, só posso estar parado ... não se pode fazer nada e também pela positiva não tenho, não sei, talvez.... Isto está um bocado no início, talvez, depois aprenda mais alguma coisa, mas agora só a única coisa, é que não posso fazer mais coisas, não posso jogar à bola e nada, mas de resto está no início, mas talvez mais tarde e com mais idade aprenda alguma coisa."

Estilos juvenis

Definição de estilo:

"Eu não sou bem um graffiter porque, gostava disso mas tive um problema..."

"Apesar de gostar de graffiti nunca fiz muitas vezes, fiz um ou outro para uma ou outra pessoa a dedicar..."

Definição do sujeito à mensagem dos seus graffitis

"...eu nunca fiz um graffiti por fazer ... era sempre para dedicar a alguém, à minha irmã, uma coisa qualquer, foi sempre dedicado, nunca foi, prontos, nunca para sujar a parede foi sempre dedicado, é isso que eles fazem."

"...o graffiti não serve para sujar paredes, quer dizer alguma coisa a alguém, para exprimir alguma coisa..., alguma coisa que a gente queira dizer, não precisa de ser uma pessoa, mas por exemplo a algum órgão social ou uma coisa qualquer..."

"Tento transmitir mais ou menos o que sinto e quero que as outras pessoas pensam ou acham o que eu sinto..."

Cultura do Graffiti

Posição do sujeito face à adesão ao graffiti

"Acho que sim. Já houve mais, acho que já houve mais à algum tempo jovens a aderir, mas normalmente, é para se mostrarem... É para assumirem a sua personalidade, para dizerem que são eles, são eles que quiseram aquilo ... normalmente, não é para se exprimirem, escrevem quatro ou cinco letras e arranjam tags, escrevem quatro ou cinco letras e prontos. O graffiti está aberto a toda a gente é uma forma mais de manifestar-se."

Perspectiva da família

"A minha família nunca quis muito saber disso, sempre acharam que foi uma coisa que passava mais logo e eu tinha as latas em casa, meu pai nunca me perguntava assim... nunca houve problemas por causa de ter ido a tribunal porque eu cheguei a pedir dinheiro aos meus pais para comprar latas ..."

Perspectiva dos amigos

"Os meus amigos eram normalmente, todos graffiters portanto, tinham uma boa opinião, né ...porque não podiam ter uma opinião diferente..."

Graffiti na escola / no meio

Percepção que o sujeito face à escola

"Penso que é uma escola fixe, com grupos diferentes e tal..."

"De resto é uma escola fixe."

Percepção do sujeito face aos graffitis na escola (exterior / interior)

"...não sei se é uma escola que apoia muito o graffiti, mais ou menos, já vi algumas coisas, apesar de eu ter outra opinião..."

"É diferente lá fora, mais um género de protesto, talvez, ou então, como é feito numa escola ou para alguém que anda cá na escola ou isso... mas lá fora é tipo um teste, sei lá, é diferente."

"Cá dentro é uma espécie, entende-se mais ou menos como uma arte, sei lá, existe mais tempo e faz-se coisas mais bonitas e tal. Normalmente o pessoal entende mais como uma espécie de arte"

Percepção do sujeito face à integração do graffiti na sociedade:

"Eu até certo ponto concordo um bocado ... porque as pessoas às vezes não gostam a parede suja com algum tag ou com uma coisa, se bem, se for um graffiti bonito, uma coisa bonita, é bom, a gente olha e aquilo está bonito, como agora ali em cima, agora os graffitis fizeram, eles são conhecidos e foi a câmara que pagou, desenharam tipo plantas ali em cima, aquilo é graffiti e eu estava lá e vi-os fazer. Aquilo, é um graffiti artístico diferente do graffiti de rua e foi pago pela câmara, são os melhores gajos da zona, então mas é graffiti, está bem desenhado. Acho que sim, sei lá... é um bocado subjectivo, ou então, espaços mesmo próprios para a gente fazer e dizer o que a gente quer, mas corta a adrenalina e se a sociedade gostasse e se..."

Definição de graffiter:

"Normalmente, a gente nunca sabe quando é um graffiter não é por usar roupas largas, ou... nunca sabe, é uma pessoa normal, pode ser qualquer pessoa, inclusive acho que um dos melhores de cá tem quarenta e tal anos, é uma pessoa normal é um homem normal, a gente olha para aquele homem e diz que é um cota, prontos, mas a gente nem sabe, é um dos melhores graffitis e sei lá são pessoas

normais que têm o seu próprio estilo né, que gostam de inovar, basicamente, exprimem o que querem nas paredes..."

Culturas juvenis urbanas

Percepção do sujeito face aos outros movimentos

"Talvez não sei. Nunca tive assim problemas desses, pelo menos conheço alguns ... acho que não à problemas entre essas partes. Sei lá, a gente podemos achá-los excessivos nas coisas que fazem e eles acharem a gente porque cada um tem a sua opinião. Posso dizer que eles fizeram aquilo e fizeram mal e eles podem dizer que fizemos aquilo e fizemos mal, estamos todos normalmente a fazer a mesma coisa, ou a lutar pela mesma coisa, ou a dizer alguma coisa, a gente faz de uma maneira e eles fazem de outra. Eles têm o seu estilo e nós o nosso. "

Acontecimentos sociais e de vida

Evolução como graffiter:

"O graffiti surge na minha vida quando fui para uma turma problemática e eles todos faziam graffiti e gostavam muito do grafe, quer dizer não eram graffiteres a sério, gostavam de sujar um bocado a parede ... éramos putos tínhamos 10 anos foi quando entrei para o quinto ano, foi basicamente, por isso que eu comecei a fazer graffiti. Também, comecei por sujar as paredes..."

Ocorrência na vida do sujeito

"...estava a fazer um graffiti né, alguma pessoa viu, alguma coisa assim, algum segurança, chamou a policia e gente nem se apercebemos de nada, éramos três ou quatro e fomos todos levados para a esquadra e fomos a tribunal ... Antes disso, eu fazia alguns grafos ainda, depois disso deixei de fazer, mais ou menos, porque não gostei muito de ir a tribunal nem nada e sei lá... eu ainda fiz alguns grafos a seguir..."

"...fiz um à dois ou três meses né, mas foi só mesmo para dedicar a uma pessoa mais nada ..."

"...basicamente, não aprendi muito porque eu estava a fazer uma coisa que achava que devia fazer e então... não foi por causa deles me terem levado à policia que me fizeram aprender, que não se deve fazer o graffiti por que eles não querem, que eles acham coiso,

porque à muitas formas de manifestar, as pessoas fazem greves e a gente tem esta forma de manifestar-se, por exemplo, fazendo graffiti nas paredes, mas até que eu fui apanhado, não estava a sujar uma parede de uma casa, estava a fazer numa linha do comboio, não sujar bem a parede..."

Graffiti

Estratégias perante a ilegalidade do graffiti

"...que a gente tinha que estar sempre a esconder e se vem a policia e se vem aquela pessoa e se vê e se não vê, e a gente tinha fazer rápido e fugir daquele sítio e ... sei lá... tínhamos que, as latas fazem barulho ou... foi mais pela adrenalina, eles chegavam ali e faziam, e depois dava gozo por a gente fugir..."

Graffiti / escola

Estratégias de integração do graffiti na escola:

"...mas cá dentro não dá muita adrenalina, é mais ou menos como pintar uma tela... só que é pintado numa tela maior com latas de spray ... Agora lá fora tem mais adrenalina porque sei lá, é feito cá dentro e não é feito lá fora para não mostrar, quer dizer, nas paredes da escola ... mas dentro dos pavilhões já é permitido, isto é uma forma de arte, sei lá, integram isto como uma forma de arte mesmo, não como protesto. Se o gajo que fez ali o grafo pusesse ali outras coisas sem ser ali com escadas, mostrando que aquilo é um pavilhão às tantas não o deixavam fazer, o tipo de protesto que ele faz na rua não o deixavam ir fazer."

"O aspecto positivo é mais aquela coisa de ... a gente pensa que eles estão mesmo a integrar o graffiti na escola né, e a gente está a pensar que eles estão a gostar do graffiti se calhar até não estão e dão-nos um placar e tal, para a gente não fazer tanta barafunda aí, e que a gente quer fazer um grafo, e eles não deixam e não apoiam o graffiti e é uma forma de arte. Se calhar, fazem isso, prontos, vamos fazer a eles, se eles pintam numa tela e mete-se ali dentro e ninguém vê, e ninguém quer saber disso e eles ficam contentes e não refilam com a gente e não estão para aqui a fazer barulho né. ... Por outro lado, é positivo eles deixarem a gente fazerem o graffiti né, e nem nos interromperem nem nada. Por outro lado, por eles pensarem que deixa-os fazer e como fosse uma ilusão para a gente."

"Acho que não são suficientes. Para já, todos os espaços são poucos, como se faz um, faz-se dois, faz-se três, faz-se quatro e nunca mais se pára e deixa de haver espaços, por isso é que apagam as paredes, pintam por cima, sei lá, e vamos lá fazer outra vez, de novo,... Na escola tem aqui muita parede branca ... ou paredes que não estão a ser utilizadas, mas como não devem querer mostrar que a escola é má frequentada ... não deixam pintar em outros sítios, só deixam pintar lá dentro e em placares né. Os pavilhões têm as paredes todas sujas ... cheias de musgo ... não custava nada arrancar né, arrancava aquelas coisas verdes, a gente pintava mesmo de branco e fazia lá por cima, não custava nada. Para eles deve dar mau aspecto à escola."

Relações do graffiter

Influência dos amigos / família no ser graffiter

"...a minha família não teve muito..."

Influência da escola no ser graffiter

"A escola influenciou-me..."

"...eu não moro num bairro mas dava-me com muito pessoal de lá, talvez isso tenha influenciado um bocado, já que eles faziam, eles eram todos da minha escola, então, tenha influenciado um bocadinho."

"...comecei a vê-los desenhar e achava graça aquilo, pois eles iam para a rua, pois, achava piada à adrenalina que aquilo tinha..."

Actividades

Outras

"Gosto de jogar à bola e gosto de fazer graffitis..."

Apêndice O - Análise de conteúdo

Entrevista do "Manuel"

IDENTIDADE:

"... sou tímido..."

"Vou assim para a rua e isso, sou como os outros jovens normais, estudo, saio à noite, vou a discotecas, cafés, vou a jogar à bola. De futuro penso estar ligado ao design e não tenho mais nada a dizer sobre mim."

"... nasci nas Paivas..."

"Os meus pais nasceram em Cabo Verde mas eu já nasci aqui, em Portugal."

Identidade e a escola

Definição da situação escolar

"...fui para a escola nas Paivas, pois é que mudei para a escola Pedro Ianes Lobato e agora estou aqui..."

"Uma porcaria pá! Devia ter melhores condições, devia ter melhores condições mesmo. É uma escola, mesmo em artes não temos o nosso material, na maioria das vezes temos que ser nós a pagar, à muitos custos, devia ser diferente."

Definição do sujeito à mensagem dos graffitis:

"Depende para o que for dedicada ... mas à outros que querem expressar que o graffiti não é uma arte vândala, é mais... artística, expressar um sentimento contra o racismo, contra qualquer coisa, é aquela noção de Hip Hop."

"Dirige-se a toda a gente...todos podem apreciar ... pois à muitas formas de graffiti pode transmitir muita coisa..."

"Tento transmitir um pouco de mim, por isso que faço coisas muito simples, não tento complicar as coisas, pois não tenho muita paciência para isso. O meu trabalho tem a ver com quem sou."

Cultura do graffiti

Posição do sujeito face à adesão ao graffiti

"Aqui, já houve maior, mas de repente acabou ... acho que era conceito de moda. Mas também acho que tem a ver com o Hip Hop, pois à gente que curte o Hip Hop e com essas pinturas, com esse movimento exprimem mais os sentimentos pela parede."

Graffiti na escola / no meio

Percepção do sujeito face aos graffitis na escola (exterior / interior)

"Acho que o graffiti dentro da escola é um graffiti mais comercial, é mais pelo impressionismo... Existem aqui, muitos espaços abertos para mostrar e no pavilhão de física há muitas paredes brancas... Isso! Não transmite assim tanto sentimento, excepto o do pavilhão C, é um caso... mete-nos a pensar."

"lá fora nem ...maioria deles não tenta muito por isso... podem tentar e dar sentimento nas coisas, podem pintar também para vandalizar as coisas, também muita gente pinta para isso, é o meu conceito."

"... mostra assim às pessoas, além dos graffiteurs têm o espírito de vandalisse, podemos ser liberais, até não fazer com essa intenção, podemos fazer com gosto, eles podem olhar o trabalho com gosto e sim também. A escola isso é diferente...mas também à gente que gosta de espalhar em painéis na rua para a gente ver e à outras pessoas que gostam de outras coisas, por acaso gosto mais de banalizar, não por fazer..."

Perspectiva do sujeito face à integração do graffiti na sociedade

"Acho que é uma coisa deles, eles dizem que é só para sujar as paredes, eu acho isso bué da mal. Acho que eles não vêem isto com bons olhos, por exemplo eles fazem os graffitis muito bons no Seixal, o "people" é só sujar as paredes, a parede devia estar branca ... mas aquilo dá vida, dá vida a uma parede, acho que... aquilo devia ser feito."

"Integrar ou legalizar daria menos prazer a um artista. Acho que não."

Definição do graffiti

"... acho que é feio pintar por cima dos outros...."

"Não, é só para demonstrar que têm interesse por algumas coisas, como ter pela bola pode-se ter pelo graffiti."

Culturas juvenis urbanas

Percepção do sujeito face aos outros movimentos

"Como graffiteurs são para mim todos iguais, eu já vi muitos punks a pintar e pintam bué de bem, pintam com o mesmo sentimento de cor, fazem como o Hip Hop, tanto faz. Eles transmitem a mesma ideia, a liberdade."

"Há tantas maneiras, são todos diferentes, mas são muito mais socialmente abertos, acho eu... é tudo igual."

Graffiti

Perspectiva da família

"A minha família... a minha família sabe muito pouco que eu pinto e não tenho que demonstrar, porque querem que eu estude, que não querem que eu ande nessas vidas e..."

Perspectiva dos amigos

"Os meus amigos... mandam comigo uns tags, às vezes pedem-me que eu faça um desenho ou outro com o nome deles, eles incentivam-me um bocado."

Acontecimentos sociais e de vida

Evolução como graffiter

"Foi por causa do meu irmão, pintava e sentia-me um bocado curioso e comecei também... e também acalmo, pego num bocado de papel, pois sou um bocado nervoso, até nas aulas e começo a desenhar e acalmo..."

Ocorrência na vida do sujeito

"... por acaso foi tudo pela positiva, acho que gostei muito de todos, por acaso realizei um num sítio muito fechado e todos depois fomos passear, gostei muito."

Graffiti e escola

Estratégias de integração do graffiti na escola

"Está, porque... eu participei para uma associação e depois havia uma concorrente para fazer um graffiti, acharam interessante e tal, vamos fazer, começaram a fazer, começaram a fazer assim... Agora estão a fazer um concurso que ganhou e acho que aquilo ainda, não está em andamento e também a forma de concurso tem lá outro pintor, que pinta muito bem e ele é assim...tem ideias, motiva a turma para fazer essas actividades, agora fez um graffiti que acabou agora, mas o que ele faz é fixe."

Relacionamentos do graffiter

Influência dos amigos / família

"A minha família não tem influência nos meus trabalhos. Influenciam... por vezes vêm-me perguntar e um gajo fica assim, e muitas vezes é só para chatear, muita coisa..."

"Pelo meu bairro, assim muito não, mais por outros bairros..."

"Pela minha escola, mais ou menos, por alguns..."

Actividades

Outras

"Gosto de jogar bola, treinava até à pouco tempo, mas depois acabou..."

Apêndice P - Análise de conteúdo

Entrevista do "Santiago" (trabalhador do concelho)

Identidade

"Sou uma pessoa normal... tenho namorada...moro nas Paivas, nasci cá... e é só, não é mais nada."

"Sou um gajo normal, ih! e ... gosto de sair à noite, pronto é isso. Tenho o meu trabalho, ando na escola de música, tenho a minha banda de Hip Hop e trabalho na pintura..."

Identidade e a escola

Definição da situação escolar:

"Andei na primária e tal. Depois fui para a C+S, fui um gajo que sempre gostei de desenhar desde a primária e sempre estive inserido um bocado no meio. E depois fui para a escola do Fogueteiro, comecei a conhecer rapazes que pintavam. Tenho o 12^a ano de desenho Animado... sempre desenhei ... Depois ouvi falar de uma escola que era a ETIC, já fazia graffitis e tal, e gostava de desenho animado, ouvi falar dessa escola, pronto. E foi aí que comecei a ser o que sou hoje..."

Estilos juvenis

Definição de estilo:

"O meu estilo? Isso não sei pá. Isso é uma cena, é uma cena interior, não andei a copiar..."

"Por exemplo, eu posso dar vinte graffitis, as pessoas olham um depois vêm outro e à uma certa evolução, pensam logo que é meu. Isso é uma coisa individual, é uma característica minha, é a minha maneira de ser, é as coisas que eu gosto de ver, agradam mais aos meus olhos. Pois, eu acho que devia ser assim com toda a gente, infelizmente não. "

Definição do sujeito à mensagem dos seus graffitis

"No graffiti à sempre uma mensagem ... como já se expandiu muito. À sempre uma mensagem diferente, cada um tem a sua diferente mensagem, à várias cenas, pode ser um gajo que se quer mostrar, chega, faz ali uma cena e pode ser essa a mensagem: "Eu sou este." Pode ser um gajo que chega e quer dizer: "Sou eu, eu pinto, tenho este estilo, todo fixe até", e faz o seu moral, o seu boneco. Pode ser uma mensagem a desafiar outro gajo, pode ser um desafio, pode ser uma mensagem, por exemplo: estamos aqui em frente ao cemitério, eu chegava aí e fazia um graffiti com umas campas a dizer "descansem em paz", pode-se dirigir a alguém ou a um sitio....Normalmente, uma pessoa adapta-se, eu pelo menos sou assim. Eu faço projectos em casa, mas quando vou pintar não levo o projecto, o que me dá na cabeça é o que eu faço, e depende também das latas."

"Faço pronto.... posso chegar, hoje acabo de jantar e penso vou pintar.... depende da quantidade de latas que tiver, mas geralmente, são coisas relacionadas com o Hip Hop, pois com as minhas raízes e tal e... apenas escrevo o meu tag. Mas se estiver a fazer um trabalho no quarto de alguém ou num café, eu faço o que pediram, mas dou sempre as minhas, aí fico limitado... mas à diferentes tipos de inspiração."

Cultura do graffiti

Posição do sujeito face à adesão ao graffiti

"Não é uma questão de serem grupos étnicos. Actualmente, não é essa a questão, porque até o pessoal do graffiti não é pessoal que seja assim. ... Normalmente, o pessoal que faz graffitis é pessoal pacífico.... entre outras pessoas não à problemas entre isso. Chega um gajo porque é preto pinta, insere-se num grupo, num "crew" com facilidade... À chineses que pintam, monhés que pintam, à graffiti em todo o lado. Só ainda, não vi ciganos a pintar."

Perspectiva da família:

"A minha família começou primeiro e _ Fogo andas para aí a estragar a tua vida, mais a do teu irmão e não sei o quê, ya! Ih! Ih! Ih! Eu insisti, não lhe dei ouvidos porque estava a fazer o que gostava e sempre fiz. Até que eles pronto... quando eu comecei a ganhar dinheiro é que começaram a pensar melhor. Ih! Ih! Ih! E depois pronto, acalmei um bocado... Mas, o auge foi quando andei para aí com os processos ... era todos os dias."

_ Vê lá o que vais fazer!

Viam-me sair com a mochila iam logo revistar-me a mochila e depois encontravam coisas que não deviam encontrar."

Perspectiva dos amigos:

"O graffiti hoje em dia, entre a malta jovem é muito banal. Eu chego e eu digo:

_ Eu faço graffiti.

_ O quê? Pinta lá o meu quarto.

Ih! Ih! Ih! É uma cena assim.... Também maior parte dos meus amigos fazem graffiti, a maior parte não, mas conheço uma quantidade de gente. ... É claro, que eles não pensam mal né. Mas as pessoas que são jovens, malta jovem, um gajo chega, faço graffiti ... o meu amigo queria pintar o quarto dele ou porque vou abrir um bar, vem lá pintar o meu quarto ou o meu bar ou isto ou aquilo. Pronto, não é esta a moda, é banal, é a juventude."

". Por acaso, já arranjei um trabalho à pala de quando trabalhava, para fazer um graffiti, quando eu trabalhava na pintura."

"Os meus amigos não tiveram influência, tiveram mais influência no "style" (tag), na técnica os meus amigos e meu irmão... Mas não é o estilo, isso é técnica."

Graffiti na escola / no meio

Percepção do sujeito face aos graffiti na escola (exterior / interior)

"O que eu vi aqui, sinceramente, estava muito bom né! Ih! Ih! Se a escola organiza um... organiza. Se a escola quer que um artista chegue, um writer chegue, pinte dentro de um pavilhão numa parede. Podem dar o tema, podem não dar. O gajo vai estar sempre limitado, vai dar o seu tag ou não quer dar uma cena muito agressiva prós olhos das pessoas... Pronto! Um gajo que chegue aí à rua tá mais à vontade, tá mais à vontade. Aqui, está mais à vontade porque não tem que se preocupar com a policia, pronto. Só que tem aquelas limitações, não se pode expandir muito, se calhar. Aí fora, um gajo está mais à vontade a pintar... chego, vejo a parede e digo: - Aqui, ficava fixe isto e aquilo. E começo a fazer isto e aquilo, que é esta a minha maneira de ver as coisas, que é quando eu e ninguém me põe limites, é quando eu dou o meu melhor né....E quando tou a pintar não estou a pensar na policia, nem nada disso né! Só quando olho para o lado e os vejo, ya! Começo a correr. Ih! Ih! O que custa é começar às vezes, um gajo está com latas e penso: - Vou pintar ou não vou? Nessa altura um gajo já devia estar a pintar. Começo a

pensar no assunto, começo a tremer, começo a pensar nas consequências, nisto e naquilo mas quando... mas abro uma brecha e olho e é agora. Vou e começo a pintar, afinal só ia a dar um, mas afinal dou dois ou três e é assim, que as coisas são."

Percepção do sujeito face à sociedade sobre o graffiti

"Eu hoje, não penso de outra maneira, eu se tiver latas suficientes, eu vou pintar um prédio e não penso duas vezes porque vou fazer... Não, estou a falar mesmo de "bombing", chegar lá e dar o meu tag. Mas! ... Eu posso chegar e chegar com um marcador e escrever, só que, uma assinatura, posso chegar e dar um "Troup" ou chegar e dar um "bombing", posso chegar um "holowfunk ... São mais... desenvolvidas, aos olhos das pessoas vê-se melhor. Um "bombing" é um tag, um gajo que chega lá e dá o seu tag cheio e até isso eu gosto, ih! ih! ih! Isso eu faço sem pensar né.

A sociedade hoje em dia tenta, tanta aceitar o graffiti né... mas à sempre a parte a mais, mais... como é que hei-de dizer isto em português... a parte mais "hunderground" mesmo que mais que eles tentem não conseguem aprender porque... muita gente pinta hoje em dia. Eles podem até fazer ... todos os dias, mesmo que eles fizessem todos os dias amostras de graffitiis ... havia de chegar sempre um gajo que com os restos havia de andar por aí a dar tags, ia a dar bombings, ia a dar comboios e autocarros ..."

"A sociedade não vê com bons olhos o graffiti porque à aí... gajos que chegam e ... não pensam no que estão a fazer. Põe exemplo, eu vejo uma vivenda toda bonitinha, acabada de fazer, eu não vou ou um prédio todo bonitinho, à que ter a consciência das coisas, à aí vários indivíduos inconscientes, eu não sou contra, eu não sou contra esses gajos que andam aí a "tagar", desde que seja de uma forma consciente. Claro, que também já tive as minhas alturas."

Definição de graffiter

"Um graffiteiro não tem descrição porque pode ser qualquer um, pode ser um gajo de fato e gravata, pode ser um gajo que se vista assim... Como eu hei-de dizer, como aqueles metaleiros, pode ser um motoqueiro, pode ser...sei lá! Tudo. À gajos do Art Cor , à gajos do Hip Hop, não tem assim um... A arte que nasceu com o Hip Hop, o graffiti, não é! E... mas... pronto...expandiu-se um bocado. Hoje em dia, qualquer um pinta, há latas em todo o lado."

Culturas juvenis urbanas

Percepção do sujeito face aos outros movimentos

"Cada um tem a sua diferença, não é por ser graffiter, não é por ser writer que é mais do que os outros. Portanto, eu tenho a minha distinção. Tenho tanto especial em ser graffiter, como tenho tanto de especial ter um skater. Os grupos interligam-se, se for a um Skater Parker vai-se ver tudo aquilo pintado. Mas normalmente, um skater não é em norma um writer. Um gajo que faz graffitis não é mais importante do que um gajo que toca piano. O puro writer é um gajo que anda de fato de treino e também à gajos que andam de metal. Esses não pensam na agilidade, pensam mais na sua... sua metaleiro. Mas também é uma questão, uma cena diferente, um writer pronto, imagina que trabalha numa loja e para ir para essa loja ele tem que ir bem vestido e não sei o que, mas esse writer anda com um marcador no bolso, ou pronto."

Acontecimentos sociais e de vida

Evolução como graffiter:

"Como surgiu pela primeira vez, vi um filme...foi num filme, mesmo. Pronto, eu sempre gostei de desenhar , eu já tinha dito. Então, vi um filme e fiquei: - Então o que é isto! Isto é uma cena muito à frente, eles pintavam comboios e não sei o quê, mas é ...pronto. Pode-se ver um filme só com os writers , não foi esse que eu vi, ih! ih! ih! ... À dois tipos de filmes, à filmes feitos pelos writers, que andam aí na rua a pintar, a pintar isto, a pintar aquilo, a filmar ... fazem a sua produção clandestina, fazem em casa ... Metem uma música por cima, pronto, é uma maneira de ganhar dinheiro. Mas o filme que eu vi, que, pronto, foi onde eu vim a conhecer o que era o graffiti, foi o "Word Scole", ou uma cena assim, eu vi... e que grande cena!"

"Mas não foi aí que eu comecei a pintar, comecei a ver umas cenas aí na minha rua, descobri que o meu outro irmão também pintava e comecei a ver, comecei a fazer uns projectos muito... no estilo para o graffiti ... Um dia virei-me, arranjei para aí um conto e meio, comprei duas latas e fui dar um "Silver", isto é, escrever o meu próprio "tag", pintado e prateado com um aplaine a azul. Então foi aí, ia, que dei o meu grafo, a partir daí, pronto, estraguei a minha vida. Ih! Ih! Ih! Não estraguei a minha vida, pronto. Fiquei viciado."

Ocorrência na vida do sujeito

"Vou começar com episódios negativos, já corri muito a fugir à policia e não vou dizer onde porque... E já tive uns processos em tribunal, um foi pena suspensa, outro já tive um processo e tudo por causa

dos graffitis. Lá consegui convencer o juiz que tinha atinado e umas mentiras e tal. Disse que tinha deixado de pintar... porque mais vale continuar a minha vida, do que ter problemas judiciais , não é? Do que estar com problemas e assumir de facto. Eu não deixei de pintar está claro, mas disse que tinha deixado, que era um gajo atinado e estava na escola"

"...Vou contar assim uma engraçada. Uma vez estava a pintar na rua, então apareceu um velho de bicicleta. - Vocês fazem graffitis? Têm-me de dar o vosso número para irem pintar o meu jipe, é o jipe da polícia E nós é pá! Vamos é fugir daqui, ih! ih! ih! O senhor não era polícia, o que queria é que a gente fosse lá estragar o carro da polícia."

Graffiti / escola

Estratégias de integração do graffiti na escola

"Antes as pessoas não estavam muito habituadas a ver e as escolas não faziam muitas coisas. Agora... é que nunca entrei em nenhuma escola que não visse um graffiti... sem ser escolas primárias. Ih! Ih! Eu acho que todas as escolas, agora fazem isso para integrar porque as pessoas vão-se habituando mais a ver o graffiti das novas, desde que são pequeninos, quando vão sendo mais velhos vão sendo mais tolerantes. Pronto! Deixa lá resumir: se as pessoas estiverem habituadas a ver o graffiti desde mais novas, é claro, que quando forem mais velhas não vão pensar tão mal do graffiti. Estão mais habituadas, vão ser mais tolerantes. Um gajo, se calhar antes pintava, quando andava na escola ... Um gajo a fazer graffiti na escola dele, na volta quando for mais velho, vai ser polícia e vai ver os putos a pintar: - Olha! Deixa os gajos aí, deixa os gajos aí! Vamos é para a tasca a beber."

"A comunidade... Claro que não. O verdadeiro graffiti é na rua... Não dentro da escola, não dentro de um bar, nem dentro de uma discoteca, nem dentro de um quarto. O verdadeiro graffiti é nas ruas e nos comboios, nas paragens de metro... é mesmo assim."

"Os aspectos positivos... Pronto! A escola fica com uma parede ... e à o aspecto positivo em relação à escola que fica com a parede bonita, eles fazem isso e pensam: Ya! Um gajo faz aquilo e um gajo já não vai andar aí a estragar as casas de banho e não sei o quê. Ih! Ih! .. A escola fica com uma parede e na volta pensam que agora faz aquilo e já não vai riscar as casas de banho e também à aspectos positivos para o gajo que pinta: - Ya! Vou ficar cheio de latas. Vou

ficar cheio de latas e ainda vou ali dar um graffiti, toda a gente vai ver e vou ficar bué de conhecido por outros graffitis..."

"Os aspectos negativos, deixa lá pensar... As estratégias que têm aspectos negativos... a cena é que eles fazem isso e pensam: Olha! Vamos fazer isto e isto é que eles já não vão andar a riscar, mas é claro que nunca vão parar né. Um gajo continua sempre a pintar, quando é... quando o sentimento é puro... não à tribunal, nem juiz, policia, GNR, pá."

ACTIVIDADE

Outras

"Hoje trabalho na pintura de casas. Tenho hoje uma banda de Hip Hop, produzo os instrumentais e faço as músicas líricas, eu e mais três... Somos os "Situais Urbanos"... Para a publicidade e tal. E também tenho um projecto, uma banda de Drave Base, é música electrónica, ya! Faço tudo no computador e agora recentemente entrei numa escola, para aprender saxofone. Além disto, pintei no Seixal num concurso que a C.M. fez, uma iniciativa que eles fazem todos os anos e convidam os artistas, não é bem um concurso, em que o pessoal entrega os projectos, os desenhos, pois eles têm um rapaz que faz sempre os trabalhos para a Câmara, que eles escolhem e depois ele vê os desenhos mais fixes e escolhe-os. Participaram o pessoal de Lisboa, Porto e daqui."

"Sou músico, sou produtor e toco saxofone e gosto de andar de skate às vezes, jogar à bola e sou um gajo normal! Ih! Ih! E... gosto de sair à noite... pronto! É isso! Tenho o meu trabalho, ando na escola de música, tenho a minha banda de Hip Hop. Por acaso já arranjei um trabalho de graffiti quando andava no meu trabalho de pintura."

Apêndice Q - Análise de conteúdo

Entrevista do (Presidente do C. Executivo)

Graffiti

Opinião sobre os graffitis:

"...toda esta actividade de graffiti. É um espaço de cultura, à quem lhe chame arte também, poderá ser visto, mas acima de tudo é um espaço como eu o entendo, como um sentimento de forma de estar na vida."

Posição do sujeito face ao graffiti:

"...é a tal manifestação, é uma expressão, que reflecte o sentimento e a postura perante a sociedade, perante a vida e pretendem que, as pessoas mais adultas, quem tenham a responsabilidade ... no meio... reparem neles. É uma forma de auto afirmação e ... por isso tem que ser visto num todo, não num ... em indivíduos de de uma forma singular... Essa manifestação, essa rebeldia ... na celebre década de sessenta foi despertar para o mundo, tantas manifestações ... a geração dos 40 e 50 anos ... com outras formas, mas que nos chegou essa forma de expressar, o sentimento próprio que a idade tem. Portanto, é legítimo que assim o façam mas mais uma vez tem que ser dentro de um conceito organizado ... num processo controlado, não pode ser assim porque se não fica, criamos um aspecto desagradável ... no meio que nos rodeia ... por vezes à conflitos entre os graffitis ... porque não se entendem porque uns querem manifestar de uma forma e aquele espaço era deles e eles intitulam-se donos do espaço, o que leva a conflitos e é de evitar tudo isso."

Graffiti / escola

Perspectiva do sujeito face aos projectos de graffiti na escola:

"O concurso de graffitis, houve uma adesão considerável... foi escolhido por um júri o melhor trabalho, a fim de numa fase posterior o divulgarmos à escola, à comunidade, essa fase ainda não foi conseguida por dificuldades financeiras... Mas vamos ver se

procuramos... fazer a breve tempo com o apoio de outras entidades ligadas à escola. "

"...enquadra-se perfeitamente, no nosso nível etário, dos nossos alunos, tem que ser, é organizado, respeitado, com determinadas regras ...válido para sempre."

"O projecto da escola terá que ser um projecto abrangente, quer para o seu interior, quer para toda a comunidade envolvente e se os nossos alunos, se a nossa comunidade adquirir determinadas competências ... dentro do espaço escola, naturalmente que, a sociedade agradece e eles respeitaram essas regras adquiridas aqui, esses conceitos adquiridos aqui, essas competências..."

"...o projecto educativo enquadra-se perfeitamente..."

Percepção que o sujeito tem sobre projectos de graffiti patentes na escola:

"Em anos anteriores os C. Directivos da escola... ora... criaram um espaço... onde era possível haver essa manifestação ... esse espaço, foi aceite por toda a comunidade e passado alguns anos ainda o vemos sem ser banalizado, o que é uma forma de reconhecimento por parte de toda a comunidade."

"Reflecte ali a sociedade, quer a sociedade local onde estamos... um espaço multiracial, nesses graffiti também está representado isso, aparece o espaço escola, portanto é... um painel onde e se analisarmos atentamente, onde... reflecte muito do sentimento da adolescência desta escola." (importância da sociedade)

"É uma forma de que, os alunos que têm dificuldade de passar à escrita preferem-no fazer por meio artístico ... para uma parede, é tão valida quanto as outras, temos que a aceitar e acima de tudo apoiar, não podemos cortar a vontade..."

Escola

Definição de escola pelo sujeito:

"...a escola é um espaço de formação, um espaço de educação e sempre que, a comunidade educativa tenta desenvolver qualquer projecto, cabe aos órgãos de gestão, validar esses projectos, que façam sentido naturalmente, acompanhando-os, incentivando-os, na implementação desses projectos, mas acima de tudo criando regras, espaços próprios, organizando e foi isso que pensamos fazer..."

Percepção do sujeito face à escola:

"Nestes dois últimos anos, nós estamos à frente da escola, houve o cuidado de ... que ir ao encontro do pedido dos nossos alunos"

"...manifestarem-se qualquer cidadão, é um direito que lhes assiste e neste sentido, as escolas devem procurar... esse meio como um intuito do que os alunos possam desenvolver."

Percepção que o sujeito tem do graffiti na escola:

"...neste momento ... não temos reflexo na escola ... dessa realidade, não temos... Graffiti em si não existem, assim de uma forma declarada."

"O aspecto positivo foi aquilo que eu disse anteriormente ... uma manifestação de ... de sentimento, de forma de estar perante a sociedade, perante o meio que o envolve, perante a família ... perante a vivência quotidiana que os alunos têm."

"Será negativo se for de uma forma anárquica, agressiva e sem contexto. Nós aqui, na escola, por enquanto, não estamos perante estes aspectos negativos para a sociedade, procuramos os alunos para determinados fins."

Graffiti / Meio

Percepção do sujeito face aos graffiti na escola (exterior)

"Nós aqui na escola temos uma vedação, o único espaço que há tem uma parede exterior, aqui... virada à escola, é o nosso posto de transformação e é muito desagradável à vista, aquilo que se passa o que está lá, aquilo não é um graffiti, aquilo que estão lá... são letras escritas, mensagens, eu não entendo aquilo como um graffiti. No espaço envolvente, aqui é o cemitério, não é! Também parece um misto... entendo eu, que esta forma de representação anárquica é muito desagradável a todos os níveis, não tem qualquer intuito, só sendo um intuito de rebeldia da própria, da própria juventude."

Culturas Juvenis

Percepção do sujeito face à mensagem destes jovens:

"É uma forma de manifestarem algo, é a ... uma critica que fazem à sociedade que estão inseridos ... próprio dos adolescentes num processo de maturação, penso que se tem na vida e que a sociedade tem por si só não lhes permite outra forma de se manifestarem, sem ser por esta via. Entendem eles, dando prazer e gosto às suas próprias capacidades, inatas, que têm para desenvolver ... chamam-lhe arte, que por um lado, pode ser essa a perspectiva, depende daquilo que manifestarem ... entendido como tal. Por outro lado não ... é mais uma manifestação de ... repulsa, de... desagrado à actual sociedade."

Meio / Autarquia

Estratégias da autarquia face à representação de graffiti's em locais públicos:

"Parece que a autarquia e aqui no Seixal, verdade seja dita, têm dado alguns passos com concursos nacionais, há uma forma de espaços próprios ... dos adolescentes se manifestarem, mas que deveria ser generalizado ... é complicado, é complicado porque a lei também não está muito ... é um assunto delicado, para que haja um controle ... da própria sociedade local..."

"...a autarquia deveria criar, como eu disse, zonas reservadas para este fim e se calhar com temáticas ... porque é ... se calhar era muito interessante, porque a nível de conservação dos próprios muros por exemplo, não eram degradados quanto isso, a experiência diz-me que ... a sociedade e os miúdos, a juventude respeita esse espaço, respeita. Por isso, era um assunto que a autarquia deveria, a junta de freguesia deveria levar isso em conta."

Apêndice R - Análise de conteúdo

Entrevista do (Antigo Presidente do C. Executivo)

Graffiti

Posição do sujeito face ao graffiti

"Eu gosto de ver, mas desde que seja organizado, que seja planeado essa questão toda, não... aqueles que são feitos à revelia de tudo e de todos. Desconheço, quero dizer: a maioria são feitos de modo aleatório, sem regras e sem nada, por isso comunicar alguma coisa são eles que sabem"

Graffiti / Meio

Percepção do sujeito face aos graffiti na escola (exterior)

"Nos muros e paredes envolventes à escola não gosto porque são feitos sem regra e sem organização e sem projectos, sem nada, são feitos à revelia de tudo e de todos, são um bocado marginais."

Graffiti / Escola

Percepção do sujeito face à solicitação de projectos de alunos:

"Foram solicitadas pelos alunos, pelo menos... o único que tenho ideia que foi feito no meu mandato foi solicitado por um aluno..."

Percepção que o sujeito tem sobre projectos de graffiti patentes na escola:

"Já agora um aparte que fiz à bocado ... existiu nesta escola no âmbito da formação, um projecto, um concurso ... para produção de graffiti que foi aceite pelo conselho executivo, foram definidas paredes para a realização do concurso e por motivos que eu agora não me lembro, foi à uns cinco anos... por motivo que agora não me lembro não se chegou a realizar-se."

Escola

Estratégias de integração de alunos na escola:

"... No fundo foi traduzir num graffiti a ideia que eles tinham de arte de... é também da ocupação do tempo, do mau tempo que estavam a ter nesta escola, mau tempo em termos de comportamento, em termos de aproveitamento, isso tudo. Penso que resultou totalmente porque foram alunos que eventualmente passaram a ser mais... assíduos, mais colaboradores na escola, faria o mesmo hoje, pois tomariam outras direcções. Absolutamente, repetiria tudo tal como foi feito."

"Na escola o principal aspecto é positivo, neste caso, é integração de alunos que eventualmente estão... desenquadrados na escola e portanto, ao colaborar na... em qualquer actividade na escola poderão ser... integrados e encaminhados no bom sentido."

"...que eu entendi que poderiam ser conseguidos para a realização do graffiti foi exactamente... tentar trazer à escola alunos que estavam transviados, que estavam a arranjar problemas na escola e que enfim, andavam a fazer tudo, menos aquilo que deviam. Tanto, que ao autorizar o graffiti podia eventualmente trazê-los..."

"... os negativos é enfim, quer dizer... nesta escola o único graffiti que existe foi o facto de nem toda a gente ter gostado do conteúdo do graffiti. Como eu disse à bocado se todos gostassem de amarelo estamos todos muito mal."

Graffiti / Autarquia

Parcerias entre alunos graffiteurs e autarquia

"Colaborou, fornecendo não sei se mais alguma coisa mas pelo menos os sprays para a realização do graffiti. Convém salientar, que a C.M. colaborou, pela iniciativa dos próprios alunos, os alunos é que requisitaram, fizeram o pedido à Câmara e a Câmara autorizou."

Apêndice S - Análise de conteúdo

Entrevista do Departamento da Juventude (Autarquia)

Graffiti

Definição de graffiti:

"Eu penso que essas são aquelas pessoas que querem estagnar, na minha maneira de ver, quase todo o movimento, desde o rock ao hip hop, surgiu numa coisa marginal, surge com um carácter de ... de intervenção, mas chegou-se a uma altura em que eu penso que qualquer um destes movimentos, movimento artístico... quer o jovem, quer evoluir..."

"...já têm várias vertentes, o graffiti já não só por... por o graffiti com a lata não é.. neste momento também existe o graffiti um ... que é um movimento que, não sei se já reparou, que é os autocolantes... Agora eles têm uma coisa que já começa haver em toda a Europa, que é a intervenção, que é aqueles que fazem os seus desenhos em papel, fazem em autocolante e espalham, pela... pela cidade toda, são o que eles fazem. Promovem porque normalmente, a imagem que eles usam é a imagem que é o... como se fosse o logótipo e então, eles espalham pela cidade toda em autocolantes..."

"O graffiti é mais uma arte isolada ... mas não é normal eles estarem... em todo o Portugal."

Definição de graffiter:

"Reafirmar-se, qualquer jovem passa pela adolescência e isto vai crescendo também de forma que os, tais "writers" à 15 anos atrás, eles tinham 16, 17 anos, tinham uma visão muito mais... muito mais romântica, agora não têm uma visão muito mais paradigmática, temos que continuar a pintar não vamos estar até aos 40 anos a fugir à polícia para fazer um desenho, quer dizer e acho que é normal que há, mas continua haver ... aqueles que são os puristas que estão na linha que o graffiti tem que ser assim..."

"Eu penso que um graffiter é um artista, apesar de ... apesar de estar neste momento ligado a estes movimentos como o Hip Hop e também já alguns graffiters que já não estão, e ser uma arte urbana,

tem de ter muito do que é, do reflexo da juventude, do jovem urbano típico das nossas cidades, de se precisa de exprimir e então, solta-se daquela forma, se calhar, porque dizem que as cidades estão mais cinzentas e tentam procurar dar cor a uma coisa que ... e às vezes não são muito entendidas por aquelas pessoas, já não têm sensibilidade para entender isto...

- Isto é bocado aquilo que disse. Isto é... eles comunicam, podem-se animar... pode-se... coisas pessoais, quer dizer para a sociedade."

"....pintam os comboios e pronto! Mas é assim, eu penso que nem todas... nem todas estas pessoas ficam ali, querem evoluir para outro lado, muito deles, eles dizem: eu também dá-me vontade de fazer algumas coisas, mas quer dizer que também já não tenho idade."

"- Dentro deles também à a questão de haver aquela hierarquia, esses... de uma forma mais usada, o têm se calhar, vai ter notoriedade e também à uma hierarquia.... e eles reconhecemos "tags" e não sei o quê e os tais "crews" que são, e eles para entrarem dentro da "crew" têm que ter um nível não só técnico mas ter ousadia. Estas coisas não estão escritas mas existem, existem e eles reconhecem-se e continuam ainda, à certas... certos writers que não, e apesar de terem a sua vida e o seu emprego ... Ainda, vão desafiando a policia."

Definição da técnica de representação dos graffitis:

"Este... estas artes do graffiti tem uma técnica, que é uma técnica do ...pessoal, não é! E é uma técnica que nem toda a gente, nem todos os miúdos conseguem... conseguem dominar ... permite tudo."

Definição do sujeito face à mensagem dos graffitis

"Vejo como uma forma de eles se exprimirem, se calhar a mensagem às vezes para muita gente não passa mas ela está lá. E... e é uma forma de eles se... pensam uma maneira inovadora de chamar à atenção e depois é aquela certa rebeldia...

-... que eu lembro-me que à alguns anos... aquele writer que conseguia ir parede da policia e nos carros da policia, sei lá. Pelo facto de ter posto ali a assinatura, depois ir ser conceituado."

Culturas juvenis urbanas

Opinião tida pelo sujeito face aos grupos juvenis:

"Eu acho que os... os grupos juvenis que estão ligados ao graffiti, que existem estão ligados ao Hip Hop."

Graffiti / sociedade

Opinião das implicações deste fenómeno na sociedade:

"Quer dizer, críticas à sociedade e eles pintarem nas paredes mensagens ou uma crítica à sociedade. Agora se formos ver isso pelo lado das assinaturas, que é um miúdo que vai ao continente e compra uma caneta e anda por aí a pintar, a pintar não é! Pinta tudo, mas isso também é ... parece-me que isso é mais uma, foi modas passageiras e hoje vê-se muito menos assinaturas e se calhar há cinco anos ou seis anos Por isso, penso que as coisas se calhar estão neste estilo, de estilo de arte."

"...pode-se considerar um positivo a partir do momento que muitas... muita das coisas que às vezes se vêm em termos de graffiti, possam agredir sei lá, a poluição visual ... à muita gente que pode ver como poluição visual, a partir do momento que não há conceito estético. Mas muito destes artistas já têm uma visão estética e às vezes uma pequena intervenção ... ainda mais rebelde, da mais marginal já, eles tentam fazer uma coisa que lhes dê alguma notoriedade perante os outros. Eles trabalham muito para mostrar os trabalhos aos outros, não é para agredir ninguém, não é para, mas muito também... e depois tem a componente da mensagem e do trabalho que eles querem."

"Ainda, há muita gente que vê isto como uma... os putos pintam as paredes, pintam a... o portão da garagem dele, que pintam os sinais e não... não ... não reagem muito bem."

Graffiti / Meio

Percepção do sujeito face aos graffitis no concelho:

"...para já vou pôr uma razão particular... notava-se que havia, aqui em vários ... várias paredes do Concelho... bastantes graffitis, graffiti mais marginal ... que para algumas pessoas não chega a ser nada de estético, não é ! Assinaturas e às vezes alguns trabalhos feitos, mas em locais que não seriam mais adequados."

"Quer dizer, isto neste momento está domesticado entre aspas. Nós quando, hum... fizemos a primeira, Seixal Graffiti, tivemos essa consciência e fizemos aqui, várias reuniões com eles e toda a gente teve essa consciência, quer dizer, ao fazer uma coisa aberta e

pública, que aceitamos a ... "domesticá-la". Não quer dizer que alguns deles... ainda não façam coisas ilegais, não é!."

"...em determinada altura... hum... o grande problema que pronto! Que começamos aqui a atravessar e também atravessavam, era uma série de ... de jovens que pintavam indeterminadamente tudo. Quer dizer, apareciam sinais pintados. Quer dizer, e... era uma coisa intolerável."

Autarquia

Actividades do departamento:

"O que... o ,que esta câmara resolveu fazer foi juntar uma série de graffitters daqui do concelho, que se conheciam, algumas pessoas... Aqui, no sector da juventude temos alguma relação de trabalhar, já alguns tempos, porque já os convidamos para fazer iniciativas na escola e isso tudo, resolveu-se fazer uma iniciativa que era no seixal graffiti, onde nas juntamente com algumas associações informais que têm haver com o graffiti... fizemos uma iniciativa que naquela altura juntou além do graffiti..."

"...nós ficamos com uma base de dados dos "Writers"... e depois passamos a utilizar essa base de dados para outras pinturas legais..."

"Temos uma associação que eles começaram por ser exactamente ... um grupo de jovens que, foi já alguns anos que começaram a pintar ... e como... nós começamos a ter esses contactos e..., e eles juntaram-se numa associação informal, que temos os dados deles e sempre que é preciso alguma coisa e a Junta de Freguesia ou a Câmara... fazer algum trabalho artístico ... contactamos ..."

"...patrocinados... nós oferecemos o almoço e eles... puseram algumas, não gostavam de pizzas, mas toda a gente gostava mas eles não, já alguma série de coisas que eles ultrapassaram, não..."

"Então, é.... preciso fazer alguma coisa. Surgiu esta associação que... nós começamos a trabalhar, mais ou menos com a autorização deles..."

"...pois nós com as escolas secundárias à muitos anos que ...fazemos programas nestas áreas, não é. Hum!... isto tudo depois culminou nesta... nestas iniciativas do seixal Graffiti, que nós fizemos dois anos e que esperamos para o ano... repetir, não é.... este seixal graffiti ... é um concurso que as pessoas, em que os jovens apresentam as suas maquetas, pois são seleccionados uma série deles, os melhores, pois nós temos um muro, é este muro que ao pé da Mundet, que é todo coberto de ... uma capa branca que eles pintam por cima."

"Este espaço aqui, é um muro excelente, né. Porque que tem condições excelentes e é a câmara que disponibilizou."

"O workshop, pronto à partida, eles, os miúdos que já começam a fazer as primeiras coisas, pronto! Eles respeitam o que... pronto! Dentro do graffiti existe uma hierarquia ... e eles respeitam muito, são os veteranos e que já lhe podem dar algumas dicas .. e mesmo estes, estes rapazes do "Spred", que já são e já andam aí há muitos anos, eles mesmos, depois têm um carácter de ... quando eles vão lá a ensinar a pintar, ensinar com uma parte mais formativa, em termos de ... de graffiti, eles também já dão uns toques, dizer o que vão fazer, se calhar não o fazer nestes sítios porque também começam por ser mais marginais nestas coisas. Depois viram que aquilo pode ser um ... uma saída profissional, porque eles vão sendo contratados por exemplo através de nós já foram contratados por privados, fizeram nas casas deles e isso."

"...nós fizemos a primeira exposição... de graffiti, já à outras exposições, foi aqui nos refeitórios da Mundet, que era uma coisa impensável à uns anos dizer e depois disso já ninguém pensava..."

"Já houve uma exposição no Bairro Alto, já houve uma exposição no Porto de artistas que já, e ainda à bocado estavam ali a ver a revista, que já são considerados... já é quase, pronto, já são artistas, que já fazem tipo uma exposição, coisa que à uns tempos e eles próprios já saltam do próprio..."

"Conhece o trabalho que eles fizeram um muro que havia, todo, em que pintaram os personagens da praça: ciganos, o rei da farturas e outros. Isto são trabalhos encomendados pela Junta mas que depois, quando estão a fazer durante o dia, são trabalhos perfeitamente legais."

- Mas é giro porque mais na praça do Belsul, depois à uma ligação com os próprios moradores, que estão ali não é, eles vêm para a rua e alguns até dão comida a eles e quer dizer... e os moradores dizem-lhe que não pintem, não pintem o pássaro de verde porque fica mal aí... cria-se ali uma ligação a estas pessoas do "Spred" e já trabalhamos com elas à muitos anos..."

Pretensão de desenvolver uma nova actividade no concelho:

"Também éramos para fazer aqui uma iniciativa que eles fazem a nível da Europa, que é o "Meating of Style", que é directamente um "meating" de graffitis, que é uma iniciativa que junta pessoas de quase todo o mundo. Isto já denota uma certa organização, mas... na base, penso que continua a ser aquele movimento de ... artistas plásticos"

Opinião do departamento face às estratégias aplicadas:

"Eu acho que a Câmara, houve a necessidade de assumir toda esta iniciativa e com eles, tivemos a consciência de participar face a esta

rebeldia e era um bocado oficializado. Enfim... mas isto também, quer dizer que qualquer maneira negociar e acaba por ser bom para todos. Para eles é bom que podem expor e também faz-se lá fora. Lá estão os melhores a pintar e são seleccionados com graffitis, que admirados por toda a gente e para a autarquia também porque pode enfim! Pode começar a desenvolver outro tipo, como mostrar aos outros Municípios que isto não é só assinaturas."

Autarquia / Escola

Estratégias de consciencialização nas escolas face ao graffiti:

"Nós nas escolas, fizemos através desta associação, fizemos várias... varias acções, enfim, workshops mais para miúdos com 10, 11 e 12 anos porque é... a associação e também a câmara pensa que é nestas idades, que era importante... discipliná-los também e é uma idade típica... para eles não pensem, e é uma maneira de evitar que os tais "Tags", aquelas coisas mais feias que apareçam no concelho"

Resultado das estratégias realizadas em escolas pelo departamento:

"...nós reparamos depois de fazermos estas iniciativas, baixou drasticamente, muito mesmo, o nível de ... até temos um exemplo aqui no Fórum, eles pintavam muito aqui, neste espaço e a partir do momento que a câmara estava sensível à cultura deles, às coisas deles, nota-se que já à menos coisas feitas marginalmente, baixou drasticamente."

"Resultou, embora não tenha ... quer dizer:deveria haver muito mais, não é. Nós fizemos pouco e temos a sensação que foi... que foi pouco e pronto! E resulta mais estas acções assim... de, estas intervenções."

Adesão das escolas do concelho às estratégias de integração da autarquia:

"As escolas nunca, nunca... nunca houve uma procura da escola... em relação..."

"Procuramos a escola através da associação, mesmo directamente. E algumas escolas deram completamente abertura total, mas houve algumas escolas que não porque... enfim! "

Juventude / Meio

Resultado das estratégias de integração destes jovens no concelho:

"A integração destes jovens na comunidade tem tido bons resultados, aquelas pinturas desceram muito e hoje em dia, conseguimos ter muros brancos, coisa que aqui a alguns anos..."

"Na sei se conhece a Quinta da Fidalga, tem um espaço de muro em branco. Aqui, a uns três anos atrás era apetecível pinta-lo de ponta a ponta. À dois anos para cá o muro está branquinho, não há câmaras e ali... é muito fácil de fazer, a uma certa hora da noite, isto é uma avenida concorrida, mas uma certa hora da noite, quase não passa nada e era muito fácil de fazer ali, não é ! Eles fazem trabalhos em minutos, não fazem porque não querem."